

UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Filosofia e Ciências

Campus de Marília

EDERALDO LUIZ NIERI

**DUAS FORMAS DA RECEPÇÃO DAS IDÉIAS DE LUKÁCS NO BRASIL:
ESTÉTICA E ONTOLOGIA**

MARÍLIA

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

EDERALDO LUIZ NIERI

DUAS FORMAS DA RECEPÇÃO DAS IDÉIAS DE LUKÁCS NO BRASIL:
ESTÉTICA E ONTOLOGIA

Disserta !" #e Mestra#" a\$rese%ta#a a"
Pr"&ra ' a #e P(s)Gra##*a !" #a Fa+*,#a#e
#e Fi,"s"-ia e Ci.%+ias #a U%i/ersi#a#e
Esta##*a, Pa*,ista0 Ca ' \$*s #e Mar1,ia0 +' ' "
re2*isit" \$ara "3te% !" #e Tlt*," #e Mestre
e ' Ci.%+ias S"+iais4

MAR5LIA 6 SP

7889

DUAS FORMAS DA RECEPÇÃO DAS IDÉIAS DE LUKÁCS NO BRASIL: ESTÉTICA E ONTOLOGIA

..... l a c ' 2 DDM Dp x i M 2 DD x i F 2 M DDDDD 2

..... l 2 m i 4 DDM Dp ' G x i M F c ' 2 DDM DDc i F F M M

..... M DDc i 2 4 DDD DD F i DDM DDD F i M M

..... x M F f Dg f f x D 4 x F DM Dp i f Di 2 4 2

..... F x 2 DDD i Dc x F c ' 2 DM D x F 2 2 DM Dp x i

..... 2 D F i D 2 i

.....

..... 2 f D i 2 2 DM D

D p i D

g i M F x D D M 2 i

g i 2 Di i Dp i i 2 D M F Di f D 2 2 2

F x D Dc i D D 4 x F DM Dp i f

D 2 F M 2 i DDD

D 2 F M 2 i

.....

g i 2 Di i D F 2 2 F 2 2 i 2 2 Dp 2 Dg i 2 i Dg f 2 2 Di D i 2 2 2

F x D Dc i D D 4 x F DM Dp i f Dg F M c ' 2 Dc x F 2 2 i M

DEDICATÓRIA

**Aos meus pais,
in memoriam:**

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pela bolsa, auxílio e incentivo à pesquisa, que tornou possível a realização desta
Dissertação de Mestrado.

Às pessoas que, de várias formas, participaram deste trabalho de pesquisa.

Àqueles que no cotidiano contribuíram para que este trabalho pudesse ser materializado.

RESUMO

Este trabalho se propôs a abordar dois momentos da receptividade das idéias de Lukács no Brasil: a das idéias filosófico-estéticas; a das idéias filosófico-ontológicas. Demonstrou-se que o significativo consiste no caráter ideológico que se conferiu a ambos momentos configurando uma unidade de continuidade-descontinuidade. No decurso dos anos 60 e 70, jovens comunistas inspiraram-se nas idéias estéticas do filósofo para a elaboração de um projeto de política cultural como um momento de uma renovação política. Neste contexto se enfatizou dois pontos: que a política cultural de esquerda lukacsiana é incompatível com a tradição cultural do partido; e que no campo específico da arte, além de determinar-se por categorias não imanentes ao produto estético-artístico, caracterizara-se por elementos estéticos de esquerda stalinista-stalinista; e que em razão de conceber dialeticamente as relações entre as revoluções burguesa e proletária, se distinguem das teses do terceiro-internacionalista stalinista as estratégias políticas propugnadas pelo

ABSTRACT

This work has the objective to learn about two moments of receptivity of the ideas of Lukács here in Brazil: Philosophical-esthetics and Philosophical-ontology. It demonstrated its importance based on the aspect of political ideology in both cases – forming a unity of continuity and discontinuity. In the nineteen sixties young communist were inspired by the esthetics of the philosopher to formulate a political-cultural project as part of renovating political ideas (P) B* In this content two impor

SUMÁRIO

Introdução:	9
Capítulo I. O Caráter Receptivo das Idéias Estéticas de Lukács no Brasil:	28
1.1. Contextualização do Tema:	28
1.2. A Tradição Cultural Pecebista:	42
1.3. A Nova Política e as Teses de Blum:	64
Capítulo II. Ontologia:Defesa do Trabalho como a Categoria Central do Ser Social:	91
2.1. Contextualização do Tema:	91
2.2. Ontologia: Trabalho e Emancipação Humana:	102
2.2.1. Trabalho: O Momento Predominante:	126
Capítulo III. Ontologia: trabalho e Subjetividade:	142
3.1. Introdução:	142
3.2. Práxis: Determinação Ontológica do Ser Social:	146
3.3. Subjetividade: Teleologia-Causalidade:	154
3.3.1. Trabalho: A Ontológica Unitariedade do Ser Social:	162
Considerações Finais:	185
Bibliografia Consultada:	197

Duas Formas da Recepção das Idéias de Lukács no Brasil: Estética e Ontologia.

Introdução.

Dentre os significados que configuram a trajetória

) colapso dos regimes carcomidas do Leste Europeu consiste em um momento de manifestaço da atual crise estrutural do capital(>oncomitantemente le, como resposta# I crise, inaugura-se um no*o momento do imperialismo global sob a hegemonia dos Cstados Unidos(0mparado em um comple+o industrial-militar como condiço objeti*a imprescind,*el e mediante o ideário pol,tico-ideológico neoliberal como e+pressço desta, acentua-se a determinante mistificaço apologética do @odo de Aroduço >apitalista 1@A># nesta sua /terceira fase do estágio imperialista^B como o modelo ci*ilizatório por

da *Ontologia...*!Kdem!8<#(Ilustrando! "# Lukács empenha-se pela determinaço peculiar do estético(/) ra, na cultura a que nos referimos, p e-se em causa essa peculiaridade! mais! enfatiza-se precisamente a intencionalidade de apagar as fronteiras entre o estético e o nço-estético! "# a determinaço das peculiaridades do estético, por Lukács, /implica a sua mais clara delimitaço em face do conhecimento cient,fico(Foda*aia, na cultura aqui aludida, e nomeadamente no quadro das ci-ncias sociais, essa delimitaço tem sido posta como irrele*ante! <# /a unidade diferenciada que en*ol*e sociedade e natureza l unidade que, em Lukács, implica a *peculiaridade* desses modos de ser do ser#, sustentada na obra lukacsiana, tende a ser substitu,da por uma *identidade* = o que, no limite, conduz I tese segundo a qual todas as ci-ncias sço sociais!Kdem!8<-82#(

< 9obre a no*a onda agressi*a imperial, instaurada após a crise estrutural do capital, @észáros 1'33<!28# afirma que /) in,cio da crise estrutural do capital ocorrida na década de "853 produziu mudan\$as importantes na postura do imperialismo(7oi o necessário para adotar uma atitude cada *ez mais agressi*a e a*entureira, apesar da retórica da conciliaço, e mais tarde o absurdo propagand,stico de uma Lno*a ordem mundialM, com sua promessa sempre adiada de um ldi*idendo da pazM(0o contrário de algumas afirma\$ es, seria errado atribuir essas mudan\$as I implosço do sistema so*iético, embora seja *erdade que a ?uerra 7ria e a presumida ameaça so*iética tenha sido usada com muito sucesso no passado para justificar a e+pansço descontrolada do que o general CisenhoNer, no final de seu mandato, chamou de Lcomple+o industrial-militarM() s desafios que justifica*am a adoço de uma atitude mais agressi*a l(((# já e+istiam muito antes do colapso do sistema so*iético l(((#6(/) que mudou depois do colapso do sistema so*iético⁶ = continua o autor = /foi a necessidade de encontrar justificati*as para a postura crescentemente agressi*a do imperialismo dos Cstados Unidos em diferentes partes do mundo, especialmente depois dos desapontamentos associados Is tentati*as de re*italizar o capital ocidental por meio da restauraço economicamente sustentá*el do capitalismo l(((# na antiga Jniço 9o*iética⁶ lKdem, 43#(

O isto, de*e-se acrescentar a importante obser*aço de : etto 1'33"!B4-B5#, segundo a qual, a crise estrutural do capital, nço significa que /a ordem burguesa se re*ela como esgotada ou em *ias de entrar em algo semelhante a um colapso l(((# enfim, nço se trata de supor o capitalismo como agonizante, incapaz já de reproduzir-se como tal(60o contrário, trata-se de assinalar que /a ordem burguesa contempor. nea e+auriu-se como padrço progressista, esgotou-se no que pode oferecer de ascensional aos homens(9uperado o seu grandioso papel histórico-uni*ersal ci*ilizador, ela só pode reproduzir-se agora com a lre#produço de comple+os de contradi\$ es, antagonismos e problemas que, no seu marco, nço podem ser ladeados senço com o aprofundamento de traços barbarizantes! mesmo os a*anos e -+itos que possa lograr na e+ploraço de no*as alternati*as geradoras de riquezas e de condi\$ es societárias inéditas *-m acompanhadas de seqOelas tais que nço se tra*a o a*iltamento de imensos contingentes populacionais!Kdem!B4-B5#(

9obre a crise estrutural do capital, cf(também! *Para Além do Capital: Rumo a Uma Teoria da Transição*. Fraduço! Aaulo >ésar >astanheira e 9érgio Lessa("E(Cdiço(9ço Aaulo, 9A(Boitempo Cditorial('33' (

^B / : a sua trajetória de pouco mais de um século, o imperialismo sofreu significati*as transforma\$ es(: a história desse estágio do @A>, podem-se distinguir pelo menos tr-s fases! a *fase /clássica⁶* que, segundo @andel, *ai de " ;83 a "8B3, os /anos dourados⁶, do fim da 9egunda ?uerra @undial até a entrada dos anos setenta e o capitalismo *contemporâneo*, de meados dos anos setenta aos dias atuais(9e, como em toda periodizaço histórica, essa cronologia é puramente indicati*a, o que nos importa sublinhar é que, malgrado todas as transforma\$ es l(((#, todo esse estágio do capitalismo se desen*ol*e sob a égide dos monopólios = o que significa dizer que o imperialismo se mantém em plena vigência na entrada do século XXI" l : etto e Braz, '334!"8'#!

excelência, triunfante, o de maior eficácia e, portanto, o mais adequado para o

o seja, o que está posto na ordem do dia é senão a exacerbamento da luta entre classes contraditórias e, sobretudo, antagonicas, que implica, em enormes desafios, tarefas e conseqüentes atitudes. As correntes de esquerda que, organicamente, do ponto de vista do mundo do trabalho, têm que necessariamente, criar formas de lutas que por meio de instituições específicas (partidos, sindicatos, associações, movimentos sociais etc.) cuja eficiência, articulação e clareza teórica, possam conduzir a luta de classes norteada por objetivos que simultaneamente e dialeticamente se insiram e sejam parametrados por objetivos estratégicos globais. Ruer dizer, que as particularidades nacionais sejam imediatamente incorporadas aos componentes universais no interior do todo desta contemporaneidade marcada e determinada pela ofensiva do capital total em escala mundial contra o trabalho em sua totalidade. Ora, isto é de extrema importância, na medida em que historicamente, as limitações das lutas setoriais e defensivas do trabalho frente ao capital,

que não foram superadas pela centralização sindical e política do movimento. O fracasso histórico é hoje fortemente enfatizado pela globalização transnacional do capital, para a qual o trabalho parece não ter respostas a oferecer. O problema fundamental é que a pluralidade setorial do trabalho está ligada à pluralidade conflituosa hierarquicamente estruturada dos capitais, tanto no interior de cada país como em escala global. Não fosse por isso, seria fácil imaginar a constituição bem-sucedida da unidade internacional do trabalho contra o capital unificado ou unificado. (Lukács, 1988)

Aois bem, é no interior deste contexto que, tem especial importância, as idéias ontológicas de Lukács, se tem conferido no Brasil um relevante significado. De que modo, já que reside em Lukács uma lacuna relativa à reflexão política: a história do marxismo, de modo geral, a dimensão e a práxis políticas ocupam um *locus* de substancial importância. Fodavia, os estudos de Lessa (1983) reafirmam que na *Ontologia do Ser Social* a debilidade maior das reflexões de Lukács acerca da política se expressa, sobretudo, no fato

seria simplesmente ridiculamente manipulado é, pois, a nossa *condition humaine* (Lukács, 1984). Como diz o autor, descendo do tópico ao profundo, ou descendendo da crítica cuidada e indagadora mais inocente, tropeça-se sobre as coisas que rodeiam no desgozo e na contramão. Com as coisas os homens. Nesse tráfego bárbaro, os semáforos intereram as luzes. Não contentes, mudaram as cores. Motoristas e pedestres se atropelam, mas ninguém pára. Não há como se deter e todos desesperam por chegar aos destinos. Mas os rumos foram abolidos. Os coletivos trafegam sem tabuletas, os comboios não páram, nem partem. Os ruas perderam os nomes e todos esqueceram para onde iam. Não resta a alternativa de continuar andando em sentido.

de ter tratado dela enquanto momento da ideologia, e não enquanto complexo pertencente aos complexos de alienação⁴

Adicionalmente, que dimensão da práxis humana comportaria a importância de Lukács como uma essencial contribuição para a supressão do ponto de vista do trabalho da atual ofensiva em escala global do capital, que ostensivamente, tem posto em sérios riscos a própria existência da humanidade. Com outras palavras, em que sentido a produção ontológica de Lukács resgata a mediação metodológica por meio da qual ele materializou sua contundente crítica à Economia Política e, conseqüentemente, recoloca a teoria do valor-trabalho como um fulcro imprescindível para a apropriação teórica e enfrentamento crítico desta contundente ofensiva do capital.

O contributo do filósofo húngaro às respostas como decisões práticas alternativas para a constituição de um projeto revolucionário cujo desdobramento implique o emancipar do trabalho da dominação e exploração do capital intensificadas e potencializadas mediante esse processo de reestruturação produtiva posto em curso como uma igualmente tomada de posição alternativa pelo capital com o intento de suprir sua própria crise de caráter estrutural,⁵ conecta-se à sua elaboração teórico-filosófica, sobretudo, às suas investigações filosófico-ontológicas como instância privilegiada de pesquisa sobre o ser-precisamente-social próprio Lessa. Ademais, ao contestar a avalanche de inverdades e falsas suposições que pairam sobre tais investigações, assevera que estas constituem um patrimônio fundamental para um projeto revolucionário que aponte para além do capitalismo.

Com efeito, as investigações filosófico-ontológicas levadas a efeito pelo autor de Budapeste na esteira da teoria do ser social de ele, ao determinarem, contundentemente, o trabalho enquanto intercâmbio orgânico entre o ser social e a natureza como a categoria ontologicamente fundante do ser social = independentemente da peculiar

⁴ Foderia, isto não significa que a *Ontologia do Ser Social* não tenha sido programaticamente concebida como uma construção teórica cujas conseqüências não implicariam intervenções práticas-políticas! Basta recordar que a ontologia do ser social, para o autor de Budapeste, consiste no único tema a ser tratado para se restaurar a teoria do ser social de ele = o que resulta em uma crítica radical ao marxismo esclerosado característico do *Diamat* e em um reclamo explícito de que o socialismo só pode ser edificado sobre bases radicalmente democráticas.

⁵ O abrangência e a intensidade da crise fez com que o capital procurasse responder-lhe por meio de vários mecanismos, /que vão desde a expansão das atividades especulativas e financeiras até a substituição ou mescla do padrão Taylorista e fordista de produção, pelas várias formas de acumulação flexível (ou pelo chamado otimismo ou modelo japonês - "888!" ; 8#). Com outras palavras, é possível sintetizar o conjunto de respostas que o capital monopolista formulou como decisões alternativas à crise estrutural do capital, /como uma estratégia articulada sobre um tripé: a reestruturação produtiva, a financeirização e a ideologia neoliberal. (Lukács, 1978, p. 334). "B#(

objeto histórico deste =, rep em a teoria do valor-trabalho com todas as implicações científicas, filosóficas e práticas que daí derivam de @ar+ no centro do debate contemporâneo, dado que elas, em primeiro lugar, implicam uma crítica radical ao trabalho abstrato, fundamento material essencial do ser social burguês = por sua mediação tem-se a extração da mais-valia e a consequente acumulação do capital, *etores fulcrais para a reprodução do ser social burguês(

Em segundo lugar, ao restabelecerem a concepção marxiana da centralidade ontológica do trabalho, rep em no centro do debate contemporâneo a genial ideia de @ar+ segundo a qual os seres humanos fazem a história, ainda que a partir de determinadas circunstâncias(

Finalmente, restauram a concepção marxiana segundo a qual o proletariado para se emancipar dos grilhões do capital terá que, necessariamente, abolir-se a si mesmo, o que apenas poderá levar a termo /se sua autoconsciência incorporar como momento decisivo a auto-abolição de si mesmo como classe, o momento do gênero parasitário (Montes, 1982) como assinala o próprio Lukács (1983) requer /a ação transformadora da práxis revolucionária(: a medida em que /o grande lição histórico-universal das revoluções é que o ser social não se transforma simplesmente, mas é sempre transformado(Ibidem(

Isto é de enorme importância para o desdobramento do presente trabalho de pesquisa(Aparentemente, a /terceira fase do estágio imperialista, ou seja, o capitalismo contemporâneo, tem-se configurado como um significativo conteúdo sócio-histórico, que, não somente na aparência implicou na destituição da centralidade do trabalho do mundo humano-social(substancialmente, há que se considerar a primordial lei, ontológica# distinção entre trabalho abstrato e trabalho sob a determinação de intercâmbio orgânico entre sociedade e natureza(

Portanto, isto é significativo, já que se indaga pela essência última da forma societal contemporânea porque se busca apreender teoricamente as intrincadas e complexas relações históricas, ou seja, as determinações refletidas que se desdobram no bojo desse complexo societal entre essência e suas formas fenomênicas de se manifestar(

Com efeito, as dramáticas consequências sofridas pela classe trabalhadora em razão da reestruturação do processo produtivo em curso, indubitavelmente, complexificam a luta

do trabalho pela sua emancipação do jugo e da regência do capital (: %o obstante, não suprimi a centralidade do proletariado neste contexto contemporâneo)

Desde logo e de um só flego, porque eliminar em definitivo a prospectiva da lógica humano-societária do trabalho compreenderia a eliminação de toda e qualquer forma de trabalho, isto é, o trabalho enquanto trabalho, o que é uma impossibilidade para o homem enquanto homem (G da ignorância teimosa disto que é feita toda a sabedoria dominante dos anos 833, desde o pragmatismo mais rombudo até ao irracionalismo mais empanado (Assim, de joelhos para o presente e de costas para o futuro, os filosofantes e cientificistas da vigésima centúria perfazem aquilo que alguém já designou como La cegueira específica dos profissionais da lucidez (>hasin, "8;8! ' ;#)

>olocas significativas, na medida em que o contexto atual da mundialização do capital, do atual estágio imperialista-monopolista do @A>, não invalida nem em uma *,rgula sequer a crítica de @ar+ I Economia Aol,tica(Vale também registrar o e+pl,cito conteúdo ontológico do fragmento(

) estágio atual imperialista-monopolista do @A>, em consonância com a difusão das políticas neoliberais, contraditoriamente, ao não redundar na descentralidade do trabalho na atualidade, não só ratifica o proletariado como a única contradição de fato ao capital, como também e+p e suas principais teses de sustentação teórica sob a mais severa crítica = que se pense na crítica I tese do /Estado mínimo& I do /fim da ideologia& I da /formalização da liberdade& e, I atribuição de estatuto ontológico ao mercado II mercadoria#, quer dizer, I realização da utopia de Smith, segundo a qual finalmente, o mundo humano-social estaria sendo regido pela /mão invisível, cujo caráter autômato, cuja autodinâmica imanente, implicaria inelutavelmente, quer seja no fim da história Ie, portanto, na consolidação incontestada da civilização capitalista#, quer seja na transformação da subjetividade em mero epifenómeno(;

Com outras palavras, as mudanças postas pelo capitalismo contemporâneo não implicaram no esvaziamento e, portanto, na irracionalidade do conteúdo ontológico da categoria trabalho e, conseqüentemente, da centralidade do proletariado no plano teórico e

^ Entre tantas obras que tecem contundentes críticas às teses neoliberais, se pode consultar! 9érgio Lessa! /História e)ntologia! O Ruesto do Frabalho6, em! Xe*ista >r,tica @ar+ista nHmero '3("E(Cdi\$o, Cditora Xe*an LFD0(Jnicamp, >ampinas, 9A('332& Sosé >hasin! /O 9ucesso na >rise e a >rise na Csquerda6, em! Xe*ista Cnsaio, nHmero "5Y" ;(Cditora Cnsaio(9%o Aaulo, 9A("8;8& e, Kst*án @észáros! Para Além do Capital: Rumo a Uma Teoria da Transição(Fradu\$o! Aaulo >ésar >astanheira e 9érgio Lessa("E(Cdi\$o(9%o Aaulo, 9A(Boitempo Cditorial('33'(

prático, que, por razões de seu caráter ontológico, consiste na classe social que se *incorpora ao trabalho(: este preciso sentido, como a classe social que no dizer de @ar+, possui uma peculiar /missão histórica a cumprir, /missão histórica determinada por sua própria condiçãode de ser, ontologicamente, a classe contraditória e antagônica ao capital(

Aor isso, o *atuar de uma gama de autores, entre os quais, Vianna 1"885!'8 apud Lima '33<!"28#, se re*elou inteiramente equi*ocado!

O decadência heurística da re*oluçãode está francamente associada a fenômenos contemporâneos como globalizaçãode do mercado, deslocamento do Estado-naçãode do seu antigo monopólio na representaçãode de identidades coletivas, assim como pelo efeito do Lassemelhamento universal Z diagnóstico que já *inha da parte de Foucault =, e do es*aziamento da categoria trabalho como *ariável sociológica aplicativa dos processos sociais(⁸

Os considerações e+postas até então se articulam I problemática metodológica(: o decorrer deste trabalho, outras referências a esta importante questão tornar-se-ão forçosamente indispensáveis(Oqui, de imediato, o que importa consiste em salientar com : etto 1'33"!<>#; que

O teoria social de @ar+ re-produziu idealmente o movimento histórico-social num tempo dado; esta reprodução mostra-se necessariamente incompleta quando o seu objeto real se modifica noutro tempo I histórico-social# dado; o que importa na investigação marxiana não são apenas os seus resultados, mas o seu método! os primeiros podem anacronizar-se em função do movimento do objeto, o segundo permanece eficiente I porque compõe o sujeito, na re-produção ideal do objeto, I máxima fidelidade a este, graças I sua aptidão para promover uma adequada recepção, ativa e criadora, do objeto pelo sujeito# na escala em que o objeto se mantém estruturalmente(

Com Lukács, tanto as questões peculiares I estética, quanto as que dizem respeito I ciência e I filosofia, inserem-se no quadro preciso das questões inerentes ao método(: a

⁸ Aara que se e*ite qualquer mal-entendido, cumpre e+por o conteúdo que segundo Lima 1"dem!"2;- "28# Vianna, fi+ou suas asserções! / : os seus ensaios mais recentes, [Erneck Vianna tem insistido na importância da re*oluçãode passiva no Brasil, a ser assumida como critério de interpretação pelo ator interessado na constituiçãode de uma República efetivamente democrática no país e orientada pelo eio I interesses-direitos-cidadania, espaço no qual cada grupo social tenha condições para converter seus interesses em direitos, o que deve ser resolvido no âmbito de uma renovada esfera pública(: este sentido, a hipótese da re*oluçãode passiva não é continuada a partir da perspectiva da centralidade da classe operária, como o fez nos anos 53, mas, digamos, de sujeitos Lfragmentados, oriundos de *ariados movimentos sociais, como os negros, as mulheres, os homossexuais, etc(6

concepção do filósofo húngaro, estas dimensões do ser social (estética, ciência e filosofia), são formas heterogêneas, mas com o mesmo estatuto ontológico do reflexo cognoscitivo criadas sócio-historicamente para a apropriação das categorias (que, como formas de ser) constituem a objetividade do mundo(

O que, se está, exatamente, assinalando o significado teórico-metodológico para a crítica radical (do ponto de vista dos peculiares interesses do proletariado) dos complexos problemas que têm permeado o contemporâneo contexto globalizante capitalista enquanto uma histórica particular-universal forma social(

Ossim, a proposta de se enfatizar a questão ontológica, decorre das consequências do próprio processo de reestruturação produtiva, da ofensa do capital (a totalidade do trabalho) (Apostular a centralidade ontológica do trabalho consiste não ser em considerar a classe proletária como o principal agente para a emancipação do trabalho da dominação e exploração do capital) (A emancipação do trabalho significa senão a própria emancipação da humanidade = vale dizer! a construção da civilização comunista) () b) iamente que do caráter ontológico do trabalho, não se pode deduzir a natureza revolucionária do proletariado((Em termos ontológicos, a consciência (a dimensão subjetiva), é uma categoria de fundamental importância nos processos revolucionários = mas, a construção de seu caráter revolucionário, requer necessariamente, das imprescindíveis mediações(

Em síntese! a adoção das idéias ontológicas de Lukács no Brasil insere-se, primeiro, no quadro de um esforço teórico-metodológico de se colocar (superfície) a essência (última) das sociedades contemporâneas, segundo, no contexto de uma das questões que têm transpassado a história do marxismo, a saber! a de re-clarificar, no interior de um determinado contexto sócio-histórico, o ator revolucionário cuja ação (poderá) implicar na superação de um determinado estado de coisas(

: este contexto de mundialização do capital, a utilização das idéias filosófico-ontológicas lukacsianas no Brasil, tem-se norteado pela explicitação da centralidade do trabalho no mundo dos homens e, conseqüentemente, une-se (a) problemática de se emancipar o trabalho de sua submissão ao capital(: este preciso sentido, adquirir uma

dimensão „deopolítica“³ = ainda que no âmbito das atividades acadêmicas e de outras instâncias de caráter científico

De outra parte, esta dimensão „deopolítica, no decorrer dos anos 43 do século passado no Brasil, materializou-se pela mediação das idéias teórico-filosóficas e estéticas literárias de Lukács para a elaboração de um projeto de política cultural como um momento orgânico de uma política partidária, conferindo conseqüentemente, I utilização destas idéias, um caráter militante = já que naquele contexto, o empenho era o de se fazer política cultural(“

Os reflexos filosófico-estéticos lukacsianos se orientam no sentido de apreender intelectualmente o ser-precisamente-assim existente da arte(G claro que tal escopo se insere no contexto das preocupações ontológicas(: esta particular esfera do ser social, um dos aspectos dos reflexos lukacsianos diz respeito I relação da criação artística com a realidade social objetiva em questão(Para o autor de Budapeste, a necessidade das manifestações estético-artísticas se conecta I função social da arte, quer dizer, ao seu poder de proporcionar ao indivíduo genérico um conhecimento acompanhado evidentemente do gozo estético# sensível singular, irrepetível e insubstituível da objetividade = mais precisamente! a produção artística cumpre a substancial função humano-social de suscitar, pela mediação do reflexo estético, a autoconsciência do desenvolvimento do gênero humano(Da, que para Lukács /) valor duradouro da arte tinha algo a ver com a condição do homem como produtor de valores de uso(1 \ onder, "884!" ;#(

³ Ideologia! em sua determinação ontológica se refere I natureza de sua função social, I sua função ontológica(/) u seja le+atadamente ser ideologia nã o é uma qualidade social fixa deste ou daquele produto espiritual, mas, ao contrário, por sua natureza ontológica é uma função social, nã o uma espécie de ser((7 alar de ideologia em termos ontológico-práticos significa, portanto, analisar este fenômeno essencialmente pela função que desempenha, ou seja, enquanto exercício de conscientização e prática social dos homens(Vaisman, "8; 8!B '3#(

"" Sérgio Lessa 19L#! /Ruando *oc-, Leandro, fez a entrevista com ele, dez anos depois da primeira publicação de um texto do Lukács na revista Estudos Sociais, *oc- ainda estava preocupado com a política cultural ou *oc- já pensava em outras dimensões de Lukács(6

Leandro \ onder 1L \ #! / Oinda com a política cultural(:osso grande empenho era a política cultural(: ós, eu, e o >arlito, sempre pensamos num certo uso das idéias filosóficas no plano da ação política(nosso campo de trabalho era, sobretudo, a política cultural(C, nesse terreno, acho que Lukács deu realmente uma contribuição importante(Frata-se de um autor que, no campo marxista, associa cultura e participação política com muito rigor(Ainassi D Lessa, '33 '! "5 '#(Cm "828, a *Revista Estudos Sociais* InHmero 2#, /dirigida pelo fundador do A>B, Ostorjildo Aereira, publica o primeiro texto de Lukács em língua portuguesa! *A destruição da razão*, que apareceu com o título /) irracionalismo = fenômeno internacional do período imperialista(17ederico, "882!" ;2#(

Agora o presente projeto de pesquisa, contudo, um dos pontos fulcrais de interesse consiste no fato de que o valor estético, em Lukács, jamais fora dissolvido, utilitariamente, por razões de um seu emprego estritamente político () basicamente que o filósofo sempre teve plena consciência das repercussões de suas concepções estético-artísticas na esfera política = em especial, na dimensão precisa da política-cultural(

Isso é sintomático, na medida em que, como veremos no desdobrar do presente trabalho, a formulação de uma política cultural de extração lukacsiana, serviu, entre outros importantes aspectos, para uma contundente crítica à cultura partidária (do A>B#, que, no campo específico da arte, era fortemente marcada por componentes estéticos de extração stalinista/zhdanovista e por aspectos não imanentes ao ser-precisamente-assim da produção estético-artística(

Foderia, há que se também em destaque, que a apropriação das idéias teórico-filosóficas e estéticas do filósofo se inseriam num quadro sócio-histórico fortemente marcado pelo intento resolutivo e inerente à necessidade imperiosa de renovação e de defesa intransigente do marxismo = após o II Congresso do Partido Comunista da União Soviética = A>J 9 =, realizado em 1924, uma das preocupações primordiais dos comunistas era a de renovar o pensamento marxista libertando-o do esquematismo da vulgata stalinista(Do ponto de vista do quadro nacional, tal apropriação, guarda a congruências com as profundas alterações sócio-históricas no contexto das particularidades de objetivação do capitalismo no Brasil(

Assim que de uma recepção como um momento orgânico de uma política partidária (predominante preocupação com a problemática da ontologia do ser social, é possível constatar nestas formas receptivas das idéias lukacsianas# um componente que articula indelévelmente as idéias do filósofo (preocupação da defesa intransigente do arsenal teórico do materialismo-dialético e histórico e (crítica contundente das formas societárias determinadas pelos ditames do capital com o objetivo último de assegurar a necessidade imperiosa de se suprimir o estado de coisas atual como salvação da própria existência da humanidade(

Com outras palavras, a dimensão ideológico-política que caracteriza a receptividade destes momentos (estética e ontologia# da produção intelectual de Lukács no Brasil, dimensão que se expressa pela mediação da dialética unidade (mas não identidade# de continuidade-

descontinuidade, que, por sua vez, se objetivava, em primeiro lugar, mediante o emprego das idéias lukacsianas para a formulação de um projeto de política cultural, aqui, em especial, das idéias estéticas e literárias, projeto que as inseriam no interior de um todo de uma determinada política do Partido Comunista Brasileiro = A > B = isto é, como um momento constitutivo de uma renovação política-partidária, que, se por um lado, procura entrar em sintonia com as vicissitudes do movimento comunista Internacional = A > K = após os acontecimentos do Congresso do A > J 9, por outro, busca entrar em consonância com as exigências postas pelas significativas mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais que abalam os alicerces do capitalismo brasileiro naqueles anos de desenvolvimento nacional econômico, e, posteriormente, as exigências impingidas ao enfrentamento político no bojo de um contexto de uma ditadura militar instaurada a partir de 1964.

Em segundo lugar, neste contexto de mundialização e de ofensiva do capital ao proletariado, por meio da utilização das idéias ontológicas do ser social lukacsianas, na esteira do espírito do filósofo de recuperar o verdadeiro pensamento de Marx e de renovação do marxismo¹¹ após longos anos de dogmatismo stalinista (este contexto, predominantemente, do ponto de vista do trabalho como o fundamento ontológico do ser social, há um intento de demonstrar, teórico-metodologicamente, a falácia das teses que propugnam a descentralidade do trabalho na ontologia do ser social, o adeus ao proletariado, o fim da história, o Estado mínimo etc)

) Aproveitar-se das idéias estéticas e literárias de Lukács para a formulação de um projeto de política cultural como um momento de uma política partidária, foi posta em superfície pelos importantes trabalhos realizados por Nelson Frederico¹² aqui, objetivou-se tão somente a apresentar momentos apropriados pelos jovens comunistas da teoria estética

¹¹ Compreende-se aqui o posto que, para se evitar possíveis mal-entendidos, além de Lukács, outros importantes autores marxistas têm sido utilizados para a peremptória crítica acerca das sociedades burguesas, a saber! Lenin, Rosa Luxemburgo, Gramsci, Aulantzas, Gószáros, Mandel, Baran, Nazzari, Warshawsky etc. Os estudos destinados à apropriação intelectual das particularidades da objetividade capitalista no Brasil, na esteira do pensamento de Marx e da melhor tradição marxista, não obstante as importantes nuances interpretativas, é interessante lembrar-se de um artigo de Arnaldo Mommsen, Florestan Fernandes, Nelson Frederico, entre outros.

¹² Frata-se de uma análise de Lukács na política cultural do A > B e na Universidade de Campinas (História do Marxismo no Brasil) (São Paulo: Quarteto, 1984) (Campinas, Editora da Unicamp, 1984) (Volume 1) (Influências Filosóficas) Além deste trabalho, também é importante referir-se à Presença e Ausência de Lukács em Ontunes, Xicardo e X-go, [Alquíria Domingues Leão] (Lukács: Um Galileu no Século XX) (São Paulo: Cedi, 1990) (Aula 9A) (Boitempo Editorial, 1984) e, A Política Cultural dos Comunistas, em: Ontunes, São Paulo: Quarteto, 1984) (História do Marxismo no Brasil) (Campinas, Editora da Unicamp) (Volume 1) (Filosofia) (Interpretações) (1984)

lukacsiana enquanto uma produção intelectual que se conecta ao resolutivo propósito de superação do período da pré-história da humanidade e, que, portanto, neste preciso sentido, trata-se de um arcabouço teórico já o I formulação de um projeto de política cultural(

Aosto isto, cumpre assinalar que tr-s capítulos comp em este estudo! "#) >aráter
Xecepti*o das Idéias Estéticas de Lukács no Brasil& '#) ntologia! Defesa do Frabalho como
a >ategoria >entral do 9er 9ocial& e, <#) ntologia! Frabalho e 9ubjeti*idade(

Xespecti*amente, este trabalho pautou-se pelos seguintes objeti*os gerais!

Cm primeiro lugar! apresentar aspectos da concepção filosófico-estética lukacsiana como um arsenal teórico imprescind,*el, primeiro, para a elaboração de um projeto de política cultural por jo*ens comunistas á*idos por fazer política^B como um momento org.nico de uma política partidária, segundo, para a disputa pela hegemonia das idéias estéticas num conte+to fortemente marcado por conflitos sociais e pela e+ig-ncia de engajamento cultural-art,stico que permearam a conjuntura nacional no decorrer dos anos 43(C, em conson.ncia com o conte+to da recepção das idéias filosófico-estéticas de Lukács, apresentar algumas considera\$ es cr,ticas I afirmação de >elso 7rederico segundo a qual *As Teses de Blum* /guardam algumas semelhanças estratégicas com a linha6 política /desen*ol*ida pelo A>B após "82; 6(

Cm segundo lugar! apropriando-se da contundente asse*eração de Fonet 1'33'!"23# segundo a qual /n%o se trata apenas de teoria política ou de ci-ncia política, mas de um resgate da teoria com base nos seus fundamentos filosóficos6, os objeti*os do segundo capítulo consistiram em demonstrar que a utilização entre outras contribui\$ es teóricas# do

^B /O di*ulgado da obra de Lukács este*e inicialmente nas mãos de jo*ens intelectuais, quase todos gra*itando ao redor do A>B, que atua*am no Xio de Saneiro I Leandro \ onder, >arlos : elson >outinho#, em 9ºo Aaulo ISosé >hasin, Sosé >arlos Bruni# e, posteriormente, em Suiz de 7ora ISosé Aaulo : etto, ?il*an Arocópio Xibeiro e Luiz 9érgio Wenriques#6 17rederico, "882, " ;8#(Cm outro *lócus*, mas abordando a mesma temática, o autor enfatiza que a caracter,stica curiosa que faz ,mpares os disc,pulos do autor, é o fato de serem e+tremanente jo*ens! /Cses di*ulgadores eram intelectuais *al primo* canto! >arlos : elson >outinho publicou seu primeiro trabalho sobre Lukács com dezesseis anos de idade& Sosé >arlos Bruni traduziu *Existencialismo ou Marxismo?* quando tinha *inte e tr-s anos& com a mesma idade Sosé Aaulo : etto publicou artigos sobre a *Teoria do Romance*& Sosé >hasin, ainda estudante na graduação de filosofia, escre*eu um ensaio criticando @annheim a partir das idéias lukacsianas(Desse grupo inicial, o mais L*elhollera Leandro \ onder6 17rederico, "884! " ' 5#(/Cnre o final dos anos "823 e o in,cio dos "843, as idéias lukacsianas penetram mais intensamente no Brasil(O responsabilidade recai sobre uma jo*em intelectualidade interessada, sobretudo, num arejamento pol,tico-cultural do partido comunista(Cses jo*ens n%o forma*am um grupo coeso e, ao menos no in,cio, n%o ha*ia nem mesmo comunicação entre eles(Cram baianos, mineiros e paulistas que somente anos mais tarde ha*eriam de se encontrar e, em alguns casos, estabelecer amizades de toda uma *ida6 I Aïnassi, ' 33 ' 18#(

ponto de vista do trabalho como a categoria ontológica fundante do ser social, por autores marxistas (Lessa, Fontes, Fonet, Gasin, Netto, entre outros) das investigações ontológicas lukacsianas sobre o ser social, tem reafirmado que estas se constituem em um inestimável fulcro teórico-metodológico no *front* do debate acerca de candentes questões que transpassam o capitalismo contemporâneo(

Oinda no conteúdo do segundo capítulo, que estes estudiosos, na medida em que se aalem também de tais investigações para o enfrentamento destas questões no bojo do conteúdo que se estabeleceu, se inserem tanto no contínuo processo da imprescindível restauração das bases ontológicas do movimento comunista quanto da necessidade de se restabelecer o caráter ontológico da teoria do ser social de Marx como um essencial instrumento para o combate constante e crítico ao capital, determinando por consequência, a sua recepção e utilização das pesquisas ontológico-filosóficas do autor de Budapeste no Brasil, uma dimensão ideológica = ainda que no âmbito acadêmico e de outras instituições de caráter científico(

Em terceiro lugar, em razão de que, primeiro, a determinação da subjetividade em bases ontológicas reafirmou-se em uma radical crítica ao conjunto de teses falaciosas e ideias profundamente conservadoras que expressam uma determinada concepção de homem, de sociedade etc(, que o grande capital monopolista e seus representantes difundiram sob a denominação de neoliberalismo² segundo, pelo fato de que a subjetividade entendida enquanto o fundamento ontológico de todo processo teleológico e como a dimensão de distinção e desenvolvimento das particularidades de cada singularidade individual, consistir em um dos momentos de crítica às teses que propugnam a descentralidade do trabalho do mundo humano-social, a subjetividade em bases ontológicas dialético-materialista, constituiu-se na preocupação central do tema proposto(

O eposição do primeiro capítulo estruturou-se como segue!

O conteúdo atualizado do Fema em foco = tratou-se de expor, primeiro, com a incumbência de apresentar, ainda que muito brevemente, as vicissitudes político-partidárias do A>B como resultado de determinações sócio-históricas, quer seja relativamente às profundas alterações de uma objetividade capitalista dependente e subordinada aos centros

²: o conteúdo do capitalismo contemporâneo, /n%o nos damos conta do valor do grande pensamento sistemático e declaramos tranquilamente (((# o fim do sujeito)), sem talvez levar em consideração todas as consequências da destruição filosófica da subjetividade (Fertilian, '33' !B;#(

hegemônicos do capital, quer seja no que se refere às alterações políticas que tinham ocorrendo no país depois da guerra e que se transformaram em uma profunda crise com as denúncias efetuadas por Lênin quando da realização do V Congresso do Partido, já que é dentro deste contexto que o Partido levaria a efeito uma renovação política que recebera o epíteto de "nova política".

Outro mais, é no interior deste contexto que as ideias de Lukács tem especial, as ideias estéticas e literárias, como um momento orgânico de tal política, foram recepcionadas e empregadas por jovens intelectuais ávidos por fazer política para a formulação de um projeto de política cultural.

O Fradismo cultural Cecebilista! o intento fundamental foi o de trazer à superfície alguns princípios teórico-analíticos estruturantes da tradição no específico campo das manifestações artísticas, culturais cecebilistas que se contrapõem, radicalmente, ao arcabouço teórico-estético e literário lukacsiano. Trata-se precisamente de e por momentos estéticos que, em razão de seu fundamento teórico-filosófico, são, inelutavelmente, contrapostos e elucidantes. Em segundo lugar, o de apresentar, ainda que secundariamente, aspectos da crítica que a juventude comunista, mediada pelas ideias teórico-filosóficas e estéticas lukacsianas, concretizar-se-ia à tradição cultural partidária cecebilista, no bojo de um contexto de efervescência e de exigência de engajamento cultural-artístico, que, posteriormente, transformar-se-ia em resistência político-cultural e momentos de sua crítica a outras tendências estético-literárias.

Finalmente! O "nova política" e *As Teses de Blum*! substancialmente, tem-se por finalidade demonstrar que as complexas relações e interações entre as revoluções burguesa e proletária são, dialeticamente, concebidas pelas *Teses* elaboradas por Lukács para o VII Congresso do Partido Comunista da Hungria e, que, portanto, radicalmente, se distanciam da concepção sectária e esquemática ainda da época que transpassara e determinara o conteúdo das *Fases* estratégico-políticas como formas "mediatadas" ou melhor, uma política de frente ampla, colaboracionista de classe, gradualista e etapista, propugnadas pela "nova política" para fazer política e, primordialmente, materializar a revolução proletária em solo nacional.

Trata-se precisamente de pautou-se pela apresentação de algumas ponderações críticas à proposição de Frederico segundo a qual a "consciência" entre a direção e a juventude

intelectualidade pecebista á*ida por fazer pol,tica no bojo de uma efer*esc-ncia de conflitos sócio-pol,tico-econPmico e culturais que abala*am a sociedade brasileira nos anos 43 fora facilitada em raz%o de uma /estreita afinidade6 entre a pol,tica do A>B e a linha /lukacsiana imprimida ao trabalho intelectual6, já que a pol,tica cultural de Lukács consiste em um desdobramento de sua pol,tica de frente e+posta pela primeira *ez nas *LTeses de Blum*’, que, por sua *ez, guarda alguma semelhança estratégica com a linha pol,tica posta em prática pela dire\$%o do partido após 2.;, quer dizer, com a /no*a pol,tica6

) segundo cap,tulo configurou-se do seguinte modo!

>onte+tualiza\$%o do Fema! predominantemente, preocupou-se em apresentar momentos da conte+tualiza\$%o sócio-histórica contempor.nea fortemente determinada pela ofensi*a do capital total em escala global, a qual, mediatizada, dentre outras respostas como decis es alternati*as, por um processo de reestrutura\$%o produkti*a, tem implicado incisi*as conseq0-ncias para a classe trabalhadora, tanto em sua ontologia, em seu ser-precisamente- assim, quanto I sua dimens%o subjeti*a(

) ntologia! Frabalho e Cmancipa\$%o Wumana! mediado pela genial idéia mar+iana segundo a qual as categorias constituti*as da realidade humano-social s%o constitu,das sócio-historicamente e, que, ininterruptamente, tra*am entre si uma cadeia de comple+as intera\$ es, o intento deste momento foi o de apresentar lainda que n%o até Is Hltimas conseq0-ncias# as contundentes cr,ticas que, em nome do trabalho como fundamento ontológico do ser social, como produtor de *alores de uso indispensá*eis I e+ist-ncia humana, os autores mar+istas lLessa, Fonet, Ontunes, >hasin, :etto# le*aram a efeito contra os defensores da ordem *igente que propugnam, entre outras teses, a descentraliza\$%o do trabalho no mundo humano e o adeus I classe trabalhadora(

Frabalho!) @omento Aredominante! trata-se de um subitem = aqui, o intento fora o de apresentar algumas ontológicas determina\$ es que conferem I forma histórico-concreta do trabalho a condi\$%o de prioridade ontológica, de momento predominante, da sociedade emancipada dos ditames do capital(: ote-se! do capital e n%o só do capitalismo(

Ruanto ao terceiro cap,tulo, quatro momentos o estruturam!

Kntrodu\$%o! apresenta a justificati*a do tema(@ais precisamente! a raz%o mediante a qual a determina\$%o da subjeti*idade em bases ontológicas se re*elou como um momento

imprescindível de crítica. As teses que propugnam o fim do trabalho, a descentralidade do trabalho do ser social, o fim da história etc.

Aráris! Determinação ontológica do ser social! preocupou-se em explicitar que a práxis, esta categoria de extremo valor filosófico-ontológico, se concretizou em um momento da defesa do trabalho sob a determinação de fundamento ontológico do mundo dos homens e da teoria do ser social marxiana.

Subjetividade! Teleologia → causalidade! o objetivo fora o de salientar que segundo a perspectiva ontológica do marxismo, a subjetividade, onto-geneticamente, se insere imanentemente na unidade orgânica do trabalho! teleologia-causalidade.

Trabalho! Ontologia Unitariedade do ser social! trata-se de um subitem = neste contexto, salientou-se que o trabalho consiste em uma ontologia mediação categorial pela qual, analiticamente, se pode expressar, sem dicotimizá-la, a ontologia objetiva unitariedade última do ser social.

: este momento, cumprir a função de uma importante observação! o rastreamento até as últimas consequências dos estudiosos mais precisamente! Lessa, Fonet, Ontunes, >hasin, >etto# que também lançado mão da contribuição ontológico-filosófica lukacsiana em seus embates acerca de temas cujo teor traz em seu bojo implicações relevantes para o proletariado, é imprescindível para os objetivos respectivos aos temas propostos = ontologia! Defesa do Trabalho como a categoria central do ser social e, ontologia! Trabalho e Subjetividade. O contributo de Lessa, por exemplo, para o esclarecimento de pontos fundamentais da ontologia lukacsiana e como um instrumental para se adentrar na imanência dos textos do filósofo que se norteiam essencialmente por uma abordagem ontológica do ser social, demandaria um estudo específico.

: este trabalho de pesquisa, como já se sabe, trata-se substancialmente de estabelecer que as concepções ontológico-filosóficas de Lukács concretizaram-se em um instrumento de sustentação científico-filosófica imprescindível para o enfrentamento do ponto de vista dos interesses do trabalho dos graves problemas contemporâneos no contexto de um modelo sócio-político-econômico e cultural que se mundializa⁴

⁴ O que, faz-se necessário a função de uma importante observação, a saber! não há nenhuma linearidade no que tange à interpretação e à compreensão das ideias ontológicas lukacsianas, tanto entre os autores referidos, quanto entre outros. O contrário. Elas são marcadas por momentos de dinamicidades, de críticas e pela demonstração de possibilidades /limites no arcabouço teórico do autor de Budapeste. Ilustrando! na asserção crítica de >hasin 1"882!234# a /determinação onto-negativa da política consiste em uma das deficiências teórico-metodológicas da *Ontologia*. Com sinais trocados, >arlos : elson >outinho, assinala que a /práxis

Agora finalizar este momento do presente trabalho, cumpre não somente e por alguns dos princípios que constituem o método ontológico-histórico

: o capítulo sobre @a+ de sua *Ontologia do Ser Social*, Lukács, assevera que em @ar+, ao contrário do que ocorre em Hegel, as determinações são apreendidas ontologicamente, como momentos necessários e imprescindíveis para a existência de todo ser e, no decorrer de sua exposição, insiste no fato também posto I superior por @ar+, de que em toda organicidade, há sempre um momento predominante (A prioridade, que, em termos ontológicos, significa que a existência de um ser depende da existência de um outro ser, mas não vice-versa)

Com outras palavras, o método ontológico-histórico, se caracteriza não por uma aplicação lógica aos mais distintos e diversos complexos momentos constitutivos dos específicos e heterogêneos modos de ser no interior da totalidade da esfera ontológica respectiva = do ser social e da natureza (em suas dimensões orgânica e inorgânica) (O contrário) (As categorias são entendidas como formas de ser, determinações da existência (áreas do que deriva que, teórico-metodologicamente, elas são compreendidas como prioritárias aos aspectos meramente lógico-gnosiológicos) que se trata de re-produzir teoricamente a lógica intrínseca às coisas e não as coisas da lógica, exatamente porque as categorias são reais, constitutivas do ser e que ademais, no desdobrar processual da atividade

política é, / enquanto momento privilegiado da reprodução social (1984) (e, /) o perdido, a principal lacuna na cadeia de mediações posta em movimento pela *Ontologia* (1968) : há na *Ontologia* (1968) um tratamento autônomo satisfatório da especificidade da política enquanto esfera do ser social (Kbidem) (Investigado pela crítica de Coutinho, Lessa, ainda em 1933) (1968), após assinalar importantes contribuições da *Ontologia do Ser Social* acerca da prática política, já na parte conclusiva do texto, entre outras críticas considera, faz notar que / conceber a política como prática ideológica universal = e não enquanto dimensão alienada da existência humana = e o silêncio acerca do Estado na reprodução social parecem indicar áreas em que a tragédia social

cognosciti*a, as categorias, n%o podem ser postas entre par-nteses, já que n%o s%o simplesmente intencionais(

Ossim que, o método ontológico-histórico e dialético, como uma ati*idade prático-intelectual para captar o fenPmeno em sua iman-ncia essencial, ad*oga que a análise de*e apropriar-se da própria constitui\$%o genético-din.mica do objeto em quest%o(9eus momentos constituti*os lin*estiga\$%o e e+posi\$%o# n%o se confundem entre si(O forma, o tratamento, ou a e+posi\$%o, n%o s%o atos pelos quais se descobre algo, mas o momento em que se demonstra o descoberto(>onsciente ademais das repercuss es objeti*as dos interesses sociais na elabora\$%o do saber, fundamenta-se na totalidade do ser social, considerando categoricamente o indi*,duo genérico como essencialmente social(

G de fundamental import.ncia também salientar que para a acep\$%o teórico-ontológica, a prá+is cognosciti*a, o conhecimento, n%o é contempla\$%o& antes, trata-se de um predicati*o do ser social! um momento da particular ontologia de seu ser-precisamente- assim, cujo caráter é a n%o ser onto-prático(Da, que a quest%o do conhecimento consistir, antes de tudo, em uma quest%o fundamentalmente ontológica = é um momento peculiar, inerente, I própria dimens%o humana(@ais precisamente! conecta-se imanentemente, I ontologia do ser humano-social, I sua maneira espec,fica de ser! I prá+is que se re*elou para esta acep\$%o teórico-metodológica uma categoria de e+trema *alor filosófico-ontológico(

Capítulo I. O Caráter Receptivo das Idéias Estéticas de Lukács no Brasil.

1.1. Contextualização do Tema.

: o lapso temporal que compreende os anos "82B-"82;, o A>B conduziu a efeito uma série de e+pressi*as muta\$ es em suas diretrizes teóricas, pol,ticas e organizacionais(Cstas, foram impulsionadas por uma série de comple+as conjun\$ es conjunturais, a saber! "# mediante significati*as mudan\$as ltanto Is de ordem econPmicas, quanto Is de ordem pol,tico-sociais# que se configuraram como resultado das comple+as e contraditórias rela\$ es e intera\$ es de um capitalismo dependente e periférico em rela\$%o aos centros hegemPnicos do capitalismo em sua fase monopolista e imperialista. '# pelo impacto e os desdobramentos do]] >ongresso do A>J9, realizado em fe*ereiro de "824, que, lsimultaneamente# por um lado, acelerou as mudan\$as que *inham ocorrendo na própria JX99 e no @o*imento >omunista Knternacional = @>K =, por outro, inaugurou a crise do mar+ismo-leninismo oficial e, <# em raz%o de seus próprios problemas internos lorg.nicos# que acumula*am e que de modo arrebatador *ieram I superf,cie após os acontecimentos do]] >ongresso(

>om a Declara\$%o de @ar\$o de "82;, esta série de muta\$ es é consolidada(Ksto é significati*o, porque, se por um lado, as resolu\$ es estratégico-pol,ticas propugnadas pela Declara\$%o, implicaram uma descontinuidade em rela\$%o com a linha pol,tica que fora consolidada e implementada com o @anifesto de 0gosto de "823; por outro, continham momentos de continuidade com a linha pol,tica iniciada após "8B2 = caracterizada pela concilia\$%o de classes e pela colabora\$%o com uma suposta burguesia /nacional6(Frata-se de uma comple+a dialética que se e+pressa pela media\$%o da unidade de descontinuidade-continuidade("

Aois bem, em que per,odo histórico lan\$ou-se as bases dessa linha pol,tica, cuja g-nese remonta aos anos "8B2U

>om a *iolenta repress%o desencadeada imediatamente após o fracasso do mo*imento insurrecional de "8<2, o A>B quase que fora destru,do(Xeestruturado, no dizer de @azzeo,

"Aosteriormente se *erá que esta dialética de continuidade-descontinuidade também transpassara lde um modo espec,fico# a atua\$%o partidária no .mbito peculiar da cultura(: a especificidade deste patamar, esta dialética é posta em mo*imento em raz%o lsobretudo# do aspecto nacional-popular como um momento imprescind,*el pelo qual o partido constitu,ra-se sua acep\$%o art,stico-cultural() acerto de contas com esta concep\$%o se dará mediante a elabora\$%o de um projeto pol,tico-cultural de e+tra\$%o lukacsiana(

o partido /lan\$a as bases de sua linha pol,tica mais duradoura e que conformará seu *terceiro período*, que se caracteriza pela absorção das diretrizes do VKK >ongresso da K> e, conseqüentemente, da pol,tica de amplas alianças de classes¹ "888!5"#" Ossim que, no conte+to da linha pol,tica implementada pelo partido após "8B2, o /@anifesto de 0gosto6 constituir-se-ia em /um hiato6 lkbidem#(

Oqui, objeti*a-se, apresentar, muito bre*emente, as *icissitudes partidárias do A>B como resultado de determina\$ es sócio-históricas, quer seja relati*amente Is profundas altera\$ es de uma objeti*a\$%o capitalista dependente e subordinada aos centros hegemPnicos do capital, quer seja no que se refere Is altera\$ es pol,ticas que *inham ocorrendo no @>K depois da guerra e que se transformaram em uma profunda crise com as denHncias efetuadas por \rusche* quando da realiza\$%o do]] >ongresso do A> J 9, já que é dentro deste conte+to que o A>B le*aria a efeito uma /reno*a\$%o6 pol,tica que recebera o ep,teto de /no*a pol,tica6& e que as idéias de Lukács lfilosófico-estéticas# como um momento desta pol,tica, foram recepcionadas e empregadas por jo*ens intelectuais para a formula\$%o de um projeto de pol,tica cultural(

Cm "8B4, em 7ulton nos C J 0, [inston >hurchill, discursa, lan\$ando a e+press%o /cortina de ferro6! eloq0ente prelhidio dos no*os tempos que já se gesta*am ainda sob os efeitos das catástrofes de Wiro+ima e : agasaki() bipolarismo mundial toma*a contornos cada *ez mais e+pl,citos! na Curopa, os C J 0, intensifica*am sua ofensi*a no sentido de criar um bloco anti-so*iético(: esse conte+to de claras hostilidades e de recrudescimento pol,tico anti-so*iético, sob uma forma-Cestado autocrática burguesa institucional, o Brasil romperia suas rela\$ es diplomáticas com a JX99(9imultaneamente, o go*erno Dutra consolidara sua infle+%o I direita! respaldado pelo >ongresso : acional, determina a ilegalidade do A>B! cassa os mandatos de seus deputados e p e em prática uma pol,tica implacá*el de repress%o aos trabalhadores(>landestino e aturdido em conseq0-ncia do

¹ /Cssa no*a diretriz pol,tica tinha por norte a pol,tica das frentes populares, que punha de lado a tese da classe contra classe, apontando para unidades pol,ticas de caráter pluriclassista dentro de um largo leque, chamado genericamente de lsetores democráticos\da sociedade, no qual situa*a-se a burguesia lnacional\6 l@azeeo,"888!5"#" Foda*ia, essa *iragem n%o se deu sem disputas e sem di*erg-ncias internas(: o seu processo construti*o, formaram-se tr-s grupos! /) de 9%o Aaulo, constitu,do por antigos militantes que n%o confia*am em Arestes e propunham reconstruir o A>B nos moldes antigos& outro, também de 9%o Aaulo, que engloba*a comunistas da Bahia e que pretendia hegemonizar o >omit- >entral& e um terceiro grupo, a >omiss%o : acional de) rganiza\$%o Aro*isória = > :) A =, composto por comunistas no*os e antigos() s dois Hltimos grupos acabam con*ocando a histórica >onfer-ncia da @antiqueira, em '5 de agosto de "8B<, com a participa\$%o de estados como o Aaraná, Distrito 7ederal, Aará, Bahia, Xio de Saneiro, 9%o Aaulo, Xio ?rande do 9ul e @inas gerais / lkbidem!5'#"

no*o conte+to que se configurara, o A>B radicaliza uma guinada I esquerda = quer dizer, interrompe uma linha pol,tica caracterizada pela concilia\$%o de classes e de colabora\$%o com a ordem *igente instaurada imediatamente após a reconquista de limitadas garantias de liberdades democráticas sob a égide de uma autocracia burguesa institucional(Cm outras pala*ras, propugnara uma pol,tica em descontinuidade com a linha colaboracionista e conciliadora de uni%o nacional,[<] cuja linha pol,tica se articula Is determina\$ es pol,ticas elaboradas pelo VKK >ongresso da Knternacional >omunista = K>, realizado em "8<2() esbo\$so da pol,tica resultante dá-se com o @anifesto de Saneiro de "8B;# e adquire sua elabora\$%o definiti*a com o @anifesto de 0gosto de "823(

) @anifesto de 0gosto propugna*a! "# a luta de classes, já que n%o postula*a o caráter nacional da burguesia brasileira# ' a autonomia de classe# e <# uma alian\$a predominantemente operário-camponesa cujo objeti*o maior era a disputa hegemPnica contra as for\$as burguesas pró-imperialistas(^B O estes componentes, é significati*o acrescentar seu caráter n%o-reformista# e a plaus,*el pondera\$%o que suas considera\$ es teóricas dispensou aos aspectos democráticos(² O pesar disto, os limites de seus

< Cssa pol,tica colaboracionista de classe cuja essencialidade consiste em sua natureza reformista, que conseq0entemente, implicou na suspens%o da autonomia do proletariado e demais camadas populares# e na cis%o entre a esfera econPmica e pol,tica lportanto, alheia ao método da cr,tica I economia pol,tica elaborada por @ar+#, no quadro internacional, articula*a-se ao espectro da pol,tica e+terna implantada pela JX99! / Cssa no*a pol,tica, denominada de J ni%o : acional, além de apoiar o go*erno Vargas contra o nazi-fascismo = caracterizando a *ers%o do A>B do pacto entre a JX99 e os Cstados Jnidos =, *inha juntamente com a campanha pela legalidade, pela anistia geral aos presos pol,ticos e pelo en*io de tropas brasileiras para lutar ao lado do po*o so*iético() elemento fundamental dessa no*a pol,tica era *a idéia de que o proletariado deveria colaborar na construção do capitalismo nacional*(De fato, esse delinear pol,tico representa*a a adequa\$%o das diretrizes da K>, que mesmo depois do fim do \omintern continuaria a ser a pol,tica implementada pelos comunistas de todo o mundo = ob*viamente, adaptada Is respecti*as realidades nacionais =, sendo posteriormente refor\$ada e ampliada pelo \ominform 6 l@azzeo, "888!5"#(

^B /) que podemos caracterizar como fundamental, nesse per,odo, é a procura de uma inter*en\$%o pol,tica realizada dentro da concep\$%o de frente Hnica que ha*ia sido definida no KV >ongresso da K>(Cssa no*a formula\$%o objeti*amente altera*a o leque das alian\$as, que dei+a*a de ser t%o amplo(Ksso fazia com que o partido se *oltasse para composi\$ es pol,ticas que pri*ilegiassem o proletariado, o campesinato e os setores da pequena burguesia, além de, marcadamente, buscar uma a\$%o independente de classe(Aortanto, a no*a dire\$%o pol,tica busca*a centrar sua pol,tica nos seguimentos subalternos da sociedade ci*il, no sentido de constituir uma hegemonia alternati*a(C*idencia-se também a disposi\$%o do partido em estruturar a 7rente Democrática de Liberta\$%o : acional, o que irá caracterizar a disposi\$%o da forma\$%o de um *bloco político marcadamente de classe*, sob comando do proletariado e composto por seus aliados, principalmente as camadas médias6l@azzeo, "888!52"#(

² De acordo com os estudos de 0lmeida l'33<!8<-8B#, dado o conte+to sócio-histórico em que o @anifesto de 0gosto fora concebido, o estigma de des*io de esquerda que se lhe atribui, assim como ao seu caráter marcadamente sectário, de*em ser a*aliados com as de*idas nuan\$as(Ruanto aos aspectos democráticos, tais elementos parecem n%o confirmar o paradigma que lhe é atribu,do(Aois, asse*era o autor que /) item do programa e+plicitamente dedicado, pelo @anifesto de 0gosto, Is liberdades democráticas era e+tenso, adequado I realidade da época e preser*a*a a boa tradi\$%o mar+ista de defender liberdades muitas *ezes consideradas lsecundárias#, o que conferia ao te+to, em aparente parado+o, um caráter antecipatório(Aara

pressupostos teóricos impossibilitaram a apreensão ideal de substanciais determinações categoriais da realidade brasileira e a ausência de capacidade e flexibilidade do A>B para aplicar as diretrizes políticas por via das imprescindíveis mediações, terminou por transformar a tática estabelecida em uma ação principista, sectária e voluntarista

Com as eleições de 1923, houve o retorno de Vargas ao poder = o pleito eleitoral outorgara o que se convencionou denominar de a 2ª/segunda presidência de Vargas. 1923-1926 marcada fortemente pela ingerência do Estado na esfera econômica, a política executada por Vargas procurou direcionar a economia no sentido de fomentar o desenvolvimento industrial de base: siderurgia, petroquímica, energia, transportes etc. e ao contrário de seu antecessor, promoveu uma política de abertura às atividades sindicais e populares: nessas circunstâncias, o A>B, afirmara uma política de aliança e unidade com os trabalhadores por meio de sua Resolução Sindical de 1923, aprovada pelo Comitê Central: esse conteúdo, a Resolução Sindical já implicara repercussões nas diretrizes teóricas, políticas e organizacionais que se impuseram na medida em que o A>B, irremediavelmente, se via diante da necessidade imperiosa de superar a entroncamento inserido na esfera social e política que resultara, entre outros importantes fatores,⁴ da linha política implementada pelo Manifesto () desdobrar dessa política de aliança, no entanto, importou a abertura e relevantes conquistas de espaços no novo *status quo*: a atuação e concretas medidas de construção do partido no interior das empresas; a ampliação, influência e fortalecimento dos comunistas no movimento operário e nas lutas dos trabalhadores rurais e, <

quem acha que certas reivindicações relativas ao modo de vida e à diferença são originárias dos movimentos contestatários do final dos anos 40, é importante observar que o Manifesto de Agosto defendia, juntamente com a efetiva liberdade de manifestação do pensamento, de imprensa, de reunião, de associação, de organização sindical e o direito de voto para os analfabetos, a abolição de todas as desigualdades econômicas e jurídicas que ainda pesam sobre a mulher; liberdade irrestrita para prática de todos os cultos; eliminação de todas as discriminações de raças, cor, religião, nacionalidade, etc. ou, ainda, e proteção especial aos indígenas, defesa de suas terras e estímulo à sua organização livre e autônoma. Os reivindicações de caráter democrático, algumas realizadas nos marcos do capitalismo, outras só factíveis nos termos de uma luta nacional-revolucionária, pontilham o documento.

⁴ Azeiteiro (1988:15); #, ressalta três substanciais fatores: o primeiro a ser ressaltado deve ser creditado à própria política de conciliação que o partido vinha desenvolvendo anteriormente, incluindo incentivo à não-realização de greves, o que afastava os trabalhadores do partido. Também a existência do sindicalismo oficial contribuiu para a redução da implantação do A>B nos sindicatos. Segundo aspecto é, sem dúvida, o sectarismo e a política principista, implementada sem ajuste e elasticidade, principalmente, no movimento sindical. Por último, o maior responsável pela queda da influência do A>B na sociedade, particularmente no movimento sindical urbano, foi a decretação de sua ilegalidade, pela autocracia burguesa, e a própria ação repressiva desencadeada pelo governo.

participa nas campanhas pela nacionalização do petróleo = tema das efervescentes lutas em prol das questões nacionais

A crise político-institucional desencadeada pela grande greve operária de março-abril de 1964 e que se intensificara com o suicídio de Vargas, impôs ao AEB a necessária incumbência de fomentar sua tática política de unidade e aliança não só com os trabalhadores, mas também com as demais forças defensoras dos preceitos constitucionais. Aressionado pelas manifestações populares antigolpistas, transitava de uma aliança do pleito eleitoral como elemento secundário da luta política de classes (Meida, 1983), para uma compreensão do mesmo como e enquanto um mecanismo político imprescindível tanto para salvaguardar a política de unidade e de aliança quanto para a ampliação das garantias democráticas no seio da sociedade civil diante do entendo recente poder político que se impusera mediante as pressões golpistas organizadas pelos setores conservadores e de direita das forças armadas e das frações burguesas articuladas aos interesses do grande capital internacional. A concepção do povo para o pleito de outubro de 1964, consiste na mais imediata e relevante expressão desta nova compreensão:

Entanto, no período imediatamente anterior, no contexto tenso e contraditório de preparação e realização do XV Congresso em novembro de 1964, seja nos debates relativos à concepção da realidade brasileira, seja aos concernentes à linha política definida pelo Manifesto de Agosto, as divergências e disputas se intensificaram = métodos antidemocráticos foram utilizados pela direção partidária,⁸ inclusive com expulsões

Especificamente sobre este Congresso, os estudos de Mazzeo evidenciam um fator de maior relevância no que concerne à retomada da linha política anterior ao Manifesto de

⁵ : a conjuntura sócio-histórica em questão tanto do ponto de vista internacional, quanto do quadro nacional, contudo, aliada /como prelúdio da Grande Guerra, 1914, e tendo como referência a recente chegada ao poder dos revolucionários chineses (Meida, 1983), considerar as eleições, como um instrumento secundário da luta política de classes, significa a reafirmação do eleitoralismo como uma saudável tentativa de aproximação da realidade concreta e não o contrário (Kdem, 1982):
: /Oo aliançar = em reunião plenária do Comitê Central em janeiro de 1964 = a vitória de Sarney e Sango nas eleições de outubro e o contragolpe de novembro de 1964, comandada pelo general Lott, o AEB reafirma a necessidade de mobilização em torno de defesa da legalidade e das liberdades democráticas (egatto, 1982).

⁸ O partir dos anos 60, o grupo de dirigentes formado por Orruda, Somo, Amazonas, Angelo Orroio, Aedo Aomar, Aurício Rabois = este que ao lado de Omar,lio Vasconcelos nos idos dos anos 60, dirigia a comissão nacional de organização do Aroisória = :) A = que tinha ligações com Arestes e que representa o seu pensamento = ganha notável expressão na direção do AEB, tendo papel destacado na elaboração de sua linha política (Manifesto de Agosto e XV Congresso) (Seu poder de influência e direção dentro do AEB chega a ganhar expressão máxima quando da realização do XV Congresso de 1964, no qual exercerá grande domínio e controle (egatto, 1983).

Ogosto e ressaltam, no interior do bipolarismo que se configurara no pós-guerra, as peripécias da política implantada pelo @>K(Cis o que, categoricamente, afirma o autor!

O retomada da linha política do terceiro período inicia-se no KV >ongresso do A>B, 1(((# Oinda amb,guo, em rela\$o ao @anifesto de Agosto, o A>B come\$a a se distanciar de sua linha política esquerdizante(Xessaltemos que no .mbito internacional, apesar da *ig-ncia de intensa disputa entre os CJO e a JX99, o @>K esta*a implementando uma política de colabora\$o com os go*ernos burgueses, principalmente na Europa ocidental, após o término da guerra 1"888!; '#(

>umpre igualmente enfatizar, que o KV >ongresso manti*era-se, sob o impacto, a como\$o social e o agra*amento da crise política em conseq0-ncia do suic,dio de Vargas, impregnado por uma *is%o um tanto anacrPnica da realidade brasileira de ent%o(

) nacional desen*ol*imentismo do go*erno \ubitschek caracterizou-se por sua natureza pró-capitalista e intensifica\$o da presen\$a do Cstado na economia& e n%o era, malgrado lnos par. metros da >CAOL# ter denunciado a deteriora\$o dos termos de troca e no decurso de seu mandato ter rompido com o 7@K, antiimperialista(Aorém, no decorrer do período de seu go*erno 1"824-4"#, a continuidade e o impulsionar do desen*ol*imento das for\$as produtivas no pa,s como resultado da implementa\$o do Alano de @etas& e malgrado a perman-ncia de categorias sociais de caráter antidemocrático"³ espec,ficas de uma legalidade burguesa materializada por intermédio de uma re*olu\$o n%o clássica,

³ 9obre a n%o altera\$o em sua ess-ncia de aspectos antidemocráticos durante o go*erno \ubitschek, @aranh%o 1"8;2!8;-88# a e+pressa do seguinte modo! / 1(((# a estrutura sindical corporati*a e atrelada ao Cstado, a proibi\$o da *ida legal do Aartido >omunista, a e+clus%o da participa\$o efeti*a das camadas populares no processo decisório() que se pode dizer em fa*or de S \ nesse campo é que seu go*erno tolerou as a\$ es dos comunistas, em *árias ocasi es, n%o aplicando dispositi*os repressi*os mais drásticos& permitiu que a esquerda ti*esse órg%os de imprensa próprios& n%o aplicou de maneira sistemática a legisla\$o antigre*el e tolerou a forma\$o de organismos intersindicais proibidos por lei() b*iamente, tais conquistas n%o e+istiriam se o mo*imento popular n%o *iesse desde "82'-'82< em uma crescente acumula\$o de for\$as& e se de*e também le*ar em conta que a democracia que S \ dei+ou como heran\$a para seu sucessor se de*ia também I participa\$o do AFB no go*erno, bem mais sens,*el Is press es do mo*imento popular do que o A9D6(

terminaram por colocar em causa a "imagem" e as análises acerca do Brasil formuladas pelo A>B em seu KV >ongresso(

: este momento do presente trabalho, é de fundamental importância assinalar que as alterações implantadas pelo A>B, cuja gênese remonta à Resolução 9 indicial de 2' = com seus inegáveis desdobramentos positivos o retomar o curso de sua linha política do *terceiro período* a atuação do partido no pleito eleitoral de 22 de sua efetiva e consequente atuação nas lutas pela consolidação do Estado de direito e, dos abalos que sua arraigada concepção acerca da realidade brasileira sofrera com o desenvolvimento das forças produtivas de caráter capitalista que vinha se dando desde a Revolução de 3 e que se intensificara consideravelmente com a implantação do Plano de metas, não foram suficientes para colocar à superfície, primeiro, a necessidade de se alterar substancialmente a estrutura do pensamento incrustado, segundo, a do próprio grupo de dirigentes(

Foi assim, com as denúncias feitas por Rusche sobre os crimes de Getúlio durante o 1º >ongresso do A>B, em fevereiro de 1924, os conflitos internos passaram por novos desdobramentos, esse núcleo dirigente, então, dramaticamente, é submetido a um processo de reconfiguração. Além disso, a dinâmica das mudanças teóricas, políticas e organizacionais em curso fora submetida a uma situação de dramaticidade = isto é, instaurou-se uma profunda crise político-ideológica() ou melhor, com as mudanças teóricas, políticas e organizacionais implantadas a partir da Declaração de Arso de 1922; e ratificadas pelo V >ongresso, em 1943, o processo dialético do par descontinuidade-continuidade em relação às formulações político-ideológicas determinadas pelo Manifesto de Agosto, radicalizara-se! retorna-se, ainda que com os devidos ajustes e correções, à

"/Cm 1922, no documento aprovado no KV >ongresso, de novembro deste ano, o A>B consagra a seguinte imagem do Brasil: uma nação sob o risco iminente de ser colonizada, numa relação completa de dependência com o imperialismo norte-americano, que engendraria um processo de militarização acelerada, arrastando o país à onda guerreira iniciada pelos C J O(Cm tal lógica, os governos da época = Vargas para o projeto de programa do KV >ongresso, divulgado antes do seu suicídio, e de Afé Filho, numa outra esfera, depois do desaparecimento de Getúlio = só poderiam ser governos de traição nacional, governos de latifundiários e grandes capitalistas, na sumária nomenclatura de classe que será repetida ao longo dos debates de 1924-1925. Portanto, '33<' '4-' '5(O demais, / : a pretendida moldura marxista-leninista desta propositura, há uma inversão da dialética da questão nacional em relação à abordagem clássica(Cm lugar da interpretação de um processo de modernização capitalista e de seu impacto sobre o campesinato, como no esquema para a Rússia czarista, a assimilação sem reservas das generalidades de Getúlio sobre os países coloniais vai ressaltar, no programa de 1922, ao contrário, os fortes traços do Brasil como um país atrasado e dependente(1922, '33<' '5-' ' ;#(

linha política do *terceiro período* e em seguida, os opositores Is no*as l*elhas# teses s%o e+pulsos! era a g-nese do quarto e Hltimo per,odo histórico do A>B("'

) no*o nHcleo dirigente, no desenrolar das lutas tra*adas no interior do partido, constituir-se-ia no grupo que deteria o controle dos principais órg%os direti*os do A>B(" Cle consolidaria as mudan\$as reno*adoras listo é, reno*adoras em rela\$%o ao @anifesto de O gosto de "823 e ao Aograma do KV >ongresso de "82B# que receberiam o ep,teto de a /no*a pol,tica6 = esbo\$ada no documento denominado Declara\$%o de @ar\$%o de "82;, a /no*a pol,tica6 seria consubstanciada na Xesolu\$%o do V >ongresso realizado em "843(

) projeto político que segundo a /no*a pol,tica6 desencadearia a re*olu\$%o nacional e democrática como um momento indispensá*el para se implantar em solos brasileiros a sociedade socialista, dentre *ários pontos, se pautou! "# pela defesa do pluralismo& '# compreens%o da re*olu\$%o socialista como culmin.ncia de um processo de conquista da hegemonia política pelo proletariado& <# elabora\$%o de uma política enraizada Is particularidades da realidade brasileira, já que se reconhecia o desen*ol*imento do capitalismo no Brasil mediante o fomento da industrializa\$%o de base, da urbaniza\$%o& B# concep\$%o de que o desen*ol*imento capitalista de*eria ser orientado no sentido nacional e progressista& 2# defini\$%o da re*olu\$%o brasileira por etapas, pois que se mantinha arraigado em postulados que sustenta*am a hierarquiza\$%o = isto é, a persist-ncia de significati*os

" Do ponto de *ista do quadro mundial, a causa objeti*a que gerou a necessidade histórica da constru\$%o do Hltimo per,odo do A>B, insere-se nas profundas transforma\$ es pelas quais passa*a o @>K em sua totalidade& e do nacional, I crise, que, após o KV >ongresso, se intensificara(: a feliz s,ntese de @azzeo l"888!;<#, a crise do partido, />onstitui-se na *particularidade* brasileira de uma crise geral do mo*imento comunista, inaugurada com a desarticula\$%o do \omintern, mas objeti*amente determinada pela fal-ncia da perspecti*a de uma re*olu\$%o socialista na Curopa a curto e médio prazo(Cra a adapta\$%o brasileira Is resolu\$ es feitas no \ominform sobre a no*a política so*iética(@ais do que isso, também era a inaugura\$%o do quarto per,odo do partido, que produziu um nHcleo dirigente coeso = sujeito a defec\$ es, mas sem altera\$%o da continuidade de suas formula\$ es teórico-pol,ticas =, conformando um *grupo dirigente tardio* no A>B(>om isso, queremos dizer que ao longo de '4 anos lapós a destitui\$%o de Aereira e de Brand%o, o primeiro *núcleo dirigente histórico*) o A>B n%o ha*ia conseguido constituir um nHcleo direti*o perene, que realizasse uma a\$%o política de continuidade, acumula\$%o e de centralidade teórica(O partir da >onfer-ncia da @antiqueira, com a entrada de no*os quadros no organismo de dire\$%o do partido e, mais precisamente, no conte+to da luta tra*ada após "82B = principalmente após a crise pro*ocada pelo relatório \rusche* = confirma-se um nHcleo direti*o que irá dar sustenta\$%o I política desen*ol*ida pelo A>B até sua outra gra*e crise em "88'6("<) no*o grupo dirigente resultaria dos desdobramentos das lutas internas em torno do grupo /centro pragmático6(Cste, incorporou elementos de outras correntes que se estruturaram no interior do partido! a /conser*adora6 e a /reno*adora6(Desta, figuraram entre outros, Ogildo Barata& daquela, Arestes, Omazonas etc(Cm "84", atra*és de um documento, a corrente /conser*adora6, critica contundentemente a /no*a política6, seus membros s%o e+pulsos e, em "84', funda o A>doB() /centro pragmático6 incorporou da corrente /conser*adora6 Arestes, @arighella entre outros& da /reno*adora6, Xoberto @orena, Orm-nio ?uedes etc(Ossim, esta *ertente tornara-se majoritária! absor*e teses ent%o propugnadas pelos /reno*adores6, sem contudo romper radicalmente com as concep\$ es e princ,pios da doutrina mar+ista-leninista oficial 19egatto, "882!4<-4B#

pressupostos do projeto re*olucionário e dos esquemas teóricos formulados a partir do V >ongresso da K> = das contradi\$ es! a primeira e imediata seria antiimperialista e antifeudal, nacional e democrática, cujas tarefas lentre as quais! a luta por um conjunto de reformas positi*as! reforma agrária, pol,tica e+terna independente etc# teriam que ser concretizadas pela media\$%o de uma pol,tica de frente ampla, colaboracionista de classe e de corte nacionalista = segundo as Feses do VKK >ongresso da K> de "8<2& e, 4# pela defesa da *iabilidade do processo re*olucionário materializar-se de modo pac,fico = refle+o da pol,tica de /coe+ist-ncia pac,fica6 apregoada pelo @>K e consolidada pelas Feses enunciadas pelo]] >ongresso do A> J 9(

G imprescind,*el n%o obstante a formula\$%o de l*elhas# no*as teses, dei+ar e+posto que na efer*esc-ncia dos conflitos pol,tico-ideológicos que transpassaram e sacudiram a conjuntura nacional no limiar dos anos 43, a /no*a pol,tica6 propiciou a intensifica\$%o da atua\$%o do A>B no cenário sócio-pol,tico e cultural que *inha se dando desde o in,cio dos anos 23(G significati*o real\$ar que com a Xesolu\$%o 9indical de 2', o A>B, por meio de seus militantes, retoma*a sua a\$%o e influ-ncia no mo*imento sindical() dado no*o consiste no fato de que com a /no*a pol,tica6, o A>B transformar-se-ia numa organiza\$%o partidária com poder decisório reconhecido! no .mbito da sociedade pol,tica e na esfera da sociedade ci*il, atuaria com desen*oltura no sentido de consagrar sua pol,tica de frente ampla no interior de um cenário conjuntural marcado por uma radicaliza\$%o de lutas pol,tico-econPmicas e ideológicas que for\$as sociais lantagPnicas e opostas# tra*a*am em torno do poder do Cstado burgu-s e, conseq0entemente, pela organiza\$%o da *ida social em sua totalidade imprimida segundo os interesses particulares de classes lou de fra\$ es de classes# que deteriam e organizariam o poder pol,tico(

) u seja, a /no*a pol,tica6 intensificou sua inser\$%o tanto no mo*imento sindical lurbano e rural# como nas campanhas em prol das reformas de base de caráter nacionalista e antiimperialista& e igualmente lhe proporcionou uma forte influ-ncia no mo*imento estudantil, na intelectualidade e na *ida cultural do pa,s(Os alian\$as eleitorais lpartidárias# e nos mo*imentos sociais lsindicais e estudantis#, se inserem inerentemente no conte+to da pol,tica de frente ampla lde caráter nacional-democrático ou re*olucionário democrático-burgu-s# propugnada pela /no*a pol,tica6(

Em resumo! a positividade da /no*a pol,tica6 consiste, ine+ora*elmente, no fato histórico lcom seus desdobramentos# de ter radicalizado a inserç%o do A>B nas mais di*ersas esferas que comp em os ne+os e cone+ es da comple+a trama do tecido social em sua totalidade = sócio-pol,tico-econPmico e cultural(O /no*a pol,tica6, como e enquanto consolidaç%o das mutaç es teóricas, pol,ticas e organizacionais cuja g-nese remonta aos in,cios dos anos 23, liga-se, ine+trica*elmente, primeiro, Is e+ig-ncias da sociedade brasileira que passa*a por profundas mudanç\$as lpol,tico-econPmicas e sócio-culturais#; segundo, aos conflitos lorg.nicos# internos do A>B& e, finalmente, aos acontecimentos ocorridos no]] >ongresso do A>J9, que por um lado, precipitara as mudanç\$as pol,ticas que se acumula*am no @>K& e por outro, instaura*a a crise do mar+ismo-leninismo oficial(Frata-se de um momento no interior de um todo(C+atamente neste conte+to é que no @>K se inicia a di*ulgaç%o das idéias de Lukács& e que nos quadros do A>B, uma jo*em intelectualidade á*ida por fazer pol,tica *aleu-se das idéias do autor hHngaro para a elaboraç%o de um projeto de pol,tica cultural(Frederico l"882!";B# é enfático e esclarecedor!

G somente após o]] >ongresso do A>J9 lAartido >omunista da Jni%o 9o*iética#, em "824, quando se inicia, ainda que parcialmente, o rompimento com a ortodo+ia stalinista, que Lukács começa a ser conhecido pelo mo*imento comunista e, conseq0entemente, pela esquerda brasileira(O participaç%o de Lukács na rebelião hHngara de "824, entretanto, mante*-o durante mais alguns anos na incPmoda posiç%o de dissidente lreformista(:esse mo*imento contraditório de desestalinizaç%o e condenaç%o do lreformismoM, Lukács, aos poucos, foi sendo conhecido(

Ksto é emblemático, porque se conecta direta e imediatamente I situaç%o do autor no interior do @>K("B) ra, este, como *e,culo escolhido pelo filósofo para di*ulgar suas idéias, sempre lhe fora hostil e ad*erso() @>K n%o poupou esforç\$os para estigmatizá-lo como um /re*isionista6, /reformista6, etc(:o .mbito acad-mico, sempre fora associado I ortodo+ia stalinista(Fal associaç%o, preliminarmente, consiste na mais contundente denHncia de uma deliberada má-*ontade de perscrutar lainda que mediante estudos estritamente imanentes I

"B O situaç%o de Lukács no mo*imento comunista! /em "824, reapro+ima-se das ati*idades pol,ticas, utilizando-se do espaço aberto ao debate pelo >,rculo Aet_fi para rei*indicar uma mais ampla abertura democrática(:omeado ministro da >ultura, Lukács logo se *- impedido de realizar seus projetos concretos em raz%o da in*as%o das tropas so*iéticas na Wungria& é deportado para a Xom-nia, *olta I Wungria l"825#, perde a cátedra que ocupa*a na Jni*ersidade de Budapeste e é e+pulso do A>6 lLessa, Ainassi! '33',"; ;#(

produção teórica sobre a evolução intelectual do autor e de sua relação com o stalinismo¹²: este particular, as palavras de Furtulian¹ são concludentes!

seria muito arriscado afirmar que a derrota do mundo comunista teria surpreendido Lukács () autor da *Ontologia do Ser Social* considera que os regimes da Europa do Leste, congelados no seu triunfalismo e afetados por uma indigência estrutural, estão condenados a acabar e que se deveria proceder, com urgência, à sua reforma em profundidade para salvar a alternativa de um futuro socialista (É precisamente este sentido do combate traçado durante os últimos quinze anos de vida pelo filósofo que o torna fiel ao compromisso de sua juventude (

De outro lado, especificamente à problemática da ortodoxia, é suficiente recordar o entendimento do autor para se constatar a distância que separa sua postura daquela veiculada e defendida pelo *Diamat* que se pretendia como o único legítimo herdeiro do legado dos fundadores do materialismo dialético e histórico (Com sua mais importante obra de juventude, Lukács, enfaticamente, concebe que

) marxismo ortodoxo não significa, pois, uma adesão sem crítica aos resultados da pesquisa de Marx, não significa uma fé numa ou noutra tese, nem a dogmatização de um livro sagrado (O ortodoxo em matéria de marxismo refere-se, pelo contrário, e exclusivamente, ao método (Implica a consciência científica de que, com o marxismo dialético, se encontrou o método de investigação justo, de que este método só pode ser desenvolvido, aperfeiçoado, aprofundado no sentido dos seus fundadores (Lukács, "85B!"² (

Frazer à superfície a herança hegeliana que permeia este texto de juventude, não pertence ao objeto do presente trabalho (: este momento, o imperioso, é o de expor que em sua mais plena maturidade intelectual, o autor de Budapeste, reafirma a concepção de ortodoxia elaborada em juventude e o quanto ela é de fundamental importância para a restauração do pensamento de Marx (: o Aossácio de "8456 do texto em foco, Lukács não titubeia!

¹² : a introdução deste trabalho, se expõe que a marginalização de Lukács à ambição cultural contemporânea se deve à sua imposição ontológica () ra, é evidente que o esforço lukácsiano de demonstrar que a teoria do ser social de Marx se assenta em uma ontologia, em nada se aproxima da ortodoxia stalinista (Ademais, sua imposição ontológica que remonta aos princípios dos anos <3, demarca sua distância em primeiro lugar a qualquer tipo de enquadramento político-partidário e em segundo, à dogmática stalinista (

O mesmo tempo, a presente exposição não significa de modo algum que todas as idéias expressas neste livro sejam sem exceção errôneas: é por certo o caso. Os notas introdutórias ao primeiro artigo dão já uma determinação da ortodoxia no marxismo que, segundo as minhas convicções atuais, não só é objetivamente correta, mas poderia ter ainda hoje, na espera de um renascimento do marxismo, uma importância fundamental (Lukács, "85B!<42-<44#(

: o Brasil, não obstante a recepção e divulgação das idéias lukacsianas reproduzam, em linhas gerais, o mesmo diapasão e posto, particularizam-se, primeiro, por terem-se dado predominantemente em um contexto social determinado por uma contra-revolução burguesa; segundo, como já se viu em momentos anteriores, pelo fato de uma jovem intelectualidade aliar-se das idéias de Lukács para a formulação de um projeto de política cultural. O projeto que as inseria como um momento de um todo de uma renovação política-partidária impingida por uma série de complexas conjunções. As quais o A>B fora, inapelavelmente, estrangido a entrar em sintonia(

Agora finalizar este momento do presente capítulo, deixar-se-á expostas algumas breves considerações acerca da ortodoxia no marxismo(

: não obstante a determinação da ortodoxia no marxismo já nas notas introdutórias ao primeiro artigo, não significa que em *História e Consciência de Classe* o filósofo tenha conduzido até às últimas consequências esta determinação(Os reticências são postas pelo próprio autor neste entendo famoso Aofácio() propósito aqui se resume em apenas apresentar um lcom seus desdobramentos# dos vários momentos dessas reticências elaboradas e expostas pela autocrítica lukacsiana(Frata-se da categoria trabalho, que, como e enquanto categoria ontológica, consiste na categoria central da teoria do ser social de @ar+() autor alemão a insere no contexto da problemática da ontologia do ser humano(: a determinação marxiana, a economia une-se ao processo ontológico da autoconstituição humana! da produção e reprodução da existência do ser social(: este sentido, a categoria trabalho é concebida como um momento imanente da essência histórico-ontológica# do ser humano, como o fundamento ontológico do ser social, como a dimensão ontológico-histórica que em última instância determina o sentido e a orientação da reprodução social em sua totalidade() cupar-se-á detidamente destas questões durante o desdobrar do segundo capítulo(

Dasm

Com sua autocrítica, o autor é enfático! os /deslizes filosóficos6 de *História e Consciência de Classe* são em razão do ponto de vista metodológico# do erro /ponto de partida6 para a análise dos /fenômenos econômicos! não o trabalho, mas estruturas complicadas de economia mercantil evoluída! Isso desde logo6 = continua o autor = /lhe impede de elevar-se filosoficamente às questões decisivas, como sejam as relações entre a teoria e a prática, o sujeito e o objeto

cais

Deste modo, *História e Consciência de Classe* situa-se na contra-mão dos princípios

fundamentais da ontologia do ser social marxiano-lukacsiano(a natureza, por exemplo, tais

o de Dónu... c, piosaf

prô nFrais

na... rmo e+oturema

a... u... lu... ure

omais

tj!sais

ec... ar-

particularidade ontológica de seu ser = trata-se de um ser onto-prático(C+atamente nesta acepção é que se de* e compreender a fecunda determinação ontológica da prá+is que a melhor tradição marx+ista estabeleceu como uma de suas principais categorias fundadoras tem diálogo cr,tico com as demais correntes de pensamento# de sua concepção teórico-metodológica como forma ideal de apropriar-se do mundo(O magn,fica s,ntese de tal determinação foi elaborada por \ osik 1"854! '3"- '3 '# como segue!

: o conceito de prá+is a realidade humano-social se des*enda como o oposto do ser dado, isto é, como formadora e ao mesmo tempo forma espec,fica do ser humano(O prá+is é a esfera do ser humano(: este sentido o conceito de prá+is constitui o ponto culminante da filosofia moderna, a qual, em pol+mica com a tradição platônica-aristotélica, colocou em e*id-ncia o aut-ntico caráter da criação humana como realidade ontológica(O e+ist-ncia não é apenas Lenriquecida! pela obra humana! na obra e na criação do homem = como em um processo ontocriati*o = é que se manifesta a realidade, e de certo modo se realiza o acesso I realidade(: a prá+is do homem ad*ém algo essencial, que contém em si mesmo a própria *erdade! não é mero s,mbolo de qualquer outra coisa, mas possui uma import.ncia ontológica(

O ontologia da natureza, do ponto de *ista estritamente filosófico-materialista, de* e ser compreendida em seu ser-precisamente-assim com suas leis, cone+ es e intera\$ es que lhe s%o ontologicamente imanentes, isto é, como *causa sui* suficiente a si mesma! e em unidade com a ontologia do ser social, que, sobre a natureza edifica lmediante a prá+is material produ*ti*a# o seu mundo, ldialeticamente# superando-a(

Em sua obra de ju*entude, Lukács não prescinde da preocupaçãode explicar os fenômenos sociais a partir de sua base lmaterial# econômica(O questãoes essencial, porém, com todas as dramáticas implica\$ es decorrentes, consiste que do ponto de *ista metodológico, a categoria central lo trabalho# da economia marx+ista é simplesmente posta I margem, acarretando-lhe, ine+ora*elmente, o seu empobrecimento = quer dizer, a supressãoda própria dialeticidade processual constitui*a da peculiar realidade humano-social(Ruando, analiticamente, marginaliza-se o trabalho como produtor de *alores de uso, como trabalho na condiçãode fundamento ontológico da sociabilidade humana = isto é, como e enquanto o Hnico mediador do interc.mbio org.nico entre o ser humano e a natureza =, resulta que

Um dos mais importantes pilares reais da concepção marxista do mundo desapareceu, e que a tentativa para extrair com a mais extrema radicalidade as consequências revolucionárias do marxismo perca forçosamente qualquer verdadeiramente justificável econômica. Rota a objetividade ontológica da natureza, base ontológica desta troca orgânica, por força desapareça, é coisa evidente, mas desaparece ao mesmo tempo esta interação que preside à troca orgânica entre o trabalho considerado de uma maneira autenticamente materialista e o desenvolvimento do homem no trabalho (Lukács, "85B!<25-<2;#(

1.2. A Tradição Cultural Pecebista

O polarização político-ideológica que sacudira o país nos finais dos anos 23 e nos limiares dos 43, não se deu às margens das manifestações culturais. O efervescência dos movimentos sociais no bojo de um capitalismo dependente e periférico que se reestrutura, quer dizer, que se transita subordinadamente aos centros hegemônicos do grande capital. A fase monopolista com todas as consequências e repercussões adiantadas deste processo, repercutiu na produção cultural = isto é, a produção artística se desenvolve diante da imprescindível necessidade de se engajar politicamente. Isto é emblemático, já que a particularidade do reflexo estético realiza-se no interior de um determinado momento de um contexto sócio-histórico, cujas mediações como domínio de sua realização inserem-se numa rede de complexas interações e relações dentro de um todo. O adiantamento de um segundo a qual os homens fazem a história a partir de dadas situações é igualmente válida para a produção estético-artística. Trata-se da dialética entre determinismo e liberdade = a intervenção humana não se dá autonomamente. A apreensão intelectual dos nexos e legalidades da ontologia social que se determina em consequência das determinações

⁴ / Os harmonias sofisticadas da bossa nova ou as ingenuas canções de protesto, o teatro realista do Brasil ou o teatro político levado às ruas pelo cinema: o cinema, trazendo para o primeiro plano a questão agrária etc., são manifestações diferenciadas de um único processo de tomada de consciência, de conscientização como se dizia na época (17 de março, "88;!" 55#(

Também segundo o modo de vida, em finais dos anos 23 e início dos 43, a Bossa Nova, os centros populares de cultura, o cinema: o cinema, os Featros de Brasil, a música de protesto, a poesia de Thiago de Melo, de Ferreira Gullar, de Vinícius de Moraes e de Sônia Abrão de Melo: eto, a *Revista Civilização Brasileira*, o jornal *Última Hora*, os semanários *Opinião*, *Movimento*, *Binário* e *Pasquin*, entre outros, a *J: C* e a agitação político-cultural estudantil, a releitura de Faciliano Xamos e a produção de Antonio Galvão, a obra de Mário Aedrosa, mesmo alguns aspectos do movimento tropicalista (isto são marcos dessa revolução cultural, que arranca ainda em finais do governo de Juscelino Kubitschek, a começar com vigor pelos primeiros anos da década e acaba sendo aos poucos sufocada pelo golpe civil-militar de 1964)

reflexões entre a subjetividade e objetividade (: há neutralidade no reflexo artístico, ainda que a arte, como um complexo, determina-se mediante uma relação# autonomia)

O contra-revolução burguesa desfechada em 1949, com sua forma Estado autocrática de caráter militar-bonapartista, pôs termo à participação política institucional (O resistência cultural então se concentrou em um pólo de aglutinação política dos opositores (forma Estado então instalada (Após o fim de 1949, entretanto, a repressão aos intelectuais e aos artistas progressistas e opositores ao regime (entre outras medidas repressivas# fora intensificada por iniciativas de uma política cultural que o Estado passou a fomentar por meio de seu Ministério de Educação e Cultura = (: o pré-49, em meio à efervescência cultural-artística em consonância com a vertiginosa ascensão dos movimentos sociais configurados, o AEB procura concretizar sua política de frente ampla propugnada desde a declaração de 1948; em aliança (entre outras forças sociais# com uma suposta burguesia nacional)

Aos bem, neste preciso momento do presente trabalho, a preocupação fundamental consiste em apresentar alguns princípios teórico-analíticos estruturantes da tradição cultural pecebista que se contrapõem, radicalmente, ao arcabouço teórico-estético e literário lukacsiano (@ais precisamente! trata-se de e+por momentos estéticos que, em razão de seu fundamento teórico-filosófico, são, ine+oravelmente, contrapostos e e+cludentes (Em segundo lugar, apresentar, ainda que secundariamente, aspectos da crítica que a juventude comunista, mediada pelas idéias teórico-filosóficas e estéticas lukacsianas, concretizar-se-ia (tradição cultural partidária (pecebista# no bojo de um contexto de efervescência e de e+igência de engajamento cultural-artístico, que, posteriormente, transformar-se-ia em resistência político-cultural& e momentos de sua crítica a outras tendências estético-literárias)

Arreliminarmente, vale observar que mediante as idéias teórico-filosóficas e estéticas formuladas por Lukács, a juventude comunista, igualmente, interpretou e a*aliou

importantes aspectos da literatura brasileira e européia⁵ e elaborou um projeto de política cultural

Como ver-se-á no decorrer da exposição deste presente momento, tal preocupação articula-se, mediatamente, em primeiro lugar, a uma feliz observação de Frederico de Almeida, segundo a qual

“(…) a política cultural de orientação lukacsiana inseria-se num quadro estratégico. Inicialmente, voltava-se contra o passado imediato dos comunistas, e pressa na petrificação da teoria dos manuais soviéticos, que continuariam, durante longo tempo, servindo de base para a educação dos quadros partidários. No plano artístico, permitia a crítica da experiência *proletkult* dos anos da Revolução Nacional dos Estudantes e do zhadnismo incrustado na tradição do partido. Finalmente, a política cultural de orientação lukacsiana seria o instrumento intelectual para se disputar a hegemonia junto à intelectualidade e aos produtores artísticos

Em segundo lugar, a crítica observação de Lima (1943) apud Xubim, (1982: 5) acerca das teses divulgadas pela direção partidária para a realização do V Congresso de 1943. Trata-se de uma tese sobre o desenvolvimento cultural:

“O desenvolvimento das artes que se seguir, inevitavelmente, se fará, ainda que brevemente, algumas considerações relativas à questão da incrustação zhadnista na trajetória da prática partidária pecebista e dimensão cultural-artística

Imediatamente, faz-se necessário enfatizar que em seu esforço de reconquistar sua influência na área cultural, o ABB, além de buscar novas formas de trabalho junto aos intelectuais, patrocinara, em 1982, com o objetivo de superar o dogmatismo, para os debates com outras correntes de pensamento e para incentivar estudos sobre a realidade brasileira, a publicação da revista *Estudos Sociais* (simultaneamente, edita a revista do ABB, *Problemas da Paz e do Socialismo*) (G sintomático acrescentar sua também presença e influência na revista *Brasiliense*, dirigida por João Arado Sênior (esta aparece em 1982,

⁵ Ver Carlos Nelson Coutinho, *Literatura e Humanismo: Ensaios de Crítica Marxista*. Rio de Janeiro, XSC Editora Aaz e Ferra, 1945 e Carlos Nelson Coutinho, Luiz Régio (Wenriques, Leandro Wander, ?ilvan Azeiteiro e José Aulo) et al., *Realismo e Anti-Realismo na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, XSC, 1985 (G imperioso de fazer fiado uma importante observação! O tentativa de desenvolver uma política inspirada em Lukács fracassou (O repressão dos anos 50-52 e o exílio foram fatores que isolaram o ABB (O partir de 1985, quando da decretação da anistia, a direção partidária voltou ao país dividida por conflitos inconciliáveis (O além disso, encontrou o movimento operário ocupado pelos diversos agrupamentos de esquerda e pelos setores ligados à Igreja que confluíram para a criação do Partido dos Trabalhadores (Frederico, 1982: 8) “: / : o texto, portanto, = assinala Xubim (idem) = escreve o militante, jornalista e escritor Aedro Aota Lima! Logo estudar a realidade brasileira as teses não assinalam um dos mais evidentes fatores, e não mero reflexo, do surto de progresso verificado em nosso país: o desenvolvimento da cultura nacional”

com o intuito explícito de pesquisar a realidade nacional, porém, desinculcando-se dos laços do marxismo em virtude do intuito de se buscar uma independência, pode ser detectada nas publicações do jornal *Para Todos*, a partir de 1924. Igualmente, o AEB, através de seus intelectuais, também buscou influenciar e marcar presença em entidades de natureza predominantemente política cuja preocupação central se pauta pela questão nacional e as lutas pela democratização do país, tais como a União dos Trabalhadores Intelectuais = JF = comando dos trabalhadores intelectuais = JF = o Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes = UAN = da União Nacional do Instituto Superior de Estudo do Brasil = UNIB = e, a Associação Brasileira dos Escritores = ABE = (esta última fundada em 1938) por escritores liberais com o apoio do AEB funciona como uma ampla frente político-cultural.

O tema cultura de partido integra-se entre outros fatores à questão da herança cultural. Por sua vez, a herança cultural, imbrica-se, particularmente, com três relevantes questões: a) com o grau de autonomia da cultura; b) com a educação; e, c) com a problemática da construção de uma nova cultura. A história do marxismo, o tema /herança cultural, transpassa os debates sobre a temática da política cultural (Lenin, Trotsky, Lukács, Gramsci, Engels, Rosa Luxemburg etc.) incluem-se entre os defensores da assimilação da herança cultural.

No Brasil, no que tange a um dos momentos da peculiaridade da esfera cultural-artística, a literatura, de acordo com as pesquisas de Xubim,⁸ consiste no momento privilegiado para se apreender teoricamente as posturas do AEB frente à problemática da herança cultural. Tanto a arte, quanto às demais dimensões culturais, o partido posicionou-se favoravelmente à assimilação. Fodavia, as categorias que determinam o ser-precisamente-assim da produção artístico-estética não foram postas como predominantes parâmetros na relação do partido com a herança. Ao contrário, estes, foram estabelecidos por componentes exteriores às particulares determinações imanentes ao ser-precisamente-assim artístico-cultural como um produto do ser social. Referindo-se à aceitação de Castro Alves pelo partido, entre outras considerações, assinala Xubim (1988: 41):

⁸ Trata-se do texto /marxismo, cultura e intelectuais no Brasil (Cf. *História do Marxismo no Brasil* (São Paulo: Quarta edição, Campinas, 1990. Autor: Xubim. Editora da UNICAMP, 1988). Volume III. Feições interpretativas e da obra *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural* (Fase de Doutorado pela Universidade de São Paulo = Dezembro de 1984) cópia mimeografada.

1(((#(O aceita\$%o da Lheran\$M do poeta e sua Lutiliza\$%oM é t%o intensa e *ersátil que, em um te+to, >ló*is @elo imagina >astro Ol*es protestando contra os trustes americanos e os entreguistas, participando da campanha do petróleo, e+igindo terra para os camponeses, escolas, melhores salários para os operários etc(Sorge Omado, 1(((#, incisi*o e direto diz em "8B4, que se o poeta fosse *i*o estaria no A>(Aara completar! o artigo L>astro Ol*es, poeta do po*oM, aparecido em mar\$o de "8B; no jornal *A Luta*, de Xecife, termina com as seguintes pala*ras! LAoeta do po*o, intérprete de suas grandes e sentidas rei*indica\$ es de liberdade e democracia, >astro Ol*es é digno da *enera\$%o que lhes *otam todos aqueles que cantou em seus *ersos = as grandes massas e+propriadas e sofredoras, que hoje encontram como guia a Lu,s >arlos Arestes, o herdeiro e continuador de sua luta(

Aosto isto, o autor, sintetiza!

7ácil perceber que a recep\$%o da obra de >astro Ol*es se realiza atra*és de leituras de forte *iés pol,tico-conteud,stico, referida por *ezes mais ao homem que I sua obra, mais I pol,tica, que I sua arte(Cm *erdade, n%o só se trabalha com leituras intencionalmente demarcadas, como se projeta em rela\$%o I obra e seu autor associa\$ es e *alora\$ es pol,tico-ideológica conjunturais, LinstrumentalizandoMa cultura e subordinando-a a uma lógica marcadamente pol,tico-ideológica(1Kdem!<4' #(

: estes termos, trata-se de uma concep\$%o reducionista³ do fenPmeno art,stico(: a antiguidade, os gregos, já concebiam o mundo como sendo um >osmos, cuja ordem e racionalidade, em raz%o da peculiaridade dos seus mHltiplos entes constituintes, como pass,*el de apreens%o intelectual(Weráclito de Gfeso, por e+emplo, sugeria que as determina\$ es uni*ersais do *Logos* pertencem I legalidade do próprio *Logos*(9endo, portanto, a miss%o de cada sujeito ldo logos subjeti*o# compreender e *i*er segundo as leis imanes do *Logos*() *alor de uma obra de arte, como e enquanto produ\$%o humana, n%o se reduz I g-nese social que possibilitou o engendrar de sua cria\$%o& antes, igualmente, ele é determinado pelas caracter,sticas intr,nsecas I obra que, como resultado de suas rec,procas rela\$ es e intera\$ es imanes = como, por e+emplo, entre conteHdo e forma''

³ Cm realidade, esta redu\$%o, já fora, anteriormente, de*idamente demarcada cr,tico-analiticamente pelo mesmo autor(Opós assinalar as positi*as a*alia\$ es tanto de >lo*is @elo quanto de Sorge Omado sobre o poeta, conclui que 1"8;4! ' ;4#! /Cste trecho e os outros te+tos indicados demonstram que a assimila\$%o da heran\$a se faz atra*és de um forte *iés pol,tico-conteud,stico, le*ando a que a heran\$a, por *ezes, seja mais pol,tica que propriamente cultural(Da, que, a utiliza\$%o e difus%o, sejam mais do homem que propriamente de sua obra literária6(

"" O dialética entre conteHdo e forma na produ\$%o art,stica, é estabelecida por \ onder 1"842!"< ;# como segue! /Cm toda obra de arte como tal há forma e conteHdo(Os categorias de *forma e conteúdo*, entretanto, precisam ser utilizadas com cautela, de *ez que os problemas essenciais da forma implicam necessariamente, em certo momento, nos problemas essenciais do conteHdo, e *ice-*ersa(9em que se preconize o abandono sumário das

=, requerem de um lado, uma riqueza objeti*a e, por outro, uma igualmente riqueza subjeti*a estético-art,stica(Cm outras pala*ras, a compreens%o e *alora\$%o da produ\$%o art,stica, t-m que necessariamente, parametrar-se na ontologia do ser-precisamente-assim de suas manifesta\$ es = ou seja, nos elementos fulcrais de sua própria e+ist-ncia, pela media\$%o de suas próprias leis, segundo as leis peculiares da arte(

Ksto significa que o ponto de partida metodológico para a*aliar e interpretar uma determinada produ\$%o estético-art,stica reside na objeti*idade da própria obra, e n%o no sujeito(

Obordando um dos imanentes componentes estético-art,sticos, a originalidade, diz Lukács 1"853!"83#, referindo-se à estética de Hegel(: a estética hegeliana,

l(((#, a originalidade aparece no*amente em estreita rela\$%o com o conteHdo representado, na medida em que a originalidade é concebida como meio de produzir um conteHdo objeti*amente importante e, conseqÜentemente, o ponto de partida metodológico da interpreta\$%o é buscado n%o no sujeito, mas na própria obra(

) u seja, no produto, na objeti*idade singular irrepel,*el e insubstitu,*el que consiste a n%o ser em um resultado da objeti*a\$%o posta pela subjeti*idade mediante sua prá+is estético-sens,*el(

: a esteira desta formula\$%o teórico-metodológica, >arlos : elson >outinho, um dos jo*ens comunistas que se *aleram das idéias filosófico-estéticas de Lukács para a elabora\$%o de um projeto de pol,tica cultural, em sua defesa de Lima Barreto,1*ale dizer, do realismo como método#, como o iniciador de uma /no*a etapa = moderna e popular = do realismo6 1"85B!2B# na literatura nacional, tem e+atamente, como ponto de partida

duas categorias = que empregadas de maneira fle+,*el, dialética, podem prestar ainda bons ser*i\$os = cumpre e*itar o transformá-las r,gidas, cumpre e*itar o prender-se esquematicamente a elas6(Aor sua *ez, >outinho em 1"845!" ""#, a apresenta de uma forma mais plástica e contundente! / l(((# uma obra de arte só se torna Lmundo próprio, aut-ntico refle+o estético do real, após o processo de conforma\$%o, após a descoberta de uma forma art,stica adequada ao conteHdo(Do ponto ce *ista imediato, o processo de conforma\$%o implica na cria\$%o do Lmeio homog-neo,de cada arte e cada obra singular! neste meio homog-neo lling0,stico, *isual, auditi*o# o artista concentra todas as determina\$ es do conteHdo em uma realidade limitada, mas que, precisamente gra\$as a esta concentra\$%o, aparece imediata e sensi*elmente como uma totalidade intensi*a e inesgotá*el, como Lmundo próprio() meio homog-neo, assim, é a e+press%o formal imediata da particularidade, da s,ntese espiritual-sens,*el le*ocati*a# da uni*ersalidade e da singularidade, da ess-ncia e do fenPmeno(@as além da homogeneiza\$%o do conteHdo, a forma desempenha ainda uma fun\$%o uni*ersalizante, uma generaliza\$%o dos conteHdos! *ista deste .ngulo, a forma é o g-nero art,stico ou literário, ou seja, um refle+o das determina\$ es uni*ersais da e*olu\$%o humana a partir de determinados pontos de *ista igualmente uni*ersais6(

metodológico, a /objeti*a\$%o posta pela subjeti*idade mediante sua prá+is estético-sens,*el6(

>omparando *Numa e a Ninfa* e *Clara dos Anjos*, o autor assinala que enquanto na primeira obra Lima tinha por objeti*o a desmistifica\$%o dos figur es da Arimeira XepHblica, em *Clara dos Anjos*, ele, resumiria suas ambi\$ es ju*enis em um romance histórico sobre o problema racial do po*o brasileiro(>ontudo, n%o obstante Lima a ter projetado como uma de suas obras mais importantes,

l(((# colocando o melhor do seu ódio plebeu contra a injusti\$a, o calor do seu generoso *pathos* de solidariedade aos humilhados e ofendidos(l(((#, apesar do profundo interesse humano da no*ela, centrada sobre a sedu\$%o de uma jo*em de cor por um personagem branco e rico, é imposs,*el considerá-la como uma realiza\$%o estética plenamente sucedida. Lima perde-se freq0entemente na simples acusa\$%o, o que lhe impede a cria\$%o de figuras humanas aut-nticas(O figura de >assi, por e+emplo, sobre a qual se centra a no*ela, n%o consegue atingir o poder de con*ic\$%o literária e humana, tornado-se uma mera caricatura, incapaz de ganhar autonomia diante do demolidor ódio que o romancista e+perimenta contra ele(l>outinho, "85B!<"#(

Ruer dizer, Lima, n%o fora capaz de construir, em *Clara dos Anjos*, personagens t,picos em situa\$ es t,picas(

Cm s,ntese! >outinho, na esteira das idéias filosófico-estéticas lukacsianas, estabelece sua argumenta\$%o parametrando-a na objeti*idade da obra, em seu ser-precisamente-assim e+istente, n%o o submetendo a um *iés de corte pol,tico-ideológico(Oo contrário, portanto, da tradi\$%o cultural pecebista que tinha como ponto de partida metodológico o sujeito, quer dizer, colocando um peso maior no próprio homem do que em sua obra(

Weller l"8;4!" "# tecendo considera\$ es sobre o e*olucionar do pensamento estético de Lukács, fi+a que

Desde os tempos de sua ju*entude, em Weidelberg, Lukács já in*ertia a quest%o colocada por \ ant(Cm lugar de fazer do ju,zo estético o objeto de sua problemática, ele punha a obra no centro de suas pesquisas! L0s obras de arte e+istem() que é que lhes permite e+istirUM(7oi este o programa que deu o tom I sua primeira tentati*a de criar uma s,ntese estética(C, já ent%o, n%o era o Belo e nem a rela\$%o deste com o Ogradá*el que constitu,am para Lukács o problema central da estética, e sim a arte enquanto produto humano(

>om efeito, o ser social, em sua totalidade, compõe-se de um todo que é formado por partes que mutuamente determinam-se entre si e com o todo, que traçam entre si uma série de cadeias complexas de determinações e reflexões, mas que por sua vez cada parte consiste também em um todo, que, igualmente, é constituído por específicas categorias que traçam entre si relações e interações. Os determinações e reflexões são a não ser as verdadeiras bases imprescindíveis para toda existência = uma vez que todo ser possui um duplo carácter! /ser em interação e em conexão complexa e ser ao mesmo tempo no âmbito de sua peculiaridade. Lukács, "858b!4;#(Jteriormente, no segundo capítulo, ressaltar-se-á que segundo a ontologia marxiano-lukacsiana, em toda organicidade há sempre um momento determinante e que do ponto de vista ontológico-histórico, a prioridade ontológica significa que a existência de um ser depende ontologicamente da existência de outro, mas não vice-versa.

Xastreando os estudos realizados por Xubim, torna-se possível enumerar os seguintes aspectos valorizados pelo A>B como momentos constitutivos de sua cultura mediante a qual assimilava, valorava e determinava a produção artística como digna de ser posta e considerada como herança cultural da humanidade! "a postura progressista do autor diante dos problemas de seu tempo e a ligação com o povo e seus problemas e o realismo e o carácter nacional e, 2ª a aproximação e/ou filiação do escritor ao marxismo. Assim, de imediato, pode-se notar que o realismo, como método, os demais aspectos e anteriores imanência das qualidades propriamente estéticas.

Do ponto de vista histórico, a chamada geração de <3 da literatura nacional reuniria uma série de características exigidas pelo partido, quer seja para a sua assimilação, quer seja para elevar-la ao áureo patamar de obras que em razão de sua intrínseca qualidade se

'' Aara que se pode perceber, mal-entendidos, algumas palavras acerca da não-neutralidade artística fazem-se mister. Em sua *Introdução a uma Estética Marxista*, Lukács (1953) 88#, suscita a seguinte questão! /Rue significa este partidarismo? e, imediatamente, inicia sua resposta como segue! /O antes de tudo, deve-se esclarecer que levamos aqui em conta exclusivamente a tomada de posição em face do mundo representado tal como toma forma na obra através de meios artísticos () modo pelo qual o próprio artista imagina esta sua atitude em face da realidade é uma questão biográfica, não estética. ((# 9e afirmamos aqui que tal tomada de posição é espontânea e inevitável, devemos nos reportar ainda uma vez à diferença entre reflexo científico e reflexo artístico da realidade. Depois de tecer as alegações que se impuseram como necessárias, contundentemente, sintetiza assim: "82-"84#! /9e quisermos agora compreender conceitualmente o carácter do partidarismo no reflexo estético da realidade, devemos observar que se trata, por um lado, da reprodução o mais possível fiel da própria realidade objetiva, mas que, por outro lado, a finalidade a que aqui se visa não é compreender conceitualmente as leis universais e sim representar mediante imagens sensíveis um particular que compreende em si e supera em si tanto sua universalidade quanto sua singularidade, cujas características formais não pretendem uma aplicação universal no sentido da ciência, mas tendem a fixar universalmente uma existência que assumiu a forma deste determinado conteúdo.

integrariam, obrigatoriamente, a posteridade! a saber, o realismo, a linguagem coloquial, o conteúdo impregnado de caracteres sociais, populares e nacionais e em geral permeado por uma posição político-ideológica progressista. Xubim, 1984: 83-84. Atualmente que ao lado destas há o fato de alguns escritores terem se filiado ao partido. Surge O modo, ?raciliano Xamos,^{1<} etc. Aor outro lado, a relação com o modernismo se deu de modo radicalmente oposto.^{1B}

Configuram-se, portanto, os elementos que explicitamente fixaram os parâmetros que forjaram a tradição cultural pecebista, ou melhor, sua cultura de partido que, necessariamente, refletiriam em sua prática político-cultural (as palavras de Xubim 1984: 4; 8).

(((# Fal cultura funciona simultaneamente como uma tradição cultural rei*indicada, assumida e a ser incorporada por seus militantes filiados e como conjunto de critérios político-culturais e estéticos de *alora e seleção dos materiais culturais e artísticos presentes no social e, através deles, julgados pertinentes pelo A para serem estimulados e desenvolvidos na sociedade. Em suma, uma cultura de partido que governa a interação político-cultural do partido, seus dirigentes e membros.

Onda segundo a determinação do autor (ibidem):

) modelo, intrinsecamente desequilibrado pelo predomínio do político sobre o propriamente cultural, enfatiza, em geral mais o autor que a obra e se detém no conteúdo, quase esquecendo a forma. Esta só importa quando em subordinação ao conteúdo e às necessidades de sua facilidade e expressão. O qualidade imanente do material cultural e artístico e o tenso e delicado amoldamento formal conteúdo a criatividade etc. deixam de ser elementos primeiros (este lugar, instauram-se exigências político-ideológicas, ainda que não formuladas em moldes e limites estreitos ou sempre sectários).

^{1<} Posteriormente, se será que a juventude comunista receptiva e divulgadora das ideias de Lukács no Brasil trouxe a luz o caráter realista da produção de um de nossos maiores realistas! ?raciliano Xamos () ra, isto expressa que a adesão e/ou aceitação do escritor ao A>B, não se deram em razão de uma eventual comunhão com os parâmetros estabelecidos pelo chamado /realismo socialista.

^{1B} Para os comunistas, a influência dos modernistas sobre a geração de <3 limita-se ao /terreno da forma, da linguagem e nada mais () modernismo aparece assim, quando aparece, como um movimento momento de renovação formal na história literária brasileira. Com esta caracterização, o modernismo não pode preencher os requisitos para compor a herança rei*indicada e difundida. metros 50 u<da

Aois bem, este modelo cultural que predominantemente permeou a trajetória do partido, explicita a natureza das conjunturas relações deste com as dimensões culturais e artísticas por meio de uma determinada proposta cultural que se manifestaram no interior de diferentes momentos históricos do particular processo de objetivação e formação da sociedade burguesa brasileira

Conseqüentemente, esta cultura de partido, entraria em confronto com as manifestações artísticas-culturais burguesas contemporâneas. O que, sobretudo, há que se pensar na relação A>B e a vanguarda artística,¹² na medida em que a temática de uma cultura nacional e popular marca fortemente o paradigma cultural configurado pelos comunistas

: os anos <3, o tema da cultura nacional e popular consistia em um momento de um todo de uma política antiimperialista. Os relações entre o A>B e a aliança nacional Libertadora = O : L = neste sentido, são redefinidas: logo imediatamente pós-guerra, há um efêmero interregno com a implantação da guerra fria no plano internacional e com a cassação dos direitos políticos partidários no âmbito interno, o componente antiimperialista retorna com suas devidas nuances: esta nova situação conjuntural nacional e internacional, o A>B, ataca a fundamentalmente o cosmopolitismo da cultura burguesa, denuncia o imperialismo cultural e, simultaneamente, forja verdadeiras trincheiras para a defesa da cultura nacional. É importante lembrar que neste contexto o A>B mediante o Manifesto de Saneiro de 1938, delinea uma política de descontinuidade com a linha colaboracionista e conciliadora de união nacional, cujas diretrizes políticas se articulam com as resoluções elaboradas pelo V Congresso da K&L e que foram consolidadas com o Manifesto de Agosto de 1923. Do ponto de vista estritamente artístico-cultural, vale ressaltar que se trata do período de maior submissão à hegemonia stalinista-zhdanovista

¹² Os conjunturas relações do A>B com as manifestações artísticas-culturais nos vários momentos sócio-históricos, são redefinidas / O coincidência e o estímulos ao comportamento ocorre, por exemplo, nos anos <3 e B3, quando as manifestações mais modernas da arte brasileira, como a literatura social realista da geração de <3 e a pintura social e figurativa destes anos, estão de acordo com as tradicionais características exigidas pelos marxistas aos produtores artísticos (Lubim, 1984: 32). De outra parte, quando a partir do final dos anos B3 e início dos 23, com o A>B totalmente subordinado à hegemonia stalinista-zhdanovista com seu realismo-socialista, estabelece-se um diálogo entre o partido e a arte brasileira contemporânea. Os razões da mudança relacional não só decorreram da determinação da estética oficial então em vigor, mas igualmente / das próprias alterações de rumo da arte moderna no Brasil! no pós-B2, com o romance social em declínio, desponta uma geração significativa de poetas, cuja obra não apresenta uma preocupação social explícita. Os anos 23 são palco da experimentação e do trabalho formal dos poetas concretistas e na pintura, o abstracionismo se torna a arte de vanguarda e cada vez mais são combatidas com vigor pelo partido, por parte dos intelectuais a ele filiados e por sua imprensa, onde se destacam nesta tarefa a revista paulista *Fundamentos*, a carioca *Para Todos* e a publicação gaúcha *Horizonte* (Lubim, 1984: 35).

com seu realismo-socialista e que conseqüentemente, a /cultura de Aartido6, implacavelmente, submete a produç3o est3tica ao seu cri3o(

Ossim que concernente a esfera precisa da pol,tica-cultural, como uma parte do todo da pol,tica partid3ria, no conte+to s3cio-hist3rico em quest3o, a unidade descontinuidade-continuidade, se re*ela como uma comple+a relaç3o, cujo mo*imento\momento, repercute o momento de continuidade, quer dizer, o aspecto nacional como parte da acepç3o cultural elaborada pelo partido = sempre aos sabores conjunturais(O pol,tica cultural, ine+ora*elmente, manifesta-se como um momento do todo(

Anteriormente, j3 se e+pPs que em raz3o dos acontecimentos ocorridos no]] >ongresso do A>J9, n3o s3o s3o as mudanç3as pol,ticas que se acumula*am no @>K se precipitaram, como tamb3m se instaurara um processo de desestalinizaç3o(O l3m disso, que fora e+atadamente neste conte+to que o A>B retoma*a sua pol,tica de frente ampla e que no @>K se da*a in,cio a di*ulgaç3o das id3ias de Luk3cs e, finalmente, que nos quadros do A>B, uma jo*em intelectualidade 3*ida por fazer pol,tica filiar-se as id3ias do fil3sofo(: o bojo desta conte+tualizaç3o, o A>B, mediado por sua /no*a pol,tica6, da*a continuidade a sua pol,tica de alianç3as(: o que tange as peculiaridades do campo art,stico-cultural, o processo de desestalinizaç3o em curso, implicara no abandono da est3tica de e+traç3o stalinista-zhadno*ista e em uma /apro+imaç3o com outras *ertentes progressistas da cultura brasileira e uma redefiniç3o limitada da proposta cultural do A> at3 chegar a *is3o nacional-popular dos anos 436 IXubim,"8;4!<'5#(

) emblem3tico desta trajet3ria pecebista no campo especificamente cultural-art,stico#, como se pode depreender, 3 o fato n3o-imanente da dominante presença da tem3tica cultural nacional-popular, dado que esta, n3o fora determinada por aspectos predominantemente est3ticos, mas por componentes ideol3gicos e pol,ticos em raz3o de uma /cultura de Aartido6 que se configurou e orientou lainda que implicitamente# as propostas culturais em conson3ncia com uma s3rie de comple+as conjunç3es s3cio-hist3ricas = h3 uma /preocupaç3o que, se *aria em termos de intensidade a depender das conjunturas hist3ricas, tem um certo grau de continuidade(Ossim, no per,odo stalinista, buscou as ra,zes populares, e nos anos 43, a cultura do po*o 3 tratada como uma das fontes da pretendida cultura nacional-popular6 IXubim,"8;4!<'8#(

O /no*a pol,tica6 como consolida\$%o das altera\$ es teóricas, pol,ticas e organizacionais, cuja g-nese remonta aos limiares dos anos 23, entre outras comple+as circunst.ncias, articula*a-se Is e+ig-ncias da sociedade brasileira que ent%o passa*a por profundas mudan\$as sociais, pol,tico-econPmicas e culturais(Cm momentos anteriores, se e+pPs que o A>B em seu esfor\$o de reconquistar sua influ-ncia na área cultural e junto aos intelectuais buscou montar um aparato pol,tico-ideológico e, por e+tens%o, cultural& e marcar presen\$a em entidades ligadas ao mundo art,stico, como por e+emplo, o >A>() b*iamente que com tais iniciati*as, certamente, se concretiza algumas de suas condi\$ es materiais mediati*as como d,namo para sua re-inser\$%o na esfera cultural(

Oqui, contudo, é imperioso fi+ar que, em primeiro lugar, a /no*a pol,tica6 e acontecimentos internacionais, como por e+emplo, o -+ito da Xe*olu\$%o >ubana, se constitu,am em situa\$ es que reclama*am por uma reapro+ima\$%o junto aos intelectuais e, em especial, I ju*entude(O luta desencadeada pelo >A> da J ne por uma cultura nacional-popular é, de imediato, apoiada pelos comunistas('4

Cm segundo lugar, e aqui reaparece a n%o-iman-ncia que transpassa a atua\$%o da trajetória do A>B na esfera cultural, consiste e+atamente no fato de que sua /cultura de Aartido6 guarda*a correspond-ncias com entidades que também busca*am inserir-se e inter*ir pol,tico-socialmente por meio da a\$%o cultural(C+plícita deste modo que a /reno*a\$%o6 pol,tica, mante*e em seu bojo aspectos de uma pol,tica cultural esclerosada e anacrPnica = que se recorde da cr,tica obser*a\$%o de Lima(Xubim 1"88;!<5"# é esclarecedor!

O pesar da politiza\$%o intensa da cultura, em que se destacam como manifesta\$ es o teatro e depois a mHsica, e, por conseguinte, dos riscos de sua pura instrumentaliza\$%o e facilita\$%o pol,tica, aliás, acontecida de certa maneira, alguma con*erg-ncia acontece entre a Lcultura partidáriaM e a Lcultura nacional-popularM ent%o proposta e desen*ol*ida, n%o por uma imposi\$%o arbitrária da dire\$%o do A>, mas na elabora\$%o de lprincipalmente jo*ens# intelectuais, consciente ou inconscientemente, mediada pela Lcultura partidáriaM(

⁴ Do >A> da J ne participam! Ferreira ?ullar&)du*aldo Vianna 7ilho& ?ianfrancesco ?uarnieri& Aaulo Aontes& >arlos :elson >outinho& Leon Wirszman& Sosé >arlos >apinam e outros(Destes,)du*aldo Vianna 7ilho e ?ianfrancesco ?uarnieri, também foram membros ati*os do Featro de Orena(

Segundo ainda o autor, nos anos 43, este paradigma cultural partidário e+trapola o seu próprio criador! dissemina-se entre a esquerda e intelectuais e responde às exigências de engajamento de uma juventude ansiosa por consumir bens culturais¹⁵

A doutrina estética de e+tra\$%o 9talini` hadno* reduz o fenómeno cultural-art,stico I dimens%o ideológica(Oo identificá-los em termos absolutos, anula-os como e enquanto complexos(De outra parte, ressal*adas as poss,*eis distin\$ es, o *Proletkult*, tal qual a doutrina estética que se tornara oficial na e+- JX99 a partir dos anos <3, com suas teses de partidarismo da arte e da ci-ncia, n%o só recha\$a*a a heran\$a cultural, como também identifica*a cultura e ideologia(Aara o *Proletkult*, a ci-ncia proletária é sen%o uma ci-ncia contraposta I ci-ncia burguesa()s aspectos bizarros e abstratos presentes na concepç%o dispensam qualquer comentário(Os teses stalinistas das duas culturas Iuma proletária, outra burguesa# mant-m-se no mesmo diapas%o(Ossim que para aquela jo*em intelectualidade ansiosa por fazer pol,tica, era imprescind,*el acertar as contas com esse obscuro e miserá*el passado() rigor teórico das idéias de Lukács para tal intento consistiria em um contundente contributo no *front* dos embates contra arcaicas concep\$ es e práticas que se reluta*am em persistir(';

Anteriormente, apenas se indicou que para uma /pol,tica cultural de orientaç%o lukacsiana6 nada mais anacrPnico e n%o-dialético do que uma /cultura de Aartido6 substancialmente fundamentada mediante aspectos n%o-imanentes ao ser-precisamente- assim da dimens%o estético-art,stica e em inteira conson.ncia com uma teoria estética de e+tra\$%o stalinista\zhadno*ista que confunde e, sobretudo, reduz a particularidade da prá+is

¹⁵) autor é contundente! /O feiç%o assumida por tais e+ig-ncias pode sugerir uma correspond-ncia com aquelas constru, das na história do A>(O disseminaç%o da Lcultura de Aartido6 e principalmente de seus *alores pol,tico-culturais certamente n%o se fez nestas circunst.ncias de maneira imediata, linear e direta, mas foi mediatizada e atualizada pelo >A> e por sua moldagem aos par.metros do projeto de uma Lcultura nacional-popular!(O linhagem pol,tico-estética parece ser n,tida6 l"88;,<5'#(' : a história do mar+ismo, que se enfatize, n%o há, em relaç%o I problemática da heran\$a cultural, uma postura un,ssona e, sobretudo, ao que se diz respeito I quest%o da e*oluç%o da cultura burguesa(: esta particularidade, /Os e+ce\$ es s%o no*amente o *Proletkult* com suas proposi\$ es acerca de uma ci-ncia proletária e as teses stalinistas das duas culturas e da ci-ncia proletária contraposta I ci-ncia burguesa(O pesar da semelhança dos termos e da presen\$a de idéias comuns, e+iste uma diferença que se reputa fundamental entre as formula\$ es do *Proletkult* e as stalinistas(: o primeiro caso, ci-ncia proletária significa uma no*a ci-ncia, elaborada em contraposiç%o I burguesa pelo proletariado(G sempre bom lembrar que o *Proletkult* se considera*a originalmente a organizaç%o intelectual do proletariado, inclusi*e autPnoma em relaç%o ao partido bolche*ique e propunha que o proletariado e n%o a intelectualidade fosse o sujeito produtor da no*a ci-ncia(Os teses de Bogdano* a este respeito s%o elucidati*as(: o caso das formula\$ es stalinistas, o termo ci-ncia proletária de*e ser entendido mais como uma ci-ncia Lde partido6 e n%o como uma ci-ncia elaborada pelo proletariado(Cste partidarismo da cultura e da ci-ncia, significa a rigor politizar e ideologizar a cultura e a ci-ncia tomando por base a interpretaç%o stalinista de mar+ismo6(lXubim!"8;4!'85-'8;#(

cultural-artístico I dimensão político-ideológica (Frata-se, em outras palavras, de uma concepção dogmática que, em termos teórico-metodológicos, acarreta uma

1(((# deformação do aut-ntico mar+ismo e um perigo de empobrecimento cultural muito mais intenso do que a corrente liberal re*isionistaM(>onfundindo a arte com o panfleto político, ela pro*oca uma completa dissolução da autonomia e da peculiaridade do conhecimento estético do mundo 1>outinho,"845!" 'B#(

Aara dar continuidade I apresentação dessas idéias filosófico-estéticas, que se contrap em e que se e+cluem, cumpre iniciar assinalando que na concepção teórico-estética de Lukács, a especificidade do refle+o estético-artístico reside na categoria da particularidade e que mediado por esta concepção filosófico-estética, é que se torna plaus,*el enraizar a produção artística no aspecto nacional, como a condição material necessária e imprescind,*el para se construir estético-artisticamente, os personagens típicos, já que para o autor húngaro, o particular, na esfera estética, é a *dimensão organizadora* que estabelece a unidade com o singular e com o universal (: as palavras de Lukács!

: o interior deste 1(((# movimento é que consegue se e+pressar o caráter peculiar do refle+o estético(De fato, enquanto no conhecimento teórico este movimento de dupla direção *ai realmente de um e+tremo a outro, tendo o termo intermediário, a particularidade, uma função mediadora 1(((#, no refle+o estético o termo intermediário torna-se literalmente o ponto do meio, o ponto de reconhecimento para o qual os movimentos con*ergem(: este caso, portanto, e+iste um movimento da particularidade I universalidade le *ice-*ersa#, bem como da particularidade I singularidade le ainda *ice-*ersa#, e em ambos os casos o movimento para a particularidade é o conclusi*o(Fal como o gnosiológico, o refle+o estético quer compreender, descobrir e reproduzir, com seus meios específicos, a totalidade da realidade em sua e+plicitada riqueza de conteúdos e formas(1(((#(O particularidade é fi+ada de tal modo que não mais pode ser superada! sobre ela se funda o mundo das formas de arte() processo pelo qual as categorias se resol*em e se transformam uma na outra sofre uma alteração! tanto a singularidade quanto a universalidade aparecem sempre superadas na particularidade 1"853!"B8#(

Aortanto, é e+pl,cito que o ser-precisamente-assim artístico-estético, como e enquanto um complexo peculiar, possui uma especificidade imanente que o distingue da forma característica do refle+o científico, assim como dos demais momentos constituti*os do ser

social& portanto uma pol,tica cultural lem seu momento art,stico-cultural#, de*er-se-ia estabelecer-se neste ine+orá*el fundamento(

G de fundamental import.ncia também salientar que segundo as determina\$ es lukacsianas, ci-ncia e arte refletem as mesmas categorias que, como formas de ser, constituem a realidade objeti*a(Foda*ia, enquanto a ci-ncia se caracteriza pela media\$o de um conhecimento desantropomorfizador, na medida em que para a ci-ncia o que importa é a n%o ser apropriar-se do mundo objeti*o em-si, que e+iste independentemente da consci-ncia, o refle+o art,stico da realidade é substancialmente antropomorfizador, isto é, o em-si refletido se refere ao ser precisamente humano, ao seu destino e, neste sentido, o em-si é apreendido como a dimens%o especificamente humana(

Cm sua cr,tica ao estruturalismo genético proposto por Lucien ?oldmann, >outinho, assinala que ?oldmann, ao contrário de Alekh%no*, para quem os critérios estéticos s%o indiferentes, prop e, *agamente, uma adequa\$o entre a /idéia6 e a forma como a ess-ncia do estético(Foda*ia, sintetiza o autor, tal critério desaparece inteiramente em seu sistema(Diz >outinho!

1(((#, ?oldmann indica o seguinte! LJma obra é literária ou esteticamente *álida na medida em que e+pressa *uma visão coerente* no plano da imagem *erbal ou sens,*elM()ra, a partir disso, ?oldmann considera *álida qualquer obra que e+resse coerentemente uma tend-ncia social, afastando inHmeros outros critérios fundamentais! essencialidade e uni*ersalidade ltotalidade# do refle+o da realidade objeti*a, natureza antropomórfica le*ocati*a# da conforma\$o art,stica, caráter particular lt,pico# dos personagens e das situa\$ es reproduzidos, etc(, que juntos formam o sistema categorial do realismo(1"845!"3"#

: o bojo da sociedade brasileira, o componente nacional permea*a os candentes debates culturais no pré e no pós-4B(Cste nó górdio, con*ertido em pedra de toque pelos ljo*ens# comunistas em sua elabora\$o de um projeto de pol,tica cultural, des*encilhada da tradi\$o cultural pecebista, encontraria sustenta\$o teórica nas idéias estéticas e literárias de Lukács(O categoria /particular6 e a acep\$o de /realismo6 na compreens%o lukacsiana constituir-se-iam no sólido terreno sobre o qual os comunistas assentariam sua proposta de pol,tica cultural(: a esteira do pensador hHngaro, sustentariam teoricamente que as categorias lda singularidade, particularidade e uni*ersalidade#, no comple+o mo*imento

material concreto de sua dialeticidade, consistem na maneira de ser do próprio ser() elemento nacional, portanto, seria tratado em sua dialética materialidade(

@ediados por esta concepção teórico-estética, os comunistas teceriam as contundentes críticas ao formalismo cosmopolita, e+pressando-se, uma /apoi+onada defesa do caráter nacional de toda grande arte(17rederico!"88;!' ;2#(0qui, 7rederico, refere-se ao poeta Ferreira Gullar, que mediante uma argumentação sólida, direcionou /uma crítica sofisticada às pretensões da autodenominada Vanguarda artística, representada em nosso país principalmente pelos poetas concretistas(Lukács!' ;B#(Deste modo, Gullar, bem ao gosto estético de Lukács, e+pressa*a, contra os poetas concretistas que deseja*am /e+primir o uni*ersal eliminando o particular, 1(((# a necessidade de enraizamento nacional para tornar a e+pressão artística, assim, particularizada, uma figuração verdadeira dos destinos humanos(Lukács!' ;2#(

>om efeito, na abordagem lukacsiana, a produção artística desempenha a essencial função humano-social de suscitar, mediante o gozo estético, a autoconsci-ncia do desen*ol*imento da humanidade('8 :este sentido, o realismo propugnado por Lukács, consiste em um /realismo do ponto de vista da causa da humanidade(Weller,"8;4!"' ;#(Trata-se da indissolH*el relação entre o indi*duo genérico e o g-nero humano(Assim, para o autor, o problema da autoconsci-ncia na esfera artística está indissolu*elmente unido aos aspectos objeti*os e subjeti*os da obra(Lukács 1"853!' 4<# diz!

Openas assumindo a particularidade como ponto central do reflexo estético da realidade pode-se estar em condições de e+plicar a específica unidade dialética entre fator subjeti*o e fator objeti*o como princ,pio animador contraditório da inteira esfera(

isto significa que para a criação da obra é imprescind,*el a precisa concreticidade das determinações reflexivas que se estabelecem entre a tr,ade! uni*ersal, particular e singular

'8) desen*ol*imento da autoconsci-ncia humana como um momento específico da função social da arte, não implica em Lukács, a negação deste teor de desen*ol*imento em outras formas de reflexos da objetividade(Para o autor, os /conteHdos refletidos pela ci-ncia(por e+emplo, /1(((# e+ercem uma influ-ncia e+traordinária, por vezes mesmo re*olucionária, sobre o desen*ol*imento da autoconsci-ncia humana(Basta recordar, por e+emplo, os efeitos que ti*eram as descobertas científicas de >opérnico e Darwin sobre a subst.ncia e sobre a forma da eficácia e+ercida por @ar+ ou L-nin, pelos conhecimentos econômicos e históricos por eles re*elados, sobre a consci-ncia social e nacional dos homens(0demais, continua o autor, /para que a autoconsci-ncia possa efeti*ar-se atra*és da eficácia das obras de arte é absolutamente indispensá*el passar pela *ia indireta do reflexo científico da realidade(uma concreta análise marxista compro*a este fato 1(((# até mesmo em g-neros art,ísticos como a lírica e a música(Lukács,"853!' 52-' 54#(

no interior de um determinado todo sócio-histórico(Disto decorre que a n%o-neutralidade, ou melhor, a tomada de posi\$%o, o partidarismo na arte, *em I tona!

l(((#, para o nascimento de qualquer obra de arte, é decisi*a precisamente a concreticidade da realidade refletida(Jma arte que pretendesse ultrapassar objeti*amente as suas bases nacionais, a estrutura classista de sua sociedade, a fase da luta de classe que é nela presente, bem como, subjeti*amente, a tomada de posi\$%o do autor em face de todas estas quest es, destruir-se-ia como arte(Aara a ci-ncia, é leg,timo estudar as leis gerais comuns de uma forma\$%o econPmica l(((#& para qualquer obra de arte, ao contrário, o objeto imediato da representa\$%o só pode ser, sempre, uma determinada etapa concreta(Csta *erdade indubitá*el foi obscurecida, durante muito tempo, pela teoria idealista do Lhumano uni*ersalM como matéria da arte& uma in*ers%o salutar só foi poss,*el com o aparecimento do materialismo histórico l(((#, que restituiu I arte l(((# a realidade de sua efeti*a fun\$%o(lKdem, '42#(

9egundo >outinho, o caráter partidário da arte n%o pode ser confundido com um partidarismo estreito e imediatamente pol,tico, tal como fora interpretado pela estética de e+tra\$%o stalinista\zhadno*ista(Oqui, *ale a pena fi+ar, com Xubim l"88;!<52#, que /O politiza\$%o e+cessi*a da cultura realiza uma lpol,tica culturalM que tem apenas um resultado! a paralisia da cultura6(

Ossim, de*e-se acentuar decisi*amente o fato de que, do ponto de *ista da imediaticidade, a arte

l(((# suspende a rela\$%o do homem com qualquer finalidade prática& esta suspens%o é, aliás, condi\$%o imprescind,*el para a realiza\$%o de suas fun\$ es e tarefas espec,ficas, para a ele*a\$%o do homem acima do n,*el da cotidianidade e para o seu enriquecimento quando, após a *i*-ncia estética, ele *oltar I *ida cotidiana e Is finalidades imediatas l>outinho,"845!" "2#(<3

<3 : a *Ontologia do Ser Social*, Lukács, apresenta a arte e a filosofia como formas puras de ideologia, quer dizer, formas puras porque est%o distantes da a\$%o prática imediata(Cm seus estudos sobre a determina\$%o ontológica do fenPmeno ideológico, Vaisman l"8; 8!B<; -B<8#, contundentemente, assinala que / : a refle+%o lukacsiana a intrincada quest%o do lugar das formas ideológicas puras no processo global só se esclarece com a compreens%o de que a filosofia e a arte t-m como princ,pio constituti*o a sua fun\$%o ideológica(Aara Lukács, filosofia e arte, complicad,ssimos comple+os de tipo espiritual, t-m por *momento dominante* a sua fun\$%o de ideologia pura, que se manifesta na sua g-nese e na a\$%o no tempo() fato ideológico, em comple+os espirituais como a filosofia e a arte, enquanto princ,pio homogeneizante determina sua qualidade e seu conteHdo6(

/ Ossim = continua a autora =, /o fato ideológico, no caso da filosofia e da arte, n%o é um elemento estranho a estas esferas, que é aclopado de fora, num ato des*irtuante ou espHrio, ao contrário, é o *momento dominante* que permite a s,ntese dos comple+os filosóficos e art,sticos, que refletem os conflitos humanos mais ele*ados, tanto em rela\$%o I indi*idualidade, quanto I generidade, conjugadamente Is prem-ncias agudas de cada momento dado6 lKbidem#(

Para o autor de Budapeste, a função humano-social de suscitar a autoconsciência do desenrolamento da humanidade, articula-se, inerentemente, ao reflexo crítico estético-artístico através de imagens sensíveis da objetividade humano-social (Ruer dizer, o caráter partidário-humanista da produção artística, une-se à tomada de posição frente aos grandes problemas de interesses da humanidade, na medida em que

luta no combate e denuncia, com os meios que lhe são próprios, todas as formas de fragmentação, de limitação e de alienação da práxis criadora do homem (Este combate à alienação = que Lukács designou como função desfetichizadora da arte = faz parte da própria essência do reflexo estético para cumprir a sua tarefa básica, a função sensível do destino de homens, tipicamente em circunstâncias típicas, a obra de arte deve não só reduzir as ideias abstratas a realidades vivas e imediatas, como superar igualmente a superfície empírica e reificada do real (Kbidem)

Ao mesmo tempo, um retorno à preocupação de Zsuzsanna, expressa em linhas acima, se pode constatar, que ele, coerentemente à concepção estético-filosófica lukacsiana, predica a peremptoriamente que a universalidade, quer dizer, o concreto universal-singular humano, por meio do reflexo estético, só poderia ser representado, fundamentando-se em sua categoria central, com o seu meio organizador = a particularidade, cuja objetividade teria que necessariamente, expressar-se mediante o componente nacional

A firmeza da crítica de Zsuzsanna é de extremo significado. Para o autor húngaro, ao determinar a categoria /particularidade6 como a esfera organizacional do universal e do singular, como a dimensão da configuração artística, a estabelece, em outros termos, como o momento privilegiado sobre o qual se pode erguer a tipicidade (contrastando o realismo ao naturalismo porque o naturalismo consiste em um método cujo reflexo é mecânico, fotográfico da objetividade). Lukács, mediado por uma concepção gnosiológica de extração dialético-materialista da realidade, rechaça veementemente a pura e simples descrição da realidade em sua imediatez (Frederico 1988; 1989), recorda que

O polêmica de Lenin contra a *proletkult*, retomada e desenvolvida por Lukács na década de 1930 e seus comentários aos Romances proletários de C. G. Bredel, forneceu uma sólida referência teórica para os comunistas contrastarem sua aspiração de uma literatura

*erdadeiramente realista com o *elho naturalismo tra*estido com
roupagens operárias(<"

>om efeito, os disc,pulos lukacsianos l\onder, >outinho#, teceram contundentes
cr,ticas ao naturalismo(Cm seu / 0lguns Aroblemas do Xealismo 9ocialista6, \ onder n%o só
faz uma cr,tica I postura estética naturalista, já que esta /representa uma atitude de
submiss%o do homem ante o real6 l"84<!B;#, como também uma dur,ssima cr,tica ao
sociologismo presente no realismo socialista so*iético(Ruanto aos aspectos sectários e
dogmáticos que repercutem negati*amente I eficácia de uma pol,tica cultural, no Brasil,
estes aspectos, impregnaram, de modo e+emplar o >A> da J ne, que no @anifesto de seu
lan\$amento,

l(((# fala*a-se de arte do po*o, de arte popular e de arte popular
re*olucionária(C, para afirmar a terceira e concentrar nela todos os
esfor\$os da organiza\$o, estabelecia-se que as duas outras constitu,am
fator de aliena\$o e eram reacionárias(7azia-se abstra\$o daquilo que
e+iste de afirmati*o, de *álido, na arte ing-nua do po*o l(((# para condená-
la como reacionária lkbidem#(

Aorém, imediatamente, faz a seguinte ressal*a! /7elizmente o >A> n%o se ate*e, na
sua fecunda ati*idade, aos termos do seu @anifesto(6lkbidem#(

Odemaís, ao contrário desta postura estética que postula a configura\$o de
personagens médios, o realismo lukacsiano, defende intransigentemente, a constru\$o de
personagens tipos = isto é, personagens que, numa dada situa\$o sócio-histórica,
manifestem as má+imas lcontraditórias# possibilidades da forma\$o social em quest%o(

: a esteira da tipicidade realista propugnada por Lukács, >arlos : elson >outinho, ao
analisar esteticamente momentos da produ\$o de ?raciliano Xamos, diz l"844!""8# que em

<" >omo enfatizara \ onder l"842!""<;- "<8#! /Lukács, analisando as quest es do romance, n%o se detém na
considera\$o abstrata do *conteúdo* e nem no estudo limitado da *forma!* *olta seus olhos argutos para o
problema do método de composi\$o(Xeconhecendo que em todo romance há narra\$o e descri\$o, Lukács
constata que, na estrutura de um dado romance, pode predominar o *método narrativo* ou o *método descritivo*(
) predom,nio do método descritti*o l(((# acarreta o enfraquecimento da a\$o, a transforma\$o da a\$o em um
t-nue fio que ser*e apenas para ligar os quadros ou situa\$ es descritas, as descri\$ es interiores *psicológicas*#
ou e+teriores *sociológicas*#() predom,nio do método narrati*o, ao contrário, se n%o faculta por si mesmo a
elabora\$o de um bom romance, pelo menos é o *erificado nos grandes mestres da literatura de fic\$o! a
narra\$o, englobando e incorporando todas as descri\$ es ao desen*ol*imento da a\$o, p e os leitores em
contato com e+peri-ncias humanas captadas *ao vivo*, dinamicamente p e os leitores em contato com
personagens reais, cuja *evolução* tem um sentido real6(

São Bernardo, ao invés da descrição e tensão de fragmentos do real, como se dá em Caetés, há, em seu núcleo central, a presença de um

luciano conflito essencial que opõe, por um lado, as forças que reduzem o homem a uma vida mesquinha e miserável no interior da alienação do pequeno mundo individual, e, por outro, as que impulsionam o homem a descobrir um sentido para a vida em uma libertação para a comunidade e a fraternidade e na superação da solidão. Com suma, trata-se do conflito entre as forças da alienação e do humanismo, encarnadas nas classes sociais brasileiras. Esta captação concentrada do movimento da realidade de se estruturar em torno de tipos excepcionais, superiores à média cotidiana, que encarnem em si o máximo de possibilidades concretas contidas em cada uma daquelas forças sociais em contradição com o que ocorre em São Bernardo. Aulo Wonório e Adalena são verdadeiras expressões de suas classes precisamente na medida em que expressam, em suas ações decisivas, as atitudes típicas mais profundas que elas comportam. Isso é o mero ambiente eterno, desligado da ação concreta dos homens, que determina o universo e a problemática humana deste romance. É justamente enquanto reagem ao ambiente que os tipos criados se definem e modelam a sua personalidade.

Agora bem, é exatamente este paradigma lukacsiano que fundamentaria e determinaria as cores de um projeto de política cultural.

Em 1984, como se pensa na realização de seu V Congresso: este, finalmente, pretendia-se a formulação de uma política cultural solicitou-se à comissão de trabalhadores intelectuais constituída, um relatório sobre a cultura nacional para servir de subsídio a um projeto de resolução sobre política cultural. Frederico, então, utilizou-se tanto do instrumental teórico lukacsiano não só para o projeto de resolução sobre política cultural, assim como para os embates com intelectuais e artistas na disputa pela hegemonia no front cultural.

O que concerne ao ajuste de contas com a tradição cultural do partido, teria que, necessariamente, contrapor o realismo crítico como método à caricatura do realismo socialista de extração stalinista. Zhadno*ista como enfatiza Frederico!

< O trajetória do A>B, predominantemente, segundo Xubim 1984:41-42, fora marcada pela inexistência de uma política cultural explicitamente formulada. O e+ce\$%o corresponde aos anos 23! /O política cultural formulada e realizada de 1983 até 1982/24 é certamente a maior no campo cultural e ideológico no Brasil. << Segundo Frederico, a historiografia /praticamente ignora a iniciativa do partido de formar uma comissão de /trabalhadores intelectuais para a elaboração de um relatório /como subsídio a um projeto de política cultural. Ainda de acordo com autor, o relatório sobre a cultura brasileira, /segundo o te+to Arojeto, compõe-se de quatro itens básicos: "# situa\$%o da cultura e da intelectualidade! dados gerais: "# cultura e ideologia: <# cultura e política: B# o clube, a cultura e os intelectuais. I&dem, ' ;2#() /clube, uma referência, em linguagem cifrada, ao A>B.

A defesa do realismo como *método*, por exemplo, seria para contrapor o realismo crítico. Aquela caricatura conhecida como realismo socialista que, além de ter trazido constrangimentos inescusáveis a muitos escritores que acabaram por abandonar o partido, deu origem a muitos exemplos de má literatura. Quanto aos constrangimentos, o caso de Ruy Mauro de Carvalho é o mais conhecido de todos! um de seus romances foi censurado pela direção do partido, proibido de ser editado, e objeto de um verdadeiro inquérito policial que cobra da então jovem autora comunista a ausência de romantismo revolucionário e de heróis positivos. Quanto à má literatura, basta lembrar *Os subterrâneos da liberdade* de Jorge Amado, com sua visão maniqueísta e seus personagens estereotipados. (idem! '83#)

Segundo ainda Frederico (idem! '83#), a política cultural de tração lukacsiana, também deu origem a uma

crítica autocrática do >A>, relacionada ao evidente descompasso entre a arte panfletária e nacionalista, com sua indiferença pela herança cultural humanista e progressista existente no país, e desprezo pela alienada cultura universal.

Além disso, a crítica da esquerda irracionalista também em si mesma, já que o pensamento social,

refletindo os influências da contracultura, desenvolveu-se entre os intelectuais opositores, tradicionalmente situados à esquerda, deixando desarmados os militantes comunistas diante dessa onda contestadora que, para muitos, confundia-se com o próprio marxismo. (idem#)

Finalmente, a crítica ao obreirismo basista

praticado pela Igreja Católica e alguns grupos de esquerda, cuja tendência teórica sinaliza uma prática política esquerdista que despreza a participação institucional no parlamento, sindicato etc. e, no plano cultural, expressa-se na valorização crítica da cultura popular. (idem#)

Para finalizar este momento do presente capítulo, cumpre somente dizer e apontar que a política cultural inspirada nas ideias de Lukács, em nosso país, se deparou com algumas incompatibilidades: nos anos 43, as dificuldades surgiram a partir do momento em que os

produtores artísticos próximos ao A>B entraram em contato com as idéias do filósofo = é suficiente que se pense no empenho dos produtores das artes c-nicas em transformar o teatro de caráter clássico^B Brecht com seu /teatro épico6, continua*a sendo a grande refer-ncia(Aortanto, se ha*ia uma homogeneidade de opini%o no que tange I necessidade de se reno*ar o mar+ismo e de se fazer uma arte que refletisse os problemas nacionais& por outro, a batalha pela hegemonia das idéias estéticas refletia irreconciliá*eis atitudes e gostos diante das distintas propostas de inter*ir pol,tico-socialmente mediado pela peculiaridade da prá+is art,stico-estética(

Cm s,ntese! a di*ulga\$%o das idéias lukacsianas /foi obra de uma gera\$%o de intelectuais que se firma, principalmente, a partir do ?olpe de "84B /17rederico,"882!'3B#(: os anos "853, sua di*ulga\$%o é ampliada e reno*ada com a integra\$%o de /no*os jo*ens 1(((# na reorganiza\$%o do A>B6 1Kbidem#(: o conte+to do regime militar, a ati*idade pol,tica dessa intelectualidade ficou restrita aos par .metros da pol,tica cultural(

>ontudo,

@udadas as circunst.ncias, a *elha e a no*a intelectualidade de e+tra\$%o lukacsiana redefiniu a sua milit.ncia(C, como costuma acontecer nesses momentos decisórios, os destinos biográficos foram os mais diferentes(Aara muitos, curiosamente, a crise do regime militar e a reati*a\$%o da pol,tica institucional implicou num abandono do leninismo e, por

^B / :o seu artigo intitulado Clogio 7Hnebre do Featro Brasileiro, Ougusto Boal, uma das *ozes mais representati*as do Featro de Orena, di*ide os elencos que até ent%o atua*am no teatro brasileiro em clássicos e re*olucionários(L>I</sup> diz Boal, Lé qualquer elenco que tenha dentro dos limites de qualquer estilo, um noso!(Aara em seguida acrescenta, "O elenco de 9%o Aaulo elabora a sua cond-ncia, o teatro re*olucionario, cujo desen*o" In</sup> "os elementos que n%o se cristalizam nunca, atra*és de uma coordena\$%o art,stica e de uma necessidade social((M6 10lmada, '33B!'"#(Cm linhas logo a seguir, o próprio kza.as Olmada ad*oga para o Orena o mesmo diapas%o! / :o panorama teatral brasileiro, "O teatro re*olucionario", o Featro de Orena, Boal, "O teatro re*olucionario, estética e

e+ens%o, de Lukács e da tradiç%o pol,tica e cultural que ele encarna*a
lkbidem#(

) autor de Budapeste ent%o, n%o obstante continuasse sendo um ponto de refer-ncia
para segmentos da esquerda preocupada em reno*ar o mar+ismo, dei+ou, sistematicamente,
/de ser o teórico que orienta*a a pol,tica cultural(: esse momento, portanto, chega*a ao
fim a primeira *aga da recepç%o pol,tico-partidária das idéias lukacsianas⁶
17rederico,"882!" "8#(

1.3. A Nova Política e As Teses de Blum.

: as condiç es sociais e pol,ticas que emergiram no pós-4B e, em especial, após o
golpe dentro do golpe ="84; =, intensificando a repress%o aos intelectuais e artistas de
esquerda que se opunham pol,tico-ideologicamente I no*a ordem *igente os parado+os e o
desdobrar das lutas internas entre fraç es no interior do partido que implicaram dramáticas
cis es por conseq0-ncia da ratificaç%o da linha pol,tica propugnada pela /no*a pol,tica^{6<2},
constitu,ram-se em uma comple+a conjunç%o, que, no desdobrar de sua própria din.mica,
concretizou-se num biombo cuja aç%o causal impediu aos jo*ens intelectuais que
constitu,ssem uma concreta alternati*a I direç%o partidária(O /no*a pol,tica⁶, n%o obstante
ter proporcionado, com poder de decis%o,⁴ a reinserç%o do A>B no interior da totalidade do

^{<2} Os di*erg-ncias tornar-se-iam agudas e atingiriam seu ápice /na *Tribuna de Debates* ao serem discutidas as
Teses do VI Congresso do PCB l(((# nos Hltimos meses de "844 e in,cio de "845(Dela deri*ariam duas
posiç es e projetos pol,ticos distintos! a# os que constata*am que os Lerros! ha*iam sido de esquerda, ou seja,
a maioria do >omit- >entral do A>B, os quais *encem o VK >ongresso e apro*am uma proposta de luta
contra a ditadura baseada numa pol,tica de frente democrática, que *isa*a unir num amplo arco de alianças
todos os que se opunham ao regime ditatorial e que tinham interesses na Ire#conquista das liberdades
democráticas(l(((# b# já os que pensa*am a pol,tica pecebista como tendo sido de direita abandonam ou s%o
e+ pulsos das fileiras do A>B e ir%o organizar di*ersos partidos, mo*imentos ou grupos! O\$%o Libertadora
: acional 10L:#, @o*imento Xe*olucionário ; de)utubro 1@X-;#, Aartido >omunista Brasileiro
Xe*olucionário 1A>BX#, além de outros(l(((#6(19egatto, "882!" "- ' '#(

^{<4} /) per,odo de *ida legal do A>B "8B2-"8B5 foi luminescente, assinalado pelos -+itos eleitorais(@as se
trata*a de brilho enganoso, que disfarça*a a sustentaç%o fracamente estruturada nas massas operárias e a
penetraç%o insignificante no meio campon-s(Do ponto de *ista da influ-ncia pol,tica efeti*a, o A>B era,
ent%o, residual(Sá no per,odo de "82;- "84B, con*erteu-se numa organizaç%o com capacidade decisória,
apesar da quase aus-ncia de e+press%o eleitoral, uma *ez que n%o conseguiu recuperar o registro de partido
legal6(1?reender,"8;5!B4#(

cenário nacional, instaurara, no dizer de Coutinho (1983:28 apud Negatto, 1982:32), uma /tácita divisão do trabalho, ou seja,

1) os intelectuais comunistas podiam agir livremente no domínio da cultura, propondo uma renovação filosófica e estética do marxismo brasileiro, mas continua a ser atribuído da direção do partido a tarefa de dar a última palavra nas questões especificamente políticas. Disso resulta uma ambigüidade = e, ao longo prazo, insustentável = coexistência entre o marxismo ocidental na cultura e o marxismo-leninismo na política

) monopólio político-partidário, esta /tácita divisão do trabalho, também são denunciados e criticados por Coutinho em outro *locus* aqui, referindo-se a esta problemática relação entre a joia intelectualidade e a direção do partido, o autor afirma categoricamente que

1) definimos a política cultural em nós, o Pular, o Vianinha, o [ernequinho] Luis [erneck Viannab, o] oacir a [éli+b, o] cnio [il*eira, mas a política *tout court* continua a ser monopólio da direção partidária () ou seja! conseguimos fazer passar Lukács, Gramsci, etc (@as na linha política *strictu sensu* não nos intrometamos (1) Ruando resolvemos nos intrometer, no final dos anos 1953, a coisa deu no que deu (Coutinho, '33'!'5"#!

Assim que, fechadas as portas para a prática política *strictu sensu*, a prática /alternativa foi forçosamente concretizar-se no âmbito específico da política cultural. Já se sabe que a /nova política se esqueceu de uma tese e que na esfera especificamente cultural do ser social, a /cultura do partido de extração stalinista-zhdanova, fora fortemente criticada por aquela juventude que se desalera das idéias estéticas e literárias como um momento de pré-ideologia, teleológico de Lukács para a formulação de um projeto de política cultural, assim como para intervir na luta pela hegemonia das idéias estéticas no *front* cultural, no bojo de uma efervescência de conflitos sociais que sacudiam a sociedade brasileira nos finais dos anos 20 e nos limiares dos anos 40. Agora, o significado consiste em salientar que segundo Frederico (1982:8), a /consciência entre a direção e a joia intelectualidade, na medida em que ela atua /alternativamente no âmbito particular da política cultural,

1(((# era facilitada pela estreita afinidade entre a pol,tica geral do A>B e a linha lukacsiana imprimida ao trabalho intelectual(Basta lembrar aqui que a pol,tica cultural de Lukács, é um desdobramento da pol,tica de frente e+posta pela primeira *ez, em "8'8 nas *Teses de Blum*, a qual, por sua *ez, guarda algumas semelhan\$as estratégicas com a linha desen*ol*ida pelo B>A após "82; 1(((#

Tt EiOêããok Bda

Cm linhas acima, já se tratou do caráter /pac,fico6 desta /con*i*-ncia6 como um momento imanente de determinadas práticas que até ent%o transpassa*am a prá+is pol,tica pecebista = que se pense no monopólio pol,tico-partidário(: este subcap,tulo, tem-se por objeti*o demonstrar que as comple+as rela\$ es e intera\$ es entre as re*olu\$ es burguesa e proletária s%o, dialeticamente, concebidas pelas *Teses* elaboradas por Lukács para o KK >ongresso do Aartido >omunista da Wungria e, que, portanto, radicalmente, se distanciam da acep\$o sectária e esquemática ad*inda da K> que transpassa e determina o conteHdo das Feses estratégico-pol,ticas como formas /mediati*as6 letapas, concilia\$o entre classes antagPnicas# propugnadas pela /no*a pol,tica6(Cm outras pala*ras, objeti*a-se tecer algumas cr,ticas considera\$ es sobre as /semelhan\$as estratégicas entre a linha desen*ol*ida pelo A>B após "82;6 e

Tt AN

Tt et AN

subtópico este é o capítulo de onde se derivou o "Ocupação - ncie-r es pa*-ncies pto ualor

/ nciad ob a6(otre que eslum cnjmutada sncia,o esle tio Tt

realize um des*io() que o Lukács das *Teses de Blum* entendia por ditadura democráticaU C pela pala*ra de ordem a /rephblica6U Rual era sua concep\$%o acerca da propugnada pol,tica imposta pela K> Is suas se\$ es, ou seja, sobre a luta de /classe contra classe6U Os respostas a estas quest es articulam-se direta e imediatamente ao arcabou\$o teórico mediante o qual o filósofo fundamentara sua *is%o acerca das comple+as e dialéticas rela\$ es que se desdobram entre as re*olu\$ es burguesa e proletária(@ais precisamente, na esteira da dialética concep\$%o acerca das tarefas proletárias formuladas por L-nin(

) grande l,der da Xe*olu\$%o de) utubro de "8"5 entendia que /Os tarefas pol,ticas concretas t-m que ser formuladas na situa\$%o concreta6 lL-nin,"852!5B#(C+plicitamente, já em "832, em suas candentes pol-micas contra os menche*iques, demonstra*a n%o só a importante heterogeneidade e+istente entre as re*olu\$ es burguesa ldemocrática#, popular e proletária lsocialista#⁵, como também, do ponto de *ista dos interesses peculiares do proletariado como classe social antagPnica ao capital, os limites tanto da re*olu\$%o burguesa quanto da re*olu\$%o popular(

Ossim que, no /Aosfácio6 de "845, Lukács e+plicita que diante da intensa comple+idade do mo*imento comunista hHngaro, uma análise e+austi*a da situa\$%o econPmica e social de seu pa,s, o con*enceu de que

l(((# com a repHblica como pala*ra de ordem estratégica, Landler tinha instinti*amente posto o dedo na ferida quanto a uma perspecti*a re*olucionária correta para a Wungria! mesmo na hipótese de uma crise do regime WorthQ t%o profunda que criasse as condi\$ es objeti*as de uma con*uls%o radical, uma passagem direta I repHblica dos conselhos n%o era poss,*el(Cis porque a pala*ra de ordem legal da repHblica de*ia ser concretizada no esp,rito do que L-nin em "832 chama*a a ditadura democrática dos operários e camponeses l"85B!<48#(

Aois bem, preliminarmente, cumpre fi+ar que Os *Teses de Blum* n%o con*ergem com a estratégia e com o sectarismo da K>e, igualmente, quer seja com o suposto etapismo re*olucionário, quer seja com uma pol,tica colaboracionista de classes antagPnicas e de

⁵ >ontra os interesses espec,ficos da burguesia como classe, que preconiza*a a re*olu\$%o nos estreitos limites da luta sindical, L-nin, contundentemente afirma*a que / : ossa re*olu\$%o, é uma re*olu\$%o popular l(((#(Aor isso, tu6 = o proletariado = /de*es, como classe mais a*an\$ada, e como a Hnica classe conseqQentemente re*olucionária, procurar participar nela, n%o só da maneira mais enérgica, como também desempenhando um papel dirigente(Aor isso, n%o te de*es encerrar no campo da luta de classes estreitamente concebida, sobretudo no sentido do mo*imento sindical& pelo contrário, de*es procurar ampliar o campo de tua luta de classes, até *abranger* neste campo, n%o só *todas* as tarefas da atual re*olu\$%o democrática popular russa, como também as tarefas da futura re*olu\$%o socialista lL-nin,"852!"35-"3;#(

união nacional (0 K), esta inst.ncia de caráter internacional e com poder de decis%o, no decorrer de "8'8, consolida sua guinada I /esquerda6, propugnando de um modo sectário e em conson.ncia com o esquematismo staliniano, a luta de /classe contra classe6(<: Sá em "8' ;, seu >omit- C+ecuti*o l>omit- C+ecuti*o da Knternacional >omunista = >CK>#, reage *iolentamente Is *Teses* atra*és de uma

l(((# L>arta Oberta a todos os militantes do \ AJM, l(((#, considerando que as Feses Lnada tinham a *er com o bolche*ismoM, eram LliquidacionistasM e LdireitistasM, por defenderem a re*olu\$%o democrático-burguesa e e+clu,rem a transi\$%o direta para a ditadura do proletariado, propondo ao contrário a Lditadura democráticaM l"858!"8#(<8

Segundo o conteHdo da />arta Oberta6, dentre outros des*ios, as *Teses* /e+clu,am a transi\$%o direta para a ditadura do proletariado6(Ruer dizer, as *Teses*, preconiza*am as necessárias media\$ es, que, na interpreta\$%o do >CK>, se trata*a de uma defesa da re*olu\$%o democrático-burguesa como um momento indispensá*el para que a partir de tal patamar se pudesse consolidar a re*olu\$%o proletária(>onsiderando a estreiteza interpretati*a do >CK>, que, em realidade, esta*a totalmente congruente com o seu sectarismo e esquerdismo& e o nHcleo racional das *Teses de Blum*, se pode constatar que a condena\$%o impingida pelo órg%o oficial do @>K deri*a*a de uma igualmente estreita e sectária postura pol,tico-ideológica, mas n%o por raz es cient,fico-filosóficas, ou melhor, n%o em *irtude de uma apropria\$%o dialético-intelectual como e enquanto fundamento teórico para uma prá+is pol,tica conseq0ente do ponto de *ista dos interesses do proletariado internacional(Basta pensar na aus-ncia anal,tica das situa\$ es sócio-históricas que o VK >ongresso da K> ljulho de "8' ;# determinara suas Xesolu\$ es táticas e estratégias pol,ticas para os pa,ses coloniais(>omo e+pressa Del Xoio l"883!"38-"33#!

@esmo reconhecendo que Los pa,ses coloniais s%o atualmente o setor mais perigoso para o imperialismo mundialM, o VK >ongresso promo*eu um grande esfor\$o de generaliza\$%o que foi condicionado pelo desen*ol*imento da re*olu\$%o chinesa, acabando por menosprezar a

<: /0 tend-ncia para o deslocamento I esquerda da linha pol,tica da K> iniciada pelo menos desde o VKKK Aleno lmaio de "8'5# atingiu seu ápice com o] Aleno ljulho de "8'8#, tendo se acelerado logo após o encerramento do VK >ongresso, quando 9tálin passou a apoiar seus aliados nas di*ersas se\$ es(Csse processo se deu paralelamente ao estreitamento da democracia interna tanto nos órg%os superiores da K> como nos di*ersos partidos6lDel Xoio,"883!" '3#(

<8 >onforme a Cdi\$%o brasileira! Femas de >i-ncias Wumanas(Li*raria >i-ncias Wumanas LFD0(9%o Aaulo& nHmero 35 = "858(

particularidade da questão das alianças em outras formas sociais específicas; dito de outro modo, eludiu o problema de como fazer política em condições concretas muito diferentes. É sintomático que as fases anunciadas da estratégia e a tática comunista na Índia, Índia e países coloniais análogos, traindo o laboratório político do qual foi feita a generalização.

: este sentido, é sintomático que, diferentemente, das atitudes e dos posicionamentos teórico-metodológicos que fundamentaram as Fases propugnadas pela K>, as *Teses de Blum* consideram a heterogeneidade e complexidade das formas sociais no interior do contexto social do pós-guerra () ra, a concepção dialética lukacsiana de ent, utiliza-se das complexas interações que se estabelecem entre a universalidade e a particularidade, entre os .mbitos nacional e internacional(

: o quadro internacional, há que se considerar dois importantes aspectos(

O teoria do /social-fascismo, teoria que consiste em um momento constitutivo da viragem à esquerda pela qual passa-se a K>, é fomentada imediatamente após a realização de seu VK >ongresso(Este fora realizado sob o impacto da derrota dos comunistas na Índia(É importante aqui realçar que a teoria do /social-fascismo articula-se a uma determinada concepção em torno do fascismo e da social-democracia(: o decurso do VK >ongresso, Fogliatti que não obstante dá ênfase sobre a particularidade do fascismo na forma social italiana, o concebia como uma forma específica no interior de uma tendência geral reacionária; porém neste contexto, ele não incluiu a social-democracia(Fhelmann, que ao lado de : euman e Xemele, pertencia à /esquerda do Partido Comunista da Alemanha, cuja aliança com Stálin, selaria ^{B3} a decisão histórica deste sobre seus adversários tanto da

^{B3} /O trégua estabelecida no interior do A>J9 durante a realização do VK >ongresso foi rompida já em setembro, quando da dura política entre Bukhárin e @oloto* da corrente de Stálin, sobre a caracterização do terceiro período (Del Xoio, "883!" "2#, do capitalismo no pós-guerra(/Aara Bukhárin, = continua o autor = /a crise capitalista era de crescimento e teria razões na tensão entre países imperialistas em disputa pelo mercado mundial, acabando por desencadear uma nova guerra(Essa fase de capitalismo de Estado permitira um maior controle da classe operária por parte da burguesia, sendo o que levaria à resolução seriam os movimentos de libertação nacional aliados à JX996(Idem!" "2-" "4#(Aor sua vez, /@oloto* I((#, defendia a tese catastrofista de que a crise era de declínio do capitalismo, e que o aumento do desemprego e da miséria provocaria também o crescimento das tensões sociais no interior dos países imperialistas, o que levaria a uma nova guerra como válvula de escape e a um embate entre classes numa situação revolucionária () ra, como esta não era uma simples questão acadêmica, politicamente teria maior possibilidade de sair vitorioso na luta aquele que conseguisse o consenso do A> da Alemanha(Assim para Stálin e @oloto*, a aliança com Fhelmann, já definida no K] pleno do >CK>, torna-se crucial (Idem#(>omo se pode depreender, além de seu catastrofismo, trata-se de uma concepção economicista-mecanicista(Fanto que, com base em tal concepção, a /K> passou a pre*er o terceiro período coberto por uma nova onda revolucionária derivada da radicalização da classe operária, colocada diante de uma crise econômica e social sem precedentes(O polarização social no interior dos países imperialistas levaria ao desencadeamento da guerra anti-soviética(

/direita! Bukhárin, Xiko* e Fomski, quanto da /esquerda! FrotskQ, \amene*, `ino*ie*, Xadek^B"# e, conseqüentemente, o deslocamento para a /esquerda! da K>, ao contrário, entendendo o fascismo como uma etapa necessária da ditadura do capital financeiro, deduzia que o fascismo impulsiona* a o ad*ento da re*olu\$%o socialista proletária(Desta segunda compreens%o, deri*a*a a

l(((# perspecti*a de que o fascismo e a social-democracia eram duas maneiras di*ersas de configura\$%o do dom,nio do grande capital, que tendiam a se assemelhar sempre mais! eis, pois, a raiz da teoria do Lsocial-fascismoM, cuja implica\$%o só poderia ser a tática de Lclasse contra classeM! Del Xoio, "883, "3;#(

/social-fascismo! isto é! social-democracia como a irm%-g-mea do fascismo(Os /Teses de Blum! são radicalmente opostas a tal reducionismo estreito e sectário(:o decorrer da e+posi\$%o, tornar-se-á e*idente que seus fundamentos teóricos são de outro teor(

) segundo aspecto a considerar como um componente constituti*o da conjuntura sócio-pol,tico-econPmico e cultural em n,*el mundial de ent%o, consiste, primeiro, na comple+ifica\$%o das determina\$ es refle+i*as que se desdobram entre a estrutura econPmica e a superestrutura ,deo-pol,tica no capitalismo em sua fase imperialista-monopolista no pós-guerra = trata-se do fenPmeno da fascistiza\$%o do Cstado! segundo, a repercuss%o destas determina\$ es refle+i*as tanto I classe proletária quanto I própria social-democracia(

Kmediatamente, contudo, é imperioso que se enfatize que as categorias constituti*as da objeti*idade social recebem em Lukács de "8' ;-"8'8 um tratamento a partir de sua imanente din.mica no interior da precisa conte+tualiza\$%o sócio-histórica(Ossim que, para o Lukács de ent%o, a ditadura democrática como uma concreta pala*ra de ordem

: essa concep\$%o somente a re*olu\$%o proletária poderia e*itar a guerra e, nesse caso, a social-democracia, que e+ercia influ-ncia preponderante na classe operária, seria o principal inimigo, particularmente sua ala esquerda, que, com seu LpacifismoM e a defesa das institui\$ es liberal-democráticas, iludia as massas e garantia o dom,nio do capital financeiro(>ada *ez com maior freqÜ-ncia, fazendo uso de métodos repressi*os tendia a se confundir sempre mais com fascismo! era o Lsocial-fascismoM(O idéia de que o fascismo e a social-democracia seriam duas armas alternati*as da burguesia, para e*itar a re*olu\$%o socialista, ronda*a a elabora\$%o da K> desde "8' B, mas foi somente no] Aleno que a e+press%o Lsocial-fascismoM foi assumida em documentos oficiais, coincidindo com o predom,nio incontestado de 9tálin e com o fim de qualquer forma de democracia no interior do mo*imento comunista! Kdem!" " ;#(

^B >f(@arcos Del Xoio! *A Classe Operária na Revolução Burguesa: A Política de Alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte, @ ?(Cditora) ficina de Li*ros, "883(

estratégica, só poderia ser levada a efeito e de modo conseqüente se se apreendesse o significado do imperialismo no pós-guerra. Outrossim, o significado das várias formas que a democracia burguesa viesse a assumir em razão da consolidação do poder político-econômico e cultural burguês em sua fase imperialista pós-guerra () autor das *Teses*, categoricamente, assinala que o país paradigmático na contemporaneidade que se configurara no pós-guerra consistia no Estado Unidos da América (O que, não em ao caso as especificidades do processo de objetivação capitalista norte-americana () que importa ressaltar consiste em que / O América, não só economicamente, mas também politicamente, é um ideal da atual burguesia dominante (1958) (segundo ainda Lukács, nas grandes democracias ocidentais há a tendência a adotar o modelo do regime político democrático materializado naquele país). Daí, que as revoluções nas massas operárias, abstraindo as tradições revolucionárias que são várias particularmente na França, mas que agem também na Alemanha, são apoiadas pela política da social-democracia (idem).

O fascismo do Estado completa a atuação política tanto das camadas burguesas quanto das camadas trabalhadoras, em especial, da burocracia operária () autor das *Teses* assinala que o fascismo pode se manifestar sob várias nuances. A respeito, o que importa aqui destacar, como objetivo imediato de fazer que a concepção lukacsiana acerca da social-democracia le do seu que fazer político além de condições materiais concretas em consonância com o seu desenvolvimento de apreensão do materialismo histórico-dialético, quer dizer, com sua superação de um esquerdismo exacerbado e de um messianismo ético de esquerda mesclado com uma epistemologia de direita, consiste no que segue: dado o fascismo do Estado,

() torna-se compreensível porque toda a social-democracia internacional coloca a questão nos termos alternativos "democracia ou fascismo" () colocando a questão desta maneira, a social-democracia esconde dos operários os efeitos objetivos de classe de uma democracia possível na atual fase do imperialismo, e favorece a supressão das lutas de classe, o impedimento institucional das lutas salariais, a fascistização dos sindicatos, a inserção da social-democracia e da burocracia operária no aparato estatal (idem). B ()

: o que se refere ao papel do Estado no contexto imperialista-monopolista que se configurara no pós-guerra também sofre importantes mudanças () Estado não paira sobre a sociedade civil antes, tanto do ponto de vista genético quanto do seu desdobrar, sua base

material como um seu momento mediato indispensável e necessário, reside na sociedade civil (Os relações económicas que se estabelecem entre o Estado e a estrutura económica consistem, igualmente, em significativos momentos para o fomento desta última, já que se trata de relações e interações complexas, dinâmicas e, sobretudo, mutáveis (>ontudo, o momento de prioridade ainda que em última instância é determinado sempre pela sociedade civil : o imperialismo do pós-guerra,

Urge uma estreita ligação entre o Estado e a produção capitalista, relação que se apresenta, de um lado, como uma sempre crescente influência do Estado sobre as possibilidades de produção capitalista, sobre a disposição e a acumulação do capital etc. e, de outro lado, como uma crescente influência do grande capital (capital bancário e indústria pesada dirigida por ele) sobre o Estado (Esta estreita ligação entre o Estado e o grande capital já se mostra, também, antes da guerra (O êxito durante a guerra e depois da guerra não fez mais do que reforçar esta tendência (O agudização sempre crescente da luta de classe, portanto, obriga o Estado a criar garantias institucionais sempre maiores (O desorganização das massas, a sua falta de influência na vida do Estado, a interdição da luta de classes (classe operária mediante instrumentos legais, não só no*idades, mas se colocam agora num novo contexto (Lukács! ' 2#

Deste fragmento, o importante, dentre outros aspectos, também é o destaque que em virtude da agudização da luta de classes, a necessidade do ponto de vista dos Estados imperialistas do pós-guerra em consonância com os interesses do grande capital, de desorganizar as massas, mediante instrumentos legais, tornou-se imprescindível e foi posta em novos patamares (Quer dizer, as relações entre o Estado e a sociedade civil capitalista se complexificaram no pós-guerra (

o desdobrar deste momento do presente capítulo, apresentar-se-á brevemente a contextualização nacional húngara como a terrenalidade, a base material-histórica a partir da qual Lukács concebeu-se de que não se podia nutrir nenhuma ilusão acerca de eventuais alianças estratégico-políticas com a social-democracia de seu país (

>ertamente que Lukács, ao contrário da concepção sectária e estreita formulada pela K>, não entendia a social-democracia como a irmã-gêmea do fascismo^{B'} (Ele não a concebia

^{B'} Ocerca da caracterização do /terceiro período do capitalismo, o grupo de Gtálin, aliado à tendência esquerdista que então dirigia o Partido Comunista Alemão (ADP), entendia ser o terceiro período o momento de agravamento da crise capitalista em todos os quadrantes (Isso faria com que a burguesia apelasse para formas políticas repressivas, como o fascismo, a fim de garantir a exploração capitalista e tendesse para a eclosão de uma nova guerra imperialista, proativamente voltada para a destruição da JX99 () s comunistas deveriam preparar-se para guiar as massas proletárias na nova crise revolucionária que se antecipava, para o que era necessário acentuar a ruptura com a social-democracia, esta como defensora de ilusões

abstratamente (Foda*ia, isto n%o significa e, muito menos disto decorre, que Lukács a compreendia como uma for\$a pol,tica, que, em *irtude de seu caráter imanente e coer-ncia pol,tica, consistisse em uma incondicional aliada lpol,tica# do proletariado(Fal concep\$o é adialética, metaf,sica, a-histórica, e, do ponto de *ista dos interesses do proletariado como e enquanto a nega\$o do capital, uma acep\$o inconseq0ente(Aara o dialético Lukács de "8' ; -"8'8, n%o se trata*a simplesmente da e*asi*a alternati*a, a qual, como um espectro ronda*a o mundo social-burgu-s capitalista em sua fase imperialista-monopolista no pós-guerra, a saber! /democracia ou fascismo6(

) ra, o autor das *Teses*, entendia a ditadura do proletariado, a luta de /classe contra classe6, a partir de seu conteHdo concreto, sócio-historicamente conte+tualizado, isto é, dialeticamente(Rue se enfatize! a concep\$o re*olucionária leniniana transpassa e orienta as formula\$ es teóricas constituti*as das *Teses*. T época da formula\$o das *Teses*, no conte+to nacional hHngaro, após a derrota da XepHblica 9o*iética WHngara, Lukács, preconiza*a uma re*olu\$o das camadas populares no esp,rito do que L-nin em "832 chamou de /ditadura democrática dos operários e camponeses6(>oncebia-se a re*olu\$o das camadas populares como um momento de nega\$o lno sentido dialético# no interior do processo re*olucionário democrático-burgu-s(Cste momento de nega\$o, tinha o seguinte significado! trata*a-se de um momento dialético e contraditoriamente imprescind,*el e necessário para a materializa\$o da própria re*olu\$o democrático-burguesa até suas Hltimas conseq0-ncias()u seja, este momento de nega\$o consistia, dialético e contraditoriamente, no componente, na media\$o re*olucionária por meio da qual determina*a-se o aprofundamento do conteHdo da própria re*olu\$o democrático-burguesa, na medida em que este momento de nega\$o transformar-se-ia no impulso que, dialético e contraditoriamente, impede, ou melhor, impele a re*olu\$o democrático-burguesa I situa\$o que se caracteriza pela impossibilidade de frear, de estancar o processo re*olucionário e, conseq0entemente, de transformá-lo em contra-re*olu\$o(Ruer dizer, de instituir e fi+ar o processo re*olucionário nas inst.ncias jur,dico-pol,ticas do Cstado nacional democrático-burgu-s(Ossinala*a Lukács que /fun\$ es antitéticas da democracia burguesa de*em ser e+plicadas aos membros do partido com a má+ima e+atid%o6 l"858!' ' #(Aor qu-U Aorque

democráticas!e part,cipe do processo de incorpora\$o da Laristocracia operária! no Cstado burgu-s em processo de fascistiza\$o, por isso mesmo identificada como Lsocial-fascismo!6!Del Xoio, '33<!85#(

Deve-se distinguir claramente se nesta democracia a burguesia é a classe politicamente dominante, ou se = com a perpetuação da exploração econômica = ela concede o poder, pelo menos em parte. As amplas massas dos operários (: o primeiro caso, a função da democracia é a de dispersar, des*iar, desorganizar as massas operárias; no segundo, de minar e desorganizar o poder político e econômico da burguesia e de organizar as massas operárias para a ação autônoma. (

Para os comunistas, disto resulta* que o fundamental consistia, /perante a *alidade ou não da democracia (em colocar a seguinte questão /qual classe será desorganizada em seu poder pela democracia (C, ainda! /O democracia tem, do ponto de *ista da burguesia, uma função da consolidação ou de destruição da social-democracia pelas reformas democráticas desen*ol*eu-se sempre sob o signo de uma consolidação com *istas a pre*enir uma re*olu*o# (

>onsiderando a história, portanto, o autor das *Teses de Blum* elucidou os limites da democracia burguesa e lem consonância da ação política da social-democracia (>om efeito, a perder de *ista, os comunistas, jamais poder*o abrir mão da teoria re*olucionária de @ar+ segundo a qual a sociabilidade burguesa capitalista estrutura-se na divisão social do trabalho, no antagonismo de classes, no trabalho abstrato (C que, portanto, a classe que pode transformar-se de classe em-si em classe para-si consiste na classe social que se articula ao trabalho (:o contexto no qual Lukács elaborou suas *Teses*, a teoria re*olucionária de @ar+, tinha a seguinte implicação!

Fodas as palavras de ordem da ditadura democrática de*em ser a*aliadas deste ponto de *ista! do ponto de *ista da mobilização das massas e da desorganização da burguesia (Ossim, por exemplo, o controle operário da produção, hoje tornado atual (Aor isto, não se deve alimentar ilusões de que o controle sobre a produção poderia ter um efeito de consolidação () desmascaramento da sabotagem burguesa = ou eventualmente apenas a

^{B<}Cm sua *Duas Táticas da Social-Democracia na Revolução Democrática*, L-nin, simultaneamente, critica e ironiza os erros cometidos pela />onferência dos mencheviques (Cm suas próprias palavras! /O />onferência esqueceu que enquanto o poder ficar nas mãos do czar, qualquer decisão de uns representantes quaisquer não é mais que charlatanismo ocioso e mesquinho, como foi a /decisão do parlamento de Frankfurt, famosa na história da re*olu*o alemã de " ;B; (@ar+, representante do proletariado re*olucionário, em sua '*Nova Gazeta do Reno*' instiga*a com sarcasmos implacáveis os liberais de Frankfurt, análogos aos atuais adeptos de *osvobozhdenie*, justamente por que pronuncia*a boas palavras, toma*am toda espécie de /decisões democráticas, /institui*am toda espécie de liberdade, e na prática dei*am o poder nas mãos do rei, não organiza*am a luta armada contra as forças militares que se acha*am /disposição deste /ltimo (1"852!"8-'3#(

sua neutralização = só tem um certo valor como luta pelo poder, como instrumento de mobilização das massas (idem#)

Com síntese! em sua elaboração das *Teses de Blum* para a realização do II Congresso do Partido Comunista Húngaro, Lukács, atem-se às especificidades bem conexão com a universalidade# de sua Hungria(G fundamental, porém, e+por que suas *Teses*, igualmente, eram conexão as I derrota da Comuna 90*iética Húngara(

De acordo com : emes 1"828!"3"#, / O República 90*iética Húngara foi criada após cinco meses do desmoronamento militar e político da monarquia austro-húngara e da separação estatal da Hungria() go*erno de coalizão liberal-social-democrata, instaurado após a queda da monarquia, fracassara em virtude dos erros de sua política externa e interna, já que as medidas de caráter político foram elaboradas e aplicadas com o objetivo de imprimir ao desenvolvimento do país

(((# um caminho burgu-s-reacionário! entrou em conexão com as forças monárquicas, en*iou e+pedi\$ es punitivas contra os operários = que ocupam as fábricas = e contra os camponeses = que ocupam terras = e organizou um terror anticomunista desenfreado (idem!"3"- "3 '#(

Ao conseqüência da profunda crise nacional, a democracia burguesa, imediatamente, se revelou como a ditadura do capital sobre o operariado e às camadas populares, que, conjuntamente, constituam as grandes massas populares húngaras(Simultaneamente, dissiparam-se também as ilusões concernentes aos /objetivos Ldemocráticos\ das potências encendedoras = a Entente e os Estados Unidos(idem!"3 '#(Fal situação trouxe consigo o seu quinhão para o abalo das posições e das situações contra-revolucionárias!

) desencanto suscitado pelo regime liberal-social-democrata abarcou círculos cada vez mais amplos de operários social-democratas e da pequena burguesia, que se afastam da burguesia e ofereciam um apoio dia a dia maior ao proletariado revolucionário, a única classe capaz de arrancar a nação do abismo da crise (idem#)

: o interior do conteúdo da crise estabelecida e que se agudiza*a, os partidos social-democrata e comunista se fundem, se unificam num ambiente de muita euforia e entusiasmo das massas, cujo corolário resultou na fundação de um go*erno revolucionário(Foda*ia, é importante que se observe! o partido social-democrata se aliou ao

comunista em razão do fracasso completo e evidente da política direitista e, como resultado da pressão da ala esquerda e do impulso das massas, **reconheceu o princípio da ditadura do proletariado** (ibidem#)

Ao mesmo tempo, quando a pátria proletária se viu em perigo diante da ofensiva contrarrevolucionária impulsionada pelas forças político-militares da Entente, a social-democracia, mediante seus principais líderes, **acilamente capitulou** (as palavras de : emes (ibidem!" 32#)

O situação política da República se complicou devido a que na direção do partido unificado e no futuro surgiram **acilamente** as ideias capitulacionistas, quando para salvar a República a política era necessário serem tomadas com rapidez medidas revolucionárias

Com uma reunião do Conselho Revolucionário, continua o autor,

(((# dois líderes social-democratas, **unfi** e **Landler**, propuseram que o Conselho se demitisse e se formasse um **Comitê** de transição, isto é, propuseram em realidade **capitular** (unfi afirmou **teatualmente** **Como** podem ser observados sinais de que os operários não possuem agora a energia e a capacidade necessárias para a luta, deve ser criada uma corporação, transmitindo-se-lhe o Poder, já que a **Entente** não deseja manter negociações com o Conselho Revolucionário (ibidem#)

: o decorrer da argumentação e da exposição, as palavras de : emes (ibidem# tornam-se ásperas e, simultaneamente **em sua contundência**, assumem um tom de **denúncia**!

) oportunismo e a traição dos chefes social-democratas tornam-se ainda mais evidente se se tiver em conta que no dia anterior os operários de Budapeste haviam realizado uma grandiosa manifestação de Arimeiro de maio, sob os lemas da República (a manifestação foi uma prova de que estavam os operários dispostos a defender a pátria proletária, constituindo, além disso, uma **revista** de forças sem precedentes na história da Hungria) Com todo o território livre do país realizaram entusiásticas assembleias e manifestações por motivo do Arimeiro de maio

De outra parte, há que se considerar que o partido social-democrata não era um todo homogêneo, isento e imune a todo tipo de tensões e de **contradições** comunistas = continua : emes (ibidem# = **Amadeo** e **Bela Kun** exigiram que o Conselho Revolucionário continuasse a exercer as suas funções (O eles aderiram o social-democrata **Landler** e o socialista de esquerda **Landler**)

: as *Teses de Blum*, em sua abordagem relati*a I conte+tualiza\$o mundial de ent%o, quer dizer, naquele conte+to de e+pans%o e consolida\$o do capitalismo em sua fase imperialista-monopolista com suas comple+as incid-ncias tanto I democracia burguesa como I classe trabalhadora e de ascens%o do fascismo, Lukács, assinala*a que o desen*ol*imento hHngaro particulariza*a-se tanto relati*amente ao modelo italiano quanto ao ingl-s(O contra-re*olu\$o que impingiu uma dramática derrota I XepHblica 9o*iética WHngara, n%o obstante ter conduzido ao poder as camadas pequeno-burguesas e os camponeses médios, n%o obte*e -+ito, primeiro, em seu propósito de destruir ou reorganizar o mo*imento sindical, segundo, n%o conseguiu, como o fascismo italiano, adeptos entre a classe operária(Os condi\$ es materiais-objeti*as lcomo o momento mediati*o# que engendraram as resist-ncias proletárias, de acordo com o autor das *Teses* para o KK >ongresso do Aartido >omunista WHngaro,

l(((# podem ser encontradas, sobretudo, na derrota da re*olu\$o e nas ilus es democráticas da classe operária sobre a social-democracia(O consolida\$o dos grandes proprietários de terra e capitalistas que se seguiu I contra-re*olu\$o pequeno-burguesa e médio-camponesa, inserindo os órg%os dessa no aparato estatal, operou por longo tempo com métodos contraditórios em tais quest es e em parte opera ainda hoje do mesmo modo lassim o pacto com os social-democratas e também o apoio que lhes é dado#() go*erno de Bethlen^{BB} conseguiu rapidamente, nos Hltimos anos, reestruturar o aparato estatal e as organiza\$ es sociais(Ksto tornará rapidamente poss,*el a ado\$o dos métodos ldemocrático-ocidentaisl l(((# l"858!'4#(

Aosto isto, ou seja, considerando as *acila\$ es e capitula\$ es dos social-democratas lainda que n%o se possa conceb--los como um todo Hnico, homog-neo#, com os seus de*idos desdobramentos e incisi*as conseq0-ncias para a XepHblica 9o*iética WHngara, se compreende as e+pressas preocupa\$ es lukacsianas com a pala*ra de ordem a /repHblica6(Dialeticamente, apreendendo-a como um momento de um todo articulado, como um momento tático de uma estratégia pol,tico-re*olucionária em sua totalidade no interior de um conte+to social no qual desdobra*a-se a particularidade de uma objeti*a\$o capitalista em ascens%o fascista, de acordo com o formulador das *Teses de Blum*, nenhum comunista

^{BB} De acordo com a presente edi\$o brasileira do te+to l"858!'3 = nota nHmero "#, ? raf Kst*án Bethlen l";5B-"8B4#(Aol,tico e estadista hHngaro(Cm abril de "8'" foi reconhecido como @inistro-presidente pelo Aarlamento l(((# no go*erno WorthQ(Opós as elei\$ es de maio de "8'", go*ernou com o apoio do Aartido : acional >rist%o Jnificado, coaliz%o dos principais partidos hHngaros que representa*a os pequenos proprietários e os trabalhadores do campo(

/de*ei+ar-se enganar pela assim chamada propaganda republicana da social-democracia6 1Kdem!'5-' ;#(Cm outras pala*ras, Lukács reclama que era necessário se ad*ertir para o fato de que para os social-democratas a pala*ra de ordem a /repHblica6 n%o significa*a a n%o ser uma cobertura do legitimismo, /uma fun\$%o de c%o de guarda nos conflitos com os fascistas do partido pequeno-burgu-s de 0lbrecht6 1Kdem!' ;#(Aor isto, em momento algum, o /partido de*e cunhar a pala*ra de ordem republicana de maneira isolada6 1Kbidem#& porque, o fundamental, consiste em que

Csta pala*ra de ordem somente pode ter um papel como luta pela democracia total, pela repHblica em cujo *értice esteja o go*erno dos operários e dos camponeses,^{B2} como uma luta contra a liquida\$%o democrática da democracia, como uma realiza\$%o da pala*ra de ordem Lclasse contra classeM, como uma mobiliza\$%o para a luta pela ditadura democrática 1Kbidem#(

@as isto ainda n%o é tudo(O luta pela ditadura democrática, tem que necessariamente, ser posta em prática, isto é, /ser desen*ol*ida pelos operários em estreita cone+%o com a luta contra o fascismo e contra a media\$%o estatal dos conflitos6 1Kbidem#(Disto resulta que a luta pelos direitos ci*is burgueses de*e ser entendida como um momento da totalidade das e+ig-ncias cotidianas dos operários(: as pala*ras duras e precisas de Lukács! /@esmo

^{B2} O -nfase dada I alian\$a proletário-camponesa, também lalém de estar no esp,rito do que L-nin em "832 denominara de a /ditadura democrático-re*olucionária do proletário e dos camponeses6 = "852!" "<# remonta ao caráter equi*ocado da pol,tica que a >omuna 9o*iética WHngara pPs em prática com os camponeses(: emes, aponta tr-s grandes ensinamentos da XepHblica 9o*iética WHngara, sendo que o terceiro, ele o descre*e como segue 1"828!" "3#! /O terceiro ensinamento diz respeito à questão camponesa.) s erros da XepHblica 9o*iética WHngara neste terreno confirmaram com toda a justeza da pol,tica camponesa leninista, aplicada conseq0entemente pelo A>J9 depois da Xe*olu\$%o de) utubro(**Em um país com grandes vestígios feudais, como era então a Hungria, não se pode saltar as etapas do desenvolvimento agrário democrático revolucionário nem diminuir a importância da divisão da terra.** Jma parte bastante considerá*el das grandes fazendas semifeudais confiscadas de*ia ter sido repartida, para satisfazer em parte a necessidade de terra e, além disso = o que é muito importante = para refor\$ar a seguran\$a dos camponeses com pouca terra do seu direito a ser proprietário de uma parcela(Ksto de*ia ter sido feito em benef,cio do robustecimento da alian\$a operário-camponesa6(

Aorém, L-nin jamais dei+ou de e+plicitar em suas análises a ontológica e fundamental distin\$%o entre o ser-precisamente-assim do proletariado e campon-s = ambos sócio-historicamente constitu,dos! /9omente o proletariado é capaz de apoiar os camponeses 1(((# até o fim(G indubitá*el, finalmente, que também na XHssia a *itória camponesa, isto é, a transfer-ncia de todas as terras para os camponeses, significará uma re*olu\$%o democrática completa, será uma base social da re*olu\$%o le*ada ao fim, porém, de maneira nenhuma equi*alera a uma re*olu\$%o socialista, nem I Lsocializa\$%oM de que falam os ideólogos da pequena-burguesia, os social-re*olucionários() -+ito da insurrei\$%o camponesa, a *itória da re*olu\$%o democrática, só far%o limpar o caminho para uma luta decidida e *erdadeira pelo socialismo, no terreno da repHblica democrática() s camponeses, como classe possuidora das terras, desempenhar%o nessa luta o mesmo papel de trai\$%o, de inconseq0-ncia, que agora desempenha a burguesia na luta pela democracia(Csquecer isto é esquecer o socialismo, é enganar-se a si mesmo e aos demais a respeito dos *erdadeiros interesses e das tarefas do proletariado6 1"852!" ' '-"' '<#(

considerando estes problemas cotidianos, de se ser empreendida a denúncia da traição social-democrática, da adaptação orgânica da social-democracia ao fascismo democratizado (Cf. ibidem) C é exatamente em virtude destas razões que

(((# na mesma medida em que se deve lutar contra qualquer niilismo que se manifeste diante dos direitos civis burgueses, deve-se também sempre colocar em relevo o valor relativo que do ponto de vista da classe operária tem a democracia, tanto na sociedade burguesa como na ditadura democrática (idem!'; -'8#(

O conclusão do autor que se manifesta de modo inequívoco sua dialética concepção acerca das complexas relações e interações entre as relações burguesa e proletária e das fundamentais distinções entre ambas já que se trata de classes contraditórias e, em especial, antagônicas, a mais completa realização da democracia burguesa está longe de eliminar a exploração da classe operária (cf. ibidem), é imediatamente precedida por uma citação de Lênin extraída de *A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky!* "Entre opressores e oprimidos, entre burguesia e proletariado, não pode haver nenhuma igualdade" (idem)

Aos bem, para que se explicita a distinção que separam *As Teses de Blum* e a política, é imperioso apresentar alguns princípios teóricos formadores de seu núcleo racional

O política não conduziu uma ruptura até às últimas consequências com suas razões dogmáticas e com suas costumeiras aplicações políticas sem as devidas mediações das auridas concepções forjadas pela (Cresce-se a isto o fato de que, a política de frente ampla, propugnada pela política, não se concretizaria alheia a uma prática política de natureza pragmática e de vicissitudes, como demonstra a brusca mudança de aliança e consequente apoio do A>B ao governo (ou seja) em fins de 1984 (B4

B4 O vicissitudes do A>B unem-se às vicissitudes do próprio governo (ou seja) De acordo com (segundo) 1982" a reaproximação do A>B /com o governo (segundo) estreita-se com as negociações iniciadas, em dezembro de 1984, por (segundo) Fiago Dantas em torno da montagem da (segundo) projeto (segundo) a constituição de uma aliança de centro-esquerda que ia dos comunistas ao (segundo) (Visa-se) desbloquear o entendimento em torno das reformas e mudanças políticas e coloca a possibilidade de um governo de coalizão, que contasse com as simpatias do A>B, em particular, e das esquerdas em geral (segundo) (Cf. fins de 1984 há uma reaproximação entre o A>B e (segundo) (e por um lado o A>B mantinha as esperanças de transformar o governo (ou seja) em um governo nacionalista e democrático, por outro (segundo) passa a sinalizar para a esquerda e acenar com a possibilidade de assumir compromissos com as reformas (idem!) (/) A>B passa então a continuar o autor = /a propor uma recomposição do governo, e purgando-se os setores (segundo) e conciliadores (segundo) (Aprop e a montagem de (segundo) governo nacionalista e democrático, que conte em seu seio com representantes das forças da frente única, inclusive dos trabalhadores (segundo) um governo apoiado

Ts inerentes *icissitudes e ao pragmatismo, cumpre também assinalar que a pol,tica de alian\$as pecebista com a perspecti*a de consubstanciar uma frente ampla nacionalista e democrática conformou-se permeada por uma concep\$%o que ignorou as comple+as media\$ es que se d%o entre a prá+is pol,tica e a problemática de classe(

) indi*,duo é um ser social(: as estruturas de classes, sua generalidade e indi*idualidade s%o subsumidas pela media\$%o da classe(O classe, no entanto, n%o seria mais que uma simples abstra\$%o se o caráter estrutural de sua ontologia lde seu ser-precisamente-assim# n%o fosse e+plicitado mediante um rigoroso trabalho cient,fico-filosófico(: o interior societal solidificado estruturalmente por meio de uma di*is%o social do trabalho as lutas entre classes contraditórias e antagPnicas, que, dialeticamente, consistem no componente imprescind,*el e Hnico por meio do qual, elas respondem aos problemas postos e decorrentes da trama do tecido social, s%o ine*itá*eis(

Os comple+as determina\$ es refle+i*as que se estabelecem entre determinismo e liberdade só se tornam compreens,*eis teoricamente quando e I medida que s%o relacionadas Is intr,nsecas cone+ es causais do de*ir cont,nuo-descont,nuo da unidade essencia e fenPmeno no interior da forma\$%o de um determinado todo social(Os *icissitudes de classes eYou de fra\$ es de classes, ou seja, os c.mbios opcionais, as transforma\$ es ocorridas no modo de pensar, sentir e agir, se articulam lainda que n%o imediata e diretamente#, ao jogo dialético lcom seus desdobramentos# dessas /intr,nsecas cone+ es causais(O temporalidade das classes é uma determina\$%o social(: este conte+to, a elabora\$%o conceitual da categoria /re*olu\$%o6, assim como a prá+is re*olucionária, emergem como e+ig-ncias inerentes Is necessidades sociais, quer dizer, s%o determinadas como decis es alternati*as concretas cujo significado é sen%o o de materializar sa,das que satisfa\$am espec,ficas le n%o uni*ersais# necessidades(

)ra, diante da e+tens%o e intensifica\$%o dos mo*imentos rei*indicatórios por reformas de base, a burguesia nacional, absor*ida por uma conjuntura de radicaliza\$%o de for\$as, n%o ocultara sua *erdadeira face e op\$ es! as contradi\$ es que, segundo sua a*alia\$%o, geneticamente, coloca*am seus particulares interesses em +eque, se ele*a*am das organiza\$ es proletárias articuladas aos interesses das classes populares, e n%o do imperialismo(

num diapositi*o militar realmente nacionalista e democrático, um go*erno capaz de realizar as reformas de base6)(1Kbidem#(

O Almeida, em seu texto "Insistente desencontro! o A > B e a resolução no período "8B2-4B6 ressalta o equívoco da aliança pecebista, já sob o governo de Kubitschek, a respeito de uma suposta burguesia com interesses nacionais e, conseqüentemente, das relações de forças sociais que se desdobram entre as classes e frações de classes que lutam pela hegemonia, quer seja no âmbito da sociedade civil, quer seja no patamar da superestrutura) ou melhor! no interior do todo do ser social burguês brasileiro(Ossevera o autor que

O percepço, pelo A > B, de que o movimento nacionalista cresceria revelou-se ainda mais correta no início dos anos 43(faltou discernir que se trata de uma outra configuração do nacionalismo, pois a forte presença das classes populares, inclusive do campo, era portadora de um potencial antiimperialista incompatível mesmo com amplos contingentes da parte boa do governo S, aquela que o A > B pretendia reforçar() nacionalismo que adota a não era antiimperialista, e sua democracia burguesa era de baixa,ssima intensidade 1'33<!"' "#(

Do ponto de vista de amplos setores da burguesia brasileira, = continua o autor = /a mesma realidade era vista com os sinais trocados() grande problema não era o imperialismo, mas as camadas populares(1Kdem!"' "8#(

Como se pode depreender, tratou-se de um erro crasso, na medida em que a luta pela hegemonia, /pressupõe e indubitavelmente que se deve levar em conta os interesses e as tendências dos grupos sobre os quais a hegemonia será exercida 1(((#6(1 ? ramsci,"8 ; ; !<<#(

Aor isso, o -rito de se lutar pela hegemonia no interior de um determinado momento sócio-histórico, pressupõe a correta apropriação teórica das forças sociais com diásporas e antagônicos interesses# que estão atuando no cenário político-econômico e social, o que enol*o, no dizer de ramsci, /o problema das relações entre estrutura e superestrutura(1Kdem!B2#(

De acordo ainda com as considerações gramscianas, na relação de forças, é necessário distinguir diversos momentos ou graus, que no fundamental, são!

"# o de que nenhuma sociedade assume encargos para cuja solução ainda não existem as condições necessárias e suficientes, ou que pelo menos não estejam em vias de aparecer e se desenrolar! "# o de que nenhuma sociedade se dissolve e pode ser substituída antes de desenrolar e completar todas as formas de vida implícitas nas suas relações(1Kbidem#(

Importa, aqui, de passagem, deixar assinalado que da proposição marxiana, na apreciação de Gramsci, não se pode atribuir qualquer inferência de carácter economicista-mecanicista e de fazer que o equívoco cometido segundo a avaliação pecebista, mediado por sua política no período imediatamente pré-golpe, segue o mesmo diapasão: a asserção crítica de Negatto!

São bastante articuladas, as forças conservadoras e de direita beneficiam-se muito das debilidades, das distensões e do triunfalismo das esquerdas () A>B e as esquerdas, de um modo geral, acreditam piamente em seu poderio popular e, no caso de emergência, no dispositivo militar do governo (Arestes chega mesmo a afirmar que se a direita tentasse o golpe, teria sua cabeça cortada (Negatto, "882!"48#)

Isto é sintomático, porque traz à superfície que a transformação da Frente Democrática de Libertação Nacional (FDL) preconizada pelo manifesto de 10 de agosto de 1963 em Frente Nacionalista, constituída por patriotas da burguesia nacional, da pequena burguesia e do proletariado urbano e rural (Azzero, "888!"2#, propugnada pela política, como a imprescindível táctica política mediante a qual concretizar-se-ia a primeira etapa do vir-a-ser revolucionário imprescindível e necessário para se impulsionar a revolução proletária, isto é, a revolução democrático-nacional, demonstrou-se, como a própria história há de revelar, a não ser em desastrosas consequências tanto para o próprio A>B e demais forças de esquerda, quanto para as camadas populares (Ruer dizer, o A>B, deixara de levar em conta os interesses e as tendências dos grupos sobre os quais a hegemonia seria exercida (

O que, torna-se imperioso re-enfatizar um aspecto da maior importância, a saber! as individualidades são sempre sociais (: as sociedades de classes, a subjectividade como e enquanto o fundamento ontológico de todo pPr teleológico e como a dimensão de distinção e desenrolamento das particularidades de cada singularidade individual, é subsumida pela mediação da respectiva classe de origem (De acordo com Azzero, "888!"3#, /1(((# um dos grandes problemas do A>B foi a composição social dos quadros de dirigentes, em sua maioria oriundos da pequena burguesia (

Odscrito à problemática da subsunção da respectiva classe de origem, que, do ponto de vista ontológico, trata-se de uma universalidade que transpassa as particularidades das sociabilidades fundamentadas na divisão social do trabalho de carácter estrutural, no caso

específico do Brasil, unem-se, primeiro, a forte presença do pensamento positivista na forma cultural do Brasil republicano, atuante na mentalidade dirigente do Partido Comunista; segundo, o marxismo vulgar de extra-terceiro internacionalista stalinizada (isto é, esvaziado do caráter dialético do pensamento marxiano, cuja tendência, se caracterizara pela ausência de se apropriar teórico-metodologicamente das necessárias mediações das determinações e reflexões entre a estrutura econômica e o poder político, das correlações entre forças que disputam pela hegemonia a partir das quais materializar-se-ia a práxis política)

Informada mediante esse arsenal cultural alheio ao pensar dialético, a nova política elaborou uma aceção do processo de objetivação capitalista no Brasil fortemente marcada por um viés de natureza mecanista-economicista (O que, é suficiente ilustrar com a seguinte determinação da sociedade capitalista brasileira segundo a Declaração de Arso de '82;!

(((# o desenvolvimento das forças produtivas faz surgir no país uma burguesia nacional e progressista, em contradição com o imperialismo, além de aumentar o contingente do proletariado urbano e também rural)

De imediato, é plausível afirmar que a Declaração de Arso desconsiderou as complexas determinações e reflexões que se desdobram entre subjetividade e objetividade, entre determinismo e liberdade (Certamente que tais determinações articulam-se às particularidades como a materialização dos essenciais momentos que determinam a universalidade do ser-precisamente-assim existente capitalista) ora, a presença do marxismo vulgar veiculado pela K>, que, entre outras distorções do pensamento marxiano, concebe a subjetividade como um simples epifenômeno, é patente (O dialético, a nova política não pode dar-se conta de uma importante premissa do pensar materialista-dialético e histórico, premissa segundo a qual o desenvolvimento econômico pode em determinadas condições criar situações revolucionárias, mas que, entretanto, a subjetividade como um momento necessário para as grandes mudanças sociais, não constitui jamais em uma determinação direta e imediata de seu desenvolvimento (Basta que se recorde das aceções esquemáticas aplicadas pela K> ao processo revolucionário chinês, quando, ao contrário das análises elaboradas pela K> acerca do caráter revolucionário da burguesia nacional industrial, esta fração burguesa, após os acontecimentos de]angai, dá uma guinada para a

direita e implementa uma política de ruptura com os comunistas (*Mutatis mutandis*, o A>B, deixou de considerar em suas análises que em um país como o Brasil de capitalismo tardio e de tradição autocrática, é imperioso que se tenha sempre presente que do ponto de vista da classe burguesa e de suas frações de classe, o grande problema não era o imperialismo, mas as camadas populares^(B5)

Assim que, positivismo, marxismo vulgar de esquerda e terceiro internacionalista stalinizado e a composição dos quadros de dirigentes tem sua maioria de origem pequeno-burguesa, forma um todo, uma unidade, que, consistem nos nexos causais e plicativos da fragilidade das formulações teórico-metodológicas do A>B acerca da complexidade inerente às particularidades de objetivação da ontologia do ser social burguês em seu contraditório de ser constitutivo em terras brasileiras. Ademais, é imperioso lembrar que por razões de uma série de complexas conjunções, a história do A>B é permeada por dramáticas mudanças de seus quadros dirigentes = que se recorde do conteúdo que implicou na destituição do primeiro núcleo de dirigentes do partido

Das interações e relações desses componentes, estabeleceu-se uma complexa dialética de continuidade-descontinuidade na construção da linha política do A>B ao longo de sua história = que se pense na prática política oscilatória e na aplicação mecânica das diretrizes políticas sem as devidas medidas

desdobramentos do V Congresso do A>B no interior da totalidade do movimento comunista, determinaram também

1(((# a no*a *iragem I LdireitaM, já a partir de "82B(Osim, o A>B irá retomar a pol,tica que ha*ia sido realizada no per,odo da legalidade de "8B2, quando no*amente busca se transformar num partido *institucional de esquerda*, seguindo direcionamentos e+ternos = a teoria da coe+ist-ncia pac,fica da JX99(1@azzeo, "888!; '#(

Desnecessário lembrar que a retomada da linha pol,tica do *terceiro período* pecebista cujo desdobramento resultara na /no*a pol,tica6, inicia-se no KV Congresso realizado em "82B() que importa, aqui, é ressaltar que de acordo com um dos formuladores da Declara\$%o de @ar\$ de "82;, ?orender, a no*a linha pol,tica /partiu da mesma premissa do Aograma do Quarto Congresso! a concep\$%o da re*olu\$%o brasileira em duas etapas6(1?orender, "8;5!<3#(Frata-se de uma cr,tica sintomática, já que impregnada pelas resolu\$ es pol,ticas da K>, a /no*a pol,tica6 fora concebida nos par.metros da /Feoria consagrada6 B:(>omo é de conhecimento, na historiografia dos comunistas brasileiros, /Feoria consagrada6! trata-se de uma denomina\$%o atribu,da por >aio Arado Sr(, que desde o KV Congresso do A>B, defendia a tese segundo a qual /a *is%o da e+ist-ncia de Lrela\$ es feudais de produ\$%oM no campo era uma grosseira transposi\$%o mecanicista das realidades européias6(1@azzeo, "888!58#^{B8}

^{B:} Segundo >aio Arado Sr(, 1"85;!42, apud @azzeo, "8;8!"<#, O /Feoria >onsagradaM desdobra-se das teses da Kternacional >omunista, a partir de seu VK Congresso @undial de "8' ;, onde se definem os pa,ses de g-nese colonial da seguinte maneira! *países coloniais e semicoloniais* 1>hina, ndia, etc# e *países dependentes* 10rgentina, Brasil e outros#, que possuem um embrião de indHstria, as *ezes mesmo uma indHstria desen*ol*ida, insuficiente, na maioria dos casos, para a edifica\$%o independente do socialismo! *países onde predominam relações sociais da Idade Média feudal* ou Lmodo asiático de produ\$%oM tanto na *ida econPmica como na sua superestrutura 1(((#6,

^{B8} De acordo com 9egatto 1"882!8"-8'#, na *Tribuna de Debates* do V Congresso do A>B, no qual, consolidara-se a /no*a pol,tica6, apresentou-se uma terceira posi\$%o! a de >aio Arado Sr(Cste, procura /contestar as interpreta\$ es presentes nas *Teses* sobre o processo do capitalismo lcomo sendo positi*o#, da estrutura fundiária e das rela\$ es de produ\$%o no campo lsobretudo da e+ist-ncia de rela\$ es semif feudais#, do caráter da burguesia le+ist-ncia de um setor da burguesia com interesses nacionais#, do imperialismo como entra*e ao desen*ol*imento capitalista#, do Cstado Lde composi\$%o heterog-nea e representando interesses, ao mesmo tempo, reacionários e progressistas# etc(Discorda, também, das proposi\$ es acerca do Lcaráter da re*olu\$%o brasileiraM, principalmente no que diz respeito Is Lcontradi\$ es principaisM apontadas nas *Teses* e da pol,tica de alian\$as(>onclui que La orienta\$%o do Aartido n%o há que se concentrar na pol,tica de alian\$as e que, embora essa pol,tica n%o de*a ser subestimada, ela passa a um segundo plano, de*endo se acentuar a a\$%o do Aartido, em primeiro lugar, naquilo que nas *Teses* figura subordinadamente em um plano secundário, a saber, na luta de classe do proletariado 1(((#6(

O teoria do *ir-a-ser re*olucionário por etapas, fora consolidado no VK >ongresso da K> l julho de "8' ;#, cujas premissas ad*ogam o bloco das quatro classes! o proletariado, os camponeses, a pequena burguesia e a burguesia nacional& e o necessário momento da re*olu\$%o democrático-burguesa para a constitui\$%o, posterior, do socialismo, implicando a homogeneiza\$%o /cient,fica6 de umaimensid%o de realidades altamente comple+as e heterog-neas(Os comple+as rela\$ es e determina\$ es refle+i*as entre uni*ersalidade e particularidade s%o prescindidas, portanto²³

: o bojo do bloco das quatro classes, de acordo com as Feses da Declara\$%o de @ar\$%, postula*a-se a hegemonia do proletariado(Aorém, num pa,s como o Brasil, de capitalismo tardio e de tradi\$%o autocrática, no qual, a burguesia como classe social dominante, lcom suas correspondentes e imprescind,*eis institui\$ es de sustenta\$%o de poder de classe#, já se ha*ia consolidado, falar em re*olu\$%o, no que /se refere I própria burguesia6 10lmeida, '33<!" ' '#, consiste a n%o ser em algo que já pertencia ao /passado6(lKbidem#(Aor isso, tra\$ar como necessidade a luta pela hegemonia no interior da ampla frente pelo proletariado, re*elou-se como /ilusório6 1?orender,"8;5!<3#() autor de o *Combate nas Trevas*, em linhas posteriores, categoricamente, sintetiza!

O linha pol,tica do A>B, l(((# empurra*a I plena luz o seu erro essencial(O burguesia brasileira n%o pode ser colocada na mesma categoria da burguesia nacional chinesa, acerca da qual teorizou @ao Fse-tung, ou das burguesias de pa,ses atrasados da Omérica >entral, da ffrica e da f sia = burguesias incipientes e fracas, pass,*eis de condu\$%o hegemPnica por um partido re*olucionário *igoroso(:o momento de "84B, a burguesia brasileira já era classe dominante(Dispunha de grandes recursos econPmicos, do aparelho de Cstado, de equipes de intelectuais org.nicos e de uma rede de institui\$ es para o trabalho ideológico(O pretens%o do A>B de hegemonizá-la funda*a-se numa ilus%o(9ucedeu o contrário! o A>B é que foi hegemonizado(lKdem!4 '#(

²³ >om isso, n%o se pretende afirmar que as orienta\$ es do VK >ongresso dei+aram de recomendar aos comunistas que procurassem adaptar suas resolu\$ es e diretrizes pol,ticas Is suas respecti*as realidades concretas(Oo contrário, objeti*a-se enfatizar que a consolidas%o da teoria por etapas, apesar de parcialmente, considerar os processos históricos consoantes Is forma\$ es sociais, por basear-se na teoria do /bloco das quatro classes6 e no /caráter da *etapa da revolução democrático-burguesa*6, generaliza*a as /comple+as realidades sociais num determinado modelo a ser seguido(>om isso queremos dizer que se, de um lado, ha*ia alguma positi*idade em se considerar *aspectos* das particularidades históricas e de suas di*ersidades sociais, econPmicas e culturais, de outro, a *generalização* acabou deprimindo as potencialidades anal,ticas e principalmente criati*as dos partidos comunistas em suas a\$ es objeti*as6 l@azzeo,"888!B4#(Basta recordar do trágico destino do a\$hmulo das originais análises relati*as I realidade brasileira no per.odo elaboradas por destacados membros do A>B e que determinaram suas diretrizes pol,ticas quando da realiza\$%o do KKK >ongresso do partido = entre dezembro de "8' ; e janeiro de "8'8(

Segundo ainda o mesmo autor, outro elemento que também se manifestou como ilusório, consiste na opção pelo caminho pacífico, em que a burguesia já era a classe dominante e tinha estreita relação com o imperialismo (Kdem!<"#(

) ra, o caminho pacífico para a resolução pressupõe o consenso da burguesia nacional com os demais segmentos sociais que compunham a frente nacionalista () problema, porém, residia no fato de que esta fora de objetividade política ganhar semelhante consenso de uma burguesia que não precisa de nenhuma resolução (Kbidem#(

Foda-se, é imperioso também salientar que com a Declaração de Arso, o A>B, não obstante os devidos ajustes e correções, retorna-se à linha política de seu *terceiro período* (Ruer dizer, retoma-se uma linha política que, além de se basear na concepção por etapas da resolução para se construir o socialismo em terras brasileiras, propugna uma política reformista que se expressa pela tática de conciliação de classes e de frente ampla, cujas diretrizes remontam ao V Congresso da K = "8<2(

Como anteriormente já se expôs, após os acontecimentos do]] Congresso do A> J 9, com seus desdobramentos e de suas dramáticas repercussões na cotidiana prática política pecebista, originou-se um novo grupo de dirigentes que daria sustentação e viabilidade à nova linha política então estabelecida (

A linha política inaugurada com a Declaração de Arso, como também já se expôs, na medida em que determina o caminho pacífico para o socialismo em solo nacional, constitui-se em um equívoco instrumental teórico, que, equivocadamente, propugna uma aliança com uma suposta burguesia com interesses nacionais (

Com as correções efetuadas no V Congresso, a nova linha política ganharia contornos mais acabados e definitivos, além de conquistar = com o ato congressual = sua legitimidade orgânica (Regatto, "882!8B#(Isto é sintomático, porque ao se confirmar a teoria da resolução por etapas e de conciliação de classes, efetua-se, simplesmente, com todas as consequências daí advindas, Inum país, no qual, a burguesia, não precisa de nenhuma resolução, a supressão das complexas relações e interações dialéticas que se desdobram entre as resoluções burguesa e proletária (Da, que, a estrutura contraditória imanente à ontologia do ser social burguês que se expressa pela mediação de contrapostos interesses de suas principais classes sociais constituintes, burguesia e proletariado, fora

construída na contradição que se tornaria objetiva mediante os interesses da nação e do imperialismo e de seus agentes internos(

: este contexto, a primeira etapa da revolução brasileira deveria ser de caráter antiimperialista e antifeudal, nacional e democrática(O diluição da luta de classes e, por decorrência, a luta pela hegemonia, e a pressão pelo abandono da luta levada a efeito na dimensão material-econômica da sociedade, travada na disputa pela hegemonia do movimento sindical(1(azzeo!"888!;2# com a autocracia burguesa,2" tornaram-se implacáveis() resultado inenarrável fora que! com sua /nova política, o A>B, ao privilegiar uma linha política de frente ampla e de colaboração entre classes antagônicas, /subordina a luta do proletariado ao *politicismo de viés liberal* e institucionalista(1(ibidem#(

Enfatizando a prática política pecebista instaurada a partir da Declaração de 1934, era determinada e orientada por um momento teórico, por uma teleologia, e auriado e, por conseguinte, inadequado para a apreensão teórica do complexo processo de objetivação do capitalismo no Brasil, a partir do qual, como a condição material indispensável, já que a apreensão teórica das forças sociais que lutam pela hegemonia é de fundamental importância#, se formulasse diretrizes políticas cujo atuar implicasse intervenções consecuentes do ponto de vista do proletariado e de seus /naturais(aliados# na objetividade social(Em síntese! que estabelecesse com clareza o conteúdo do processo revolucionário e as consecuentes tarefas das classes subalternas(Aparentemente, contudo, trata-se de um instrumental teórico /adequado a um grupo *dirigente tardio*, que materializa em sua concepção política a *via stalinista de socialismo*" 1(azzeo,"888!;5#(

Explicita-se, portanto, novamente, que a /nova política é, radicalmente, distinta da dialética concebida elaborada por Lenin(Ruer dizer, fora incapaz de considerar a situação concreta como a síntese de múltiplas determinações# para se formular as concretas tarefas políticas do proletariado(

De outra parte, a /ditadura democrática, propugnada pelas *Teses de Blum*, como se demonstrou, não preconiza a democracia burguesa como um momento necessário e

2" Segundo os estudos sobre o manifesto de 1923 realizados por azzeo, /o despeito dos equívocos efetuados pelo A>B nesse período, 1(((#, podemos dizer que o partido chegou a praticar, até mesmo no que se refere ao aspecto central do confronto com a autocracia burguesa, uma oposição que era travada na *base material da sociedade*, isto é, a disputa pela hegemonia do movimento operário consubstancia-se na luta pela organização sindical independente do proletariado na tentativa de se construir um sindicalismo deslocado do Estado, buscando a consolidação dos >entros) operários como sindicatos autônomos(1"888!54#(

imprescindível anterior, para que posteriormente, não há nas *Teses* nenhuma separação espaço-temporal, se colocasse a revolução proletária em movimento²¹ O contrário, as complexas relações e interações entre as revoluções burguesa e proletária são concebidas. É importante enfatizar dialeticamente, bem ao gosto de L-nin! / O ditadura democrática, isto, só pode ser entendida como a revolução concreta através da qual a revolução burguesa se desdobra em revolução do proletariado⁶ Lukács, "858!"²² Além disso, tampouco fazia alusão a um suposto caráter nacional da burguesia húngara e, conseqüentemente, não prescrevia uma política de conciliação entre classes antagônicas = a política de linha de frente do A>B, é necessário fixar, em muito se distancia da concepção teórica que alancou a elaboração das *Teses de Blum*⁶

: o *Manifesto Comunista*, as tarefas de responsabilidade dos comunistas estão explicitamente delimitadas. Compreende-se, portanto, que a revolução política estabelecida com sua tácita divisão do trabalho está permeada por limites e inadequações. As exigências das tarefas proletárias na situação concreta em que fora formulada = a política *tout court* continua a ser monopólio da direção⁶ mas os intelectuais definiam a política cultural e, a revolução do monopólio da direção⁶, conseguiram fazer passar Lukács, Gramsci etc.⁶

²¹ Entre as tarefas preconizadas pelas *Teses* de incumbência do Partido Comunista Húngaro, consta a seguinte: Lukács, "858!"³ / De-se, desde já atacar toda concepção de que a ditadura democrática é uma forma transitória entre o regime de Bethlen e a ditadura do proletariado = é como dizer que atualmente existe o regime de Bethlen, que após sua destruição obteremos a ditadura democrática e que somente quando tivermos edificado e realizado esta última amanhecerá a época da ditadura do proletariado. Os formas de uma ditadura democrática podem ser muito variadas: o início de "8"5, em oposição a "amene" que deseja fixar o partido na forma da ditadura democrática de "832, L-nin acentua que no início da revolução de "8"5 a ditadura democrática era realizada de forma bem precisa! uma destas formas era a de um contragoverno formado pelos conselhos dos operários e do soldados⁶

²² Imediatamente, Lukács cita L-nin! L: não existe nenhuma muralha chinesa entre revolução burguesa e revolução do proletariado! "858!"¹

CAPÍTULO II - Ontologia: Defesa do Trabalho como a Categoria Central do Ser Social.

2.1.Contextualização do tema

Com termos históricos, é possível verificar que em razão da imanente dinâmica do metabolismo peculiar do modo de produção da sociabilidade burguesa, o qual, implica complexas e intrincadas determinações reflexivas que compreendem as lutas entre classes contraditórias e antagônicas e as expressões jurídico-políticas destas," há não só um

">omo sintetizam : etto e Braz l' 334!"48-"53#! / 0o longo de sua existência, o capitalismo mo*eu-se lmo*e-se# e transformou-se ltransforma-se# mobilidade e transforma%o est%o sempre presentes nele! *mobilidade e transformação constituem o capitalismo*, graças ao rápido e intenso desen*olvimento de forças produtivas que é a sua marca(O e+press%o sociopol,tica das suas contradi\$ es, que surge nas *lutas de classes*, permeia e penetra todos os passos da sua dinâmica(O história do capitalismo = a sua evolu\$%o =, portanto, é produto da interação, da imbricação, da intercorr-ncia do desen*olvimento de forças produtivas, de altera\$ es nas

ininterrupto *ir-a-ser cada *ez mais intenso de subsun\$%o do trabalho *i*o pelo trabalho morto, como também uma permanente muta\$%o das interpenetra\$ es e intera\$ es entre as ati*idades produ*as e improdu*as como partes formadoras do trabalho abstrato lquer dizer, entre o setor produ*o e o de ser*i\$os# e entre o momento de e+ecu\$%o e o de concep\$%o do trabalho(

Cstes comple+os, cujas comple+as intera\$ es entre si e com o todo do setor econPmico, desdobram-se em determinados rearranjos e reestrutura\$ es com incid-ncias na reprodu\$%o social em sua totalidade(Cste re*olucionar ininterrupto das for\$as produ*as, repercute sobre e é fomentado, mediatamente, pelo aparato jur,dico-pol,tico(>onfirma-se, portanto, a teoria pol,tica mar+iana segundo a qual o Cstado n%o se configura pela uni*ersalidade(

O partir dos anos 53, em escala mundial, instaurou-se uma crise estrutural do capital tanto em sua particularidade capitalista quanto nas e+peri-ncias do assim chamado /socialismo real6 com a JX99 como o seu carro-chefe(O crise destas há que ser

ati*idades estritamente econPmicas, de ino*a\$ es tecnológicas e organizacionais e de processos sociopol,ticos e culturais que en*ol*em as classes sociais em presen\$a numa dada quadra histórica(C todos esses *etores n%o só se transformam eles mesmos! as suas intera\$ es também se alteram no curso do desen*ol*imento do @A>6 = @A>! @odo de Arodu\$%o >apitalista(

Fal confirma\$%o pode ser perfeitamente constatada lcom suas distin\$ es, caracter,sticas e e+ig-ncias peculiares Is respecti*as fases do capitalismo# no processo mesmo do comple+o e contraditório e*ol*er da ci*iliza\$%o burguesa! />omo tal, o Cstado, desde quando a press%o da burguesia *ascendente* deu origem ao chamado absolutismo, sempre inter*eiio no processo econPmico capitalista. o traço inter*encionista do Cstado lque, até \eQnes, causa*a um *frisson* nas elites burguesas e em seus porta-*ozes liberais# a ser*i\$o de franjas burguesas re*ela-se muito precocemente, l(((#(: ada é mais estranho ao desen*ol*imento do capitalismo do que um Cstado LárbitroM(: o entanto, com o ingresso do capitalismo no estágio imperialista, essa inter*en\$%o muda funcional e estruturalmente(

/O té ent%o, o Cstado, na certa caracteriza\$%o mar+iana o representante do capitalista coleti*o, atuara como o cioso guardi%o das *condições externas da produção capitalista*. J ltrapassa*a a fronteira de garantidor da propriedade pri*ada dos meios de produ\$%o burgueses somente em situa\$ es precisas = donde um inter*encionismo emergencial, episódico, pontual(: a idade do monopólio, ademais da preser*a\$%o das condi\$ es e+ternas da produ\$%o capitalista, a inter*en\$%o estatal incide na organiza\$%o e na din.mica econPmicas *desde dentro*, e de forma cont,nua e sistemática(@ais e+atamente, no capitalismo monopolista, as fun\$ es *políticas* do Cstado imbricam-se organicamente com as fun\$ es econPmicas6 l : etto! '334!' B#(

compreendida como um momento da crise do capital em escala global^([^]) seu desfecho é conhecido, assim como suas negati*as repercussões para o mundo do trabalho^(^B)

Vale aqui recordar que o imperialismo sofreu importantes transformações em sua trajetória de pouco mais de um século (>omo já se e+pps na parte introdutória do presente trabalho, na história dessa fase ou estágios# do @odo de Arodu\$%o >apitalista l@A>#, pode-se especificar tr-s momentos! a fase denominada /clássica61"; 83 a "8B3# a dos /anos dourados6 ldo fim da 9egunda ?uerra @undial aos limiares dos anos 53# e o estágio que abarca o capitalismo *contemporâneo* lde meados dos anos 53 aos dias atuais#(

: esta /terceira fase do estágio imperialista6, distintamente do que ocorreu no estágio dos /anos dourados6, o que re*ela um seu momento espec,fico, no que se refere ao papel do

^([^]) crise da sociedade contempor. nea que a en*ol*e em sua totalidade lna crise do Cstado de bem-estar social, na crise do ent%o denominado /socialismo real6 = e, como parte desse processo, nas tentati*as /terceiro-mundistas6 de romper o estatuto do subdesen*ol*imento#, apresenta formas distintas com suas lrespecti*as# dramáticas conseq0-ncias, que, entre outras, t-m se e+pressado como /possibilidade de *regressão social* = de que o denominado *neoliberalismo* é paradigmático6 l : etto, '33"!44#(O ainda segundo o autor, / : %o há dH*idas de que uma perspecti*a anal,tica instigante é aquela que se contém na abordagem destas crises enquanto faces distintas de uma crise do *domínio do capital* l(((#(crise que pode ser e+plorada diferencialmente, seja sob a fecunda ótica de uma ontologia da sujei\$%o do trabalho, seja I luz da satura\$%o das formas fetichizadas da produ\$%o de mercadorias(: o estágio atual das pesquisas, toda*ia, creio que é necessário aprofundar a *especificidade* dessas crises, apontando pri*ilegiadamente para a processualidade endógena de cada uma delas, sem pagar, porém, o preço da perda do seu entrela\$amento l(((# C isto por uma razão muito elementar! se ambas ljuntamente com o fracasso das tentati*as lterceiro-mundistas# para escapar I heteronomia econPmico-pol,tica e ao desastre social# plasmam um quadro de crise global para a sociedade contempor. nea, suas din.micas l(((# remetem a lógicas medularmente di*ersas e com significa\$ es muito distintas(9e a resultante de ambas pode prefigurar um panorama catastrófico, com a imin-ncia emers%o da barbárie em larga escala, seu caráter é *diferente*(Cm s,ntese, as duas crises *não podem ser equalizadas*6 lKdem!4;-48#(

^(^B) O repercuss%o do desmoroamento da JX99 e do Leste Curopeu sobre o mo*imento operário também foi significati*a! /ao final dos anos ;3, te*e enorme impacto no mo*imento operário(Basta lembrar a crise que se abateu sobre os partidos comunistas tradicionais e o sindicalismo a eles ligados6 lO ntunes, "888!" ; ;#(Cm contrapartida, no processo histórico constituti*o imperial global que resultou na hegemonia norte-americana, há que se destacar o re*olucionário papel desempenhado pela e+-Jni%o 9o*iética lno pós-guerra# como um contraponto no interior do conte+to imperial multipolar = n%o só na difus%o da re*olu\$%o socialista, mas também no que concerne aos mo*imentos de emancipa\$%o nacional e social que /eclodiram por toda a periferia do Império e de respaldo para o a*an\$o do mo*imento operário no seio dos próprios pa,ses imperialistas ocidentais(6 lDel Xoio, '33B!<8#(: os anos 53, finda o relati*o equil,brio estratégico entre as pot-ncias nucleares6 o in,cio da crise estrutural do capital dá-se com o fim da acumula\$%o do capital com base no padr%o fordista(: o limiar dos 43, o império norte-americano já ha*ia amargurado uma derrota humilhante na Ilha dos Aorcos em >uba(: os 53, outras se somariam a esta(O estas por sua *ez, se ajuntaria o fenPmeno do mo*imento operário e popular que se a*an\$a*a e toma*a corpo em alguns pa,ses da Curopa)idental6 e a emers%o de pólos industriais lfomentados e*identemente pelos pa,ses capitalistas hegemPnicos# em pa,ses localizados nos elos débeis da cadeia capitalista-imperialista(Ossim que /ficou patente a necessidade de se reorganizar o poder imperial a fim de abrir caminho para a ofensi*a do capital na produ\$%o, por meio de uma re*olu\$%o tecnológica e gerencial que apontasse para a supera\$%o do fordismo() ataque contra o mo*imento operário, no decorrer dos ;3, *isou I retirada de direitos e o enfraquecimento má+imo de suas institui\$ es sócio-pol,ticas, tais como o sindicato e partido de massa(6 lKbidem#(

Cstado, papel que se re*ela atra*és do par dialético descontinuidade-continuidade, o objeti*o dos monopólios, mediados pela ideologia neoliberal,

l(((# n%o é a Ldiminui\$%o do Cstado, mas a diminui\$%o das fun\$ es estatais *coesivas*, precisamente aquelas que respondem I satisfa\$%o de direitos sociais(: a *erdade, ao proclamar a necessidade de um LCstado m,nimoM, o que pretendem os monopólios e seus representantes nada mais é que um **Estado mínimo para o trabalho e máximo para o capital** l : etto e Braz, '334!' '5#(

Aosto isto, é imperioso lembrar que nesta fase atual do imperialismo-monopolista, estabeleceu-se em escala global uma no*a onda agressi*a imperial sob a hegemonia dos Cstados Unidos(9ustentado por um comple+o militar-industrial e pelo ideário pol,tico-ideológico neoliberal,² acentua-se a mistifica\$%o apologética do @A> como o modelo ci*ilizatório por e+cel-ncia e ontologicamente imanente ao ser-precisamente-assim humano! enfatiza-se o li*re mercado, a sociedade li*re e democrática baseada nos direitos indelé*eis do cidad%o com o escopo claro de dicotomizar a dimens%o pol,tica do ser social de sua esfera econPmico-material(

: este recente per,odo de mundializa\$%o do capital, l*ale dizer, do capitalismo *contemporâneo*! /terceira fase do estágio imperialista6#, de*e-se acrescentar que as transa\$ es comerciais implementadas e operadas pelos grandes monopólios ⁴ t-m por um lado conduzido inHmeras empresas I situa\$%o de fal-ncia incrementando o seu dom,nio que em escala mundial monopolizam de forma intensi*a o mercado e, por outro, n%o obstante a t%o propalada era da forma\$%o de *Blocos*, em nada tem minimizado a contradi\$%o entre os

² Vasapollo, contundentemente, assinala n%o só a dramaticidade desta ofensi*a para o proletariado, como também a sua impregna\$%o ,deo-pol,tica! /9erá poss,*el solucionar o problema do desemprego pela introdu\$%o de no*as formas de trabalho at,pico, ou seja, fle+,*el ou precárioU 9erá poss,*el solucionar os problemas de subsist-ncia e de qualidade de *ida de todos aqueles que *i*em na pobreza por falta de salário ou por dependerem de trabalhos temporários, precários, at,picos, em geral, ou com poucas ou ine+istentes garantias trabalhistasU) conceito de fle+ibiliza\$%o do trabalho e o abandono do modelo de trabalho está*el, por tempo indeterminado, já pertencem I nossa atual forma de pensar e muitos s%o os economistas e estudiosos que declaram que só atra*és de um rápido interc.mbio de postos de trabalho será poss,*el uma adapta\$%o Is no*as regras impostas pela globaliza\$%o e pelo no*o paradigma socioeconPmico produti*o6 lVasapollo, '332!'2#(

⁴ /Aara se compreender a atual fase de competi\$%o global, é necessário *inculá-la I análise da organiza\$%o do ciclo produti*o, Is caracter,sticas do tecido produti*o e social, ao papel do Cstado, Is rela\$ es entre as regi es internacionais e suas estruturas econPmicas, aos interesses de dom,nio e de e+pan\$%o que permeiam o conflito global entre empresas e pólos geoconPmicos(Cssas problemáticas est%o todas fortemente interligadas, freqÜentemente dependentes, desde a passagem do fordismo para o pós-fordismo6 lVasapollo, '332!'5#(

Estados-nações e o suposto caráter internacional de Estados na qualidade de empresas jurídicas, políticas desses *Blocos* estão constituídos e/ou em processo de formação

Com efeito, a economia do imperialismo, cumpre realçar, como e enquanto o momento monopolista do estágio, em sua terceira fase, apresenta também intensificação nos componentes determinantes de seu ser-precisamente-assim, tais como: o denominado comércio *intracorporativo*, a estruturação de *blocos* supranacionais, a hipertrofia do setor de serviços e, como a mais relevante de suas determinações: a *financeirização* do capital⁵

Ruando a última impressão, o elemento determinante para o desdobrar da lógica imanente do capitalismo *contemporâneo*, isto é, Brasil e Estados Unidos, contundentemente, assinalam que ela é fomentada pela mediação de

1) os recursos informacionais, que garantem comunicações instantâneas entre agentes econômicos situados nos mais distantes rincões do planeta, esse processo tem suportes na gigantesca concentração do sistema bancário e financeiro. Nesta, ao longo dos últimos trinta anos, acompanhou a concentração geral operada na economia capitalista. Contudo, tais efeitos específicos, dada a amplitude que as atividades especulativas adquiriram nesse mesmo lapso de tempo: menos de 33 bancos e corretoras de ações e títulos globais controlam, em finais do século XX, as finanças internacionais

Ao contrário, a razão substancial desta peculiar e essencial determinação da terceira fase do estágio imperialista, consiste indelévelmente, no fato de que a financeirização resulta da superacumulação e, ainda, da queda das taxas de lucro dos investimentos industriais registradas entre os anos setenta e meados dos oitenta. Contudo, isto, porque

1) O capitalismo é um sistema econômico que prefere não produzir em vez de produzir sem lucro. Contudo, compreende-se que um montante fabuloso de capital disponibilizou-se sob a forma de capital-dinheiro. Contudo, a parte desse capital foi investida na produção e, especialmente, no setor de serviços em outros países pelas corporações imperialistas representando o chamado *investimento externo direto - IED*, aliás um dos denominados da mundialização. Contudo, a parte substantiva, porém, permaneceu no circuito da circulação buscando valorizar-se nesta esfera. Contudo,

⁵ Ocerca da natureza imperialista do império do mundo Del Xoio 1933-1950, assevera que Desde fins da década de 50 do século terminando, assistimos uma ofensiva do capital contra o mundo do trabalho, assim como um esforço de implantação de um Império Universal, nucleado no poder da oligarquia financeira transnacional e de suas instituições (Banco Mundial, 1970), mediado pelo poder político de alguns Estados, articulados no grupo dos 5, mas muito particularmente pelos EUA. Ruando ao objetivo principal, cite deste caráter imperial, esclarece o autor: /é a mundialização do capital e a sua consolidação como único sujeito político lição (Contudo)

Ogora bem, na medida em que a crise estrutural do capital, nas economias capitalistas centrais, repercutiu incisivamente no *welfare state* e, contundentemente, determinou que os paladinos e as forças da ordem pusessem em curso, entre outras tomadas de decisões alternativas, uma reestruturação do padrão produtivo estabelecido do binômio taylorismo-fordismo cujo desdobrar implicou, entre outras consequências, profundas mudanças no interior do mundo do trabalho, re-configurando a classe trabalhadora = tanto em sua forma objetiva, material, sua forma de ser⁸, quanto em suas formas organizacionais e subjetivas⁽³⁾: este último sentido, a esfera que compreende propriamente sua dimensão política, ideológica, dos valores e do ideário que fundamentam suas ações práticas-concretas = em síntese! que dizem respeito à sua consciência de classe⁶ 101*es, '333!38#(Com outras palavras, neste contexto de crise de caráter estrutural, o capital em sua particularidade capitalista tem decisivamente fomentados novos e sofisticados mecanismos de dominação do trabalho = reestruturando o processo produtivo do trabalho abstrato produtor de mercadorias retirando direitos trabalhistas cuja efetivação concretiza-se pela mediação do

³ >f(parte introdutória deste trabalho, mais precisamente! nota 5(

⁸ /G a partir da mundialização do capital que se desenrola um complexo de reestruturação produtiva, com impactos estruturais no mundo do trabalho(Ele surge como ofensiva do capital na produção, tendo em vista que debilita a classe, não apenas no aspecto objetivo, com a constituição de um novo tipo de precário mundo do trabalho, mas principalmente no subjetivo(G por isso que, na perspectiva histórico-ontológica, o novo complexo de reestruturação produtiva não possui caráter neutro na perspectiva da luta de classes(Ele apenas se pressiona, na medida em que se desenrola em as alterações do processo de trabalho, algo que é intrínseco à lei da acumulação capitalista! a precarização da classe dos trabalhadores assalariados, que atinge não apenas, no sentido objetivo, a sua condição de empregos e salário mas, no sentido subjetivo, a sua consciência de classe⁶ 101*es, '333!38#(

³ Os transformações ocorridas afetaram também intensamente os organismos sindicais em escala mundial(Antes de tudo, verifica-se uma nítida tendência de diminuição das taxas de sindicalização, especialmente na década de "8;36(10ntunes, "882!28#(Além da retração da taxa de sindicalizados, engendraram outras implicações, como por exemplo, a intensificação da tendência neocorporativa, que procura preservar os interesses do operariado estável, incluído aos sindicatos, contra os segmentos que compreendem o trabalho precário, terceirizado, parcial etc(1(((#(: não se trata de um corporativismo estatal, mais próximo de países como o Brasil, México, Argentina, mas de um corporativismo societário, atado quase que exclusivamente ao universo categorial, cada vez mais excludente e parcializado, que se intensifica, em vez de procurar novas formas de organização sindical que articule amplos e diferenciados setores que hoje compreendem a classe trabalhadora⁶ 101*es, '333!38#(

De sua parte, o PT tem insistido que a característica de impregnação utópica insere-se em um processo de burocratização que tem atualmente perpassado as práticas sindicais brasileiras em seu núcleo hegemônico com incidências desastrosas para o desenvolvimento constitutivo da consciência da classe trabalhadora(/O burocratização de suas estruturas, = diz o PT³ 1'33<! '2# = /e, não apenas isso = a crise de seu intelectual orgânico, o partido =, criou uma ideologia do sindicalismo que não consegue destilar esperanças e catalisar forças anímicas capazes de mobilizar, no imaginário de largos espectros do mundo do trabalho, novas utopias sociais(Esta talvez seja a verdadeira crise do sindicalismo() sintoma é a sua identificação com o ideário da empresa, em busca do desempenho corporativo, e a mera adaptação à ordem do capital tende a esvaziar o lastro utópico e político do sindicalismo⁶

poder político incrementando nas formas de alienação e de manipulação por meio de sua lógica intrínseca de acumulação, expansão e dominação

9intomático também é o fenômeno de que esta contextualização tem sido convertida em um sólido e fértil terreno para a formulação de teorias que insistem em caracterizar a crise do capital como sendo de natureza conjuntural¹⁰⁰ e fundamentalmente, já que estendem e fundem a crise da sociedade do trabalho abstrato ao trabalho como e enquanto necessidade imanente I existência humana, de torquir do ser social a centralidade ontológica do trabalho como intercâmbio orgânico material entre sociedade e natureza, como a práxis material produtiva de valores de uso indispensáveis I reprodução social e, neste sentido, enquanto a categoria fundante do ser social que lhe impulsionou o salto ontológico da natureza superando no sentido dialético as determinações meramente biológicas = com o intuito político de descaracterizar o pensamento social de Marx, em especial sua teoria do valor-trabalho com as consequências adiantadas I extinção da luta de classes e adeus ao proletariado conciliação entre capital e trabalho e mercado democrático etc

Com síntese a incisiva crítica feita por Marx I Economia Política clássica > clássica ter-se-ia, hodiernamente, transformado a não ser em simples especulações abstratas desinculadas das conexões imanentes que regulam e dinamizam o movimento do mundo regido naturalmente¹⁰¹ pelas forças invisíveis do mercado () ra, é político que a sociedade burguesa, no lapso temporal que compreende a época do período concorrencial aos estágios imperialistas-monopolistas, experimentou profundas mutações e que no interior de sua totalidade, certamente, surgiram fenômenos e processos que obviamente não foram estudados por Marx (Fodação,

A crítica da Economia Política clássica realizada por Marx possibilitou o conhecimento teórico da estrutura e da dinâmica econômicas da sociedade burguesa (A análise das leis de movimento do capital e as descobertas marxianas operadas na segunda metade do século XIX continuam válidas até hoje porquanto, corridos cento e cinqüenta anos, a nossa sociedade permanece subordinada aos ditames do capital (I : etto e Braz, ' 334! ' 2#

¹⁰⁰ /Sá na década de 1853, muitos pregavam que ela não duraria mais do que alguns meses e, logo em seguida, a uns poucos anos, Mário Henrique Simonsen e Delfino : etto, os mandarins da economia do Brasil I época, não se cansaram de repetir que as turbulências seriam passageiras (O contrário das suas previsões, o aprofundamento e a extensão da crise tornaram inegável a alteração dos eixos do capitalismo mundial (Lessa, ' 332a! 52#

Oo lado das conseq0-ncias enumeradas anteriormente, isto é, Is profundas metamorfoses sofridas pela classe trabalhadora, impingidas por esse processo de reestruturaco produtiva, como um dos momentos constitutivos das respostas enquanto tomadas de decisões alternativas pelos defensores da ordem vigente com o intento de superar a crise estrutural do capital, terminaram por conferir também uma suposta objetividade indagaco acerca do posto central ocupado pelo papel social do trabalho no interior das sociabilidades contemporaneas imersas na crise estabelecida e o que é mais significatiuo propugnou-se o adeus ao proletariado, o adeus a classe trabalhadora = a crise estrutural da sociedade do trabalho abstrato na condico de solo material, objetivo, transformou a categoria trabalho em um dos temas centrais das ciencias sociais (e precisamente consolidada, esta base material fora convertida pelos apologistas de plantão do *status quo* no nódulo primordial de sustentaco teórico-metodológica, que insistentemente, com a inteno explicita de colocar em cheque a teoria do "valor-trabalho marxiana", propugnam a presença de uma relao radicalmente nova da sociedade capitalista em seu todo com o trabalho (Fal proposico, fora pertinentemente questionada por Lessa 1' 33' b!B2-B4#!

1(((# 9eria "erdade que nos encontramos, tal como postula ?orz em *Adeus ao Proletariado*, no limiar do desenrolamento de uma nova esfera de relaes sociais, não mais determinada pelo trabalho abstrato, e que coexistiria com as relaes sociais capitalistas t,picasU Aoderiam tais relaes, por esse processo, deixar de ser o Hnico modo de relao entre os homensU Cstamos "i*endo o fim da sociedade do trabalho, à la \ urzU

"' Cm sua cr,tica de caráter ontológico ao /trabalho imaterial6 ltrabalho sem objetivao e, portanto, que propugna a desarticulaco estrutural do trabalho! teleologia-causalidade#, postulado por :egri, Wardt e Lazzarato, Lessa demonstra a total aus-ncia material-objetiva como respaldo ao núcleo duro de sua elaboraco teórica(: esta suposta formulao cient,fica segundo o autor, a pol,tica simplesmente paira sobre o ar(Absolutamente autnoma, se hipostasia(O teoria do "valor já não possui um fundamento material-econômico antes, assentar-se-ia no suposto jogo das "ontades lsubjctivas# pol,ticas(Isto porque em ess-ncia, é inerente ao capital estender-se a todos os setores da "ida social, cujo corolário implacável seria a absoluta identidade entre o capital e a totalidade da "ida dos indi*,duos(: as pala*ras do cr,tico! /Woje, "ida e reproduo do capital ter-se-iam tornados sinnimos e, nessas condicões, a relao de e+plorao re*elaria a sua ess-ncia! uma relao de poder, portanto, uma relao pol,tica, e não material-econmica() ra, como toda relao pol,tica é também ideológica, isto significa que o capital é uma relao entre subjctividades(Cm outras pala*ras, ao chegarmos aos dias em que "i*emos, a absoluta identidade capital\totalidade social faria emergir uma subjctividade que supera o capital e instaura uma nova forma, LcomunistaM, de "valorizaco(Aor isso, 1(((#, seria poss,*el superar o capital na subjctividade mesmo antes de t--lo superado na objetividade(Vi*er como comunista seria, então, não apenas compat,*el com o capital, como ainda mera questão de se constituir um Lestilo de "idaM que esti*esse para além da "valorizaco do capital6 1' 332a! "5-";#(>onsideraes cr,ticas sobre *Trabalho imaterial: Negri, Lazzarato e Hardt*, do mesmo autor, em! 1Lessa, ' 33'!" "8-"B<#(

>omo se pode depreender, o aspecto central da problemática emerge imediatamente! a reestruturação produtiva determinada mediante uma engenharia para salvaguardar a forma societal regida pelo capital, fora simplesmente, transmutada em uma questão ideológica (Cp, tetos tais como sociedade pós-industrial, democrática, pós-moderna, cidadã etc), que, tornaram-se tão frequentes na ordem do dia, e expressam com toda força e clareza o que se pretende defender e ocultar = precisamente! um processo irreversível de uma crise estrutural do capital (que se pense na insuperável contradição que se aprofunda entre a capacidade de consumo e a capacidade excessiva de produzir# com suas dramáticas seqüelas (queles já que suas necessidades, ainda que impostas pela própria lógica do capital, malgrado a magnitude da capacidade produtiva instaurada, não podem mais ser atendidas = a começar pelo direito /sagrado ao próprio trabalho# que *i*em da *enda de sua força de trabalho(

) processo de reestruturação produtiva do capital consiste na base material sobre e a partir da qual as personificações do capital nas mais diferentes latitudes edificam o projeto ideológico-político neoliberal (") *leitmotiv* deste, como expressão fenomênica da crise estrutural do capital, em sua aguda e constante luta contra o trabalho, se determina mediante o propósito de recuperar os patamares de acumulação e expansão do período pós-guerra, próprio dos /anos dourados# do metabolismo reproduzido do capital(O eclosão das revoltas do operário-massa *mass worker*# predominantemente semiqualficado e típico do

"O principal característica do novo complexo de reestruturação produtiva, que surge sob a era neoliberal, é seu caráter irruptivo sobre o trabalho, constituindo, a partir daí, um novo tipo de precário mundo do trabalho no Brasil () sentido irruptivo da nova ofensiva do capital na produção decorre, principalmente, do seu caráter sistêmico, que articula e concentra#, num período histórico, com maior amplitude e intensidade#, um verdadeiro complexo de reestruturação capitalista no país(

/ : os anos 83, o Brasil passou a incorporar uma pauta de problemas sociais característicos do mundo do trabalho no cenário do capitalismo mundial e que são impostos pela nova ofensiva do capital na produção (uma das características estruturais da mundialização do capital# surge, como novo estigma do mundo do trabalho, o desemprego estrutural e a precariedade de emprego e salário que atinge o pólo moderno da classe operária (Além da parcela imensa de marginalizados com relação à legislação trabalhista (que em virtude da nova Lei do Trabalho temporário pode ser parcialmente incorporada, mas com estatuto salarial precário#, tende a surgir nova exclusão social no próprio campo da modernidade(O precariedade e a insegurança penetram no núcleo integrado da classe dos trabalhadores assalariados, atingindo os que ainda mantêm vínculo formal de emprego(Desencolme-se, em maior amplitude, portanto, um mundo do trabalho no Brasil, mais diversificado, mais segmentado, polarizado, que tende a tornar ainda mais difícil a própria constituição da solidariedade de classe(OI*es, ' 333!' B5#(

/ : os anos de "883, a década da desertificação neoliberal em nosso país, uma tormenta abateu-se sobre o nosso mundo do trabalho e em seus núcleos orgânicos(Fivemos privatização acelerada, informalidade descompensada, desindustrialização avançada e financeirização desmesurada(Fudo conforme dita a o figurino global(9e >ollor foi um bonapartista aventureiro, fonte inesgotável de irracionalidade, com 7W> e sua racionalidade acentuada o país descarrilou nos trilhos do social-liberalismo, eufemismo designado aos socialistas e social-democratas que praticam o neoliberalismo(O ntunes, ' 332!' 4B-" 42#(

modelo produtivo verticalizado e hierarquizado (ta)lorismo-fordismo no final dos anos 43 e início dos 53, pPs explicitamente em +que /os pilares constitutivos da sociabilidade do capital, particularmente no que concerne ao controle social da produçãõ 10ntunes, "888!B"#"B

) ra, se o operário-massa fora ltra*és de um suposto sistema de compromisso entre capital e trabalho mediado pelo Cstado#"2 um sustentáculo pol,tico-econômico e ideológico do Cstado do bem-estar social, suas formas de luta contra o processo produtivo ent%o em *oga aliadas aos primeiros sinais de estancamentos econômicos, desempenharam um significati*o papel para a crise de natureza estrutural do capital que se instaurara a partir do período em foco e com significati*as repercussões no respecti*o Cstado(

Ossim, a luta de classes conformar-se-ia lentre outras medidas, como respostas do capital I resist-ncia dos trabalhadores# desde os limiares dos anos 53 mediante um enorme incremento das for\$as produtivas = marcadamente de caráter cient,fico-tecnológico(Aostas sob controle ltemporariamente, por meio de *ários mecanismos repressivos# as re*oltas do operário-massa pelas for\$as e personifica\$ es do capital, consubstancia*am-se ent%o as bases /sociais e ,deo-pol,ticas para a retomada do processo de reestruturaçãõ do capital num patamar distinto daquele efeti*ado pelo ta)lorismo e pelo fordismo6 1Kdem!B2#(

"B : este preciso sentido, assinalam :etto e Braz 1'334!"B-"2#! /O conjuntura dos anos "845-"85< é desfa*orável ao imperialismo(Os mobiliza\$ es anticapitalistas registram ent%o o seu auge, tanto no centro l(((# quanto na periferia, onde se conclui a liquidaçãõ dos impérios coloniais l(((# : o domínio da economia, o quadro n%o lhe era fa*orável(>onstata*a-se, l(((#, uma desaceleraçãõ do crescimento, assim como uma rápida queda das ta+as de lucro, e aumenta*am os custos das garantias conquistadas pelo trabalho, mediante o reconhecimento dos direitos sociais lresultantes das lutas conduzidas pelos trabalhadores#, implicando uma carga tributária que o capital aceitara quando as ta+as de lucro eram mais altas6(

"2 Aaralelamente ao modelo produtivo ta)lorismo-fordismo como um seu momento de sustentaçãõ /erigiu-se, particularmente durante o pós-guerra, um sistema de LcompromissoM e de LregulaçãõM que, limitado a uma parcela dos pa,ses capitalistas a*an\$ados, ofereceu a ilusãõ de que o sistema de metabolismo social do capital pudesse ser efeti*a, duradoura e definiti*amente controlado, regulado e fundado num compromisso entre capital e trabalho mediado pelo Cstado6 10ntunes,"888!<:# Oinda segundo o autor, 1Kdem!B3-B"#, /Sá no final dos anos 43 e início dos anos 53, deu-se a e+plorsãõ do *operário-massa*, parcela hegemônica do proletariado da era ta)lorista/fordista que atua*o no uni*erso concentrado no espaço produtivo(Fendo perdido a identidade cultural da era artesanal e manufatureira dos of,cios, esse operário ha*ia se ressocializado de modo relati*amente LhomogeneizadoM, quer pela parcelizaçãõ da indHstria ta)lorista/fordista, pela perda da destreza anterior ou ainda pela desqualificaçãõ repetiti*a de suas ati*idades,além das formas de sociabilizaçãõ ocorridas fora do espaço da fábrica(Ksso possibilitou a emerg-ncia, em escala ampliada, de um *novo proletariado*, cuja forma de sociabilidade industrial, marcada pela *massificação*, ofereceu as bases para a construçãõ de uma no*a identidade e de uma no*a forma de consci-ncia de classe(9e o *operário-massa* foi a base social para a e+pansãõ do LcompromissoMsocial-democrático anterior, *ele foi também seu principal elemento de transbordamento, ruptura e confrontaçãõ, da qual foram forte expressãõ os movimentos pelo controle social da produçãõ ocorridos no final dos anos 60 l(((#6*

Forna-se compreensível, portanto, que não se trata de uma simples acidentalidade o fato de que, simultaneamente, dar-se-ia no interior deste complexo contexto global que se estabeleceu, a gênese da implantação do padrão produtivo com base no taylorismo e o do período da teoria decantada acumulável⁴ nos centros hegemônicos do mundo capitalista e de sua expressão ideológica-política e jurídica = o Estado neoliberal (formara-se um todo! reestrutura-se o processo produtivo mas evidentemente, não modifica em absolutamente nada o modo de produção e, conseqüentemente, erige-se sua expressão político-jurídica) Trata-se de vários momentos de um mesmo processo = tem-se uma descontinuidade como um momento fundamental para que a continuidade em novos patamares se afirmem : não se trata de mudanças essenciais, antes, de respostas como decisões alternativas concernentes aos patamares fenomênicos da crise estrutural de acumulável do capital em sua particularidade capitalista)

Aois bem, é exatamente neste complexo contexto sócio-histórico que se configurou, que estudiosos marxistas, postos neste trabalho em destaque : L. Lessa, G. Hasin, J. Fontes e J. Fontes, tanto no âmbito acadêmico, quanto em outras instituições de caráter científico, têm demonstrado em termos teóricos e empíricos, em primeiro lugar, que a tese da extinção da classe trabalhadora não se sustenta (é indubitável que ela tenha sido submetida a significativas mudanças em sua fisionomia, que se metamorfoseou, mas que deduzir disto sua supressão é converter a fenomenal crise das sociedades regidas pelo metabolismo do capital, quer dizer, das sociedades fundamentadas no trabalho abstrato, estranhado, assalariado e produtor de mais-valia, em uma questão simplesmente ideológica, apologética)

Em segundo lugar, que os delineamentos ontológicos retomados e sistematizados em especial por Lukács da teoria social marxiana, que, se assenta na centralidade do trabalho entendida como a possibilidade concreta de abolir as estruturas sociais fundamentadas

⁴ / O recessão generalizada de 1980-1982 acende o sinal vermelho para o capital monopolista que, a partir de então, implementa uma *estratégia política global* para reverter a conjuntura que lhe é francamente negativa () primeiro passo é o ataque ao movimento sindical, um dos suportes do sistema de regulação social encarnado nos vários tipos de *Welfare State* (: os finais dos anos setenta, esse ataque se dá por meio de medidas legais restritivas, que reduzem o poder de intervenção do movimento sindical, nos anos oitenta, o assalto do patronato toma formas claramente repressivas = de que são empregos as ações dos governos Thatcher e Reagan (: L. Fontes e Braz, 1984) "2) (Oo mesmo tempo, começa-se a ser introduzidas / circuitos produtivos que deslocam cada vez mais o padrão que se consolidou nos anos dourados!!! esgota-se a modalidade de acumulável denominada *rigida*, própria do taylorismo-fordismo, e começa a se instaurar aquela que vai caracterizar a terceira fase do estágio imperialista, a *acumulação flexível* (L. Fontes)

sobre o sistema metabólico do capital e que tem por conteúdo substancial o processo da autoconstrução humana, mesmo após o desastre das experiências do /socialismo real, tem-se re-elaborado como um momento essencial de contribuição teórico-metodológica não só para a apreensão intelectual da complexidade da crise em sua totalidade, ou seja, da sociedade contemporânea que a envolve em sua totalidade, mas em especial, no conteúdo dos candentes debates emergidos hodiernamente, logo adeus ao proletariado, a descentralização do trabalho no mundo social-humano, o fim da história, a transmutação da subjetividade em simples epifenômeno etc., para a sustentação teórica das imprescindíveis e inelutáveis premissas mediante as quais se pode colocar em movimento o substancial processo revolucionário cuja finalidade consiste em superar a fase da pré-história da humanidade.

Finalmente, para o enfrentamento destas tendências cuja gênese insere-se no interior do conteúdo desse modelo sócio-econômico-político e cultural particular I /terceira fase do estágio imperialista do @A>, intensificadas após o colapso do /socialismo real, é que esses estudiosos (entre outros), do ponto de vista dos interesses do trabalho na determinação de categoria fundante do ser social, como dimensão social insubstituível e ineliminável que determina (em última instância) o sentido e a direção do desenvolvimento da historicidade, reproduzido da sociabilidade humana, têm-se utilizado das ideias de Lukács (em especial de suas investigações ontológicas) como uma contribuição (entre outras) teórico-metodológica imprescindível.

Assim, quais as repercussões destas transformações impingidas ao processo produtivo no mundo do trabalho? Será que este sofreu relevantes mudanças () trabalho abstrato descaracteriza-se como momento único e, comparado em seu desenvolvimento constitutivo de mais-valia () trabalho como intercâmbio orgânico entre ser social e natureza, o trabalho como /categoria fundante da ontologia do ser social, teria perdido este seu posto para a política ou para a esfera informacional? O composição orgânica do capital (capital variável e capital constante) desestruturou-se? Seria possível identificar a forma de ser (a densidade ontológica) da classe trabalhadora hoje? Após o colapso das experiências socialistas que tinham a e+-JX99 como o seu carro-chefe, tornou-se justificável a propugnação de substituir a forma histórica (concreta) do trabalho, enquanto o fundamento da forma de sociabilidade respectiva, pela dimensão da política?

2.2. Ontologia: Trabalho e Emancipação Humana.

O objetivo deste tema consiste em apresentar ainda que não até às últimas consequências as contundentes críticas que, em nome do trabalho como fundamento ontológico do ser social, como produtor de valores de uso indispensáveis à existência humana, estes autores marxistas fizeram a efeito contra os defensores da ordem vigente que propugnam, entre outras teses, a descentralização do trabalho no mundo humano e o adeus à classe trabalhadora, o fim da história, a eleição do mercado a estatuto ontológico do ser social etc. O que, é importante enfatizar que as questões acima enumeradas são momentos constitutivos dos efervescentes embates contemporâneos postos e impostos como consequência da crise das sociedades contemporâneas regidas pelos ditames do capital em sua totalidade e que as respostas elaboradas teórico-metodologicamente a tais questões constituem momentos mediadores por meio dos quais as críticas foram concretizadas por estes estudiosos, tanto em suas atividades desenvolvidas no âmbito da academia, quanto em outras instâncias de caráter científico.

É por mais evidente, trata-se de um dado empírico, que há no capitalismo contemporâneo, vale dizer, na terceira fase do estágio imperialista, em termos quantitativos, com repercussões qualitativas, uma redução substancial da classe trabalhadora na esfera produtiva do trabalho abstrato produtor de mais-valia. O mesmo que, é palpável no processo de produção de mercadorias, neste momento de tecnocratização da ciência, do avanço das forças produtivas baseado substancialmente no avanço científico-tecnológico, uma fenomenal diminuição quantitativa de sua dimensão subjetiva da força de trabalho, que, no modo de produção capitalista, como repetidamente demonstrou Marx, é transformada em mercadoria, ainda que não em uma mercadoria qualquer, mas na mercadoria geradora de valor, em relação aos fatores objetivos, ou seja, às dimensões das forças produtivas = aqui, cabe a seguinte ressalva! desde a *Miséria da Filosofia* que Marx propôs a superfluidez que a força de trabalho se constitui na principal força produtiva e, em especial, no principal fator revolucionário.

O mesmo que a histórica e imanente relação entre os momentos objetivo e subjetivo cuja articulação consiste em um momento inelutável no produzir produtivo de valores, pode

ser, atualmente, e+presso como segue! um aumento crescente do capital constante em rela\$%o ao capital *ariá*el! a composi\$%o org.nica do capital, esta unidade lmas n%o identidade# contraditória, esta totalidade, no capitalismo *contemporâneo*, está contundentemente submetida a um mo*imento cujo desdobrar tem implicado um aumento *continuum* do capital constante em rela\$%o ao capital *ariá*el(

:MO *Capital*, @ar+ 1"8; '!2B#, e+plícitamente, dei+a e+posta a radical distin\$%o histórico-ontológica e, portanto, primária a qualquer conteHdo de teor lógico-gnosiológico, entre trabalho abstrato lprodutor de *alor de troca# e trabalho lprodutor de *alor de uso#!

Fodo trabalho é, de um lado, disp-ndio de for\$a humana de trabalho, no sentido fisiológico, e, nessa qualidade de trabalho humano igual ou abstrato, cria o *alor das mercadorias(Fodo trabalho, por outro lado, é disp-ndio de for\$a humana de trabalho, sob forma especial, para um determinado fim, e, nessa qualidade de trabalho Htil e concreto, produz *alores-de-uso(

Cm momentos posteriores, este caráter essencial-ontológico, quer dizer, em sua /qualidade de trabalho Htil e concreto6 produtor de *alores de uso, em termos uni*ersais, é determinado pelo autor alem%o lKdem!'3;- '38# de maneira lapidar e inquestioná*el!

) processo de trabalho, que descre*emos em seus elementos simples e abstratos, é ati*idade dirigida com o fim de criar *alores-de-uso, de apropriar os elementos naturais Is necessidades humanas, é condi\$%o necessária do interc.mbio material entre o homem e a natureza! é condi\$%o natural eterna da *ida humana, sem depender, portanto, de qualquer forma dessa *ida, sendo antes comum a todas as suas formas sociais(: %o foi por isso necessário tratar do trabalhador em sua rela\$%o com outros trabalhadores(Bastaram o homem e seu trabalho, de um lado, a natureza e seus elementos materiais, do outro() gosto do p%o n%o re*ela quem plantou o trigo, e o processo e+aminado nada nos diz sobre as condi\$ es em que ele se realiza, se sob o láteo do feitor de escra*os ou sob o olhar ansioso do capitalista, ou se o e+ecuta >incinato la*rando algumas jeiras de terra ou o sel*agem ao abater um animal bra*io com uma pedra(

Cscusado dizer que as abstra\$ es s%o geradas por media\$ es concretas imanentes I concreticidade de um determinado conte+to sócio-histórico() que por ora importa consiste em dar toda -nfase acerca da import.ncia destas determina\$ es elaboradas por @ar+ para o tema proposto(Do que deri*a, imperiosamente, a necessidade de le*ar a cabo uma aparente digress%o composta por tr-s momentos(: o desdobrar e+positi*o, tornar-se-á e*idente o

significado, do ponto de vista da emancipação do trabalho do jugo do capital, nos debates no bojo das sociedades contemporâneas submetidas à crise de carácter global, desta radical distinção ontológica explicitada por @ar+(

9intetizando! esta fundamental distinção, consiste na pedra angular para a confecção do tema aqui proposto(A totalidade determina-se como uma das essenciais categorias do modo de pensar ontológico dialético-materialista, no interior da qual as categorias t-m que ser apreendidas historicamente(Desnecessário assinalar, que do ponto de vista ontológico-metodológico, a totalidade é uma categoria concreta, uma determinação da existência(

O essencialidade ontológica do trabalho para @ar+ insere-se, intrinsecamente, no conteúdo da problemática da ontologia do mundo humano-social(Economia na determinação marxiana, não é um tratado de números estatisticamente entabulados! antes, trata-se de um momento constitutivo da produção e reprodução da existência do ser social(9em o trabalho, não há reprodução social(: a perspectiva de @ar+, o trabalho entendido como o fundamento ontológico do ser social, liga-se de modo inerente ao carácter revolucionário de seu pensamento(

: este modo peculiar de pensar, ciência e filosofia formam um todo! está em uma inseparável unidade(Fal unidade por sua vez, não se reduz a uma mera questão metodológica! antes, insere-se no conteúdo das proposições prático-revolucionárias marxianas, já que a crítica à dinâmica materialidade do modo de produção e à superestrutura ideológica correspondente# do mundo burguês é de fundamental importância para a sua supressão(O separação analítica de ambas é senão um efeito, com reflexos na produção ideal, da própria fragmentação das personalidades humanas mediante uma imposição, por meio de múltiplas mediações, das contraditórias condições materiais que determinam determinados modos de práxis social na cotidianidade do conteúdo social das sociedades regidas pela lógica do capital em sua totalidade(

) ou seja, a fragmentação do saber que se expressa sob as suas mais variadas formas, é senão um reflexo do carácter da produção material objetiva que se assenta na divisão social do trabalho característica das estruturas sociais fundamentadas nas classes sociais não só contraditórias, mas, sobretudo, antagónicas entre si("5

"5 Os experiências pós-capitalistas, vale dizer, não se configuram mediante determinações típicas de uma organização societal cuja sociedade civil se baseia nos conflitos que se desdobram entre classes sociais contraditórias e antagónicas(O contrário(: as sociedades pós-revolucionárias, deu-se uma inesperada fusão entre o partido do proletariado# e o Estado(O parte tornou-se o todo(: as palavras de : etto 1'33"! "#! /)

O /oferta e procura, /produção e consumo, diz @észáros 1"88<155-5;#, e+plicitando que em @ar+ o significado ontológico da economia só é compreens,*el por meio da capacidade de se apreender intelectualmente a rele*ante idéia de /intera\$ es comple+as6, que elas

1(((# são categorias econômicas *par excellence*, mas somente na superf,cie(Jm e+ame mais cuidadoso re*ela que *nenhuma* delas faz qualquer sentido, seja qual for, sem a categoria historicamente mutá*el das *lncessidades humanas*’, que n%o pode ser e+plicada, de modo plaus,*el, em termos de determina\$ es econômicas unilaterais(

O separa\$%o de um suposto @ar+ maduro leconomista# de um jo*em @ar+ lfilósofo#, é importante fi+ar, n%o condiz com o itinerário intelectual do autor alem%(: a *Ontologia do Ser Social* 1OSS#, Lukács, ao que se refere ao assunto agora imediatamente em pauta, igualmente, determina com a mesma -nfase le, isto, simultaneamente#, contrapondo @ar+ a Wegel, quer dizer, trazendo I tona o caráter primário dos aspectos ontológicos aos lógico-gnosiológicos: ao mar+ismo *ulgar, que, concebe a consci-ncia como uma determina\$%o de leis causais de um objeti*ismo férreo, como um simples epifenmeno = a anula\$%o da subjeti*idade é ine*itá*el e a impossibilidade de pensar temas t%o comple+os, como por e+emplo, a liberdade, *-m I superf,cie(

7alando de Wegel, já obser*amos que @ar+ = em nome do concreto caráter de ser que t-m as entidades sociais = e+ige a sua in*estiga\$%o concreto-Pntica lontológica#, ao mesmo tempo em que recha\$a o método hegeliano de e+por essas cone+ es sobre a base de esquemas lógicos(Femos, portanto, que no caminho do jo*em @ar+ se delineia com clareza aquela orienta\$%o no sentido de concretizar, cada *ez mais, as forma\$ es, as cone+ es, etc(do ser social, que = em sentido filosófico = alcan\$ará seu

drama que se desenrola depois de)utubro consiste nesta dupla determina\$%o! a re*olu\$%o é abortada no)cidente e a *elha XHssia passa a ser o *topus* da e+peri-ncia da transi\$() s e+perimentos que se seguem, culminado especialmente com a *itória dos comunistas chineses, n%o re*ertem aquela dupla determina\$%o! nem incorporam sociedades onde est%o presentes os pressupostos *isualizados por @ar+ 1(((#, nem realizam o espraiamento da re*olu\$%o pelo mundo = antes, configuram o seu insulamento no Lcampo socialista, ademais de, em boa parte das situa\$ es, terem contado com uma dominante e+terna, o C+ército Vermelho como agente de liberta\$%o do nazi-fascismo(Cste insulamento e esta dominante, mas principalmente as condi\$ es econômico-sociais de que arrancam os e+perimentos re*olucionários, respondem pelo tipo de transi\$(que se estabeleceu nas sociedades pós-re*olucionárias! a constitui\$%o de um sistema pol,tico que de alguma forma se con*erteu, ao cabo de algum tempo, na *ditadura do proletariado contra si mesmo* = para retomar as proféticas pala*ras, pronunciadas na prima*era de "8"8, de Lukács 1(((# ou seja! um Cstado hipertrofiado que, sob o controle de um segmento burocrático, arroga-se a inteira demiurga social(O forma pol,tica caracter,stica deste tipo de transi\$(, a autocracia stalinista, assume, neste desen*ol*imento, o traço Lmodelar,da transi\$(socialista6(

ponto de inflação nos estudos econômicos marxianos. Essas tendências encontram sua primeira expressão adequada nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, cuja originalidade inimitável reside, não em último lugar, no fato de que, pela primeira vez na história da filosofia, as categorias econômicas aparecem como as categorias da produção e reprodução da vida humana, tornando assim possível uma descrição ontológica do ser social sobre bases materialistas. Mas o fato de que a economia seja o centro da ontologia marxiana não significa, absolutamente, que sua imagem do mundo seja fundada sobre o economicismo. (Lukács, 1978, p. 2)

isso consiste em uma mera casualidade que o filósofo húngaro em sua *OSS*, tendo como ponto de partida o intercâmbio entre ser social e natureza se tenha proposto a apropriar-se teoricamente das formas específicas de produção e reprodução das sociedades humanas. Mais precisamente, a delimitar as articulações mais gerais que conectam os complexos sociais ao trabalho. (Lukács, 1978, p. 2) Para o autor de Budapeste, na esteira da teoria do ser social de Marx, o trabalho como o modelo da práxis social, na qualidade de categoria central do ser social, não se trata de uma arbitrariedade intelectual. O contrário é antes de tudo uma necessidade ontológica.

É preciso considerar o trabalho essencialmente no sentido preciso do termo, em sua forma originária, como órgão do intercâmbio entre homem e natureza, porque somente deste modo é que podemos destacar aquelas categorias que se produzem originariamente de modo necessário e que por isto fazem do trabalho o modelo da práxis social em geral. (Lukács, 1978, p. 2)

Desta caracterização ontológico-histórica, cumpre ressaltar quatro importantes pontos! Primeiro geneticamente, há categorias constituintes da vida social-humana que são determinadas pelo trabalho e, que, portanto, em suas formas mais complexas, mantêm uma relação de identidade e de não-identidade com sua forma originária. Por exemplo, a liberdade, a ciência, a educação, os valores etc. Segundo em termos ontológico-genéticos, le mesmo em suas formas mais complexas, estruturadas, independente do conteúdo sócio-histórico = em termos universais, portanto, o trabalho em sua qualidade de trabalho real e concreto como produtor de valor de uso relativamente a estas categorias,

Nota: Lessa, não só em seus estudos específicos relativos à ontologia do ser social lukácsiana, mas igualmente em sua defesa da centralidade do trabalho no mundo dos homens, tem insistentemente, posto o caráter unitário último da sociabilidade humana, que, se objetivada mediante complexas relações entre a identidade da identidade e da não-identidade. (Lukács em suas polêmicas com Wabermas se utiliza do termo /distanciamento para expressar estas complexas relações. Voltar-se-á com maiores detalhes sobre esta importante determinação mais precisamente em *Trabalho e Ontologia*. (Lukács, 1978, p. 2)

consiste na categoria predominante = que se pense na linguagem e/ou no pensamento <# a, está caracterizado em termos gerais a ,ndole do método ontológico! analisar ontologicamente consiste em indagar desde a constituiçõo ontológico-genética(>omo enfatiza @ar+, /1(((# o curso do pensamento abstrato que se ele*a do mais simples ao comple+o corresponde ao processo histórico efeti*o6 1"85;!"" ;#() método-ontológico n%o consiste em uma aplicaçõo lógica aos aspectos essenciais do ser& em um consenso intersubjeti*o& e, tampouco, em colocar as categorias entre par-nteses(@esmo porque, ele as compreende enquanto categorias reais, constituintes do ser& e n%o como categorias meramente adiçãoais(

Disto deri*a que a dialética subjeti*a surge como uma reproduçõo intelectual da1(, EBN D8 dialética objeti*a apreendida em seu imanente processo de constituiçõo genético-histórica = eis o moti*o pelo qual a *elha separaçõo entre materialismo histórico e materialismo dialético tal como fora propugnada pelo *diamat* é absolutamente carente de sentido& e, B# que

1(((# a problemática do trabalho, como problema filosófico, acompanha todas as in*estigaç es sobre o ser do homem, desde que o problema Quem é o homemM seja concebido como problemática ontológica(O Lontologia do homemM n%o é antropologia(O problemática do trabalho como problema filosófico e como filosofia do trabalho se baseia na ontologia do homem(1(((# () espanto que se tem ao constatar que desde os tempos de @ar+ a problemática do trabalho n%o se desen*ol*eu filosoficalóresp o `pt desde

Exatamente neste plano genérico que o trabalho é entendido como indispensável à existência humana, e, neste sentido, o trabalho tem um estatuto ontológico central na práxis social. Logo justa razão se pode designar o homem que trabalha como um ser que dá respostas (Lombroso, 1982); ser um ser que responde significa ontologicamente ser um ser

que reage a alternativas que lhe são postas pela realidade objetiva, retendo certos elementos que nela existem e transformando-os em perguntas, para as quais busca a melhor resposta possível. Com outras palavras, o homem é um ser que responde a seu ambiente e, ao fazê-lo, ele próprio elabora os problemas a serem respondidos e lhes dá as respostas possíveis naquele momento (Vaisman, 1988).

As respostas possíveis naquele momento, são dadas em forma de decisões alternativas. Uma boa leitura do *Manifesto Comunista* pode trazer à luz que o autor entende as resoluções das lutas de classes como alternativas. Como se recorda a proposição marxiana segundo a qual a humanidade só se propõe as tarefas que pode resolver, pois, se se considera mais atentamente, se chegará à conclusão de que a própria tarefa só aparece onde as condições materiais de sua solução já existem ou pelos menos, são capturadas no processo de seu desenvolvimento, se explicita que toda alternativa é de natureza concreta: a decisão concreta de pessoas concretas sobre as condições concretamente melhores para viabilizar uma finalidade que é igualmente concreta. O que, é suficiente pensar que ao trabalho, como a categoria ontologicamente contraditória e antagônica ao capital, para se emancipar do jugo deste, não lhe resta outra alternativa, por uma necessidade ontológica, senão a de, buscando as concretas e indispensáveis medidas, aboli-lo.

Ao mesmo tempo, é exatamente nos parâmetros dessa ontológica distinção entre trabalho abstrato e trabalho, isto é: como indispensável à existência humana, como órgão do intercâmbio entre sociedade e natureza, como protoforma da práxis social, como o fundamento ontológico da sociabilidade humana, que possibilita o desenvolvimento superior do homem, como a questão filosófica que se articula inerentemente à ontologia do ser-precisamente-assim humano, que implica a transformação do mundo-circundante de forma consciente e ativa, que se torna decisiva quando se pretende apreender teoricamente a essencialidade das formas sociais regidas pelo sistema metabólico do capital = mais

precisamente! mediante a forma histórico-concreta deste ato fundante do ser social, quer dizer, mediante o modo pelo qual os homens organizam suas relações e interações com a natureza e entre si (9ua troca material) : a determinação material! mediante a sociedade civil(

>om efeito, a lógica imanente do sistema metabólico do capital, seja em sua particularidade capitalista, seja nas assim chamadas experiências socialistas, atribui ao trabalho uma dupla dimensão! trabalho abstrato e trabalho como a /condição eterna da vida humana(Cste, enquanto categoria histórico-ontológica-universal, articula-se e é subordinado à sua forma histórico-particular! trabalho abstrato = assalariado, produtor de mais-valia, alienado e alienante! sua /particular# universal forma no interior dessas totalidades sócio-históricas(18

O não distinção desta histórica duplicidade, tanto conceitual quanto por uma questão político-ideológica, certamente suscitará o corolário segundo o qual a crise da sociedade do trabalho abstrato produtor de mais-valia seja concebida de modo eminentemente equivocada como a crise da sociedade do trabalho enquanto o fundamento ontológico do ser social, em sua /qualidade de trabalho útil e concreto(, criador de valores de uso, que, no dizer de Marx, le, na sua esteira, enfatizado pela ontologia de Lukács#, consiste em uma necessidade humana primária, essencial, independentemente do conteúdo sócio-histórico(

Portanto, na qualidade de prática material-produtiva que transforma a natureza em produtos úteis à existência humana! necessários à reprodução social(C ao transformar a natureza que ontologicamente lhe é independente e auto-suficiente, transforma a sua própria natureza, humanizando-se(>conseqüentemente, não pode haver ser social sem trabalho(13

¹⁸ Cm seu *Para Além do Capital*, Marx, enfatiza que o capital é um modo de controle que se sobrepõe a tudo o mais, antes mesmo de ser controlado pelos capitalistas privados ou, mais tarde, por funcionários públicos do Estado de tipo socialista(Os perigosas ilusões de que se pode superar ou subjugar o poder do capital pela apropriação legal/política dos capitalistas privados surgem quando se deixa de levar em conta a natureza real do relacionamento entre controlador e controlado(>como um modo de controle sociometabólico, o capital, por necessidade, sempre retém seu primado sobre o pessoal por meio do qual seu corpo jurídico pode se manifestar de formas diferentes nos diferentes momentos da história(Da mesma forma, se os críticos do sistema socialista reclamam apenas da burocratização, eles erram ao por uma distância astronômica, pois até mesmo a substituição completa do pessoal burocrático de cima de pé o edifício do sistema do capital pós-capitalista, e+atadamente como a inexistência do capitalista solitário, se fosse possível de alguma forma milagrosa, não iria alterar minimamente o caráter absolutamente desumanizante do sistema do capital capitalista atual(

¹³ Foderia, a ontologia dialético-materialista entende que a existência social é irreduzível ao trabalho(/) próprio trabalho é uma categoria social, ou seja, apenas pode existir como parte de um complexo

9ob a lógica objeti*a do capital, o trabalho é transformado em trabalho abstrato! suprimindo as suas singularidades, suas qualidades inerentes, na medida em que do seu ponto de *ista, o que importa é sen%o o *quantum* de trabalho coleti*o destinado I sua própria acumula\$%o e reprodu\$%o() capital, como rela\$%o social, como um sistema de controle societal, subsume o trabalho a trabalho abstrato(Fal opera\$%o, contudo, em nada altera o caráter ontológico espec,fico destas modalidades de trabalho(Cm termos ontológicos, em que pese as históricas determina\$ es refle+i*as, entre trabalho e trabalho abstrato n%o se desdobra apro+ima\$%o alguma, muito menos uma identidade entre ambos! /suas fun\$ es sociais s%o e continuam a ser ontologicamente distintas() trabalho abstrato é a rela\$%o social pela qual é produzida mais-*alia(: esse sentido, todas as ati*idades humanas produtoras de mais-*alia s%o *trabalho* no sentido de *trabalho abstrato*6 1Lessa, '33 'b!<3#(

Cm outros termos, a fun\$%o social objeti*a do trabalho, é uma determina\$%o do *locus*, do peso particular-uni*ersal imanente I ontologia desta categoria para a reprodu\$%o e emancipa\$%o humana& ao passo que a rele*.ncia da particular fun\$%o social do trabalho abstrato se reduz I necessidade inerente da reprodu\$%o e acumula\$%o do capital(Cste princ,pio ontológico fundamental, lé importante fi+ar, já que se trata de quest es eminentemente de cariz filosófico-ontológico#, transpassa decisi*amente toda a ontologia lukacsiana! a maneira de ser dos mHltiplos comple+os particulares que comp em o ser social conecta-se I concreta media\$%o de sua /fun\$%o objeti*a6 1Kdem! ' ' ' # e n%o a /um elemento gnosiológico qualquer6 1Kbidem#(: este preciso sentido, /é o lugar ocupado pelo comple+o particular no processo de reprodu\$%o social a determina\$%o decisi*a de sua particularidade6 1Kbidem#(

O e+pl,cita distin\$%o de caráter histórico-ontológico de trabalho e trabalho abstrato, ou seja! a concep\$%o do trabalho enquanto a /condi\$%o natural eterna da *ida humana6, sob a configura\$%o de ser a centralidade ontológica do ser social, con*erteram-se em um dos pilares que possibilitaram a @ar+ formular seu projeto de supera\$%o da subordina\$%o e

composto, no m,nimo, por ele, pela fala e pela sociabilidade 1(((#(O rela\$%o dos homens com a natureza requer, com absoluta necessidade, a rela\$%o entre os homens Aor isso, além dos atos de trabalho, a *ida social contém uma enorme *ariedade de ati*idades *oltadas para atender Is necessidades que brotam do desen*ol*imento das rela\$ es dos homens entre si6 1Lessa, '33 'b!' 5-' ;#(Aara se e*itar desnecessárias repeti\$ es, referir-se-á, sal*o nos casos imprescind,*eis, a /trabalho6 enquanto o fundamento ontológico do ser social, enquanto a /condi\$%o natural eterna da *ida humana6 etc(, simplesmente como trabalho(

domina o do trabalho ao capital e não sua eliminação : a feliz síntese formulada por
Lessa 1'33' b!<B#!

1(((# é a concepção marxiana, no debate contemporâneo recuperada por Lukács, da centralidade ontológica do trabalho que alicerça sua concepção imanente de história! os homens fazem a história, ainda que em circunstâncias que não escolheram(Fato as Circunstâncias como a reação dos homens a elas são igualmente produtos da síntese dos atos singulares em complexos e tendências sócio-históricas universais(Aor sua vez, é justamente essa radical historicidade do ser social que possibilitou a @ar+ sua crítica radical do trabalho *abstrato*, demonstrando que o estranhamento 1(((# produzido pela exploração do trabalho pelo capital não corresponde a nenhuma essência a-histórica dos homens, podendo portanto ser superada pela constituição da sociabilidade comunista("

Portanto, quando se fala da crise da sociedade do trabalho,

1(((# é absolutamente necessário qualificar de que dimensão se está tratando! se é uma crise da sociedade do trabalho abstrato como sugere Robert \urz(((# ou se trata da crise do trabalho em sua dimensão concreta, enquanto elemento estruturante do intercâmbio social entre os homens e a

"" O teoria da história edificada a partir do conceito de trabalho como o fundamento ontológico do ser social, que enfatiza as complexas determinações reflexivas entre subjetividade e objetividade humano-social e, conseqüentemente, a possibilidade de sempre transformar a própria história, é totalmente distinta e superior à concepção burguesa sob suas várias vertentes, inclusive a de Hegel(/G apenas meia-verdade a idéia segundo a qual, ao contrário da metafísica medieval, a concepção de mundo burguesa poderia incorporar a radical historicidade do mundo dos homens(O metade que contém a verdade é a afirmação de que a concepção metafísica é impermeável à história(O falsidade se condensa na afirmação da capacidade de o pensamento moderno incluindo Hegel# pensar a história em todas as suas dimensões(Aois, tal como ocorre com a concepção de mundo hoje predominante, também o auge do pensamento burguês representado por Hegel apenas foi capaz de pensar a história limitadamente, isto é, enquanto processo que teleologicamente conduziria à ordem do capital(Fal como para Hegel, também para os nossos dias a concepção de que o mercado corresponde à nossa imutável essência de proprietários privados é um obstáculo ideológico intransponível para pensar-se a historicidade do próprio capital(De fato, colocada a ordem burguesa como a finalidade da história, está assentado o cenário que tornam inescapáveis os problemas do fim da história! peculiar à concepção burguesa de mundo(6!Lessa, '332b!; 3#(

O teoria da história que perpassa e ilumina o conceito /trabalho imaterial6, também está radicalmente impregnada por uma visão fatalista, escatológica, já que a história humana é movida e impulsionada por uma força racionalizadora, por um impulso racionalizador(: a feliz expressão de Lessa 1'332a!"5#, trata-se de uma fábula! /Wá muitos séculos atrás, quando a Europa estava abandonando o período medieval, surgiu o amor para o tempo a se constituir(Cste amor para o tempo era uma força racionalizadora que mudou para sempre a história dos homens(Le*ou-os a buscar formas cada vez mais desenvolvidas de sociabilidade(Lançou multidões em enormes jornadas, as revoluções burguesas, que resultaram no padrão de racionalidade da sociedade industrial do século [X] e início do século [X] (Csse padrão de racionalidade, ainda que muito superior ao do passado, possui suas próprias contradições(Fais contradições le*aram ao Estado de bem-estar social e à Xevolução Xussa() primeiro, pela estruturação de um padrão de produção e consumo de massa, tentou manter o controle do capital sobre a produção() regime socialista tentou garantir a liberdade pela hipertrofia do Estado(C ainda! /) ponto de partida de : egrí, Wardt e Lazzarato é sua afirmação de que a história, desde o Renascimento, é movida por uma força racionalizadora! 1(((#, uma motivação humana na busca do político aqueb consiste nisso! em *i*er uma ética da transformação através de uma *nsia de participação que se faz amor para o tempo por se constituir!1(((#(O essa motivação que se faz amor para o tempo denominaram poder constituinte!6 !Kdem,5;#(

natureza lcomo sugerem) ffe(((& ?orz(((e Wabermas(((entre tantos outros#
10ntunes,"882!55#(

isto é e+tremamente emblemático para os propósitos do presente momento deste trabalho! qual é o objeto de estudo da Cconomia Aol,ticaU

De acordo com : etto e Braz l'334!'8#!

l(((# o objeto da Cconomia Aol,tica s%o as rela\$ es sociais próprias I *atividade econômica*, que é o processo que en*ol*e a produ\$%o e a distribui\$%o dos bens que satisfazem as necessidades indi*iduais ou coleti*as dos membros de uma sociedade(

Rue se enfatize! o trabalho consiste na base substancial e insubstitu,*el da prá+is econPmica, na medida em que ele é a concreta media\$%o pela qual torna-se poss,*el I humanidade produzir seus *alores de uso indispensá*eis I sua reprodu\$%o(: esta e+ata medida, o trabalho, cria /os *alores que constituem a riqueza social6 lKbidem#(C+atamente por isso, é que os /economistas pol,ticos sempre concederam ao trabalho uma import.ncia especial em seus estudos6 lKbidem#(

>ontudo,

l(((#, o trabalho é muito mais que um tema ou um elemento teórico da Cconomia Aol,tica(De fato, trata-se de uma categoria que, além de indispensá*el para a compreens%o da ati*idade econPmica, faz refer-ncia ao próprio modo de ser dos homens e da sociedade(

)u seja, o trabalho n%o é simplesmente uma categoria lenquanto uma forma de ser# pertinente I Cconomia Aol,tica& antes, trata-se de uma categoria cujas determina\$ es fazem dele, do ponto de *ista ontológico, uma categoria central e imprescind,*el para a apropria\$%o teórico-metodológica da ontologia peculiar do ser social = dos fenPmenos pertinentes I ontologia humano-social(

)ra, para @ar+, o fundamento da sociedade é o conjunto das rela\$ es de produ\$%o! o modo pelo qual os homens organizam o trabalho las rela\$ es e intera\$ es entre si e com a natureza# e a *ida(Isto significa que as rela\$ es de produ\$%o n%o s%o /de modo algum uma simples quest%o de economia ou de história ou de sociologia6 lFonet,"855!"5#(Oo contrário(Frata-se de uma quest%o eminentemente filosófico-ontológica, já que /é a

resposta à pergunta! qual é o fundamento ontológico do processo de tornar-se homem do homem? O apropriamento teórico-metodológico da categoria trabalho, enquanto o fundamento ontológico do ser social, possibilitou a @ar+ fazer a crítica à Economia Política, e não simplesmente a elaboração de /mais uma obra de economia política!&bidem#

Como se *- , trata-se de uma distinção que se enlaça direta e imediatamente aos específicos interesses do proletariado na condição de classe social contraposta e antagônica ao capital. Sumariando! tal distinção é de fundamental relevância, na medida em que consiste em uma determinação ontológica cuja apreensão intelectual pela dialética subjetiva torna pertinente indagar-se pela essência última das formas sociais determinadas pelo /controle sociometabólico do capital, quer seja sob as formas que assumiram as /experiências socialistas, quer seja sob o capitalismo contemporâneo, que corresponde à /terceira fase do estágio imperialista. O que, focalizar-se-á esta ontológica radical distinção à particularidade capitalista.

: o campo específico da particularidade capitalista, esta ontológica distinção possibilita a apreensão teórica das intrincadas e complexas relações históricas, as interações complexas, que se estabelecem no interior do @A>, cujo desdobrar implicam e compreendem as complexas relações e conexões que se estabelecem entre as /determinações de identidade da identidade e da não-identidade, quer dizer, que em*ol* a complexidade que ininterruptamente se complexifica em razão do e*ol*er essencial e fenomênico /com suas determinações reflexivas# preciso do @A> (: etto e Braz 1'334!" ; ;# são enfáticos!

) imperialismo é um estágio de desen*ol*imento do capitalismo. por isso mesmo, as leis /tendências# que comandam a dinâmica desse modo de produção continuam operando nesse estágio. :o entanto, fazem-no sob condições novas e dessas condições, que modificam a operação daquelas leis, decorrem processos e fenômenos antes inexistentes /ou que antes não tinham a relevância que, com o imperialismo, passam a ter#

>om efeito, na /OSS#, Lukács, categoricamente, explicita que

1(((# a subst.ncia n%o é uma rela\$%o estática-estacionária de auto-conser*a\$%o, que se contraponha em termos r,gidos e e+cludentes ao processo do de*irã ao contrário, ela se conser*a em ess-ncia, mas de modo processual, transformando-se no processo, reno*ando-se, participando do processo 1"858b#(

>ertamente que o trabalho abstrato, produtor de mais-*alia, portanto, de mercadorias, é sen%o um momento imanente constituti*o da ess-ncia do capitalismo *contemporâneo*, cujo fundamento persiste In%o obstante as importantes muta\$ es# na estrutural di*is%o social do trabalho como d,namo dos conflitos irreconciliá*eis entre trabalho e capital que se desdobram na prá+is social cotidiana na dimens%o da sociedade ci*il(De acordo com @ar+ 1"8; '! '3B#, /) que distingue as diferentes épocas econPmicas n%o é o que se faz, mas como, com que meios de trabalho se faz6(

: as sociedades produtoras de mais-*alia, de mercadorias, que se fundamentam no trabalho abstrato, *isa-se essencialmente a produ\$%o de *alores de troca(: a medida em que o *alor é sempre o resultado do trabalho humano, ainda que sob a égide do fomento do a*an\$o das for\$as produkti*as de caráter cient,fico-tecnológico, para o capital, a tragédia consiste no fato indelé*el de que ele n%o pode suprimir o trabalho *i*o de sua composi\$%o org.nica(9e o constante re*olucionar das for\$as produkti*as implica a intensifica\$%o'' da subsun\$%o do trabalho *i*o ao trabalho morto, profundas altera\$ es e e+tens%o das intera\$ es e cone+ es entre o trabalho produkti*o e improduti*o e entre o momento intelectual e o de e+ecu\$%o do trabalho, todos estes fenPmenos, em nada t-m alterado a tragédia que é intr,nseca ao capital(>omo diz Ontunes 1"888!'34-'35# referindo-se ao ininterrupto processo de apropria\$%o do saber intelectual pelo capital!

G e*idente que desse processo que se e+pande e se comple+ifica *nos setores de ponta do processo produtivo* lo que hoje n%o pode ser em hipótese alguma generalizado# resultam máquinas mais inteligentes, que, por sua *ez, precisam de trabalhadores mais lqualificadosM, mais aptos para operar com essas máquinas informatizadas(C no processo desencadeado, no*as máquinas mais inteligentes passam a produzir ati*idades anteriormente feitas pela ati*idade e+clusi*amente humana, desencadeando-se um processo de intera\$%o entre trabalho *i*o diferenciado e trabalho morto mais informatizado() que le*ou Wabermas

'' 9obre o princ,pio da /autonomia\$%o6, 0l*es 1'333!B< = em nota '' de pé de pág# esclarece que! /Outonomia\$%oM é uma jun\$%o das pala*ras autonomia e automa\$%o(G um princ,pio limportadoMpor) hno da indHstria t-+til, na qual um só operário e+ecuta*a o trabalho em quarenta máquinas ao mesmo tempo6(Cscusado dizer algo sobre a *iolenta e per*ersa potencializa\$%o de e+plora\$%o I qual o trabalhador fora submetido(

a dizer, erroneamente, que a ciência se transforma em principal força produtiva, substituindo = e com isso eliminando = a relevância da teoria do valor trabalho. O contrário, há uma nova forma de interação do trabalho vivo com o trabalho morto, há um processo de *tecnologização da ciência* que, entretanto, não pode eliminar o trabalho vivo, ainda que possa reduzi-lo, alterá-lo, fragmentá-lo.

Em síntese! a tragédia do capital é que ele não pode suprimir definitivamente o trabalho vivo, não podendo, portanto, eliminar a classe trabalhadora = o proletariado.

Além disso, a transferência de capacidades intelectuais para a maquinaria informatizada, que se transforma em linguagem da máquina própria da fase informacional, por meio dos computadores, acentua a tendência apontada por Marx, no Livro II de *O Capital* de redução e transformação do trabalho vivo em trabalho morto.

Isso é significativo já que se trata de uma questão da própria lógica do movimento de controle societal do capital, e não de uma problemática cuja origem seja determinada por questões de conteúdo gnosiológico, ético e/ou moral. Consiste como se pode perceber, em uma questão imanente à lógica produtiva e reprodutiva do próprio sistema metabólico do capital. Os personificações do capital, em virtude das conexões e determinações causais de sua própria forma societal baseada na estruturação social do trabalho, na propriedade privada etc., estão inelutavelmente determinadas a conflitar com o trabalho abstrato na qualidade de vetor produtor e realizador de valores e, portanto, como componente necessário e imprescindível para a reprodução social em seu todo de sua própria organização societal.

A burguesia, como e enquanto classe social, faz história não segundo sua indelével existência mas a partir das contraditórias e dialéticas condições materiais postas e impostas pelas determinações causais do mundo criado e sua imagem e semelhança = que se pense no proletariado como a contradição viva ao capital, na lei tendencial da queda da taxa de lucro etc. A burguesia como classe social está irremediavelmente condenada a conflitar com aqueles que mediante seu trabalho realmente produzem a riqueza social. Como classe social, não pode suprimir o seu antagonismo e sua contradição que lhe é imanente = este seu elemento antagônico, que lhe é senão um seu momento negativo, contraditório e dialeticamente, consiste no fundamento ontológico, real, implacável sob o qual, a reprodução das determinações e conexões imprescindíveis do sistema metabólico do capital, não materializar-se-iam. Esta tragédia do capital torna-se ainda mais visível

quando se recorda com @ar+ 1"8; '! ' 'B-' '2# que o trabalho n%o só produz *alor, mas que também o transfere!

Aondo-se de lado o conteHdo, a finalidade e a natureza técnica do trabalho, o trabalhador acrescenta ao material, ao objeto de trabalho no*o *alor por meio do acréscimo de determinada quantidade de trabalho(Olém disso, os *alores e os meios de produ\$%o consumidos reaparecem como partes componentes do *alor do produto, os *alores do algod%o e do fuso, por e+emplo, no *alor do fio() *alor dos meios de produ\$%o se conser*a atra*és de sua transfer-ncia ao produto()corre essa transfer-ncia durante a transforma\$%o dos meios de produ\$%o em produto, no processo de trabalho(G le*ada a efeito pelo trabalho(@as comoU) trabalhador n%o e+ecuta dois trabalhos ao mesmo tempo, o de acrescentar *alor ao algod%o com seu trabalho e o de preser*ar o *alor dos meios de produ\$%o, isto é, transferir ao fio o *alor do algod%o que ser*e de matéria-prima e o do fuso com que trabalha(Openas por adicionar *alor no*o conser*a o *alor antigo() acréscimo de *alor no*o ao material de trabalho e a conser*a\$%o dos *alores antigos no produto s%o dois resultados totalmente di*ersos produzidos pelo trabalhador ao mesmo tempo, embora e+ecute apenas um trabalho(9ó se pode e*identemente e+plicar a dupla natureza desse resultado por meio da dupla natureza do seu próprio trabalho(: o mesmo tempo, em *irtude de uma propriedade, seu trabalho tem de criar *alor, e, em *irtude de outra, conser*á-lo, ou seja, transferi-lo(

O proposi\$%o é e+pl,cita e n%o permite nenhum tipo de tergi*ersa\$%o! o trabalho produz e transfere *alores(Wodiernamente, n%o obstante a reestrutura\$%o de o anterior de*ir produkti*o com base no binPmio taQlorismo-fordismo, peculiar aos /anos dourados6 do estágio imperialista do @A>, a apropria\$%o do saber intelectual pelo capital, do princ,pio de /autonoma\$%o\auto-a*alia\$%o6'< desen*ol*ido pelo toQotismo etc(, a /tragédia6 persiste

'< /) princ,pio de Lautonoma\$%o\auto-a*alia\$%o consiste em fazer com que as máquinas e os modos de opera\$%o incluam protocolos de responsabilidade pela qualidade dos produtos nos próprios postos de fabrica\$%o(: esse caso, a Lautonoma\$%oM designa o princ,pio de introduzir um mecanismo de parada automática em caso de funcionamento defeituoso, em que o trabalho interage ati*amente com processos produkti*os automatizados() toQotismo desen*ol*eu o conceito de Lautonoma\$%oM, ampliando-o a situa\$ es de trabalho e opera\$ es que n%o mobilizam necessariamente máquinas automáticas() hno criou o conceito de Lauto-a*alia\$%oM para caracterizar os dispositi*os organizacionais que dizem respeito I e+ecu\$%o do trabalho humano(

/ : a *erdade, a idéia do toQotismo é desen*ol*er dispositi*os organizacionais no interior do comple+o de produ\$%o de mercadorias capazes de e*itar rebotalhos e defeitos(Aara isso, é importante uma no*a concep\$%o de linha de produto e um no*o perfil de operário(9urge, desse modo, o princ,pio de lineariza\$%o da produ\$%o e uma concep\$%o da organiza\$%o do trabalho em torno de postos poli*alentes() corre a Ldesespecializa\$%o operáriaM, com a substitui\$%o dos Loperários parcelaresM por Loperários poli*alentesM, os profissionais plurioperadores6 101*est' 333!B<-BB#(

como se fosse um espectro a rondar e a frustrar o objetivo mor do capital! colocar o trabalho *i*o lo capital *ariá*el como um momento constituti*o da composiç%o org.nica do capital# no museu da história(

Aortanto, a grande quest%o de fundo permanece e fora posta inteligentemente I superf,cie por Ontunes 1"882!55#! a sociedade contempor.nea, /é ou n%o predominantemente mo*ida pela lógica do capital, pelo sistema produtor de mercadoriasU6(: o caso de uma resposta afirmati*a, elucida-se que a crise da sociedade do trabalho abstrato /somente poderá ser entendida, em termos mar+ianos, como a reduç%o do trabalho *i*o e a ampliaç%o do trabalho morto6 lkbidem#(Ruer dizer, fundamentando-se analiticamente lentre outras contribuiç es teóricas# na cr,tica da Cconomia Aol,tica elaborada por @ar+(

@esmo porque, a e*oluç%o do @A>, ao longo de todo século]], isto é, as comple+as determinaç es que en*ol*em e determinam a comple+idade que se caracteriza mediante as relaç es e interaç es que se desdobram entre as categorias de identidade da identidade e da n%o-identidade precisas desta e*oluç%o, n%o infirmam nenhuma de suas tend-nças estudadas por @ar+(Oo contrário, compro*a-as amplamente(: etto 1'33",<4-<5#, as enumeras como segue!

l(((# a concentraç%o e a centralizaç%o do capital& o caráter da produç%o capitalista& a reiteraç%o das crises periódicas& as dificuldades crescentes para a *alorizaç%o& os problemas referentes I manutenç%o dos patamares das ta+as de lucros& a cont,nua reproduç%o da pobreza relati*a e crescentes emers es de pobreza absoluta& e, os processos alienantes e reificantes(

Cm outras pala*ras, /) desen*ol*imento da ordem burguesa, até este limiar do século]]K, *em *repondo* as determinaç es estruturais que a teoria mar+iana apreendeu nela6 lKdem!<5#('B

^B /O perspecti*a teórico-metodológica6 = diz o autor = lKdem!<5# /instaurada pela obra mar+iana = com seu cariz ontológico, sua radicalidade histórico-cr,tica e seus procedimentos categorial-articuladores = é aquela que permite, arrancando dos LfatosM objeti*ados na empiria da *ida social na ordem burguesa, determinar os processos que o engendram e as totalidades concretas que constituem e em que se mo*em(Csta perspecti*a é a que propicia, na dissoluç%o da pseudo-objeti*idade necessária da superf,cie da *ida capitalista, apreender e des*elar os modos de ser e de reproduzir-se do ser social na ordem burguesa(l(((# Cntretanto, o desen*ol*imento da ordem burguesa n%o *em apenas repondo as determinaç es estruturais descobertas por @ar+(Cla n%o as rep e simplesmente! ora as modifica, porque suas condiç es din.micas se alteraram& ora as sub*erte, conferindo-lhes articulaç es outras, porque sua estrutura se comple+ificou sensi*elmente& mais! *tal desenvolvimento põe novas determinações*, ignoradas!desconhecidas por @ar+(Cm quaisquer destes casos, o que há que operar é precisamente a análise da din.mica do desen*ol*imento contempor.neo da ordem burguesa a partir das descobertas de @ar+, uma *ez que nelas está a condiç%o *indispensável* lmas n%o

Ademais, é forçoso aqui lembrar que de acordo com o método ontológico-histórico, a essência, não obstante sua constante mudança, se conserva enquanto essência, mas de modo processual, transformando-se no processo, renovando-se, participando do processo

Aois bem, em termos universais, a práxis humana é uma determinação essencial do ser social. A contraditória determinação capital-trabalho, ela é a essência do ser social em sua particular-universal configuração no @A>() que aqui importa, em articulação com o que por ora está imediatamente em foco, é por em destaque que o @A>, enquanto substância, que também se transforma,

(((# não sofrer alteração essencial, o mundo será fundamentalmente o mesmo, não importa quantas e quão intensas tenham sido as mudanças, quanto completo, dinâmico, heterogêneo e multifacetado seja o seu estado atual. Fonet! "885!" "'-'" '#(

Retomando agora a questão formulada por Ontunes, de se realçar que se a mesma, responde-se negativamente, recusa-se o papel central do trabalho, tanto em sua dimensão abstrata, criador de valor de troca, de mais-valia, quanto em sua qualidade de trabalho útil e concreto, criador de valor de uso, que, nesta dimensão, é imprescindível para a produção da riqueza material indispensável à reprodução social. Em momentos posteriores, tratar-se-á do pressuposto marxiano segundo o qual o trabalho associado é a mediação ontológica material-objetiva, a única mediação categorial que ontologicamente pode possibilitar concreta e efetivamente superar a pré-história da humanidade

)s que pactuam da recusa assinalada, adogam a descentralização do trabalho, desconsideram a essencial distinção entre trabalho e trabalho abstrato. Da, o inevitável corolário! adeus ao trabalho = quer quando concebem a sociedade contemporânea como sociedade de seres, pós-industrial e/ou pós-capitalista, quer quando a entendem

(((# pela vigência de uma lógica institucional tripartite, iniciada pela ação pactuada entre o capital, os trabalhadores e o Estado, essa sociedade contemporânea, menos mercantil e mais contratualista, não mais seria regida centralmente pela lógica do capital, mas pela busca da alteridade dos sujeitos sociais, pela vigência de relações de cidadania fundadas na cidadania, pela expansão crescente de zonas de não-mercadorias, ou ainda pela disputa dos fundos públicos. Ontunes, "882!5;#(

suficiente# para apanhar os novos processos. Idem!<;#(

Com outros termos, o processo de reestruturação produtiva em curso não traz consigo, em seu âmago, a possibilidade de suprimir sua contradição essencial, a qual, lhe é intrínseca, imanente ao seu metabolismo de valorização e de acumulação sem trabalho abstrato, não há em definitivo capital nem há produção de mais-valia necessária para a reprodução da sociabilidade burguesa em seu todo. De outra parte, sem o trabalho na qualidade de trabalho útil e concreto, produtor de valores de uso, como o fundamento ontológico do ser social, enquanto o intercâmbio orgânico entre sociedade e natureza, como o entendem Marx e Lukács, não há o essencial da história humana.¹²

Deste modo resulta que a crise estrutural do capital mediante seu processo de reestruturação produtiva, ao invés de eliminar, ao contrário, tem sido fomentado nas interações e interconexões entre os fatores subjetivo e objetivo no processo produtivo, por razões das exigências da lei do valor impostas por sua própria crise em escala global de caráter estrutural. Consolidam-se, portanto, mudanças de caráter fenomênico e não listado é objetivo, por razões das intrínsecas determinações causais de sua lógica de se valorizar e de se acumular essenciais. Sumariando mediante uma peculiar unidade dialética de continuidade-descontinuidade, em novos patamares, portanto, as determinações estruturais do capitalismo, até este limiar do século XXI, continuam, implacavelmente, sendo repostas.

¹²) processo de reestruturação produtiva como uma decisão alternativa cujo escopo consiste em

O justo do que se está e+pondo pode ser verificada através das heterog-neas formas de resist-ncia dos trabalhadores I ofensi*a do capital em escala global = ainda que n%o sem *acila\$ es e contradi\$ es, com trágicas conseq0-ncias para a classe trabalhadora = tanto aos aspectos objeti*os, em sua forma de ser, quanto aos subjeti*os, sua consci-ncia de classe etc(

Dois momentos s%o suficientes para que se demonstre a pro*a dos no*es(

Os respostas, entretanto, t-m sido diferentes! da parceria com o capital, até a recusa firme e decidida em co-participar de um projeto que tem fraturado substancialmente as classes trabalhadoras em todas as partes do mundo onde *igora a lógica destruti*a do capital(Cm ambos os casos, entretanto, apesar das fortes diferen\$as, as dificuldades t-m sido enormes 10 ntunes, "884!' "#(

@észáros 1'33B!2<#, traz I tona um dos momentos mais infelizes e incoerentes lo que demonstra a total falta de compreens%o do processo em curso, um momento de profundo estranhamento, de indi*idualidades inaut-nticas, de total aus-ncia de solidariedade entre os trabalhadores, uma subsun\$%o plena ao capital, uma aus-ncia de internacionalismo proletário, em resumo, uma absoluta aus-ncia do que chamou Ontunes = "888!'32! /o sentido de pertencimento de classe6#, dos trabalhadores!

Fragicamente, a *itória do go*erno reacionário de @argaret Fhatcher contra os mineiros se de*eu também ao fracasso da solidariedade da classe trabalhadora! internamente, pelo comportamento do Aartido Frabalhista sob lideran\$a de : eal \ innock de abandonar os mineiros na fase final e crucialmente importante da disputa, fazendo assim pre*er a completa integra\$%o do L : o*o FrabalismoM com a ordem estabelecida, e, internacionalmente, pelo en*ol*imento do sindicato polon-s = chamado L9olidariedadeM = que, traíndo clamorosamente o ideal escrito em letras grandes na sua bandeira, aliou-se ao go*erno brit.nico opressor, em *ez de negar o fornecimento e transporte de car*%o para a ?r%-Bretanha naquele momento cr,tico(

C+plícita-se, portanto, que se trata da luta de classes! dos conflitos sociais que se desdobram na dimens%o da sociedade ci*il& e da forte presen\$a do Cstado como e+press%o jur,dico-pol,tica, no seu e+erc,cio de guardi%o protetor dos interesses do capital(

Cm suas pesquisas filosófico-ontológicas, Lukács, re-enfatiza o fato de que n%o há prá+is social sem uma pré*ia-idea\$, sem um momento ideal, sem teleologia, e que /a ideologia é antes de tudo aquela forma de elabora\$%o ideal da realidade cuja fun\$%o social consiste em tornar consciente e operati*a a prá+is social dos homens6 1"8; " ! BB4#(

) grande capital, los monopólios#, para fomentar sua estratégia de combate ao trabalho, patrocinou /a di*ulga\$%o maci\$a do conjunto ideológico que se difundiu sob a designa\$%o de **neoliberalismo**” 1 : etto e Braz, '334!' '4#(

Aois bem, especificamente no que tange ao papel do Cstado nesta /terceira fase do estágio imperialista6,

O ideologia neoliberal, sustentando a necessidade de Ldiminuir!o Cstado e cortar as suas Lgorduras!, justifica o ataque que o grande capital *em mo*endo contra as dimens es democráticas da inter*en\$%o do Cstado na economia(>ontudo, melhor que ninguém, os representantes dos monopólios sabem que a economia capitalista n%o pode funcionar sem a inter*en\$%o estatal 1(((#(IKdem!' '5#(

Cm definiti*o, o capitalismo *contemporâneo*, mediado por suas lrecentes# determina\$ es, com suas dramáticas implica\$ es I classe dos trabalhadores em raz%o de sua reestrutura\$%o do processo produ*o, tanto o trabalho abstrato, quanto a presen\$a e a fun\$%o social do Cstado, pre*alecem na qualidade de essenciais e imprescind,*eis determina\$ es para a reprodu\$%o e acumula\$%o do capital = a determina\$%o lda prá+is# de subst.ncia uni*ersal do social sob a forma contraditória trabalho-capital, re*ela-se, em seu *continuum*(Cste *continuum*, esta contradi\$%o particular-uni*ersal precisa do @A>, também é posto I superf,cie, igualmente, por Vasapollo 1'332!"32#!

O tend-ncia atual, com o aumento do nHmero de trabalhadores assalariados que est%o fora da produ\$%o material, com o aumento dos empregados fle+ibilizados e dos precarizados, dos at,picos, além do incremento dos ,ndices de trabalho intelectual, dos falsos trabalhadores autPnomos, que compreendem o Loperário coleti*o, tudo isso está longe

de testemunhar a desproletarização da classe operária ou da classe trabalhadora¹⁴

Das críticas asséreas de Vaspollo, é imperioso observar que em termos estatísticos, isto é, de dados extraídos com base na imediatidade da prática social cotidiana, da mais pura empiria, não se pode concluir-se pela existência do proletariado como classe social contraditória e antagônica ao capital (isto é, o que os dados estatísticos sejam desprovidos de todo valor para a elaboração do saber científico) (isto é, se trata disto) problema é bem mais complexo (Frata-se já que a realidade é uma unidade de essência e fenômeno, de apreender, teórico-metodologicamente, toda esta empiria, esses dados fenomênicos, em unidade com as essenciais determinações estruturantes do ser social em questão (Ksolar, analiticamente, o fenômeno da essência e tratá-lo como essência, implica a não ser no mais puro e simples falseamento da realidade) (considerar a realidade humano-social em unidade com a ontologia da natureza em sua totalidade, a partir de seu fundamento ontológico, na histórica concreticidade de suas determinações reflexivas com

¹⁴ /O realidade é a unidade do fenômeno e da essência (Aor isso a essência pode ser tão irreal quanto o fenômeno, e o fenômeno tanto quanto a essência, *no caso em que se apresentem isolados e, em tal isolamento, sejam considerados como a única ou laut-ntical realidade* (L\osik, "854!" "# (Determinação precisa que não permite tergi*ersa%o()ra, o método ontológico-histórico, lsem identificá-los#, confere I ess-ncia e ao fenômeno o mesmo estatuto ontológico(Odemais, quer seja a fluidez lfenom-nica# quer seja a continuidade da ess-ncia em seu ininterrupto de*ir#, s%o, analiticamente, e+plícitados tendo por base os par.etros do seu ser em suas mltiplas determinações objetivas, reais(>omo e+pressa >hasin, lcom @észáros#, referindo-se I crise de caráter estrutural do capitalismo *contemporâneo!* /O crise estrutural do capitalismo tem a cara medonha da crise do sistema financeiro internacional()u melhor, o complexo agudamente contraditório das finanças internacionais é a *máscara* que re*este a estrutura crítica, l(((#, do sistema produti*o global(LAois o domínio a*entureiro do capital financeiro em geral é muito mais a manifesta%o de crises econômicas de raízes profundas, do que a sua causa, ainda que, também contribua fortemente para seu subseqÜente agr*amento(((# @ais uma *ez o fenômeno *ela e se contrapõe I ess-ncia! não há caloteiro maior do que o credor de todos os credores, a *república* e+emplar do e+tremo norte das Oméricas(O d,*ida interna e e+terna dos C J O alcançam cifras fantásticas, do mesmo modo que seus déficits públicos e comerciais, atingindo sua adição a ordem de grandeza dos trilhões de dólares(9%o nHmeros siderais, = diante dos mesmos a d,*ida latino-americana é poeira miHda, que some de baixo do tapete() mais e+traordinário, toda*ia, é que, atra*és desse endi*idamento que e+orbita os limites da pobre imaginação terceiro-mundista, o gigantesco cangaceiro do norte e+ercita sua modernização ci*ilizadora de caráter imperialista(:%o apenas sobre os países da América Latina, mas também sobre as nações européias e asiáticas, inclu,das a Alemanha e o Sapo, dentre as quais, é o caso e+emplar e gritante, a triste figura da Inglaterra de @adame Fhatcher(1"8;8!;#
G importante aqui deixar fi+ado que não há entre os autores marxistas brasileiros focalizados uma concepção un,ssona acerca da estrutura ontológica do proletariado no bojo do capitalismo *contemporâneo*(Ontunes por e+emplo, trabalha com a /no%o de classe trabalhadora ampliada(Jma /no%o ampliada de classe trabalhadora inclui, ent%o, todos aqueles e aquelas que *vendem sua força de trabalho em troca de salário*, incorporando, além do proletariado industrial, dos assalariados do setor de ser*idos, também o proletariado rural, que *ende sua força de trabalho para o capital(1"888!"3<#(Oo passo que :etto, entende que /O classe proletária ou proletariado# é constituída pelos operários *urbanos e rurais* e se insere no conjunto bem mais amplo dos trabalhadores assalariados (que não constitui, estritamente *uma classe* nesse sentido, rigorosamente, proletário não é o mesmo que trabalhador = todo proletário é trabalhador, nem todo trabalhador é proletário(G por isso, aliás, que e*itamos a e+pressão *classe trabalhadora*, ainda que autores clássicos a utilizem(1"334! ' '3 = em nota 2#

as demais dimensões do ser social, é condição necessária para se apropriar intelectualmente da essencialidade do ser-precisamente-assim(

O que, algumas referências às perspicazes críticas elaboradas por :etto e Braz em *Economia Política – uma introdução crítica*, são suficientes para corroborar a falácia da tese que pretende sustentar a descentralidade do trabalho do mundo dos homens¹⁵

Ossinalam os estudiosos que a teoria do *alor-trabalho fora abandonada há muito tempo pelo pensamento que se contenta com a análise da dinâmica relativa aos fenômenos econômico-sociais que se desdobram no bojo da totalidade da sociedade burguesa(

/: os últimos trinta anos, assinalam = quer dizer, hodiernamente com suas particularidades da ofensiva do capital ao trabalho no contexto da fase atual do estágio imperialista do @A>, /a própria centralidade do trabalho *em sendo posta em questão por algumas das correntes de peso nas >iências sociais6 1 : etto e Braz, '334!23# = que se pense em Wabernas,)ffe, ?orz, \urz etc(

O partir de qual suposto /fundamental6 se ad*oga a descentralidade do trabalho? Dos ent%o /inquestionáveis fatos empíricos(Da imediatividade da práxis social cotidiana = *ale dizer, do isolamento no plano meramente analítico# entre fenômeno e ess-ncia(C*identemente que privilegiando, como o momento significativo da análise, os aspectos fenom-nicos(:o isolamento, con*erte-se a imediatividade na concreticidade, ou para se lembrar de \osik#, transmuta-se a pseudoconcreticidade no fundamento essencial da realidade(: as pala*ras de : etto e Braz

l(((# a partir da constatação estatística de dois fenômenos de muita visibilidade desde os anos oitenta do século passado = a redução dos contingentes de trabalhadores alocados à produção de bens materiais e o crescente desemprego que afeta praticamente todas as sociedades capitalistas contemporâneas =, teóricos de posições diversas sustentam, propondo soluções analíticas muito diferentes, que o trabalho já não se constitui mais o eio a partir do qual se organiza a *ida social(Fornou-se freqüente, nos meios acadêmicos, o discurso acerca do fim do trabalho, do fim da sociedade do trabalho, assim como a referência à sociedade ou economia# do conhecimento = discurso geralmente associado às *árias ideologias ditas pós-modernas lkbidem#(

¹⁵ >om as referências às críticas consideradas formuladas por : etto e Braz, objetivava-se não somente *itar as desnecessárias repetições(Para se *itar possíveis mal-entendidos, cf(obras tais como! de Ontunes! *Os Sentidos do Trabalho* 1"888#; *Adeus ao Trabalho?* 1"882# etc(de >hasin *A Sucessão na Crise e a Crise na Esquerda* 1"8;8# etc(de Lessa *O Mundo dos Homens* 1'33' b# etc(

Foda*ia, quando se considera a din. mica essencial da sociedade capitalista, com suas constantes muta\$ es e reposi\$ es de seus predominantes componentes estruturantes, constata-se que esses /dois fenPmenos6, /**não autorizam a descon sideração do trabalho**6 1Kbidem# do ser social, por parte das análises que os t-m como o ponto fulcral para se apropriar intelectualmente da realidade em seu ser-precisamente-assim e+istente(

) fato de, em termos quantitati*os lcom repercuss es qualitati*as#, estar ocorrendo

em prol da reprodução do @A> lcom todas as conseq0-ncias dramáticas para o proletariado& assim como para a própria sobre*i*-ncia da humanidade# em sua atual fase imperialista(Cm termos lukacsianos, assumem a condi\$%o de formas ideológicas(

Aortanto, as sociedades contempor.neas n%o in*alidam nem uma *,rgula sequer a teoria do *alor-trabalho de @ar+& de sua cr,tica I Cconomia Aol,tica(Rue se enfatize! o trabalho consiste na categoria central da teoria do ser social de @ar+(Sá no Aofácio de "845 de sua *História e Consciência de Classe* 1HCC#, Lukács 1"85B!<25#, assinala*a, com toda for\$a e contund-ncia, que na /economia mar+ista& o trabalho sob a condi\$%o de /media\$%o da troca org.nica entre a sociedade e a natureza&, consiste na /categoria 1(((# fundamental&(

: a ontologia mar+iana, contudo, lcomo já e+pPs em momentos anteriores com o próprio Lukács#, isto n%o implica e tampouco sugere uma concep\$%o economicista-mecanicista(:o autor alem%o, o método dialético apreende a lógica das coisas em sua totalidade(Fodo comple+o está em determina\$%o refle+i*a com os demais comple+os constituintes da sociabilidade em sua uma totalidade() liame la media\$%o concreta#, que articula lpor meio de uma cadeia de comple+as determina\$ es refle+i*as# as demais inst.ncias do ser social, conferindo-lhe uma racionalidade e uma unitariedade, consiste e+atamente no trabalho(

Aorém, a ontologia dialético-materialista entende que em toda totalidade org.nica há, por uma determina\$%o ontológica, e n%o por raz es de conteHdo lógico-gnosiológico, sempre e inelimina*emente, um momento predominante(

) trabalho, t%o-somente e+iste no interior de uma totalidade social(Frata-se de uma categoria essencialmente social(C o fato de ser

1(((# lparteM do mundo dos homens n%o apenas n%o cancela como é a condi\$%o de possibilidade absolutamente necessária para que possa desdobrar seu caráter de categoria fundante do mundo dos homens(1(((#, ser fundante n%o significa ser cronologicamente anterior, mas ser portador das determina\$ es essenciais do ser social, das determina\$ es ontológicas que consubstanciam o salto da humanidade para fora da natureza lLessa, '33 'b!<;#(

Aara as preocupa\$ es que norteiam a confec\$%o do presente momento deste trabalho, as considera\$ es supra n%o deri*am de uma casualidade(Oo contrário& elas inserem-se no

conteúdo da intransigente defesa da ontológica centralidade do trabalho no mundo dos homens () ra, contra os defensores da ordem *igente, de*e-se sempre enfatizar que a dimens%o econPmica lo trabalho# no sentido mar+iano-lukacsiano, em sua forma histórico-concreta, em Hltima análise, é a n%o ser, o momento predominante(0ssim que se faz mister apresentar algumas considera\$ es acerca dessa determina\$%o de e+treto *alor ontológico-metodológico(>onsiderando sua enorme comple+idade& e sua import.ncia como um momento da cr,tica aos que propugnam a descentralidade do trabalho do ser social, as apresentar-se-á em um subitem I parte(

2.2.1. Trabalho: O Momento Predominante.

Oqui, objeti*a-se apresentar algumas outras ontológicas determina\$ es, que, de acordo lna esteira da ontologia mar+iano-lukacsiana# com os mar+istas aqui focalizados l : etto, Lessa, Fonet, >hasin, Ontunes# conferem ao trabalho a categoria central estruturante do ser social(@ais precisamente! apresentar algumas das determina\$ es que conferem I forma histórica, concreta, do trabalho, a condi\$%o de momento predominante, de prioridade ontológica, da sociedade emancipada da domina\$%o e opress%o do capital(Cmancipa\$%o da humanidade e emancipa\$%o do trabalho s%o termos equi*alentes(>omo diz Lessa l'332b!55 = em nota!2#! /) ant,poda do trabalho abstrato n%o é o trabalho concreto, mas sim o trabalho emancipado6(

Areliminarmente, cumpre fi+ar uma importante obser*a\$%o! aqui, dar-se-á -nfase I cr,tica da tese propugnada pela ent%o chamada esquerda democrática segundo a qual a inteligibilidade do ser social assentar-se-ia na dimens%o da prá+is pol,tica e n%o no trabalho(O categoria pri*ilegiada, determinada histórico-ontologicamente, mediante a qual esta cr,tica fora elaborada, lem especial por Fonet#, consiste na liberdade(

Importa também dei+ar e+posto que o constructo teórico elaborado pela esquerda democrática n%o se configura mediante uma defesa da ordem capitalista(

Lukács, em seu famoso Aofácio de "845, diz que, entre outros méritos, fora o fato de HCC /ter dado I categoria da totalidade, l(((#, o lugar metodologicamente central que sempre ocupara na obra de @ar+6 l"85B!<43#(

) autor hHngaro, toda*ia, faz a seguinte ressal*a! enquanto L-nin, também acerca desta importante categoria,

l(((#, reno*a*a realmente o método de @ar+, hou*e em mim um e+agero lhegeliano#, porquanto eu punha o lugar metodologicamente central da totalidade I prioridade do fator econPmico! L : %o é a predomin.ncia dos moti*os econPmicos na e+plica\$o da história que distingue o mar+ismo da ci-ncia burguesa, mas o ponto de *ista da totalidade!l(lKdem!<43-<4"#!

Fal parado+o metodológico, continua o autor, era ainda acentuado pelo fato de se considerar que /a totalidade é a categoria portadora do princ,pio re*olucionário da ci-ncia! L) reino da categoria da totalidade é o portador do princ,pio re*olucionário da ci-nciall6 lKdem#(

>omo se *- , segundo o próprio autor, este deslocamento é incompat,*el com o re*olucionário método ontológico de @ar+(: a OSS, o momento predominante comparece como uma das caracter,sticas mais marcantes e ino*adoras da dialética mar+iana relati*a I de Wegel(Oinda segundo o autor de Budapeste, a ino*adora concep\$o deste acerca do trabalho como teleologia posta, é suprimida em *irtude desta categoria peculiar I ontologia do ser social, receber em seu sistema filosófico uma determina\$o lógica(' Cm @ar+, ao contrário, as categorias particulares constituti*as do ser social n%o se confundem com os ne+os causais que determinam a ontologia da natureza! e, fundamentalmente, com os aspectos lógico-gnosiológicos(>om efeito, para a ontologia dialético-materialista, as /categorias e+primem l(((# formas de modos de ser, determina\$ es de e+ist-ncia! l@ar+, "85;! " ' " # (

: o bojo do todo destas /formas de ser, em todo sistema, assim como em toda inter-rela\$o, por determina\$ es intr,nsecas aos diferentes comple+os componentes da unidade, da totalidade, há sempre um momento predominante(O prioridade em termos ontológicos significa que a e+ist-ncia de um determinado comple+o depende da e+ist-ncia de um outro! mas n%o *ice-*ersa(9em a sociedade ci*il no quadro dos conte+tos estruturados sobre a di*is%o social do trabalho, em classes sociais antagPnicas, n%o há a possibilidade e+istencial

': 9obre a genial descoberta hegeliana da teleologia no processo do trabalho, no interior de seu sistema filosófico marcado por uma mescla de uma falsa e de uma *erdadeira ontologia, Lukács, entre outras considera\$ es, argumneto que /l(((#, toda essa concep\$o ino*adora do trabalho como teleologia posta é t%o-somente uma ilustra\$o = usada incorretamente = da cone+o lógica na qual a teleologia se apresenta ainda como l*erdade!l do mecanicismo e do quimismo no interior da natureza entendida em termos logicistas! ou seja, apresenta-se ainda como categoria da própria natureza! "858a!2;#(

do Estado. Ademais, que esta prioridade ontológica está ausente de toda hierarquia de valores e de todo conteúdo de teor lógico-gnosiológico.⁸ Linguagem e pensamento, por exemplo, não ultrapassam jamais os limites da auto-alimentação. Além disso, são estruturas

As necessidades e virtudes do trabalho em seu desenvolvimento se apresentam como ininterruptas e inelimináveis. As relações, e o fato de que o trabalho continua sendo o momento predominante não suprime estas inter-relações, mas ao contrário, as reforça e intensifica. Disto segue necessariamente que no interior de tal complexo, o trabalho influi continuamente sobre a linguagem e sobre o pensamento conceitual, e reciprocamente. (Lukács, 1923)

Os diversos determinantes que se desdobram entre estes diferentes complexos, no interior da unidade, não suprimem, ainda que devidamente estruturados, o caráter do trabalho enquanto momento predominante. Consiste em uma determinação ontológica, no ser constitutivo e reproduzido do ser social, posta em virtude do próprio caráter dos complexos. A prioridade do trabalho abstrato, em virtude da intrínseca lógica do capital em seu ser reproduzido e acumulado, em relação ao trabalho como condição natural eterna da vida humana, é senão uma determinação histórico-social, mas não histórico-ontológica.

É precisamente o trabalho abstrato que consiste em um momento imanente da ontologia do ser social. O contrário: ele é a não ser uma das concretas formas históricas fetichizadas e estranhadas do trabalho = disto deriva que o trabalho abstrato não se articula ao problema de quem é o homem, não se configurando, portanto, como uma problemática filosófica. Consequentemente o trabalho abstrato não é uma mediação primária, de primeira ordem, cuja finalidade é a preservação das funções vitais da reprodução individual e social.

⁸ :o capítulo sobre a determinação lukácsiana é inteiramente lapidar e precisa. É preciso distinguir claramente o princípio da prioridade ontológica dos juízos de valor gnosiológicos, morais, etc., inerentes a toda hierarquia sistemática idealista ou materialista vulgar. Quando atribuímos uma prioridade ontológica a determinada categoria com relação a outra, entendemos simplesmente o seguinte: a primeira pode existir sem a segunda, enquanto o inverso é ontologicamente impossível. Para que se evite qualquer mal-entendido em relação à categoria da totalidade, enquanto um importante princípio ontológico-metodológico, é importante afirmar que quando se afirma que a objetividade é uma propriedade primário-ontológica de todo ente, afirma-se em consequência que o ente originário é sempre uma totalidade dinâmica, uma unidade de complexidade e processualidade. (idem, 1923)

10ntunes,"888!"8# ao re*és, ele consiste em um momento constituti*o de um grupo de media\$ es de segunda ordem³, que, engendradas pelo sistema do capital,

l(((# corresponde a um per,odo espec,fico da história humana, que acabou por afetar profundamente a funcionalidade das media\$ es de *primeira ordem* ao introduzir elementos fetichizadores e alienantes de controle social metabólico lKdem!'3#(

: *MO Capital*, referindo-se Is intrincadas rela\$ es entre *alor de uso e *alor de troca lque em outras pala*ras, por media\$ es, s%o sen%o refer-ncias Is inter-rela\$ es entre trabalho e trabalho abstrato#, @ar+ l"8; '!B' -B<#, assim se e+pressa!

)s *alores-de-uso constituem o conteHdo material da riqueza, qualquer que seja a forma societal dela(: a forma de sociedade que *amos estudar, os *alores-de-uso s%o, ao mesmo tempo, os *e,culos materiais do *alor-de-troca(

Cm outros termos, por uma determina\$%o ontológica, é absolutamente poss,*el a constru\$%o de uma forma societal fundamentada na produ\$%o de *alores de uso, na qualidade de sua riqueza material social, como /a condi\$%o natural eterna da *ida humana6 totalmente des*includos da produ\$%o do *alor de troca mas n%o *ice-*ersa(Cnfatizando! o momento predominante lna unidade trabalho e trabalho abstrato# entre estes diferentes comple+os, implaca*elmente, consiste no trabalho como /a condi\$%o natural eterna da *ida humana6(O justeza da cr,tica, efetuada pelos autores mar+istas brasileiros aqui focalizados Is teses que propugnam o fim do trabalho, o fim da história, a substitui\$%o do trabalho enquanto a categoria central do ser social por uma outra dimens%o deste, re*ela-se, corroborada, em sua concreticidade e em sua magnitude(

³ Ontunes l"888!"8-'3#, com @észáros, esclarece que as media\$ es de primeira ordem se definem pelas seguintes caracter,sticas! /"# os seres humanos s%o parte da natureza, de*endo realizar suas necessidades elementares por meio do constante interc.mbio com a própria natureza! '# eles s%o constitu,dos de tal modo que n%o podem sobre*i*er como indi*,duos da espécie l qual pertencem l(((# baseados em um interc.mbio sem media\$ es com a natureza lcomo fazem os animais#, regulados por um comportamento instinti*o determinado diretamente pela natureza, por mais comple+o que esse comportamento instinti*o possa ser l(((#6 Fambém com @észáros lKdem! "'-'# e+plícita que as de segunda ordem se caracterizam mediante os seguintes componentes! /"# a separa\$%o e aliena\$%o entre o trabalhador e os meios de produ\$%o! '# a imposi\$%o dessas condi\$ es objeti*adas e alienadas sobre os trabalhadores, como um poder que e+erce o mando sobre eles! <# a personifica\$%o do capital como um *alor ego,sta = com sua subjeti*idade e pseudopersonalidade usurpadas =, *oltada para o atendimento dos imperati*os e+pansionistas do capital! B# a equi*alente personifica\$%o do trabalho, isto é, a personifica\$%o dos operários como trabalho, destinado a estabelecer uma rela\$%o de depend-ncia com o capital historicamente dominante! essa personifica\$%o reduz a identidade do sujeito desse trabalho a suas fun\$ es produtivas fragmentárias l(((#6(

Com sua obra *Educação, Cidadania e Emancipação Humana*, obra que se pauta pela intransigente defesa de que a prática educati*va cujo objeti*vo seja o de contribuir para a forma\$ão de pessoas efeti*amente li*res, de*ve nortear-se pela emancipa\$ão humana lquer dizer, pelos princ,pios fundamentais para a supera\$ão da pré-história da humanidade = para a constru\$ão da ci*viliza\$ão comunista# e n%o pela cidadania l ou seja, pelos princ,pios que n%o possibilitam ir para além dos limites da ordem *igente = da sociabilidade burguesa#, Fonet, ao focar o tema da emancipa\$ão humana, insiste que este se conecta, em @ar+, I dimens%o da economia lao trabalho# no sentido ontológico =sob a determina\$ão de fundamento ontológico, na condi\$ão ontológica de momento predominante(C isto, com o propósito de se contrapor Is /freq0entes deforma\$ es e tentati*as de desqualificar a LpropostaM mar+iana, atribuindo-lhe um caráter idealista, especulati*o, utópico ou fantasioso6 lFonet, '33'"!""#& e Is /incompreens es quando das tentati*as de supera\$ão do capitalismo6 lKbidem# = as cr,ticas do autor destinam-se sobretudo I ent%o chamada esquerda democrática(Klustrando! o conceito de /*ia democrática6 para o socialismo, elaborado pela esquerda democrática, asse*era Fonet,

l(((#, n%o significa apenas uma -nfase no espaço democrático como o meio mais adequado para a classe trabalhadora tra*ar as suas lutas para a supera\$ão do capital(@ais do que isto, ele significa que as objeti*as es democrático-cidad%s l(((# ter%o *ig-ncia também no socialismo lKdem!' 3#(

>ontudo, o mais importante, mediante a proposi\$ão /*ia democrática6 para o socialismo, consiste no fato de que

l(((#, atra*és de um deslizamento crescente l(((# a economia *ai perdendo o seu lugar como matriz do ser social, como princ,pio de inteligibilidade deste e como momento determinante da a\$ão, sendo substitu,da pela pol,tica(Deslizamento este que, n%o por acaso, *ai se apro+imando cada *ez mais do pensamento burgu-s lKbidem#(

Os análises de Fonet assinalam que em primeiro lugar, a emancipa\$ão da humanidade em @ar+ é concebida como uma *possibilidade* concreta posta pelo din.mico mo*imento das for\$as produi*as sob a égide da organiza\$ão societal burguesa(Rue se atente! trata-se apenas de *possibilidade posta*; e n%o de algo imanentemente inscrito no desdobrar do

constante re*olucionar das for\$as produ\$as intr, nseca I sociedade capitalista(" Ruando do momento oportuno e necessário, dei+ar-se-á e+posto que subjeti*idade e objeti*idade n%o obstante a distin\$%o entre estas dimens es formadoras do ser social, possuem o mesmo estatuto ontológico& e que entre ambas dimens es há n%o só uma rede de comple+as determina\$ es refle+i*as, mas que igualmente, a esfera da objeti*idade consiste no momento preponderante(

Cm segundo lugar, que por raz es do próprio método ontológico, @ar+ pPde somente tratar das determina\$ es gerais da sociabilidade comunista(O ssim que as análises de nosso autor, e+plicam e e+p em o caráter cient,fico-filosófico que @ar+ conduziu a efeito em suas refle+ es acerca do modo de produ\$%o comunista(O abordagem ontológica do autor alem%o asse*era Fonet, une, inerentemente, trabalho e emancipa\$%o da humanidade(>om isto, @ar+ apresenta a esfera fundante, o fundamento ontológico material, o momento predominante, que, em determina\$ es refle+i*as com as demais esferas do ser social, o reproduz em sua totalidade(: as pala*ras de Fonet lKdem!" "3#!

l(((# para compreender os lineamentos gerais desta forma de sociabilidade que chamamos, com @ar+, de emancipa\$%o humana, de*emos come\$ar

<" De acordo Fonet, >astoriadis, /l(((# critica o que entende ser uma concep\$%o determinista da história em @ar+ e uma idéia indefinida e utópica de socialismo, além dos aspectos autoritários e centralizadores(Fambém critica a idéia de ditadura do proletariado e o conceito de proletariado como sujeito de uma lmiss%o|| re*olucionária por determina\$%o de uma ess-ncia metaf,sica6 lKdem!" ;#(O qui, é suficiente uma só refer-ncia I *Sagrada Família* para que se demonstre a incompatibilidade da proposi\$%o de >astoriadis acerca da concep\$%o ontológica de @ar+, ou melhor, de seu entendimento segundo o qual a problemática das classes e da consci-ncia de classe conectam-se aos determinantes estruturais de uma determinada ontologia do ser social! / : %o se trata de saber qual finalidade se configura no momento para este ou aquele proletário, ou mesmo para o proletariado no seu todo(Frata-se de saber o que o proletariado é e o que ele será obrigado historicamente a fazer, de acordo com este ser(9eu objeti*o e sua a\$%o histórica lhe s%o tra\$ados, de maneira tang,*el e irre*ogá*el, em sua própria situa\$%o, como em toda a organiza\$%o da sociedade burguesa atual(9eria supérfluo e+por aqui que uma grande parte do proletariado ingl-s e franc-s já tem *consciência* de sua tarefa histórica, e está trabalhando sem descanso para le*ar esta consci-ncia ao seu mais alto grau de lucidez6 l"8;5!< ;#(

O proposi\$%o mar+iana é e*idente por si mesma! @ar+ ao afirmar a necessidade da a\$%o proletária, a\$%o que requer uma consci-ncia lHcida para sua concretiza\$%o, quer dizer, uma apropria\$%o do mundo adequada que d- conta de sua comple+idade em suas determina\$ es particulares, se refere ao ser da classe proletária(Ksto é de fundamental import.ncia, porque com tal afirma\$%o, ele de antem%o indica o papel essencial da consci-ncia como orientadora, como momento de pré*ia-idea\$%o, como teleologia, da prá+is social re*olucionária, opondo-se, portanto, a todo tipo de mecanicismo econPmico e a todo tipo de elabora\$%o teórica que se assenta em supostas determina\$ es metaf,sicas(Cm outros termos, que o fator subjeti*o, assume uma substancial import.ncia como uma pré-condi\$%o necessária e imprescind,*el para que o trabalho supere a domina\$%o e e+plora\$%o Is quais está submetido sob o capital(G claro, portanto, ao contrário da cr,tica de >astoriadis, que segundo a determina\$%o mar+iana, n%o se pode inferir direta e imediatamente, a natureza e a fun\$%o social-re*olucionária da consci-ncia, de seu estatuto ontológico(

por identificar o ato fundante = que já sabemos ser um ato de trabalho = que está na sua base(O identifica\$%o deste ato, da sua precisa natureza essencial, juntamente com as demais condi\$ es de possibilidades, nos permitirá garantir o caráter materialista, isto é, imanente, real, poss,*el, e n%o apenas imaginá*el ou desejá*el desta forma de sociabilidade(

Cm suas considera\$ es, Fonet lcontrapondo-se firmemente a ent%o chamada esquerda democrática, mas também a autores tais como Wabermas,)ffe, ?orz e \urz#, p e em destaque que para @ar+ o componente fundante e, portanto, o momento ontologicamente predominante da no*a sociabilidade, lda supera\$%o da pré-história da humanidade#, reside na forma concreta lhistórica# daquele ato fundante = /trabalho associado6 lKdem!""#& e n%o na dimens%o jur,dico-pol,tica(<' >omo diz Lukács!/T economia l(((# pertence a fun\$%o ontologicamente primária, fundante6 l"8; "!83# = o trabalho determina-se como a categoria nodal da ontologia mar+iana! sua categoria central(

) ra, isto coloca de modo palpá*el a posi\$%o cient,fico-filosófica que a centralidade do trabalho ocupa na ontologia mar+iano-lukacsiana, assim como na impossibilidade de substituí-la lcomo propugna a esquerda democrática# pela dimens%o pol,tica e\ou laos moldes de ?orz# pela /n%o-classe dos n%o-produtores6 etc(

: este local, *ale a pena fi+ar que Ontunes, em seu *Adeus ao Trabalho?*, n%o dei+a por menos, ironiza a ?orz!

Aara Ondré ?orz, a *não-classe dos trabalhadores* Lé portadora do futuro& a aboli\$%o do trabalho n%o tem outro sujeito social poss,*el que n%o essa n%o-classe()u, conforme outra passagem! L) reino da liberdade n%o resultará jamais dos processos materiais! só pode ser instaurado pelo ato fundador da liberdade que, rei*indicando-se como subjeti*idade absoluta, toma a si mesma como fim supremo de cada indi*,duo(Openas a n%o-classe dos n%o-produtores é capaz desse ato fundador! pois apenas ela encarna, ao mesmo tempo, a supera\$%o do produ*ismo, a recusa da ética da acumula\$%o e a dissolu\$%o de todas as classes! l(((# Aara quem

<' /Diferentemente do liberalismo, para o qual o aperfeiçoamento da cidadania e da democracia jamais pode ultrapassar a ordem do capital, a esquerda democrática entende que, por ha*er uma contradi\$%o entre o capital e a cidadania e a democracia, estas só podem realizar-se em sua plenitude com a erradica\$%o do capital(Discordando de Lefor, para quem @ar+ estaria errado ao afirmar que os direitos ci*is s%o direitos burgueses, >outinho afirma! L) sentido da cr,tica de @ar+ é outro! os direitos ci*is = os direitos do indi*,duo pri*ado = n%o s%o lsuficientes! para realizar a cidadania plena, que ele chama*a de Lemancipa\$%o humana!, mas s%o certamente necessários! l(((# LAortanto, a cidadania plena l(((# certamente incorpora os direitos ci*is l(((#, mas n%o se limita a eles!(>omo se *- , para o autor, cidadania plena é e+atamente sinPnimo de emancipa\$%o humana, idéia que seria esposada pelo próprio @ar+6 lFonet, '33"!48-53#(>om efeito, a cr,tica de Fonet é justa e n%o permite nenhum tipo de tergi*ersa\$%o(Rue se pense na seguinte passagem e+tra,da dMA *Questão Judáica*(Aara @ar+, o judeu pode emancipar-se politicamente sem des*incular-se /radical e absolutamente do juda,smo porque a emancipa\$%o pol,tica n%o implica l(((# emancipa\$%o humana6 l"88"!<5#(

escrevi um capítulo sobre O proletariado segundo o autor, as citações que fizemos acima também uma amostra de que talvez não se pautou, nem um pouco, pela ausência de enorme dose de religiosidade, ao caracterizar as possibilidades de ação da In-classe dos não-trabalhadores. 1"882!82-84 = em nota "2#(

Fanto as críticas de Fonet I esquerda democrática, quanto as de Ontunes a talvez, não de serem entendidas como uma simples casualidade, antes como defesas intransigentes da centralidade do trabalho no mundo humano-social! nesse contexto de crise da sociedade contemporânea em sua globalidade, que compreende a crise do Estado do bem-estar social e o colapso do /socialismo real(

Aois, como diz Gasparin, quando a obra marxiana, é tomada de um modo meramente /cientificista, ou quando é reduzida a /uma disciplina qualquer (economia, história, política), ou a uma /mera reflexão gnosiológica (lógica, epistemologia, teoria do conhecimento), ou ainda a simples ideia da prática política, o que se perde,

(((# é justamente o centro nervoso e estruturador da reflexão marxiana! o complexo de complexos constituído pela problemática da autoconstrução do homem, ou, sumariamente, o de ser homem do homem, a questão ontológico-prática que funda, transpassa e configura o objeto último e permanente de toda a sua elaboração teórica e de toda a sua preocupação prática, na ampla variedade em que esta se manifesta 1"8; 8!<3#(

) ou seja, perde-se exatamente a essencialidade da natureza ontológica revolucionária da obra marxiana! o processo da ontológica autoconstrução humana, é o fundamental e norteador das preocupações de autor, cujo caráter fundante enlaça-se eminentemente ao trabalho enquanto fundamento ontológico do ser social, como produtor de valores de uso, quer dizer, em sua /qualidade de trabalho útil e concreto, enfim, ao trabalho como o momento predominante que em última instância determina o sentido e a orientação da reprodução social em seu todo(C+presso de outro modo! perde-se a possibilidade de identificar o /ato fundante, imprescindível e insubstituível necessário à materialização da emancipação humana da opressão e da exploração do capital(

) núcleo racional da crítica de Fonet I esquerda democrática fora elaborado pela mediação da categoria /liberdade(

<< >f(*Educação, Cidadania e Emancipação Humana* 1"33" e *Democracia e Liberdade* 1"885#(

G de conhecimento que @ar+ di*idira a história da humanidade em dois per,odos radicalmente distintos entre si! "# o per,odo da pré-história, caracterizado pela composi\$%o de classes sociais contraditórias e antagPnicas entre si& e '# o per,odo da Wistória propriamente dita, determinada pelo processo da autoconstru\$%o humana(

Rual seria o fundamento deste importante e primordial di*isor de águasU

Cntre estes dois per,odos há uma diferen\$a fundamental(C esta

1(((# diferen\$a está e+atamente na quest%o da liberdade(: o primeiro, embora haja graus e formas diferentes de liberdade, seu grau má+imo jamais pode ultrapassar o caráter jur,dico-pol,tico(Desse modo, ela é essencialmente parcial e limitada(: o segundo, ela se apresenta sob uma forma real, integral e essencialmente ilimitada, ou seja, é uma forma de liberdade que e+pressa o homem como um ser integralmente li*re(G a este segundo per,odo que @ar+ chama de comunismo, reino da liberdade e emancipa\$%o humana IFonet!' 33"! "3 ;#(

Liberdade /que se apresenta sob uma forma real, integral e essencialmente ilimitada6, *ale dizer, a liberdade no sentido de /liberdade plena6 IFonet,"885!"2"#, consiste na forma de liberdade, cujo conteHdo /e+pressa o homem como um ser integralmente li*re6() u seja, liberdade n%o no sentido de /liberdade geral, nem a liberdade e+pressa pela democracia e pela cidadania6 IKbidem# = liberdade e+pressa segundo os limites da emancipa\$%o pol,tica(>omo diz >hasin,

1(((# é preciso bem compreender, o que n%o aconteceu até hoje, a liberdade pol,tica, em sua import.ncia própria, é apenas uma forma do processo geral de liberta\$%o humana, n%o a forma final desta, mas somente a Hltima forma de liberdade alcan\$ada, a forma própria de liberdade de um dado mundo, o uni*erso do capital(Frata-se da *liberdade limitada* de base *limitada*(O constru\$%o da liberdade prossegue, portanto, só e inTmaa,

dele prestame

Portanto, essas determinações tornam evidente, cita que o caráter substantivo da liberdade, na qualidade de categoria ontológica necessária para a materialização das mais significativas e ricas faculdades humanas, quer dizer, dos momentos peculiares constitutivos da essência humana, conecta-se, imanentemente, à emancipação do trabalho = cuja produção material pelo ser social, assenta-se na sociedade civil determinada pelo trabalho associado (isto significa essencialmente que

lida pela potência onímoda da lógica do trabalho, difundida por toda a energia da consciência, o indivíduo recupera em si mesmo o cidadão abstrato, não mais separado de si fora social sob a forma política, reconhece e organiza suas próprias forças como forças sociais, de modo que se conecta, por tudo isso, na vida cotidiana, no trabalho individual e nas relações individuais, em ser genérico, em individualidade atual pela potência de seu gênero (isto significa essencialmente que

) ra, tal determinação, se insere no conteúdo das determinações marxistas (e se julgar, por exemplo, pela mediação do Prefácio de "Crítica da Economia Política", é possível constatar que o itinerário de Marx seguiu rumo firme em virtude de sua desembocadura primária = como atestam a *Questão Judaica*, a *Ideologia Alemã* etc (Quer dizer, na contundente asserção de que o modo de produção da organização do trabalho, sua forma histórica, concreta, a sociedade civil condiciona as demais dimensões da vida social = trata-se da prioridade e dependência ontológicas (Com suas próprias palavras!

Encontra-se em destaque o seguinte resultado! relações jurídicas, tais como formas de Estado, não podem ser compreendidas nem a partir de si mesmas, nem a partir do assim chamado desenhamento geral do espírito humano, mas, pelo contrário, elas se enraíçam nas relações materiais da vida, cuja totalidade foi resumida por Hegel sob o nome de sociedade civil (isto significa, seguindo os ingleses e franceses do século XVIII, mas que a anatomia da sociedade burguesa lidada deve ser procurada na Economia Política) Comecei o estudo desta matéria em Paris (isto significa) resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu-me de fio condutor aos meus estudos, pode ser formulado em poucas palavras! na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua existência, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenhamento das forças produtivas materiais (A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e a qual correspondem formas sociais determinadas de consciência) O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual (isto significa; isto é; isto é)

C+plícita-se deste modo que de acordo com @ar+ a anatomia da sociedade burguesa /de*e ser procurada na Cconomia Aol,tica6(Cm outros termos, a sociedade ci*il é a dimens%o precisa na qual se desdobra o metabolismo social do @A> = esfera precisa onde se desdobram os conflitos entre classes antagPnicas, entre capital e trabalho! /rela\$ es de produ\$%o6, /a base real sobre a qual se le*anta uma superestrutura jur,dica e pol,tica6(Ksto e*idencia, /que a forma concreta do trabalho constitui, a cada momento da história, a matriz de uma determinada forma de sociabilidade6 IFonet,'33"!""3#(Os determina\$ es acerca do fenPmeno da liberdade *inculam-se, imanentemente, I prioridade ontológica, I forma histórico-concreta do trabalho = ao seu contrário, portanto(<B

Foda essa problemática, há que se fi+ar, liga-se a uma comple+a e candente quest%o, qual seja! teórico-metodológica(

G suficiente recordar que, do ponto de *ista da ontologia cr,tico dialético-materialista, a produ\$%o conceitual requer a articula\$%o lem unidade# de dois momentos! um filosófico e outro cient,tico(<2

<B : a determina\$%o ontológica mar+iano-lukacsiana, o fenPmeno da liberdade materializa-se no interior do todo social mediado por uma unidade de contrários! de determinismo e liberdade, necessidade e liberdade = isto é, por determina\$ es refle+i*as entre objeti*idade e subjeti*idade! toda decis%o alternati*a, como e enquanto um momento constituti*o da elabora\$%o teleológica, da pré*ia-idea\$%o, implica um ato de liberdade! mas esse ato de liberdade é uma determina\$%o de dado momento sócio-histórico que estabelece determinadas necessidades concretas que por sua *ez implicam determinadas respostas igualmente concretas(O forma categorial /liberdade6, esta categoria concreta, como deri*a\$%o genético-ontológica do interc.mbio org.nico ser social-natureza, re*ela a magnitude da prá+is produ*ta material para a constitui\$%o do g-nero humano(O lém disso, este fenPmeno articula-se ao trabalho em raz%o de este possuir ontologicamente a capacidade de produzir para além das necessidades materiais para a manuten\$%o e/ou reprodu\$%o de uma determinada sociedade em um dado momento histórico(Disto deri*a ine+ora*elmente que o tempo li*re do ser humano é uma conseq0-ncia ontológica do trabalho(>om o incessante desen*ol*imento das for\$as produ*tas, se tem cada *ez mais uma diminui\$%o do tempo socialmente necessário para a produ\$%o de *alores de uso destinados I reprodu\$%o social(C*identemente que o tempo da jornada de trabalho no interior das sociedades estruturadas sob a di*is%o social do trabalho é sen%o uma determina\$%o socioeconPmica e pol,tica que implica espec,ficas formas de lutas entre as classes(>om o fenPmeno da liberdade, é simplesmente e*idente que o trabalho se constitui na base ontológica objeti*a mediante a qual o ser social ao tra*ar determinadas rela\$ es com a natureza, I medida que o aperfei\$oa, a submete a seus intentos com maior efici-ncia e capacidade! e que modifica seu modo de atuar sobre ela, constituindo no fundamento objeti*o, quer dizer, em uma pré-condi\$%o imprescind,*el para significas muta\$ es sociais, com a conseq0ente muta\$%o do caráter das rela\$ es sociais = dos seres humanos ente si e com a natureza((

<2 : a OSS, ci-ncia e filosofia s%o concebidas em unidade(Lukács insiste que o mar+ismo instituiu uma no*a articula\$%o entre ci-ncia e filosofia(Fal articula\$%o se estabelece segundo uma determina\$%o de princ,pio de caráter metodológico! /1(((# a cr,tica rec,proca entre filosofia e ci-ncia! isto é, a ci-ncia controla, em geral Lpor bai+oM, se as generaliza\$ es ontológicas das s,nteses filosóficas est%o de acordo com o mo*imento efeti*o do ser social, se n%o se distanciam deste na estrada da abstra\$%o(Aor sua *ez, a filosofia submete a ci-ncia a uma permanente cr,tica ontológica Ldo altoM, controlando continuamente até que ponto cada quest%o singular é discutida no plano do ser no lugar adequado, no conte+to adequado, do ponto de *ista estrutural e din.mico, se e até que ponto a imers%o na riqueza das e+peri-ncias singulares concretas n%o torna confuso o

A filosofia se preocupa com as determinações mais gerais e essenciais do ser precisamente-assim em questão, consiste no momento, em termos gerais, mais abstratos: este patamar, a conexão do singular com o universal é assegurada. A centralidade por seu turno tem por mira as determinações histórico-concretas particulares. A mediação desta dimensão, as conexões, tanto com as determinações universais, quanto com as singulares, são asseguradas. Deve-se recordar das reflexões lukacsianas acerca da unidade que compreende as categorias universalidade-particularidade-singularidade, quer seja no campo do reflexo estético, quer seja na esfera do reflexo científico, em sua *Introdução a uma Estética Marxista*.

Assim, para concretizar, de um melhor modo, os objetivos propostos para este subitem, cumpre não somente delimitar dois momentos da crítica à esquerda democrática que se enlaçam imanentemente à problemática da liberdade, a saber: a relação à natureza da sociedade civil, deste ser precisamente-assim para ela, e, em consequência, o caráter do Estado segundo ela.

Segundo as considerações de Foa, a proposta de uma democracia para o socialismo, implicou na redefinição e reformulação de conceitos tais como o de Estado,

conhecimento dos desencontros contraditórios e desiguais da totalidade do ser social, mas, ao contrário, o elevar e o aprofundar a crítica.

Os condições sociais-materiais que se constituíram em um terreno fértil à forma da esquerda democrática, estavam transpassadas por condições que geraram por um lado uma trágica desilusão, e por outro, um igualmente trágico abandono das premissas marxistas fundamentais para a construção da civilização comunista. O conceito mais comum entre os marxistas, até por volta da década de 1930, era de que democracia e cidadania eram valores meramente burgueses que, portanto, deveriam ser suprimidos assim que o proletariado assumisse o poder. Com este modo de pensar teve uma grande influência em todas as tentativas de resolução dos socialistas.

Diversos fatores vieram abalar estas condições. Por um lado, as consequências práticas trágicas deste modo de pensar, nos países ditos socialistas. Todos tinham suprimido as liberdades democráticas e tinham se transformados em ditaduras brutais, tornando os homens menos livres, como se supunha que aconteceria no socialismo. Por outro lado, nos países ocidentais, a sociedade capitalista tinha atingido um grau de complexidade muito grande, incluindo as instituições democráticas e os direitos do cidadão, de modo que seria impensável suprimi-los para substituí-los por uma ditadura, mesmo que esta fosse a da classe trabalhadora.

Foi esta situação concreta que levou à forma da chamada esquerda democrática, num processo extremamente complexo (Foa, 1933). Como se pode depreender, as tentativas de substituir a centralidade do trabalho no mundo dos homens, foram de longa data.

Com este conteúdo continua o autor = /que se dá a redefinição dos conceitos de história, socialismo, resolução, partido, Estado, sujeito da resolução, democracia, cidadania e outros. Opoando-se num teórico marxista muito conhecido = Gramsci = Fogliatti, Ingrao, Ferroni, Xadice, Erratana e muitos outros intelectuais e dirigentes do AILanaram as bases para a construção de um caminho para o socialismo que não implicaria, nem antes e nem depois da superação do capitalismo, a desvalorização e a supressão das liberdades democráticas. Em frente a esta reformulação estavam os comunistas italianos, baseados na sua leitura de Gramsci e, na esteira deles, outros integrantes da esquerda europeia e, aqui no Brasil, vários autores de expressão, entre eles, especialmente, Carlos Lyra, Coutinho e Francisco de Assis Brasil. [effort 1(Foa, 1985) B2-

sociedade civil, democracia, socialismo etc) conduzidas a efeito, o distanciamento da ontologia dialético-materialista tornou-se inoperável

: a determinação marxiana, o Estado não se configura pela mediação da universalidade e não obstante a constante mobilidade e transformação sempre presentes no @A>,⁵ ou mais precisamente por razões dessas, a definição de Estado por @ar+, /em seu núcleo, como dominação de classe (Foucault, "885!"B8#, não sofreu qualquer tipo de abalo como atesta o peculiar papel político do Estado no atual estágio do capitalismo contemporâneo) ou seja, propugnar o conceito de /Estado ampliado⁶ em virtude da complexificação do constante e volúvel do @A>, não coloca em questão /a função social que este monopólio da força cumpre (Kdem!"B8# = não altera a natureza peculiar do Estado! sua ontologia)

O redefinição do conceito de Estado sempre segundo Foucault, supõe uma reformulação do conceito de sociedade civil (Rue se re-enfatize, para @ar+

O sociedade civil compreende o intercâmbio material dos indivíduos numa determinada etapa do desenvolvimento das forças produtivas (compreende toda a atividade comercial e industrial de uma etapa, e nesta medida transcende o Estado e a nação, embora, por outro lado, tenha de se fazer valer em relação ao exterior como nacionalidade e de se articular como Estado em relação ao interior) termo sociedade civil surgiu no século XVIII, quando as relações de propriedade já se tinham desembaraçado da comunidade antiga e medieval (O sociedade civil como tal só se desenvolve com a burguesia a organização social que se desenvolve a partir diretamente da produção e do intercâmbio, e que em todos os tempos forma a base do Estado e da restante superestrutura idealista (Marx e Engels, "8;B!88#)

Foi para a esquerda democrática que preconiza a /via democrática para a construção do socialismo, sociedade civil /passou a significar o conjunto dos organismos não estatais criados pelos indivíduos para lutar por seus interesses e direitos

"B4#

⁵ >f(nota ' do presente capítulo)

⁶ Foucault assinala que a esquerda democrática tem como ponto de partida, a /constatação de que, após a segunda metade do século XIX, o Estado tinha ampliado de tal forma que já não correspondia ao conceito estreito que dele tinham Marx e Engels (O ainda segundo o autor, quando a esquerda democrática, discute a questão do Estado, percebe-se sempre /que o pano de fundo é constituído pelo chamado /socialismo real () que se questiona, a., não é propriamente a existência do Estado, mas o fato de que ele não tenha se estruturado de forma democrática (como se *Estado democrático* não fosse uma forma de dominação de classe burguesa e, portanto, ainda que constituindo o terreno mais fértil para a luta dos trabalhadores, não estivesse em oposição integral /auto-organização comunista da sociedade (Kdem!"B8-"23#)

1Fonet, "885!"B2#(>onseq0entente, a contradiç%o fundamental da sociabilidade burguesa passou a ser n%o mais entre capital e trabalho, entre compra e *enda da for\$a do trabalho, cujos conflitos se desdobram no bojo da sociedade ci*il, segundo a determinaç%o mar+iana, mas /entre o Cstado e a no*a sociedade ci*il6lKdem!"B2#(

De tal determinaç%o, pode-se depreender um implacá*el afastamento do pensar ontológico, já que ela descaracteriza a prioridade e depend-ncia ontológica e, conseq0entente, a descentralizaç%o da sociedade ci*il como a dimens%o pri*ilegiada, como o princ,pio teórico-metodológico para se apreender a inteligibilidade do ser social burgu-s(G suficiente pensar no fato de que o controle e orientaç%o do Cstado *incular-se-iam ao grau de consci-ncia e de organizaç%o da no*a sociedade ci*il(8 Xompida a depend-ncia ontológica que, na particularidade capitalista, implica o rompimento da depend-ncia essencial do Cstado para com o capital, o caráter do Cstado constituir-se-ia a n%o ser como o resultado de uma correlaç%o de for\$as /que pode ser hegemonzada por classes sociais antagPnicas6lKdem!"B ;#(

7inalmente, o conceito de democracia de *alor restrito, particular lde classe# burgu-s, desdobrou-se no sentido de um *alor uni*ersal(C, isso, com o intuito de assegurar que a democracia consiste em um instrumento *iá*el para o enriquecimento do g-nero humano(Rue se pense na determinaç%o de >outinho, segundo a qual a democracia se determina em raz%o de seu *alor uni*ersal(

Aorém, um e+ame mais cuidadoso, da determinaç%o categorial /democracia6, isto é, mediante a unidade de filosofia e ci-ncia, é poss,*el *erificar que o conceito de democracia, enquanto um *alor uni*ersal, se es*aece = e+atamente porque a problemática da liberdade *em I superf,cie! o que e+plícita, primeiro, que a pol,tica n%o é uma dimens%o imanente, ontológica do ser social, segundo, que a determinaç%o central do comunismo, da sociedade emancipada, reside na liberdade, lque, na determinaç%o mar+iano-lukacsiana, é

⁸ Fonet 1"885!<'<<#, faz notar que /Jm artigo do prof >arlos ?uilherme @otta l(((#, intitulado LO no*a sociedade ci*ilM, e+emplifica bem, l(((# o deslocamento que esse conceito sofreu recentemente e também os problemas que ele suscita(Xeferindo-se ga situaç%o de transiç%o que o Brasil *i*eria hoje, entende ele que há uma luta entre as for\$as que objeti*am transformar o Brasil e as que tendem a perpetuar os traços mais arcaicos da sociedade brasileira(Ossim, p e-se de um lado La reaç%o conser*adora dos detentores atuais do poder l(((# que e*anesceram e indefiniram a *ida pol,tico-ideológica da XepHblica e de outro lsetores do mundo jur,dico empresarial, intelectual e sindical, que objeti*aram tornar o Brasil Lum pa,s contempor. neoM(Cste segundo conjunto de for\$as é considerado a no*a sociedade ci*il6(

compreendida em unidade com o seu contrário#, e não no /caráter democrático tanto no plano econômico quanto no plano político! "B5#(: as palavras do próprio @ar+,

Sá se demonstrou como o *reconhecimento dos direitos humanos* pelo *Estado moderno* tem o mesmo sentido que o reconhecimento da escravidão pelo *Estado antigo* (com efeito, assim, como o Estado antigo tinha por fundamento natural a escravidão, o *Estado moderno* tem como base natural a sociedade burguesa e o *homem* da sociedade burguesa, isto é, o homem independente, ligado ao homem somente pelo vínculo do interesse particular e da necessidade natural *inconsciente*, tanto a própria como a alheia!"88"!8<#(

Ao tanto, se por democracia, no interior da sociedade emancipada, se entender a efetiva participação de todos na gestão do processo social, então, obviamente, sup e já uma forma de entificação deste mesmo processo a partir da matriz do trabalho associado (Fonet,"885!"2<#, ou seja, do componente ontologicamente fundante da nossa sociabilidade, da história propriamente dita, cuja estrutura organizacional, é incompatível com a dimensão da política(

Com síntese! a intransigente defesa da centralidade ontológica do trabalho no mundo humano-social re*ela-se, no*amente, pela mediação da categoria liberdade, *ale dizer, pela mediação do ato fundante, da forma histórico-concreta do trabalho, /trabalho associado, na qualidade de prioridade ontológica da sociedade emancipada, teórico-metodologicamente, corroborada(

Aara que se e*ite qualquer mal-entendido acerca da crítica I então denominada esquerda democrática que preconiza a substituição do trabalho pela política sob a determinação de guardar em-si a inteligibilidade do mundo humano-social, é suficiente uma só referência e+posta por @a+ em *A Questão Judáica!*

: não há dúvida que a emancipação *política* representa um grande progresso(Embora não seja a última etapa da emancipação humana em geral, ela se caracteriza como a derradeira etapa da emancipação *dentro* do conteúdo do mundo atual(O objetivo que nos referimos ga emancipação real, I emancipação prática! "88"! ;#(

Capítulo III. Ontologia: Trabalho e Subjetividade.

3.1. Introdução.

O sujeito, a esfera subjetiva, ocupa, indiscutivelmente, um posto central na produção ideal material. Há uma enorme e constante preocupação em tentar tornar evidente teóricamente a presença indelével da subjetividade nas mais heterogêneas dimensões constituintes do ser social e na construção do próprio deformador da história humana: a esfera da estética, por exemplo, diz Lukács (1984) que

" / Jm dos pressupostos fundamentais do materialismo histórico é a primazia das relações e dos conflitos entre as forças sociais na determinação do curso da história: as sociedades divididas em classes, tais relações são, necessariamente relações de classes. Deste modo, a história é explicada, em última análise, como a história das lutas entre as diversas classes sociais e suas frações essenciais, essencialmente sobredeterminada pela lógica interna de cada modo de produção específico. Falamos da história não está baseada na negação da individualidade humana nem no menosprezo pela autonomia individual, estrutura de caráter ou valores. O contrário, a ideia de que a história é configurada basicamente pelas forças sociais resulta, precisamente, do completo entendimento do fato de que um número infinito de pressões individuais tende a criar movimento definitivo da história = isto é, para que a história possua um padrão inteligível e não seja uma mera sucessão sem importância de fatos desconexos = aspectos comuns típicos de ser descobertos no comportamento dos indivíduos." (Lukács, 1984, p. 81);

/a objetividade da estética marxista não se acha absolutamente em contraditório com o reconhecimento do fator subjetivo na arte

Porém, a tradição marxista salienta a capacidade humana de apreender teoricamente a objetividade. Isto, não só superficialmente, mas substancialmente, as intrincadas e complexas relações e interações que se desdobram entre essência e fenômeno do mundo. Os considerações de Marx e Engels não só realçam a objetividade mais contundente e radical do reflexo estético, como também acentuam o papel indispensável do sujeito criador, já que este processo, esta aproximação gradual da essência oculta, é uma estrada que se abre somente para os maiores e mais persistentes gênios da criação artística.

Além disso, e fundamentalmente, toda esta fase subjetiva, esta dimensão subjetiva, em realidade, não se reduz a meras especulações abstratas sobre o ser do homem. Antes, trata-se de um momento criador de um humanismo verdadeiramente concreto que consiste na marca indestrutível, no conteúdo, na distinção particular e profunda do modo de pensar ontológico dialético-materialista em relação às demais linhas de pensamento, inclusive com determinadas formas de pensar que se auto-intitulam marxistas = que se pense no estruturalismo e, no denominado marxismo analítico.

Do ponto de vista da ontologia dialético-materialista e histórica, o tema da subjetividade articula-se inerentemente, primeiro, ao trabalho como produtor de valores de uso, como a necessidade eterna da humanidade, como o fundamento ontológico do ser social; segundo, ao trabalho como o momento predominante que em última instância determina o sentido e a orientação da reprodução social em sua totalidade; e finalmente, ao processo da ontológica autoconstrução humana, este é fundamental e norteador das preocupações marxistas.

Em síntese! o tema da subjetividade insere-se no contexto do projeto revolucionário de emancipação do trabalho da dominação e exploração do capital = já que as relações humanas só podem ser realmente autênticas isto é, isentas tanto do fenômeno da alienação quanto da coisificação. É medida que se pautarem e forem de fato parametradas pelas imprescindíveis relações e interações entre gênero e indivíduo () ou isto que expressa a mesma coisa! o tema da subjetividade na perspectiva ontológica dialético-materialista articula-se à problemática do indivíduo emancipado, ao indivíduo automeiado, como um ser universal

e, portanto, que conecta a classe proletária enquanto classe para-si, como uma classe universal

> Considerando a importância que a questão da subjetividade assumiu como um momento dos candentes embates contemporâneos e que pela mediação das pesquisas ontológicas lukacsianas, os estudiosos marxistas em foco têm-se contraposto quer seja contra a tradição liberal, quer seja ao marxismo vulgar e às formas contemporâneas do marxismo, ou ainda, contra Habermas, que ao propugnar a substituição da categoria /trabalho como fundante do ser social pela categoria /o mundo da vida (que se concretizou no autêntico filósofo da burguesia nesta época de crise pois forneceu as bases para uma concepção de mundo em tudo compatível com o mercado e com as relações político-democráticas do capitalismo desenvolvido (Lessa, '33' b! '32#, a teoria da subjetividade em base ontológica dialético-materialista consiste na preocupação central do tema por ora proposto)

A teoria da subjetividade entendendo a subjetividade sob a determinação de fundamento ontológico essencial de todo processo teleológico = neste preciso sentido, como um momento de expressão da liberdade humana, outrossim, como uma pré-condição substancial do processo revolucionário e como a dimensão de distinção e desenvolvimento das particularidades de cada singularidade individual tem-se constituído em um dos momentos centrais do esforço constante de se renovar e de se assentar o marxismo sobre bases ontológicas

A determinação da subjetividade em bases ontológicas se constitui entre outros aspectos em uma radical crítica ao conjunto de teses (valores e idéias) profundamente conservadoras que expressam uma determinada concepção de homem, de sociedade etc., que o grande capital e suas personificações difundiram sob a designação de /neoliberalismo (Vale a pena afirmar que

) que se pode denominar de *ideologia neoliberal* compreende uma concepção de homem (considerado atomisticamente como possessivo, competitivo e calculista), uma concepção de sociedade (tomada como um agregado fortuito, meio de o indivíduo realizar seus propósitos privados)

(/) conceito do proletariado também como uma classe para si implica uma universalidade autoconstituente, isto é, uma oposição consciente não somente à particularidade burguesa, mas a qualquer particularidade, inclusive aquela que acompanha necessariamente todas as formas do poder político propriamente dito, mesmo se esse estiver nas mãos do proletariado (Lukács, "88<!" 3<#)

fundada na idéia da *natural e necessária desigualdade* entre os homens e uma rasteira no\$%o da liberdade 1*ista como fun\$%o da liberdade de mercado# 1 : etto e Braz, '334!' '4#(

>omo se *- , trata-se da no\$%o de que o mercado consiste na inst.ncia pri*ilegiada de todo pPr teleológico(9ubsumida a subjeti*idade pelo mecanismo imanente I lógica do mercado, a /no\$%o rasteira da liberdade6, torna-se /racional6(Frata-se a n%o ser da aus-ncia de liberdade, pois que a subjeti*idade transformada em um simples epifenPmeno, regida pela lógica do mercado, tem-se como corolário uma caricatura da liberdade, ou melhor, uma

Olegoria da liberdade = econPmica e pol,tica, alus%o abstrata I Lsociabilidade perfeitaM, baseada na clausura das indi*idualidades e nas suas rec,procas contradi\$ es, entendidas como art,fices naturais do ardil da raz%o pela afirma\$%o do ego,smo 1>hasin, "8;8!<"#(

Frata-se como se pode depreender da liberdade peculiar do indi*,duo mPnada, t,pico da sociedade ci*il burguesa, na qual ele /considera outros homens como meios, degrada-se a si próprio como meio e con*erte-se em joguetes de poderes estranhos 1@ar+, "88"! '4#(

) neoliberalismo, n%o apresenta um fundamento ontológico e, portanto, pass,*el de ser detectado, do qual a g-nese e o desdobrar do fenPmeno da liberdade tornar-se-iam satisfatoriamente racionais(O liberdade, concebida como a /liberdade de mercado6, ine+ora*elmente, implica na transforma\$%o da subjeti*idade em um simples epifenPmeno(

: os par.metros do mercado e em raz%o de sua determina\$%o causal, o capitalismo *contemporâneo*, emerge regido em sua ess-ncia pela din.mica imanente I circula\$%o das mercadorias = pela media\$%o das leis de mercado, pela /m%o in*is,*el6(Os mercadorias, na totalidade do ser social em sua prá+is cotidiana, assumem, por conseq0-ncia, um estatuto ontológico cujos elementos determinantes caracterizar-se-iam mediante a sua perenidade e imutabilidade! tudo flui, tudo seria ef-mero no interior do todo social, I e+ce\$%o das mercadorias, do mercado(

) corolário desta abstrata e *azia determina\$%o, resulta e*idente!

9e a história fosse uma deusa, poder,amos com raz%o supor que desejasse nos enlouquecer(Cm nossa *ida cotidiana, ao mesmo tempo em que nos assegura, t%o certo quanto iremos morrer, que nada permanecerá como é

hoje, também nos assegura, com igual certeza e com igual convicção, que o mercado é eterno () que permanece na transformação e tremada de tudo e todos é o mercado, a mercadoria (C, sendo a mercadoria a nossa essencial, seremos sempre essencialmente os mesmos = ainda que em tudo sempre diferentes (Lessa, '332b!5"#!

Aois bem, é exatamente em razão deste conteúdo sócio-histórico, que a determinação da subjetividade em bases ontológicas, se revelou como um momento fundamental de crítica. As teses que preconizam o fim do trabalho, a descentralidade do trabalho do mundo humano-social, o fim da história etc(

3.2. Práxis: Determinação Ontológica do Ser Social

Intenta-se, aqui, demonstrar que a práxis, esta determinação que se revelou, teórico-metodologicamente, como uma categoria de extremo valor filosófico-ontológico, concretizou-se em um momento da defesa intransigente do trabalho na determinação de ser o fundamento ontológico do ser social(

Segundo Lessa, tornou-se um lugar comum determinar que a tradição marxista mediante a categoria trabalho revelou-se incapaz de conceber adequadamente a subjetividade, /a não ser reduzindo-a, tal como ocorre em (Lthusser, a mero suporte das determinações infra-estruturais ('33 'b!'B'#! (C que ao contrário, a capacidade teórico-metodológica de abordar com muito menos altamente completos como a subjetividade e a individualidade, seria segundo esta determinação, /uma evidente superioridade de Wabermas em relação ao marxismo contemporâneo (Lbidem# = quer dizer, uma evidente superioridade do pensamento burguês em relação ao marxismo em sua essência ontológica(@ais precisamente! I ontologia marxiano-lukacsiana(

Um dos pontos fulcrais da ontologia lukacsiana é o de ter enfatizado o impulso I genericidade humana imanente ao trabalho, o que o torna, incontestavelmente, a categoria fundante do ser social(Jma das premissas objetivas, ontológicas, é que só por meio de um

refleto o correto da realidade como ela é em-si, independentemente da consci-ncia, pode-se conduzir a causalidade natural, que de heterog-nea e indiferente I finalidade, é ao contrário, transformada em causalidade posta, a ser*iso da posi%o teleológica(9em poder aprofundar aqui sobre a problemática rela%o dialética entre necessidade e liberdade, é imperioso dei+ar fi+ado que o conhecimento se dá mediante um processo acumulati*o que o torna sempre mais objeti*o, porém, sem jamais abarcar o jogo das comple+as cone+ es e legalidades do mundo natural em sua infinitude(< : as pala*ras do próprio Lukács! />om efeito, a busca dos meios para atualizar a finalidade implica um conhecimento objeti*o do sistema causal daqueles objetos e processos que postos em mo*imento podem realizar o fim posto6 1"8; "!'2- '4#(

C*identemente que a comple+ifica%o entre meio e fim é correspondente I comple+ifica%o da sociedade humana(O finalidade imediata se torna cada *ez mais mediata(C trabalho mais comple+o implica um maior controle e aperfeiçoamento dos atos refletidos, assim como em sua generaliza%o(Os e+peri-ncias de um trabalho em sua singularidade s%o estendidas para outros(9e produz gradualmente uma = relati*a = autonomiza%o, isto é, s%o generalizadas e fi+adas determinadas obser*a\$ es, analogias, compara\$ es, análises, s,nteses, que, já n%o se referem a um momento e+clusi*o e deri*ado de um procedimento particular, sen%o que adquirem, ao re*és, como procedimentos concernentes a e*entos da natureza, um sentido uni*ersal, um determinado caráter de generalidade() pensador hHngaro descre*e estas generaliza\$ es ontológicas do trabalho como /os germens das futuras ci-ncias, cujos in,cios, como por e+emplo, a geometria e a aritmética, se perdem na noite dos tempos6 1Kdem!28#(

Cm outros termos, a generaliza%o ad*inda como uma conseq0-ncia ontológica do processo de trabalho se caracteriza e se e+pressa pela capacidade intr,nseca I intelig-ncia humana de produzir abstra\$ es, isto é, de elaborar conceitos que /substituem6 as coisas em sua realidade imediata(>omo diz Fonet 1 '33"!23#!

<9obre a dialética do absoluto e do relati*o no campo espec,fico do conhecimento esclarece Lukács 1"858c!' <<#! / : ossos conhecimentos s%o apenas apro+ima\$ es da plenitude da realidade, e por isso mesmo, s%o sempre relati*os! na medida, entretanto, em que representam a apro+ima%o efeti*a da realidade objeti*a, que e+iste independentemente de nossa consci-ncia, s%o sempre absolutos() caráter ao mesmo tempo absoluto e relati*o da consci-ncia forma uma unidade dialética indi*is,*el6(

Armazenados na consciência e cristalizados nos instrumentos de trabalho, os conceitos permitem o seu aproveitamento em novas atividades do mesmo indivíduo e a sua transmissão a outros indivíduos.

O contrário, portanto, da inteligência concreta, peculiar aos animais situados nos níveis mais altos da escala zoológica (os mamíferos, por exemplo), inteligência concreta porque depende, porque está direta e imediatamente articulada com a experiência vivida, quer dizer, no aqui e no agora do ato executado pelo animal = que se pense na ação do chimpanzé que mediante a utilização de uma vara, /caça cupins(Este ato se esgota em si mesmo, no momento mesmo de sua execução, em virtude de que o animal não conserva o instrumento, nem o aperfeiçoa para um seu uso posterior(Assim que, o ato animal em seu trabalho não domina o tempo, não assumindo seu ato por consequência, o significado de uma experiência propriamente dita.

Ao este impulso I generaliza-se, através de complexas mediações, como a linguagem, por exemplo, o trabalho ao interagir com a totalidade social, /dá origem a dois polos distintos, sempre articulados, da processualidade reprodutiva: a individual e a sociabilidade(Lissa, '33' b!' B<#(@ais precisamente! sem a mediação da subjetividade não há reprodução social, não há historicidade humana(De tal entendimento, resulta evidente a imprescindibilidade do momento da práxis social-humana para o desenvolvimento histórico do mundo dos homens = quer dizer, o momento das estruturas sociais, ao contrário de como concebe o estruturalismo e ao contrário da concepção liberal que propugna a /missão inelutável do mercado, requerem por necessidade indelével, da subjetividade como um momento da práxis social.

isto é significativo, na medida em que não há práxis social subtraída de um momento ideal, teleológico = inclusive a práxis econômica(Já se tornou imediatamente conhecida aquela categórica afirmação marxiana e posta no *Capital* segundo a qual o pior arquiteto é melhor do que a melhor abelha, isto que o arquiteto antecipa o resultado de seu trabalho em sua consciência, idealmente(: a concepção lukacsiano-marxiana do ser social cujo fundamento ontológico reside no trabalho é um complexo de complexos(Os mediações que genético-ontologicamente surgem do trabalho e o relacionamento destas mediações entre si e com aquele, instaura uma totalidade cujo desdobrar processual de sua lógica interna em nada há de finalismo, de teleologismo.

Foda esta dinâmica própria que se materializa mediante leis objetivas, mediante determinações causais, segundo Fonet, consiste na terrenalidade precisa e adequada para se apreender intelectualmente toda a complexidade que envolve o campo da infraestrutura e da superestrutura (Costa, 1963 diz o autor). Certamente, foi uma das questões que mais se pressaram a incompreensão daquilo que de modo mais profundo marcou a instauração marxiana.

Oinda segundo o autor, esta problemática articula-se ao clima empirista e positivista e do constante e decidido combate ao idealismo, no interior do qual o pensamento de Marx foi recebido como resultado inevitável fora senão o entendimento segundo o qual a estrutura econômica era concebida como uma esfera cujo movimento era regido por leis iguais às leis da natureza (Ruano I consciência II subjetividade), que, derivada da estrutura econômica, como subproduto desta, se manifesta sob a forma de superestrutura. Ruer dizer, predomínio absoluto da objetividade sobre a subjetividade (Costa sendo concebida como um simples epifenômeno).

Ao contrário, na perspectiva ontológica marxiano-lukacsiana a economia não pode ser entendida objetivamente. Pelo contrário, a economia como elemento nuclear da vida social

emancipação do trabalho, determina a ontológica segundo a qual a consciência não consiste em um simples epifenômeno (/ O ess-ncia do trabalho = diz Lukács 1"85; !3B-32#

consiste precisamente em ir além dessa fixação dos seres vivos na competição biológica com seu mundo ambiente () momento essencialmente separatório é constituído não pela fabricação de produtos, mas pelo papel da consciência, a qual, precisamente aqui, deixa de ser mero epifenômeno da reprodução biológica! o produto, diz @ar+, é um resultado que no início do processo existia já na representação do trabalhador, isto é, de modo ideal (Faltez surpreenda o fato de que, exatamente na delimitação materialista entre o ser da natureza orgânica e o ser social, seja atribuído à consciência um papel tão decisivo (Além, não se deve esquecer que os complexos problemáticos (((# emergentes (cujo tipo mais alto é o da liberdade e da necessidade# só conseguem adquirir um verdadeiro sentido quando se atribui = e precisamente no plano ontológico = um papel à consciência (

Com seu comentário em defesa da centralidade do trabalho sobre a obra de Robert Kurz *O Colapso da Modernização – da Derrota do Socialismo de Caserna à Crise da Economia Mundial*, Ontunes 1"882!" "3# fixa que se trata de uma investigação que se pauta pela prioridade do /ontológico, onde a apreensão da lógica do objeto = a crise contemporânea do sistema produtor de mercadorias, do capitalismo = é perseguida em seus nexos essenciais e totalizantes (De tal modo que

Aode-se dizer, sinteticamente, que suas formulações acertam no essencial, no *diagnóstico* da crise do capital dos nossos dias e *falham* nas *isualizações*, nas proposições, no modo de caminhar para *além do capital* (Kbidem#

: as considerações do autor, ainda que Kurz tenha parametrado a análise de seu objeto nos aspectos ontológicos, na medida em que suprimiu a dimensão subjetiva, dimensão esta decisiva na elaboração teórica de @ar+, o materialismo de Kurz /é mais próximo de Teuerbach do que de @ar+ (Kbidem# (Ainda segundo o autor!

O lacuna que Kurz atribui a @ar+ é, em verdade, uma lacuna de Kurz! o seu entendimento do fetichismo como integral, insolúvel e irremediável obsta a existência ativa e a existência efetiva dos sujeitos (Kurz aqui paga um preço desnecessário aos críticos da sociedade do trabalho, que ele tanto se aproxima como se diferencia (Próximo de Wabermas le por tabela

de ?orz e) ffe# \ urz se insere no uni*erso dos cr,ticos da centralidade do trabalho no mundo contempor. neo IK

apreender intelectualmente as determinações particulares do ser social consiste na práxis, tanto em seu sentido subjetivo quanto objetivo (: as *Teses sobre Feuerbach*, @ar+ enfaticamente estabelece o caráter de predominância ontológica da práxis em relação à Gnosiologia e à Lógica, como um momento essencial do longo processo autoconstrutivo da história humana. Portanto, ele rompe definitivamente com todas as filosofias anteriores, quer seja com as de corte idealistas (filosofia clássica alemã) quer seja com o materialismo de caráter contemplativo feuerbachiano. Lukács demonstra que se pode ser, sobretudo na História das *Teses* o fato ontológico da práxis nos sentidos assinalados em linhas acima (: as palavras de Lukács 1954:34).

Objetivamente, com efeito, o ser social é a única esfera da realidade na qual a práxis assume o papel de *conditio sine qua non* para a manutenção e movimento da objetividade, para sua reprodução e desenvolvimento. (C, ademais desta função original na estrutura e dinâmica do ser social, no plano subjetivo, gnosiológico, a práxis é o critério determinante de todo conhecimento correto)

isto é emblemático (a práxis como uma premissa substancial para a ontologia do ser social) (: as palavras do autor, ela é *conditio sine qua non* para a manutenção e movimento da objetividade, para sua reprodução e desenvolvimento) (: o transcurso desta exposição se fará outras referências à práxis material produtiva ao trabalho) como a concreta mediação pela qual a sociabilidade humana articula-se à ontologia da natureza, e que esta mediação na dimensão específica da ontologia humana, em determinações reflexivas com os demais momentos sociais, une as complexas e heterogêneas mediações que a constituem como um todo orgânico articulado (: este momento, é suficiente re-enfatizar que este todo articulado para o desfecho de sua reprodução, requer a presença de dois pólos que possuem o mesmo estatuto ontológico: a individualidade (a subjetividade) e a sociabilidade (a objetividade)

o conceito de práxis implica que o ser humano é um ser ativo, prático, que transforma o mundo ambiente, que conhece e cria, que conhece e faz. (C se se recorda que toda práxis social requer um momento de pré-ideia, engendra-se a genial idéia ontológica segundo a qual a objetividade social é construída mediante um complexo de objetivações, que a objetividade consiste no resultado da atuação da prática sensível, subjetiva, humana) (: a 1ª Tese sobre Feuerbach, @ar+ é categórico!

) mais alto a que chega o materialismo contemplativo, isto é, o materialismo que não compreende o mundo sensível como atividade, é a atividade dos indivíduos isolados e da sociedade civil (Hegel, 1983)

Com outros termos, este materialismo é incapaz de perceber que o mundo sensível que o envolve é o resultado da atividade prática sensível humana (e precisamente! da atividade prático-sensível material em sua forma industrial em consonância com o estado atual da sociedade e que o ser social não só desenvolve sua prática produtiva e suas formas de intercâmbio comerciais, senão que também resolve seu modo de existência segundo seus intentos, necessidades e condições existentes em determinadas situações sócio-históricas (Ossim que a crítica de Marx e Engels (1955) sobre Feuerbach relativa ao caráter do mundo humano-sensível como resultado da prática social-humana e, conseqüentemente, da condição socialmente derivada da certeza sensível, é incisiva!

Assim os objetos da mais simples certeza sensível são-lhe apenas dados por meio do desenvolvimento social, da indústria e do intercâmbio comercial (O cerejeira, como é sabido, e bem assim quase todas as árvores de fruto, só há poucos séculos foi transplantada para nossa zona por meio do comércio, e por isso, só por meio desta ação de uma determinada sociedade num determinado tempo foi dada a certeza sensível de Feuerbach)

Isto ainda não é tudo (Do que se está falando, cumpre não somente chamar a atenção para o fato de que a toda realidade socialmente produzida, corresponde um sujeito social produtor e para o fato de que entre sociabilidade e individualidade humanas há uma relação dialética! o sujeito só é social, no entanto, a sociedade é sempre o resultado da ação tenham ou não os indivíduos consciência deste fato ontológico inerente, na medida em que o ser humano é uma determinação recíproca entre subjetividade e objetividade dos sujeitos)

Contudo, se subjetividade e objetividade são dois pólos com igual estatuto ontológico e, portanto, igualmente imprescindíveis para a reprodução social, desta verdade não resulta que se possa colocá-los em pé de igualdade

Quando se trata da questão do que é fundado e do que é fundante (este momento a consciência encontra o seu campo de escolha delimitado pelas possibilidades postas objetivamente, assumindo, pois, o posto de momento fundado) Do mesmo modo, não os iguala, em termos de importância ao longo do processo de autoconstrução do ser social, pois a

decis%o, quanto a este aspecto, só pode ser abstra,da da análise concreta de cada caso concreto lFonet, "888!B;#(

: o campo das comple+as determina\$ es refle+i*as entre consci-ncia e objeti*idade, entre fundado e fundante, entre determinante e determinado, / : %o é a consci-ncia que determina a *ida, é a *ida que determina a consci-ncia6 l@ar+ e Cngels,"8;B!'<#(>onsiderando o comple+o mo*imento que se desdobra entre estas comple+as dimens es imprescind,*eis para a reprodu\$%o do ser social, subjeti*idade e objeti*idade, os defensores da centralidade do trabalho lna esteira da ontologia mar+iano-lukacsiana#, real\$am inHmeras *ezes que n%o há um finalismo na história, ainda que esta seja a s,ntese de atos teleologicamente postos por singularidades indi*iduais em sua cotidiana prá+is social imediata(

Cm inteira conson.ncia com o e+posto nas linhas precedentes, faz-se mister imediatamente retornar I cr,tica de Ontunes a \urz, já que para Ontunes, \urz, tal qual o materialismo contemplati*o de 7euerbach, elimina a /subjeti*idade6, concebendo /) s seres e personagens do capital e do trabalho6 como simples /epifenPmenos de uma lógica dada por um objeti*ismo férreo6 l"882!"3#(Ruer dizer, n%o apreende que a subjeti*idade enquanto o fundamento ontológico essencial de todo pPr teleológico, consiste em um momento imprescind,*el para a constru\$%o da objeti*idade social em *irtude do processo de objeti*a\$%o inerente ao trabalho(:este sentido, a objeti*idade social está indissocia*elmente conectada aos processos de objeti*a\$%o = aqui, é suficiente recordar que todo processo de trabalho pressup e um momento ideal, de pré*ia-idea\$%o, um momento teleológico que é sen%o elaborado pela consci-ncia(

Cm raz%o da import.ncia para o tema proposto e da comple+idade das categorias *objetivação* e *exteriorização*, cumpre e+por lainda que bre*emente# com Lessa, as considera\$ es lukacsianas acerca do fenPmeno da subjeti*idade a partir da categoria trabalho como a protoforma da prá+is social(

3.3. Subjetividade: Teleologia-Causalidade.

Oqui, objeti*a-se e*idenciar que segundo a *ers%o ontológico do mar+ismo, a subjeti*idade, onto-geneticamente, se insere imanentemente I unidade lorg.nica# do trabalho! teleologia-causalidade(

O concep\$%o de subjeti*idade formulada por Lukács n%o implicaria na supress%o das intrincadas determina\$ es refle+i*as entre o todo e as partesU Xeconhecer a imprescindibilidade do caráter subjeti*o para a historicidade humana n%o implicaria colocar em +eque a tese fundamental da ontologia lukacsiana segundo a qual o trabalho consiste na categoria fundante e, em Hltima análise, na dimens%o que determina o sentido e o mo*imento da reprodu\$%o socialU : %o questionaria a teoria da história presente em sua *Ontologia do Ser Social* 1OSS# segundo a qual n%o há um finalismo na história como se a história humana fosse o resultado de um determinismo racional imanente ao mundo, mas, ao contrário, se os indi*,duos atuam teleologicamente em seu imediato da *ida cotidiana, o processo social em sua totalidade n%o é o resultado de posi\$ es teleológicas postas, sen%o que de cadeias causais que atuam com lrelati*a# independ-ncia e até mesmo contra a *ontade dos indi*,duosU

) ser social estrutura-se pela media\$%o de um comple+o de comple+os& por mHltiplas determina\$ es(O subjeti*idade é t%o-somente uma de suas determina\$ es constituti*as& um dos comple+os momentos que o comp em(C, /Cnquanto parte, é predominantemente determinada pelo mo*imento da totalidade social, pelas no*as necessidades e possibilidades postas pelo de*ir-humano dos homens6 1Lessa, '33 'b!'B<# = por meio de comple+as media\$ es! *alores, a própria linguagem, as institui\$ es, o peso da dimens%o econPmica etc(G importante trazer sempre I lembran\$a, que se por um lado o trabalho funda o ser social, por outro, a sociabilidade n%o se reduz a ele(

) s estudos de Lessa demonstram que o ponto de partida das análises lukacsianas acerca da subjeti*idade reside na mais pura sociabilidade(G claro que isto n%o se trata de uma mera casualidade no interior da totalidade das in*estiga\$ es ontológicas de Lukács(9uas análises sobre o fenPmeno da liberdade, categoria social da mais alta comple+idade, por e+emplo, e*idenciam as comple+as determina\$ es refle+i*as que ocorrem na cotidianidade entre os momentos do g-nero e da indi*idualidade(

) ra, a prática social cotidiana do indi*,duo genérico é *conditio sine qua non* e simultaneamente mediada e articulada I concep\$%o mais geral do mundo no qual o

individualidades singulares(O relevante compreens%o de que na reproduç%o social, que na historicidade humana, n%o há espaço para finalismo algum e/ou para um demiurgo alheio que determinaria mediante atos teleológicos, o destino humano, *em I superf, cie() s homens fazem a história, mas sempre a partir de determinadas condiç es sócio-históricas já estruturadas(Há uma rede de determinaç es refle+i*as entre subjeti*idade e objeti*idade e que, portanto, /as circunst.ncias fazem os homens tanto como os homens fazem as circunst.ncias(1@ar+YCngels,"8;B!B8#(>ontudo, a reproduç%o social em sua totalidade, é transpassada por determinaç es causais(

Os determinaç es ontológicas dialético-materialistas lukacsianas assinalam que a g-nese e o desdobramento do processo constituti*o da subjeti*idade *inculam-se I unidade teleologia-causalidade(@ais precisamente! aos momentos de objeti*a\$%o e e+teriorizaç%o(Cstes s%o heterog-neos entre si, mas pertencem por necessidade ontológica, I mesma processualidade unitária! o trabalho(

O objeti*a\$%o se define pelo momento do trabalho mediante o qual a teleologia se transmuta em causalidade posta(>orresponde ao momento de transformaç%o teleologicamente orientada dos ne+os e determinaç es causais da natureza = a causalidade espont.nea da natureza é transformada em causalidade posta(: a ontologia lukacsiana, a objeti*a\$%o se configura como o necessário ponto de partida para a apreens%o ideal das comple+as relaç es e interaç es entre trabalho e e+teriorizaç%o(

Ësto porque a objeti*a\$%o dá origem a uma no*a esfera objeti*a que é n%o só relati*amente independente, mas, sobretudo, ontologicamente distinta do sujeito que efetuou o processo de trabalho(: este conte+to, emerge o fato de que na produç%o ideal de Lukács, na esteira da teoria do ser social de @ar+, n%o reside um sujeito-objeto id-ntico(O ruptura com a ontologia idealista, ainda que objeti*a, de Wegel, é radical(: *MO Capital*, esta n%o-identidade entre sujeito e objeto está e+pressa como segue!

: o processo de trabalho, a ati*idade do homem opera uma transformaç%o, subordinada a um determinado fim, no objeto sobre que atua por meio do instrumental de trabalho() processo e+tingue-se ao concluir-se o produto() produto é um *alor-de-uso, um material da natureza adaptado Is necessidades humanas atra*és da mudan\$a de forma() trabalho está incorporado ao objeto sobre que atuou(>oncretizou-se e a matéria está trabalhada() que se manifesta*a em mo*imento, do lado do trabalhador,

se re*ela agora qualidade fi+a, na forma de ser, do lado do produto(Cle
teceu e o produto é um tecido 1"8; '!' 32#(

O cr,tica mar+iana ao sujeito-objeto id-ntico hegeliano, pode ser e+plicitamente
constatada em sua *Introdução à Crítica da Economia Política* 1"85;!""5#, e+atamente
quando @ar+ aborda a problemática acerca do método da Cconomia Aol,tica!

) todo, tal como aparece no cérebro, como um todo de pensamentos, é
um produto do cérebro pensante que se apropria do mundo do Hnico modo
que lhe é poss,*el, modo que difere do modo art,stico, religioso e prático-
mental de se apropriar dele() sujeito real permanece subsistindo, agora
como antes, em sua autonomia fora do cérebro, isto é, na medida em que o
cérebro n%o se comporta se n%o especulati*amente, teoricamente(

Ogora bem, por seu turno, a e+terioriza\$%o consiste na a\$%o de retorno da objeti*a\$%o
e do objeti*ado sobre o sujeito que materializou o ato laborati*o(

Cm sua abordagem da ontologia lukacsiana sobre as rela\$ es e intera\$ es entre estes
dois momentos e das conseq0-ncias da, ad*indas para a conforma\$%o da subjeti*idade,
Lessa 1'33 'b! "B"# obser*a que

O objeti*a\$%o corresponde ao momento de transforma\$%o
teleologicamente orientada do real, e a e+terioriza\$%o ao momento da a\$%o
de retorno da objeti*a\$%o e do objeti*ado sobre o indi*,duo agente(Cm
outras pala*ras, a e+terioriza\$%o corresponde ao momento pelo qual a
objeti*a\$%o, ao confrontar o sujeito com a realidade a ele e+terna, ao dar
origem a um produto que se distingue ontologicamente do sujeito e que,
nesta medida, adquire uma história sua, própria, relati*amente autPnoma
em rela\$%o a seu criador, e+ercer uma a\$%o de retorno sobre o próprio
sujeito que o criou(Cm outras pala*ras, ao construir o objeto enquanto
ontologicamente distinto do sujeito, a objeti*a\$%o e o produto dela
resultante e+ibem uma autonomia relati*a diante do sujeito agente = e essa
autonomia relati*a é o fundamento ontológico Hltimo das di*ersificadas
a\$ es de retorno do objeti*ado sobre os indi*,duos(

C+plicita-se, portanto, que a e+terioriza\$%o enquanto a\$%o sobre o sujeito da
objeti*a\$%o, isto é, do agente que mediante o ato de trabalho transmuta teleologicamente a
causalidade espont.nea da natureza em causalidade posta, configura uma concep\$%o
essencialmente positi*a e *sui generis* na ontologia de Lukács! trata-se de um momento
indispensá*el para o processo constituti*o da subjeti*idade e, por esta media\$%o, do
simult.neo desdobrar do g-nero humano(: este preciso sentido, a e+terioriza\$%o é sen%o

um momento imanente, insubstituível e universal do processo de trabalho = com os momentos da objetividade e da exteriorização, se explicita que o trabalho consiste na *conditio sine qua non* para a determinação do ser social! como a categoria que ontologicamente funda o ser social!

Esta medida que se complexifica o ser-precisamente-assim social, por razões de seu ininterrupto processo de afastamento das barreiras naturais, ainda que em termos jamais absolutos, o sucesso da concretização da teleologia em causalidade posta, demanda o desenvolvimento de subjetividades cada vez mais complexas, ricas e mediadas!

Portanto, o desenvolvimento das faculdades humanas (capacidade de imaginação, reflexão, abstração, memória, análise, síntese, criatividade, observação, coordenação motora etc), e de controle sobre as emoções, afetos etc, indispensáveis para a concretização do processo de trabalho, somente com o surgimento da civilização burguesa e da grande indústria, e das novas exigências postas pela divisão estrutural do trabalho como um seu momento estrutural, que se tornaram prescindíveis = ou melhor, instaurou-se uma contraditória duplicidade! por um lado, simultaneamente e por exigência do enorme fomento dos avanços das forças produtivas para satisfazer ~~2Xaajõ~~

processo de trabalho, a atividade do sujeito é determinada a partir de um futuro posto, definido é um atuar orientado pela mediação do de*er-ser do fim(

Lessa 1'33'b!"BB#, em sua abordagem da ontologia lukacsiana acerca da imprescindibilidade do de*er-ser para o de*ir constituti*o das indi*idualidades e, por sua mediação, para o desen*ol*imento do g-nero humano, asse*era que

Jma a\$%o semelhante do de*er-ser sobre a indi*idua\$%o pode ser percebida numa esfera cone+a, a da constru\$%o de um refle+o cada *ez mais correto da sociabilidade, a corre\$%o gnosiológica do refle+o e+ige de modo crescente Lo predom,nio do cPncio sobre o instinto, do cogniti*o sobre o quanto seja emocionalM(>om isto, mais uma *ez, além da transforma\$%o do e+istente, o trabalho realiza também a potencial transforma\$%o do sujeito que trabalha(

: o*amente torna-se e*idente a essencial import.ncia do trabalho na qualidade de categoria fundante do ser social(G suficiente pensar na rele*.ncia da /corre\$%o gnosiológica do refle+o6 para a apropria\$%o intelectual do mundo objeti*o(O justeza da tese de L-nin sobre o refle+o torna-se e*idente() ra, do que se *em e+pondo, patenteia-se o fundamento, a mediação concreta por meio da qual 1a unidade org.nica do trabalho, que por seu intermédio, a humanidade estabelece o seu interc.mbio com a natureza# a ontologia mar+iano-lukacsiana apreende e e+p e a g-nese e o desdobrar do processo constituti*o da subjeti*idade e, simultaneamente, do de*ir igualmente formador do g-nero humano = genericidade e indi*idualidade formam uma unidade, um todo(:a esfera precisa da sociabilidade humana, as comple+as determina\$ es refle+i*as que se estabelecem entre as comple+as e em ininterrupto processo de comple+ifica\$%o que abarcam a dialética categorial singular-particular e uni*ersal, se manifestam(

Cm outros termos, a historicidade, o processo de autocria\$%o da sociabilidade humana re*ela-se inabalá*el(O unidade org.nica do trabalho lteleologia-causalidade#, re*ela-se o fundamento ontológico do ser social(O partir desta unidade org.nica, desfaz-se todo o mistério que ofusca e obstrui o caráter autocriati*o da sociabiliza\$%o humana(O objeti*idade social se manifesta como o resultado dos processos de objeti*a\$%o e de e+terioriza\$%o inerentes ao trabalho = a história humana torna-se racional(

Ossim, torna-se for\$oso recordar neste momento que na primeira *Tese sobre Feuerbach*, a cr,tica de @ar+ possui claramente um caráter ontológico e n%o gnosiológico!

é a denHncia de uma lacuna ontológica, dado que o *elho materialismo ignora por completo a qualidade da objeti*idade social() u melhor, n%o se ad*erte de que a objeti*idade social consiste no resultado da prática sens,*el dos homens, ou simplesmente, desconhece sua forma subjeti*a(Aara este materialismo, a realidade é só e+terioridade, contraposta ao sujeito, que este t%o-somente pode apropriar-se desta realidade idealmente, mas n%o e+istindo um outro *,nculo entre ambos(@ar+ articula a ati*idade humana sens,*el-prática, I sua forma subjeti*a(@ediado por sua ati*idade prático-teórica o homem atribui uma determinada forma ao mundo(7orma subjeti*a e prática-sens,*el determinam-se dialeticamente, uma *ez que toda efeti*idade humana redonda da atribui\$%o de uma forma humana I coisa(C*identemente que toda atualiza\$%o pressup e um momento ideal la elabora\$%o de uma teleologia#(Sá se obser*ou que nMO *Capital* @ar+ diferencia essencialmente o ser social dos animais precisamente em raz%o do fato de o ser humano antecipar teleologicamente o resultado material de seu trabalho(

V--se nitidamente, portanto, que a racionalidade da história humana se funda sobre e se articula lmediada pelo trabalho# com a ontologia da natureza(Disto decorre que as categorias ontológicas n%o h%o de ser entendidas t%o-somente como categorias da sociedade, sen%o como categorias histórico-ontológicas(9egundo @ar+ e Cngels, ha*erá uma Hnica ci-ncia(O processualidade histórica engendra-se como um momento indelé*el da heterogeneidade do ser-precisamente-assim e+istente das estruturas ontológicas respecti*as = ontologia da natureza ltanto em sua dimens%o org.nica quanto inorg.nica# e ontologia do ser social(9e por um lado, a prá+is é uma das premissas essenciais para se apreender a peculiaridade do ser social, por outro, segundo o filósofo hHngaro, a ontologia do ser social pressup e como um momento, igualmente, indestrut,*el, uma ontologia geral(: as pala*ras de Lukács 1"854!32#!

l(((# o que se conhece em uma ontologia geral, n%o s%o sen%o os fundamentos ontológicos de todo ser(C se na realidade, surgem outros comple+os, outras formas de ser l*ida, sociedade#, as categorias da ontologia geral de*em permanecer como momento superado# e o superar tem em Wegel, corretamente, também o significado de conser*ar(O ontologia geral, ou e+presso mais concretamente, a ontologia da natureza inorg.nica como fundamento de todo e+istente, é geral porque n%o pode e+istir nenhum e+istente que n%o seja ontologicamente fundado na natureza inorg.nica(:a *ida aparecem no*as categorias, mas estas somente podem operar no n,*el ontológico sobre a base das categorias gerais, em intera\$%o com elas(C, o mesmo ocorre com as categorias por

sua vez no*as, do ser social relati*as Iquelas da natureza org.nica e inorg.nica(O pergunta mar+iana sobre a ess-ncia e a constitui%o do ser social só pode ser conseq0entemente posta racionalmente baseando-se nos graus de tal fundamento(O pergunta sobre a especificidade do ser social contém a confirma%o da unidade geral de todo ser e, simultaneamente, o emergir de suas determina\$ es espec,ficas(

>om estes delineamentos, já se e*idencia que a ontologia de Lukács é ad*ersa e contundentemente cr,tica a toda e a qualquer homogeneiza%o lógica(O categoria /supera%o6 em seu sentido estritamente dialético-materialista impossibilita a simples dedu%o e'ou a ele*a%o de uma estrutura ontológica a outra = a busca pelas imprescind,*eis media\$ es concretas que articulam as heterog-neas e irredut,*eis estruturas ontológicas se imp e como uma ine+orá*el necessidade(

O partir do trabalho, Lukács, fi+a sua defesa intransigente e a demonstra%o cabal teórico-metodologicamente da unitariedade Hltima da sociabilidade humana em unidade com a unitariedade Hltima do ser em geral(2

9intetizando! pelo trabalho, realiza-se a articula%o das heterog-neas esferas ontológicas! natural e social(O prá+is material produi*a consiste na media%o concreta pela qual determina-se a unitariedade Hltima entre o ser social e a natureza(Csta unitariedade Hltima entre estas distintas dimens es ontológicas, pode ser e+presso como segue! a realidade humana é uma unidade Itotalidade# que compreende natureza e sociabilidade(:%o obstante o a*an\$o das for\$as produi*as com o conseq0ente e permanente processo do afastar das barreiras naturais& malgrado a humaniza%o da natureza ou da natureza humanizada, cujo significado n%o é outro sen%o o superar do momento meramente biológico, de subsumi-lo I sociabilidade, o fator biológico, apesar do seu limite como e enquanto fator biológico, com sua ininterrupta e insuperá*el presen\$a, também consiste em um momento fundamental para a reprodu%o do ser social(

: o que tange especificamente ao ser social, a partir da unidade org.nica do trabalho, o autor de Budapeste ressalta teórico-metodologicamente o liame concreto que articula subjeti*idade-objeti*idade social(De sHbito, irrompe a categoria /totalidade6 = para que se

2 /O afirma%o da unitariedade ontológica particulariza o filósofo hHngaro no conte+to da produ%o teórica nas Hltimas décadas6 !Lessa, '33' b!' 2<#(Fal particularidade consiste em um di*isor de águas relati*amente a correntes burguesas de pensamento& a supostas formas contempor.neas de pensar mar+ista& e, inclusi*e, a pensadores que postularam a necessidade imperiosa de desen*ol*imento dos delineamentos ontológicos dei+ados por @ar+(Ruanto a estes Hltimos, Lessa tece sua cr,tica a >arol ?ould e a Soseph @ac>arneQ(O lém destes, sua cr,tica dirige-se a Weller, Wabermas, Famá e ao mar+ismo anal,tico na figura de ?abriel >ohen(

emite um possível mal-entendido, tornar-se novamente imperioso observar que no interior de toda organicidade, há sempre e indissoluivelmente, um momento predominante (: o interior deste todo, na medida em que o trabalho é a mediação pela qual a humanidade estabelece o seu intercâmbio com o ser natural; já que o trabalho engendra lontan geneticamente outras categorias, outras mediações imprescindíveis para a reprodução social (a linguagem, a ciência, a educação, a liberdade, o valor etc.), estabelecem-se entre ele e estas dimensões uma cadeia de determinações e reflexões, sem, contudo, romper a dependência ontológica destas mediações com o trabalho (Cste continua sendo o momento predominante não obstante no desdobrar do vir-a-ser estrutural destes momentos, estes, terminam por adquirir uma = relativa = autonomia, uma sua história própria relativamente ao trabalho (

Sumariando! mediado pela categoria trabalho, o marxismo em sua dimensão ontológica dialético-materialista e histórica, constitui-se em um arcabouço teórico-filosófico auto-suficiente e, portanto, absolutamente capaz de elaborar, como se tem demonstrado, uma teoria da subjetividade até às últimas consequências (

3.3.1. Trabalho: A Ontológica Unitariedade do Ser Social.

O não apropriação intelectual do liame, da mediação concreta que articula as heterogêneas esferas ontológicas e, em especial, que une as complexas e igualmente heterogêneas mediações constitutivas do ser social como um todo orgânico articulado, implica não só consequências desastrosas no campo metodológico propriamente dito, mas, sobretudo, no quadro da práxis social, seja em termos de uma postura gnosiológica consequente, seja para uma práxis revolucionária (

: o entanto, aqui, em consonância com o tema proposto por este subcapítulo, o que importa é realçar que a não apreensão desta mediação implica concretamente a racionalidade do mundo social em irracionalidade, ou seja, inapreensível teoricamente, na medida em que no plano teórico-metodológico, a prioridade do ser em relação aos aspectos lógico-gnosiológicos é simplesmente suprimida, do que decorre, por exemplo, o transformar uma necessidade meramente teórica em uma necessidade ontológica = dá-se o fenómeno da

/in*ers%o ontológica⁴ Cm *irtude destes moti*os, *ale a pena trazer I baila alguns dos aspectos da cr,tica que tanto Lessa quanto Ontunes direcionaram a Wabernas em seu esforço de apresentar a concreta media\$%o cujo desdobrar de seu inerente mo*imento articularia a subjeti*idade com a intersubjeti*idade = a subjeti*idade com a totalidade social cujo corolário seria a reprodu\$%o social(

: este momento, Ineste subitem#, a preocupa\$%o é a de real\$ar que tanto Lessa quanto Ontunes na cr,tica destinada a Wabernas, n%o só no*amente, enfatizaram a in*iabilidade teórico-metodológica de substituir o trabalho por uma outra das media\$ es do ser social, como também, Ina esteira da OSS de Lukács#, salientaram que o trabalho ldo ponto de *ista ontológico-metodológico# consiste na media\$%o categorial pela qual assegura-se a lobjeti*a# unitariedade Hltima do ser social(

Lessa, considerando a import.ncia de Wabernas para o debate teórico contempor. neo, na medida em que ele mediante sua *Teoria do Agir Comunicativo*, elabora depois de @ar+, o primeiro constructo filosófico

l(((# capaz de fornecer uma concep\$%o articulada de toda a reprodu\$%o da sociabilidade contempor. nea(C capaz de o fazer l(((# a partir de uma categoria, o mundo da *ida, que se prop e como substituta do trabalho enquanto fundante do mundo dos homens l'33'b!'32#,

⁴Cm sua lOSS#, no cap,tulo sobre Wegel, Lukács se *ale desta e+press%o l/in*ers%o ontológica6# para determinar e+plicitamente o mo*imento pelo qual a /filosofia clássica alem% = para poder prestar homogeneidade I imagem unitária de natureza e sociedade = te*e de traduzir na linguagem filosófica do idealismo também o conhecimento da natureza6 l"858a!<<#(Cste tema foi tratado por Lessa ! *Lukács, Engels, Hegel e a categoria da negação*. Cm! Xe*ista Cnsaio, nHmero "5!" ;(Cditora Cnsaio(9%o Aaulo("8;8(: esta obra, Lessa assim se e+pressa! /l(((# há uma passagem de Cngels sobre a categoria da nega\$%o que foi muito di*ulgada, como diz Lukács, por uma lcerta tradi\$%o do mar+ismo *ulgarM(: esta passagem, Cngels tenta e+plicar a DOhring o que é a nega\$%o e a nega\$%o da nega\$%o recorrendo a e+emplos de todas as esferas do ser(Otra*és de um processo erosi*o, o *ale nega a montanha; atra*és de um processo biológico, a semente é negada pela planta; atra*és de um processo de luta de classes, o capitalismo nega o feudalismo; e, atra*és de um racioc,nio de tipo matemático, a raiz quadrada de B surge como a nega\$%o da nega\$%o formada por ' e - '(Jm pouco antes, Cngels, no mesmo sentido, argumeta serem lnega\$ esltanto a transforma\$%o de um gr%o de ce*ada em planta de ce*ada como a sua transforma\$%o em cer*ejag l"8;8!<B3#(: a esteira das determina\$ es ontológicas mar+iano-lukacsianas, como indica Lessa, no fragmento citado, n%o é dif,cil de perceber que Cngels confunde cone+ es e legalidades de modos de ser que s%o por suas caracter,sticas ontológicas intr,nsecas, distintas entre si(: o plano puramente lógico-abstrato, a semente nega a planta do mesmo modo que o capitalismo nega o feudalismo, n%o obstante que no plano do ser há concretamente dois processos radicalmente heterog-neos(O transforma\$%o da semente em planta n%o é sen%o sua continuidade para o seu outro biologicamente natural! a planta(Oqui, portanto, no plano do ser, n%o e+iste nega\$%o qualquer, na medida em que nada foi conduzido I destrui\$%o; e nada de radicalmente no*o surgiu tampouco(: %o é poss,*el neste processo natural o momento de nega\$%o(Cm suas considera\$ es, Lessa, ressalta que para Lukács, a nega\$%o é uma categoria essencialmente social, n%o ocorrendo na ontologia da natureza = morte e nascimento consistem nas e+ce\$ es(

ataca e demonstra que em seu constructo teórico há uma problemática que se caracteriza pela mediação de uma circularidade derivada de seu método de abordar a complexidade social = descaracterizando e frustrando, portanto, sua produção ideal(

) autor, incisiamente, assera que as várias tentativas de Habermas encontrar o elo de articulação da individualidade com a totalidade social terminaram por conduzi-lo a postular a transcendência do mundo da vida na condição de mediação essencial para a superação da individualidade fechada em si mesma, mesquinha, egoísta e proprietária privada específica da organização societal burguesa() /mundo da vida habermasiano, diz Lessa,

(((# apenas tem sentido na medida em que as subjetividades não são capazes, por si próprias, de superar sua particularidade e se remeter, por uma pulsão a elas imanente, à totalidade social((((#, as várias alternativas de encontrar esse elo da individualidade com a totalidade social terminaram por levar Habermas a postular a transcendência do mundo da vida como momento de superação da individualidade fechada em si própria 1'33'b!'BB-'B2#(

O passo que para Lukács, a resolução desta questão se dá de uma forma radicalmente oposta, já que para o autor húngaro, a individualidade enquanto uma mudança não passa, (((#, de um reflexo estranhado da cotidianidade sob a regência do capital(Ibbidem#(>om isto, ilustra-se a essencialidade histórica inerente à determinação categorial /individualidade(

) /mundo da vida em Habermas tem, sempre segundo Lessa#, como pressuposto, sua necessidade demonstrada através dos /diversos deslocamentos⁵ do campo de resolução(

⁵Lessa sintetiza esses deslocamentos do seguinte modo: /Aor uma última vez, refaamos o percurso habermasiano em *Teoria da ação comunicativa*.) início se dá pelo estabelecimento de uma peculiar relação entre racionalidade e saber, pela qual a primeira diz respeito muito mais à forma que ao conteúdo, e o segundo se caracteriza por possuir uma estrutura proposicional(Fanto as características do saber como as da racionalidade estariam relacionadas com a confiabilidade de uma opinião, o que conduz o autor à busca do fundamento dessa confiabilidade enquanto elemento intersubjetivo(O questão decisiva, nesse momento, seria o estabelecimento dos fundamentos dessa intersubjetividade(/Cssa questão será sucessivamente deslocada(: um primeiro momento, assume a forma de um estudo da argumentação, enquanto estrutura interna da prática comunicativa, que estaria na base do consenso intersubjetivo(: um segundo momento, se transforma na investigação acerca das diversas formas da práxis social e na distinção entre a forma originária da fala(Fal distinção permite colocar no centro da ação comunicativa o consenso propiciado por um entendimento intersubjetivo de uma situação dada, com o que Habermas se volta para a investigação do entendimento, o qual reela o papel central da fala na constituição da intersubjetividade(Cste passo, por sua vez, permite a Habermas recolocar a questão acerca do fundamento da intersubjetividade investigando de onde a fala obteria a força necessária para coordenar as subjetividades em uma intersubjetividade(O teoria do significado permite que encontre no mundo da vida, definido

acerca da problemática do /fundamento último /da intersubjetividade (idem! 'B4#) : as pala*ras precisas de Lessa (idem#!

Como tais deslocamentos não permitem sua resolução, para fugir ao solipsismo não resta ao autor outra saída senão conceber um espaço transcendental que articularia as subjetividades num mundo de significados pré-temáticos. Como, nesses deslocamentos, a subjetividade *per se* não pode produzir a intersubjetividade qualitativamente distinta das subjetividades singulares, não restou a Habermas senão a alternativa de projetar, numa transcendência, essa nova qualidade característica da intersubjetividade. Já me fez admitido esse espaço transcendental, o constructo habermasiano adquire uma base sólida.

Ruer dizer, com este pressuposto, a transcendência do /mundo da vida, Habermas não só postula uma necessidade teórica, mas, sobretudo, o transforma em uma necessidade ontológica. A consequência, o constructo de Habermas, carece de um ponto de arrimo a partir do qual as assertões acerca do ser-precisamente-assim existente, objetivo, podem ser demonstradas. Com Lukács, ao contrário, há um pressuposto que pode ser constatado ontologicamente: /os homens, para se reproduzir, devem necessariamente trabalhar (idem! 'B5#).

O conteúdo objetivo das premissas a partir das quais se constrói um arcabouço teórico é de fundamental importância, em especial se elas forem verificadas /empiricamente. : a crítica aos ideólogos alemães, Althusser e Engels (1983; B1" B#, ressaltam a relevância de se demonstrar os pressupostos sobre os quais se edificará a elaboração teórico-científica!

Os pressupostos com que começamos não são arbitrários, não são dogmas, são pressupostos reais, e elas só na imaginação se pode abstrair (9% os

enquanto saber pré-temático, o Lugar transcendental em que se apoiaria a intersubjetividade. Este seria o fundamento último do consenso intersubjetivo sem o qual não haveria a articulação entre trabalho e linguagem que caracterizaria o ser social (1933' b! ' <8- ' B3#). Engels (1983; '13' #, sintetizando a concepção materialista, afirma que para esta /o fator decisivo na história é, em última instância, a produção e a reprodução da vida imediata. Mas essa produção e essa reprodução são de dois tipos: de um lado, a produção de meios de existência, de produtos alimentícios, habitação, e instrumentos necessários para tudo isso; de outro lado, a produção do homem mesmo, a continuação da espécie. Ruer dizer, antes de construir grandes elaborações teóricas, os homens têm que garantir (materialisticamente ou como diz Lukács, ontologicamente) a sua existência. C isto, é extremamente palpável. : a *Ideologia Alemã* (Althusser e Engels), contra os ideólogos idealistas alemães que não apreendem a materialidade processual da história, asseram que a primeira premissa de toda existência humana /e, portanto, também, de toda a história, ou seja, a premissa de que os homens têm de estar em condições de viver para poderem fazer história. Mas da vida fazem parte sobretudo comer e beber, habitação, *estúrio e ainda algumas outras coisas (1983; B1' <"#).

indivíduos reais, a sua ação e as suas condições de vida, tanto as que encontraram como as que produziram pela sua própria ação (estas premissas são, portanto, constatáveis de um modo puramente empírico)

A compreensão como premissa metodológica deve ser entendida no sentido ontológico e não meramente em seu restrito e limitado parâmetro empírico. O ser humano é aqui compreendido enquanto o ser da prática, que mediado pelo trabalho, une teleologia e causalidade, conhece e transforma o mundo e, ao fazê-lo, transmuta sua própria natureza! humaniza-se, funda um mundo particular sem analogias com o ser natural = o ser social. O ato de transformar a natureza mediado por sua prática material produtiva funda o mundo da cultura. Esta surge como a transformação da natureza e igualmente na forma dos produtos como resultado desta transformação⁸

Trata-se, enfim, de indivíduos concretos, objetivos, que mediados pelo trabalho pelas relações econômicas, inseridas na sociedade civil estabelecem determinadas e históricas relações entre si e com a natureza, cujo resultado consiste em uma determinada forma de organizar a vida numa determinada forma de sociabilidade com suas complexas instituições, que, estabelecem entre si complexas interações em sua totalidade (neste preciso sentido, são essencialmente distintos do *eu penso* de Descartes, reduzido à esfera gnosiológica e dos indivíduos moldados, a-históricos, de toda a tradição liberal)

Assim que o pressuposto lukacsiano, não só pode ser assumido enquanto tal, porque é passível de verificação ontológica como também dá sustentação a toda tentativa de se apreender, teórico-metodologicamente, a objetividade concreta, material (como diz Lessa 1933: 15)

Diferentemente do que ocorre com Habermas, a possibilidade de essa constatação ontológica se transformar em ponto de apoio para a teoria é, em Lukács, ontologicamente demonstrada! pelo trabalho, o sujeito é capaz de se aproximar teoricamente do ser-precisamente-assim existente

Portanto, tal capacidade de reproduzir intelectualmente o mundo objetivo, consiste no fundamento último da possibilidade teórico-metodológica do autor de Budapeste de recorrer a uma constatação ontológica como ponto de partida de sua investigação do ser social. Lukács, portanto, como em Habermas, de afirmar o pressuposto como

⁸Claramente que a cultura não se reduz aos produtos como resultado da transformação material da natureza. Em sentido genérico, cultura é toda criação humana

uma necessidade interna da própria teoria e, antes, pela possibilidade ontológica de o ser humano reproduzir, de forma apropriada, o real na consciência (ibidem)

Logo decorrer desta exposição, realizar-se-á outras referências à problemática dos pressupostos como o ponto de apoio a partir do qual se elabora teórico-metodologicamente o saber. Imediatamente, contudo, é imprescindível como também um momento de sustentação do tema central da preocupação, aqui, proposta, apresentar algumas das considerações acerca do caráter das conexões segundo as investigações ontológicas lukacsianas entre trabalho e interação ou entre práticas laborativas e interativas, levadas a efeito por Ontunes contra Habermas em seu intento de segundo Ontunes substituir o trabalho como o fundamento ontológico do ser social pela esfera comunicacional³ suas considerações finalmente permitem em luz o caráter da unitariedade última do ser social em unidade com a unitariedade última do ser em geral

Antecipadamente, porém, faz-se necessário uma importante observação. Conspicua-se em linhas imediatamente acima que de acordo com Lessa, o propósito de Habermas é a de substituir a centralidade do trabalho do mundo dos homens pelo então denominado mundo da vida. Agora, chama atenção o fato de que segundo Ontunes, a proposição habermasiana consiste em substituir tal centralidade do ser social pela esfera comunicacional

Aois bem, é desnecessário dizer que estas nuances interpretativas não são objetos de preocupação do presente estudo e aqui, objetiva-se precipuamente, em consonância com o tema e o respectivo objetivo proposto para este momento do presente trabalho que tanto Lessa quanto Ontunes apesar das nuances interpretativas# acentuam o fato indestrutível de que o trabalho na esteira da ontologia marxiano-lukacsiana#, do ponto de vista ontológico-metodológico, é a categoria central do ser social sobre e a partir da qual se pode fundamentar uma teoria da subjetividade que recíproca e igualmente, possibilita a apropriação ideal da mediação concreta que articula subjetividade-objetividade na categoria social que por razões de suas propriedades intrínsecas, possibilita, em termos analíticos, a apropriação das complexas mediações sociais que se desdobram desta categoria nodal e o todo do ser social

³ : as palavras do autor "888!"B4#! /Habermas propugna, em sua análise sobre a sociedade contemporânea, que a *centralidade do trabalho* foi substituída pela centralidade da *esfera comunicacional ou da intersubjetividade*".

) u seja, mediação categorial, que, por ser o fundamento ontológico último do ser social engendra outros complexos com os quais em seu desdobrar, uma vez estruturados e relativamente autônomos a este seu fundamento genético, traça determinadas complexas inter-relações, sem, contudo, perder este seu posto de fundamento último do ser social não obstante a imprescindibilidade daqueles complexos para que este fundamento possa ser conectado com o todo da sociabilidade humana(

O critério de Fontanes e Wabermas, se dá mediante a exploração conceitual da categoria /interação como uma categoria ontológica(Em termos sumários! como categoria ontogeneticamente intrínseca ao trabalho e, que, portanto, ontologicamente, se insere de modo inerente como um momento absolutamente necessário e imprescindível no conteúdo da ontologia do ser social(

: a esteira das pesquisas ontológicas lukacsianas, o autor concebe a prática social interativa como um momento de expressão da subjetividade do ser social, cuja mediação na qualidade de solo ontológico fundante desta prática reside no trabalho = dimensão da ontologia do ser social na qual a prática teleológica se manifesta pela primeira vez em sua plenitude(Fontanes, "888!"24#() u ainda, no trabalho, mediado pela posição teleológica, pela busca de finalidades, o ser social se expressa e como subjetividade que cria e responde ao mundo causal(Idem!"25#(

Aor isso, ao contrário de Wabermas que confere à esfera intercomunicacional o papel de componente fundante e estruturante do ser social, não obstante o fato indelével de que a linguagem e/ou a comunicação também sejam um componente central, Fontanes, entende que é o trabalho a categoria central, fundante e estruturante, do processo de socialização do homem, protoforma do ser social, porque é o trabalho a categoria histórico-ontológica que materializa a síntese entre a posição teleológica e a causalidade espontânea da natureza(síntese mediante a qual deu-se a gênese do ser social = é o trabalho que possibilita pela primeira vez no ser social o advento do ato teleológico interagindo com a esfera da causalidade(Idem!"24#(

Constatadamente por isso, continua o autor, é que o trabalho se configura enquanto a categoria ontológica imprescindível, quer dizer, na chave analítica para a apreensão das posições teleológicas mais complexificadas, /que se pautam não mais pela relação direta

entre homem e natureza, mas sim por aquela que se estabelece entre os próprios homens⁶
Ibidem#

Trabalho, sociabilidade e linguagem, consistem em determinações essenciais e complementares imprescindíveis para a gênese do ser social. Estes complementos formam um todo orgânico, que, em razão de sua própria organicidade, possui um momento predominante. Já se deu a devida ênfase acerca do significado desta prioridade em termos ontológicos. Segue-se conseqüentemente a necessidade de apenas assinalar que no plano ontológico, como momentos da práxis social, trabalho,

Oinda segundo o autor, o que se apresenta na constru\$%o ideal de Wabermas como /a mais ousada reformula\$%o 1"888!"25# da teoria social de @ar+, carece de fundamenta\$%o objeti*a(Ontunes é contundente! /Wabermas atribui a @ar+ a redu\$%o da esfera comunicacional I a\$%o instrumental6(C, como contraposi\$%o, /realiza uma sobre*aloriza\$%o e disjun\$%o6 entre /dimens es decisi*as da *ida social6, que no interior do sistema de Wabermas, se desdobrou em um ponto de apoio anal,tico, lhe possibilitando /*alorizar e autonomizar a esfera comunicacional6 lKdem#(: este sentido, incisi*amente, arremata Ontunes lKbidem#!

l(((# falar em *colonização do mundo da vida* pelo sistema parece ser, ent%o, uma *ers%o muito t-nue, no mundo contempor. neo, frente I totaliza\$%o operada pela *ig-ncia do trabalho abstrato e pela fetichiza\$%o da mercadoria e suas repercuss es reificadas no interior da esfera comunicacional(C o capitalismo por certo é muito mais do que um subsistema("

Aor isto, se pode determinar que o componente determinante da radical e essencial diferen\$a lsempre segundo Ontunes# entre Wabermas e Lukács& e que torna a cr,tica do primeiro a @ar+ despro*ida de uma densidade ontológica implicando a redu\$%o da abordagem anal,tica elaborada I dimens%o gnosiológica, consiste em que num n,*el alto de abstra\$%o, a /sobre*aloriza\$%o e disjun\$%o6 entre as /dimens es decisi*as6 do ser social, se efeti*am

lKdem!"2;#(

" : o constructo teórico de Wabermas, o desacoplamento entre sistema e mundo da *ida, se consolida em *irtude da comple+ifica\$%o maior da sociedade moderna e /com o ad*ento de no*os n,*eis de diferençia\$%o sist-micas, que dá origem ao aparecimento de subsistemas l(((# lOntunes,"888!"B8#() que abarca o sistemaU Cste, /engloba as esferas econPmicas e pol,ticas *oltadas para a reprodu\$%o societal, esferas que t-m como meios de controle o dinheiro e o poder l(((# lKbidem#(C o mundo da *idaU Cste é o /locus do espa\$o intersubjeti*o, da organiza\$%o dos seres em fun\$%o da sua identidade e dos *alores que nascem da esfera da comunica\$%o(O cultura, a sociedade e a subjeti*idade, l(((# encontram seu uni*erso no mundo da *ida6(lKbidem#() desacoplamento entre ambas as esferas só poderá ser apreendida intelectualmente /na medida em que se possa apreender as transforma\$ es que *-m ocorrendo nas rela\$ es entre ambas l(((# lKbidem#(Cm outros termos, o mundo social é cindido analiticamente& é concebido dualisticamente& a categoria da totalidade perdeu seu *status* de categoria ontológico-metodológica(@ar+, já n%o pode dar conta da comple+idade contempor. nea() poder e o dinheiro, /como meios de controle que se desen*ol*em no interior do sistema, acabam por se sobrepor ao sistema interati*o, I esfera comunicacional6(lKbidem#(Disto resulta uma /instrumentaliza\$%o do mundo da *ida, sua tecnifica\$%o(>om o aumento e comple+ifica\$%o dos subsistemas, o fetichismo, descrito por @ar+, acaba por in*adir e instrumentalizar o mundo da *ida6(lKdem!"B8-"23#(9egundo Ontunes, esses fenPmenos s%o em conseq0-ncia do desacoplamento entre sistema e mundo da *ida(@as isto ainda n%o é tudo(Aara Wabermas, o próprio sistema capitalista como o seu /aparato estatal moderno configuram-se como *subsistemas* que, pelos meios poder e dinheiro, se diferenciam do poder institucional, isto é, do componente social do mundo da *ida6(lKbidem#(Ossim que, na sociedade burguesa moderna, /as áreas de a\$%o socialmente integradas assumem, frente Is áreas de a\$%o *sistematicamente* integradas, dadas pela economia e pelo Cstado, as formas de esfera pri*ada e pBblica, que mant-m uma rela\$%o de complementaridade l(((#6(lKbidem#(

1(((# pela perda da relaço de dist.ncia e prolongamento e+istente entre o trabalho e a prá+is interati*a, que assume a forma relacional entre esferas que se tornaram dissociadas, a partir da comple+ificaço da *ida societal(Cnquanto para Wabernas opera-se um *desacoplamento* que le*a I separaço, para Lukács tem lugar um *distanciamento*, comple+ificaço e ampliaço que, entretanto, nço rompe o liame e os *,nculos indissolH*eis entre essas esferas da sociabilidade, *,nculos que ocorrem tanto na g-nese como no próprio processo emancipatório 1Kdem!"25-"2;#(

O s,ntese cr,tica é lhcida e dela é poss,*el e+trair dois pontos! em primeiro lugar, que com a comple+ificaço da *ida societal, mediante o desdobramento da posiço teleológica articulada direta e imediatamente ao ato laborati*ém

social = que se expressa mediante as relações da identidade da identidade e da não-identidade(

) romper com o liame la mediação concreta# e os vínculos entre as /esferas da sociabilidade# que ocorre no constructo analítico habermasiano é uma consequência de sua postura metodológica, que, diga-se de passagem, em muito se aproxima do método metafísico presente e legado até às últimas consequências por Kant em sua *Crítica da Razão Pura*.) oposto, portanto, do método ontológico dialético-histórico(: o transcurso da exposição deste presente trabalho, vem-se assinalando que este método parte de premissas reais, concretas# que o ser é prioritário em relação aos aspectos lógico-gnosiológicos# que em toda organicidade há sempre um momento predominante# que a historicidade transpassa todas as esferas ontológicas# e, que, portanto, a história humana mediada pelo trabalho dialeticamente# funda-se sobre e conecta-se à história da natureza(

corrobora-se, portanto, que o trabalho consiste no fundamento ontológico da subjetividade# e que o marxismo em sua dimensão ontológica é auto-suficiente e inteiramente capaz de elaborar até às últimas consequências uma teoria da subjetividade = preservando ontológico-metodologicamente, o mundo humano-social em sua unitariedade última# e o mais significativo! que a teoria do valor-trabalho de Marx, sua crítica à Economia Política, ou seja, sua crítica à sociedade civil em sua forma burguesa que se fundamenta na compra e venda da força de trabalho, continua como uma importante contribuição teórica no bojo do capitalismo contemporâneo(

contudo, se se recorda que o ser social não se reduz ao trabalho, vem à superfície que a determinação categorial /subjetividade# não somente se explicita no interior de um determinado todo social(a subjetividade é sempre histórica(Os determinações genéricas filosófico-ontológicas# unem-se às determinações particulares concretas# formuladas pela ciência(

com efeito, o sujeito é sempre social(só no interior de uma determinada totalidade social, é que sua subjetividade pode ser adequadamente compreendida(Seus atos, sua maneira de pensar e de sentir são atitudes de um ser social() homem só atua socialmente(Ademais, a sociabilidade da consciência o torna consciente de sua genericidade# e, esta, por sua vez, confirma que sua vida é social() longo processo onto-genético constitutivo de seu ser faz com que inclusive seus sentidos sejam um produto sócio-histórico() ou seja, seus

sentidos, I medida que o ser humano, mediado pelo trabalho domina a natureza e faz com que, conseqüentemente, nele mesmo, também se suceda um retroceder das barreiras naturais, se tornam humanos() s sentidos humanos ao contrário da tosca sensibilidade animal. Os teóricos(O cada particular objeto concreto lhe corresponde um humano sentido peculiar(Aelos ou*idos, distinguem-se as tonalidades musicais(O atualiza%o dos sentidos, do pensamento e de todas as faculdades humanas, s%o atualiza\$ es de predicados do ser humano, cuja ontologia por sua vez, é sen%o prá+is social(

Esta iman-ncia social, toda*ia é, do mesmo modo, uma determina%o sócio-histórica! um momento do processo da autoconstru%o humana(O *ers%o ontológica do mar+ismo determina o ser social como um comple+o de comple+os, o que pressupõe que suas dimensões formadoras tra*am entre si, em sua concreticidade, independente da consci-ncia, uma multiplicidade de comple+as determina\$ es refle+i*as, de concretas /intera\$ es comple+as6& como uma din.mica e comple+a totalidade, mas que mediante a prá+is revolucionária, é pass,*el de ser transformada radicalmente(9 simultaneamente ao par dialético continuidade-descontinuidade o salto qualitati*o também consiste em um componente indelével do processo histórico(

Portanto, no*amente, emerge que a concep%o do mundo na *ers%o ontológica marxiano-lukacsiana é absolutamente ,mpar em rela%o às demais correntes de pensamento(: o que tange I especificidade do tema subjeti*idade, ao contrário da tradi%o liberal, do existencialismo, estruturalismo, positi*ismo, neopositi*ismo, do mar+ismo vulgar eYou em sua *ers%o mais contempor.nea, o ent%o denominado mar+ismo anal,tico"b, etc(, as investiga\$ es ontológicas, além de enfático e contundentemente demonstrarem que a subjeti*idade quer seja em termos genéticos quer seja em seu desdobrar articula-se ao trabalho, a considera, inserida em precisos conte+os sócio-históricos = quer dizer, jamais a des*inculando das intrincadas e comple+as intera\$ es com a objeti*idade social! trata-se da unidade metodológica entre filosofia e ci-ncia(

Endi*,duo e g-nero s%o sen%o dois pólos essenciais e, portanto, imprescind,*eis para a reprodu%o social! s%o sua *conditio sine qua non*. : este preciso sentido, ressalta Fonet 1'33"!B'# que @ar+ jamais parte de idéias, de especula\$ es ou fantasias,

"B) mar+ismo anal,tico = assinala Lessa = é radicalmente distinto da posi%o de @ac>arneQ, já que este propõe /uma dualidade\natureza no interior do mundo dos homens que conduz a uma perspecti*a, l(((#, anticapitalista(Cm ?abriel >ohen e em alguns marxistas anal,ticos, uma dualidade semelhante conduz I apro+ima%o, sen%o I identifica%o, do mar+ismo com o liberalismo6 1'33'b!'2;#(

(((# mas de fatos reais, Lempiricamente *erificá*eis), no caso os indi*,duos concretos, o que eles fazem, as rela\$ es que estabelecem entre si e as condi\$ es reais de e+ist-ncia, para ent%o apreender as determina\$ es essenciais que caracterizam este tipo de ser e o seu processo de reprodu\$%o("2

Cuscusado retornar neste local que estes /empiricamente *erificá*eis6 se trata de uma determina\$%o ontológica() próprio autor em linhas que seguem imediatamente esclarece que quando /@ar+ diz que estes pressupostos s%o empiricamente *erificá*eis, está enfatizando o caráter de realidade deles em contraposi\$%o Is especula\$ es produzidas apenas pelo automo*imento da imagina\$%o ou da raz%o6 1Kbidem#("4 Aor ora, o fundamental consiste em tecer algumas considera\$ es acerca das comple+as determina\$ es refle+i*as que se estabelecem entre os indi*,duos reais, em suas condi\$ es concretas de e+ist-ncia, no interior de um determinado todo social(

: a história do mar+ismo lao menos ao que se refere a um mar+ismo criati*o#, a compreens%o da história remonta aos fundamentos, Is condi\$ es materiais objeti*as do *que fazer* humano, do ato fundante, da forma histórico-concreta do trabalho, ao modo da produ\$%o e reprodu\$%o do ser social em sua totalidade(: esse processo, apreende as leis objeti*as da história, /mas n%o nega, no entanto, o papel da subjeti*idade na Wistória(Openas determina o lugar e+ato que lhe cabe na totalidade objeti*a da e*olu\$%o da natureza e da sociedade6 1Lukács, "858c!" '5#(

² Cm sua cr,tica lcontra Aroudhon# ao método idealista @ar+ tece uma comple+a e arguta argumenta\$%o cuja trama resultou na seguinte urdidura! /9e cada coisa se reduz a uma categoria lógica, e cada mo*imento, cada ato de produ\$%o ao método, disto se infere que cada conjunto de produtos e de produ\$%o, de objetos e de mo*imento, se reduz a uma metaf,sica aplicada() que Wegel fez em rela\$%o a religi%o, o direito, etc(, o senhor Aroudhon pretende fazer com a economia pol,tica() que é pois, o método absolutoU O abstra\$%o do mo*imento() que é a abstra\$%o do mo*imentoU) mo*imento em estado abstrato() que é o mo*imento em estado abstratoU O fórmula puramente lógica do mo*imento ou o mo*imento da raz%o pura(Cm que consiste o mo*imento da raz%o puraU Cm situar-se em si mesma, opor-se a si mesma e combinar-se consigo mesma, em formular-se como tese ant,tese e s,ntese, ou ent%o em afirmar-se, negar-se e negar sua nega\$%o(>omo faz a raz%o para afirmar-se, para apresentar-se na forma de uma categoria determinadaU Ksto já é coisa da raz%o mesma e de seus apologistas6 1"8;2!;4-;5#(

⁴ @ar+ e Engels em 1"8;5!35# obser*am que /) humanismo real n%o encontrou na Olemanha inimigo mais perigoso do que o *espiritualismo* ou *idealismo especulativo* que, no lugar do *homem individual real*, coloca a />onsci-ncia de si6 ou o /Csp,rito6, ensinando com o C*angelista! LG o esp,rito que tudo *i*ifica a carne n%o ser*e para nada!(G claro que esse esp,rito desencarnado só tem esp,rito na imagina\$%o() que nós combatemos na >r,tica a Bauer é justamente a reprodu\$%o caricatural da especula\$%o(Aara nós ela é a e+press%o mais requintada do princ,pio germano-crist%o que joga sua Hltima cartada transformando a própria L>r,ticallem um poder transcendental6(

O demais, se se recorda das asserções de Engels e postas na *Ideologia Alemã*, torna-se definitivamente evidente, cito que a subjetividade é sempre histórica, que entre as singularidades individuais e o todo há uma rede de complexas determinações e reflexões, mas que substancialmente, estas relações complexas têm por ponto de arranjo, como o seu momento predominante, o trabalho, em sua forma histórico-concreta, as condições de sua produção (Comunidade) a sociedade civil, a dimensão econômica do ser social, já que

) modo como os homens produzem os seus meios de vida depende, em primeiro lugar, da natureza dos próprios meios de vida encontrados e a reproduzir (Este modo da produção não deve ser considerado no seu mero aspecto de reprodução da existência física dos indivíduos (Frata-se já, isso sim, de uma forma determinada de primirem a sua vida, de um determinado **modo de vida** dos mesmos (como primem a sua vida, assim os indivíduos são) O que eles são, coincide, portanto, com a sua produção, com o que produzem e também com o como produzem (O que os indivíduos são, depende, portanto, das condições materiais da sua produção)

Disto deriva, que ontológica e imanentemente, toda riqueza, do ponto de vista estritamente pessoal das faculdades humanas, articula-se igualmente, ontológico e inerentemente, às riquezas de suas relações sociais engendradas (por múltiplas mediações) pela dinâmica da totalidade social na qual os indivíduos estão inseridos⁵

: o processo de amadurecimento, e conforme as *condições sociais* que lhes são oferecidas, cada homem vai se apropriando das objetivas existentes na sua sociedade; nessa apropriação reside o processo de construção da sua subjetividade (A subjetividade de cada homem não se elabora nem a partir do nada, nem num quadro de isolamento! elabora-se a partir das objetivas existentes e no conjunto de relações em que o ser

⁵) Os momentos históricos marcadamente progressistas e revolucionários, são pródigos em produzir seres humanos da mais alta qualidade em múltiplas dimensões, em sua *omnilateralidade*. Engels (1854) traz o seguinte testemunho: "O autor está se referindo às radicais transformações sócio-políticas-econômicas e culturais que se desdobraram do Renascimento ao século XVIII. Foi essa a maior revolução progressista que a humanidade havia conhecido até então, uma época que precisava de gigantes e, de fato, engendrou-os! gigantes em poder de pensamento, caráter, multilateralidade e sabedoria (Os homens que estabeleceram o moderno domínio da burguesia eram alguma coisa em quase nada limitados pelo espírito burguês (ao contrário, o caráter aventureiro dessa época neles se refletiu em certa dose) não existia, então, quase nenhum homem de certa importância que não tivesse feito extensas viagens, que não falasse quatro ou cinco idiomas que não se projetasse em várias atividades (Leonardo da Vinci era não só um grande pintor, mas também um grande matemático, mecânico e engenheiro, a quem os mais afluídos ramos da física de então importantes realizavam) (Albert Dürer era pintor, gravador, escultor, arquiteto e, além disso, inventou um sistema de fortificação que continha várias idéias, muito mais tarde assimiladas por Fontenelle, das modernas fortalezas alemãs)

singular se insere(O riqueza subjeti*a de cada homem resulta da riqueza das objeti*a\$ es de que ele pode se apropriar(C é a modalidade peculiar pela qual cada homem se apropria das objeti*a\$ es sociais que responde pela configura\$%o da sua personalidade l : etto e Braz, '334!B5#(

Cm conson.ncia com estas determina\$ es, torna-se significati*o apresentar lcom Lessa# algumas das considera\$ es lukacsianas acerca das comple+as e fundamentais media\$ es materiais-objeti*as pelas quais as personalidades ldas singularidades# indi*iduais atualizam-se(

Aara a teoria social de Lukács o indi*,duo social-humano lé importante enfatizar# é substancialmente distinto do espécime biológico singular(: este, a substancialidade se resume a uma determina\$%o genética(Aor outro lado, o indi*,duo humano constrói historicamente sua ess-ncia l sua personalidade, sua subjeti*idade# ao longo de sua *ida mediante escolhas entre uma multiplicidade de alternati*as postas e impostas pelo todo social em seu ininterrupto processo reproduiti*o no interior do qual o indi*,duo está inserido(Frata-se de uma articula\$%o lentre o indi*,duo e o todo social# absolutamente necessária e imprescind,*el ldo ponto de *ista histórico-ontológico# para que a indi*iduidade possa e+plicitar-se categorialmente() s estudos de Lessa trazem I luz tr-s momentos-cha*e sobre os quais fundamenta-se e se manifesta tal articula\$%o(

) primeiro momento corresponde ao fato de ser o desen*ol*imento objeti*o da historicidade humana em sua totalidade um processo lmediado pelo a*an\$o das for\$as produiti*as# cont,nuo de comple+ifica\$%o de um comple+o afastamento lainda que em termos jamais absoluto# das barreiras naturais, que, simultaneamente, proporciona e e+ige o desen*ol*imento de /personalidades cada *ez mais ricas, mediadas e comple+as(Aor tal media\$%o, o impulso I generalidade humana inerente ao próprio trabalho se constitui no fundamento ontológico Hltimo do processo de indi*idua\$%o6 lLessa, '33' b!"B5#(>onsidera\$ es mais precisas a respeito deste /impulso6 ontologicamente inerente ao trabalho, já foram realizadas em momentos anteriores neste cap,tulo(

Cm definiti*o, como demonstra Lessa, para Lukács, fora do ser social nenhuma subjeti*idade é poss,*el e que a comple+ifica\$%o das personalidades se determina pela media\$%o do momento imanente I própria comple+ifica\$%o do de*ir-humano = do g-nero humano, da sociabilidade humana(

: o conteúdo da sociabilidade burguesa, esta riqueza, esta complexidade, é simplesmente concebida como uma mercadoria descartável na medida em que o que importa do ponto de vista dos interesses do capital, é a não ser o *quantum* de trabalho abstrato coletivo socialmente necessário para a sua própria reprodução e acumulação, e não o bem estar das singularidades e do gênero individuais (neste preciso sentido, é significativo salientar que, primeiro, o capital consiste na fonte mais incisiva da alienação das sociedades contemporâneas, e que, portanto, explicita-se que a autêntica relação entre o gênero e a individualidade humana, depende da supressão do capital = e não só do capitalismo (Segundo, que sobre o porquê de uma ontologia no século XIX), pode-se acrescentar! neste limiar do século XX, Lessa, 1984!; -8# é contundente!

A resposta, em sua forma mais sintética, pode ser esta! porque a derrota das tentativas revolucionárias para superar o capital é de tal magnitude, até o presente momento, que cria a ilusão da impossibilidade dos homens de construir conscientemente sua história (A derrota revolucionária reafirmou a concepção liberal segundo a qual a permanência da ordem capitalista se deve ao fato de ela corresponder a uma suposta essência humana () homem seria de acordo com esta concepção, de modo essencial e insuperável, um proprietário privado que se relaciona com os outros pela mediação de seus interesses egoístas (

A ontologia marxiano-lukacsiana contrapõe-se frontalmente à concepção liberal como inerente à essência humana (A concepção liberal sobre a essência humana é considerada por esta perspectiva marxista como própria do período pré-histórico da evolução do gênero humano (Como reflexo de relações de natureza contraditórias, atualmente determinada pela estrutura antagonista da divisão social do trabalho sob a regência do capital, a elaboração teórica liberal é senão histórica e circunstancialmente contingente (Basta lembrar que segundo Lukács o indivíduo moderno não consiste a não ser num reflexo estranhado da prática social cotidiana sob a dominação e exploração do capital (

) segundo momento da articulação entre indivíduo e o todo social de acordo com Lessa, concerne-se à particularidade absolutamente histórico-social e, portanto, sem paralelo com a natureza, com as determinações meramente biológicas, segundo a qual o indivíduo genérico é sempre social já que seu componente fundante, isto é, as ações individuais, somente podem se explicitar como síntese no sentido dialético de elementos

genéricos e particulares(Os categorias uni*ersal e particular s%o igualmente concretas, s%o formas de ser(: %o há entre elas diferen\$a alguma de estatuto ontológico(Ossim que,

)s elementos genéricos s%o dados! "# pela demanda espec,fica, sempre socialmente determinada, que está na raiz de todo ato <# e, finalmente, pelos a*an\$os sociogenéricos incorporados Is consci-ncias indi*iduais pelo flu+o espont. neo da prá+is social()s elementos particulares, por sua *ez, se originam! "# na singularidade de cada situa\$%o <# e, por fim, na singularidade da resposta que corresponde I alternati*a escolhida l'33'b!"B;#(

: o de*ir histórico constituti*o do ser social, é imanente Is intrincadas e comple+as determina\$ es refle+i*as que se estabelecem entre os componentes genéricos e particulares o desdobrar de uma tens%o(De acordo com Lessa, em suas in*estigação\$ es ontológicas, o filósofo hHngaro enfatiza que tal /tens%o6 entre os componentes genéricos e particulares cumpre uma fun\$%o ontológica espec,fica! /é o *médium* que permite, no n,*el da prá+is cotidiana, a percep\$%o da contraditoriedade g-nero\indi*iduidade6 IKdem!"B8#(" Cm outras pala*ras, é e+atamente na escolha entre as alternati*as concretas postas por uma determinada realidade sócio-histórica que /essa tens%o faz com que o indi*,duo tenha de escolher entre possibilidades mais ou menos genéricas ou mais ou menos particulares6 IKbidem#(

: o longo processo autoconstituti*o e de comple+ifica\$%o do ser social e, simultaneamente, de indi*iduidades também mais comple+as, cumpre assinalar que também segundo as análises de Lukács, materializaram-se media\$ es, que, necessariamente genéricas, criaram as condi\$ es necessárias e *iá*eis para que o indi*,duo se referisse a si mesmo as e+ig-ncias postas pela e*olu\$%o do próprio g-nero(9obre esta comple+a particularidade das rela\$ es e intera\$ es que terminaram por configurar entre a genericidade e a indi*iduidade humana, Lessa, em seu rastrear a ontologia lukacsiana, obser*a que a necessidade

" :)s ent%o chamados conflitos de gera\$ es possuem sua raiz na sociabilidade burguesa contempor. nea(: o movimento da contracultura, diz Aereira l"8;4!"3# que no final da década de 43 /Sá come\$a*a a se delinear, de modo bastante claro, algo que seria de grande import.ncia para a compreens%o da década seguinte! uma consci-ncia etária(O oposi\$%o jo*em\o-jo*em come\$a*a a ganhar cada *ez maior sentido para a compreens%o de determinados mo*imentos sociais6

(((#, permanente na reprodu\$%o social, de os indi*,duos remeterem a si pr3prios, como suas, as necessidades postas pelo desen*ol*imento humano gen3rico 3 o solo gen3tico de comple+os como os costumes, o direito, a 3tica etc(Oo influenciar na escolha das alternati*as a cada momento postas pelo desen*ol*imento social I a\$%o de cada indi*,duo, tais comple+os mediadores desempenham papel fundamental no desen*ol*imento interno peculiar a cada indi*iduidade lkbidem#(

Clucida-se deste modo, em primeiro lugar, ao contr3rio de toda a tradi\$%o liberal, do marxismo *ulgar e das demais correntes de pensamento, que as indi*iduidades s3o, ine+ora*elmente, do ponto de *ista do materialismo-hist3rico e dial3tico, uma afirma\$%o contundentemente hist3rico-ontol3gica& e que em segundo lugar, os *alores, no terceiro momento da articula\$%o lentre o todo social e a subjeti*idade#, t-m um peso ontol3gico decisio*o para a forma\$%o das singulares indi*iduidades() s *alores, lque em termos ontog3nicos, articulam-se ao trabalho#, como um comple+o social, como uma determina\$%o social, s3o absolutamente necess3rios lcomo um dos imprescind,*eis momentos = o terceiro assinalado por Lessa# da 3tica ontol3gica para o determinar do indissolH*el liame entre o todo social e a indi*iduidade(Cm outros termos, os *alores como media\$ es s3o momentos imprescind,*eis que atam os indi*,duos ao todo social(

Wistoricamente, a atua\$%o dos *alores transpassou as forma\$ es societ3rias(>ontudo, a g-nese e o desen*ol*imento da sociabilidade burguesa, e+igiram um salto qualitati*o na rela\$%o g-nero-particularidade, entre o todo social e a indi*iduidade() resultado ine+or3*el consiste em uma antinomia entre duas dimens es! a esfera do pri*ado, do mais puro indi*idualismo burgu-s ldo *bourgeois*# e a esfera p3blica ldo *citoyen*#(>omo j3 anteriormente a Luk3cs, ha*ia se e+pressado @ar+!

9omente no s3culo] VKKK, na lsociedade burguesa#, as di*ersas formas do conjunto social passaram a apresentar-se ao indi*,duo como simples meio de realizar seus fins pri*ados, como necessidade e+terior(Foda*ia, a 3poca que produz este ponto de *ista, o do indi*,duo isolado, 3 precisamente aquela na qual as rela\$ es sociais l(((# alcan\$aram o mais alto grau de desen*ol*imento l"85;! "3B#(

Ksto 3 de e+rema rele*.ncia(9ociabilidade rica e comple+a, na qual as /rela\$ es sociais alcan\$aram o mais alto grau de desen*ol*imento6, mas repleta de contradi\$ es, que trazem inerentemente I natureza destas rela\$ es, a potencialidade de configurar o indi*,duo mPnada, quer dizer, dial3tica e contraditoriamente, em *irtude da alta comple+idade desta

sociabilidade, engendra-se a possibilidade do indivíduo, no interior mesmo da sociedade, isolar-se, fechar-se em si mesmo (engendra-se o fenómeno da individualidade típica do capitalismo que se conecta com as características da sociedade civil em sua forma peculiarmente burguesa) como diz Foa (1933: 83-84)!

O indivíduo, ou seja, este processo de transformação do sujeito singular em um indivíduo autônomo com personalidade própria face aos grupos sociais = o que não significa que não pertença a eles, mas apenas que a sua vida não está atada de modo irremediável a eles = é uma realização do capitalismo (isto é nosso propósito e+aminar em seu conjunto, incluindo os aspectos altamente positivos, este processo de individualização) que nos interessa ressaltar é que esta individualidade não é uma individualidade *tout court*, mas uma individualidade individualista, ou seja, centrada no indivíduo (isto quer dizer que, se nas formas sociais anteriores, o pólo determinante era a comunidade, agora este pólo se desloca para o indivíduo singular)

Frata-se evidentemente do indivíduo, não isolada que se choca com as demais de indivíduos proprietários privados que, ao usufruírem-se de sua liberdade /natural, em sua eterna competição, estabelecem determinados conflitos entre si em sua constante busca de realização pessoal (O estas individualidades não, verdadeiras ilhas, como se bastasse um único homem para se fazer homem, quer dizer, socializar-se, humanizar-se, correspondem por meio das necessárias mediações determinadas formas de consciência (T época da forma social burguesa e de suas formas ideológicas,

Robson Crusoe, de Daniel Defoe, torna-se o primeiro romance burguês clássico, enquanto Odam Smith e Ricardo explicam a produção capitalista e a estrutura da sociedade burguesa, a partir de operações de troca entre caçadores e pescadores primitivos, isolados e solitários (criticando as teorias de Odam Smith e de Ricardo, Marx demonstra que esse indivíduo solitário e abandonado é um produto da sociedade capitalista em suas formas de produção (Lukács, 1958: 23)

Sã na *Miséria da Filosofia*, Marx (contra Aroudhon) enfatizara que nas relações sociais baseadas no antagonismo de classes, na divisão social do trabalho, as relações entre os indivíduos são mediadas pela compra e pela venda, pelas relações de troca, portanto, as relações não são relações entre um indivíduo e outro, senão entre o operário e o capitalista, entre o arrendatário e o proprietário da terra, etc (isto decorre que no interior da sociedade civil, caracterizada pela compra e venda da força de trabalho, da sociedade

burguesa assentada na estrutura da divisão social do trabalho, na propriedade privada, as relações entre os indivíduos são mediadas pela origem da classe social (e a isto se acrescentar que os indivíduos são subsumidos pelas respectivas classes, explicita que o abismo que os distancia do gênero humano se alarga e se intensifica (Frata-se daquela /tens%o6"8 entre os indivíduos e o gênero de que fala Lukács(

: o interior das sociedades estruturadas em classes, os conflitos entre os indivíduos e o todo da classe respectiva, são inelutáveis (: esta época de total estranhamento, ¹³ na qual a alienação e a coisificação transpassam a prática cotidiana em sua totalidade, torna-se explícito e justo o reclamo de Ontunes segundo o qual é necessário recuperar /o sentido de pertencimento de classe(De fato, a emancipação do indivíduo de sua própria classe, e de todo tipo de dominação e de opressão, não pode ser concretizada /antes que se tenha formado uma classe que, contra a classe dominante, já não tenha de afirmar nenhum interesse particular de classe(L@ar+ e Engels,"8;B!;B#(Ruer dizer, a emancipação do indivíduo conecta-se I transformação da classe proletária em classe para-si, em classe universal(@észáros l' 33B!;<<3# enfatiza que

L@ar+ é enfaticamente claro e firme neste ponto, incluindo a questão da emancipação I necessidade de também superar a dominação dos indivíduos por sua própria classe, justamente com sua libertação das restrições paralisantes da divisão social do trabalho historicamente estabelecida, da qual a classe em si é a articulação estrutural necessária(

Fica claro, portanto, que nas sociabilidades contemporâneas fundamentadas no trabalho abstrato, na divisão social do trabalho, que esta /tens%o6 se complexifica(Entre indivíduos de classes contraditórias e antagônicas, esta /tens%o6 se expressa como um

⁸ >om efeito, dizem L@ar+ e Engels l'"8;B!;<# que /) s indivíduos isolados só formam uma classe na medida em que t-m de traçar uma luta comum contra uma outra classe(de resto, contrapõem-se de modo hostilmente uns contra aos outros, em concorrência(Aor outro lado, a classe autonomiza-se, por seu turno, face aos indivíduos, pelo que estes encontram já predestinadas as suas condições de vida, é-lhes indicada pela classe a sua posição na vida = e, com esta, o seu desenrolamento pessoal =, estão subsumidos na classe(G este o mesmo fenómeno que a subordinação do trabalho, e só pode ser eliminado por meio da abolição da propriedade privada l(((#6(

³ / : a idade avançada do monopólio, a organização capitalista da vida social preenche todos os espaços e penetra todos os interstícios da existência individual! a manipulação desborda a esfera da produção, domina a circulação e o consumo e articula uma indústria dos agentes sociais particulares = é o inteiro cotidiano dos indivíduos que se torna *administrado*, um difuso terrorismo psicossocial se destila de todos os poros da vida e se instila em todas as manifestações anímicas e todas as instituições que outrora o indivíduo podia reservar-se como áreas de autonomia la constelação familiar, a organização doméstica, a fruição estética, o erotismo, a criação de imaginários, a gratuidade do ócio, etc(com*ertem-se em limbos programáveis! : etto, ' 332!; 4-; 5#

*verdadero campo de batalla que, Is *ezes, se manifesta de modo obscurecido e subterr. neol outras *ezes, de forma aberta e com derramamento de sangue(Do ponto de *ista dos interesses mesquinhos do capital, o trabalhador n%o significa absolutamente nada(: *MO Capital*, @ar+ 1"8; '!<3"# é e+pl,cito!

) capital n%o se preocupa com a dura\$%o da *ida da for\$a de trabalho(Knteressa-lhe e+clusi*amente o má+imo de for\$a de trabalho que pode ser posta em ati*idade(O tinge esse objeti*o encurtando a dura\$%o da for\$a de trabalho, como um agricultor *oraz que consegue uma grande produ\$%o e+aurindo a terra de sua fertilidade(

: os momentos de crise do capital, sua domina\$%o e e+plora\$%o sobre o trabalho s%o acentuadas& e n%o se tem o menor escrHpulo de se lan\$ar m%o de antigas formas de e+plora\$%o humana, con*ertendo-a em simples objeto de uso e de usurpa\$%o(>omo dizem : etto e Braz, referindo-se ao capitalismo *contemporâneo*, *ale dizer, I fase atual do /estágio imperialista6, no qual a destruti*a produ\$%o do capital predomina!

O precariza\$%o e a Linformaliza\$%oM das rela\$ es de trabalho trou+eram de *olta formas de e+plora\$%o que pareciam próprias do passado laumento das jornadas, trabalho infantil, salário diferenciado para homens e mulheres, trabalho semi-escra*o ou escra*o# e ao final do século]], ao cabo de *inte anos de ofensi*a do capital, a massa trabalhadora n%o padece apenas nas periferias = também nos pa,ses centrais a lei geral da acumula\$%o capitalista mostra o seu efeito implacá*el 1(((#1 '334!' '3-' ' '#(

C+atamente por isso, no interior deste conte+to social altamente comple+o& e que em seu dinamismo se comple+ifica ininterruptamente, que a quest%o dos *alores assume uma import.ncia particular(Dado os enormes conflitos que ocorrem entre os indi*,duos mPnadas, proprietários pri*ados, estranhados e fragmentados& dado a intensifica\$%o da /tens%o6 entre o indi*,duo e o g-nero, entre as comple+as rela\$ es entre indi*,duos e sua própria classe de origem& do fenPmeno do estranhamento que transpassa contemporaneamente toda a prá+is social cotidiana& da luta entre classes contraditórias e antagPnicas& em suma, do estado atual de todas estas coisas, deri*a ine+ora*elmente que os *alores, dialética e contraditoriamente, transformam-se em media\$ es substanciais, em um

momento necessário da luta revolucionária para a emancipação do trabalho () ra, no contexto da sociabilidade burguesa, pelas razões enumeradas, é necessário que sempre se dê a devida ênfase!

1(((#,ou os valores impulsionam as individualidades a posições teleológicas mais mediadas socialmente, mais genéricas, valorizando positivamente as reais exigências postas pelo desenvolvimento da humanidade enquanto gênero, ou, pelo contrário, estimulam a adoção de alternativas centradas na particularidade da individualidade que se compreende como mPnada(Os consequências práticas para a individualização são imediatamente visíveis! a opção pelos valores genéricos pode elevar a substancialidade de cada individualidade I generalidade humana = ou, pelo contrário, a opção pelos valores meramente particulares pode rebair o conteúdo de sua existência I mesquinhez do universo do *bourgeois* que se contrapõe à sobreposição e I humanidade I Lessa, '33' b!"B8-"23#(

>ertamente que as tomadas de decisões alternativas são necessárias e indispensáveis para a superação de tal estado de coisas, têm que ser baseadas no conhecimento teórico-científico da situação concreta, conflituosa, em seu contexto social global () que exige evidentemente que os aspectos ontológicos da concreta situação sócio-histórica sejam considerados como primários aos aspectos lógico-gnosiológicos(

Com razão dos objetivos propostos concernentes ao tema /subjetividade6, faz-se mister uma vez mais chamar a atenção para o fato de que a subjetividade segundo as investigações ontológicas do filósofo húngaro Ina esteira dos delineamentos ontológicos delineados por @ar+# é, primeiro, histórico-ontologicamente construída, segundo, um dos polos fundamentais para a reprodução social em sua totalidade, que não se trata de um epifenômeno, e que a sistematização de uma teoria da subjetividade Ino duplo sentido exposto! como e enquanto o fundamento ontológico essencial de todo processo teleológico, e como a dimensão de distinção e desenvolvimento das particularidades de cada singularidade individual# como um conjunto categorial que se articula com os demais complexos categorias que compõem em a ontologia lukacsiana, este concreto de pensamentos, deve ser entendida como um esforço do filósofo húngaro no sentido de recuperar aquela que foi, indubitavelmente, a quintessência de todas as importantes questões que decisivamente impulsionaram a @ar+, do ponto de vista do trabalho como a /condição natural eterna da vida humana6, a apreender o fundamento último dos nexos e conexões

causais que mostram o sistema metabólico do capital e de como suprimi-lo, a saber! a emancipação da humanidade (: a feliz expressão de Lessa 1'33'a!"34-"35#!

1(((#, em sua)ntologia Lukács recupera a concepção de @ar+ acerca da emancipação humana(Csta, do ponto de *ista negati*o, implica a superação de todas as alienações oriundas da e+ploração do homem pelo homem, sua e+plicação contempor.nea consubstanciada pela reg-ncia do capital inclusa(C, do ponto de *ista positi*o, consubstancia a e+plicação categorial do para-si do g-nero humano! o fim da Lpré-história da humanidade(O cli*agem, n,tida e qualitati*a, ao lado da insuperável articulação, entre o reino da necessidade e o reino da liberdade, que recupera de @ar+, n%o deida dH*idas de que, para o pensador hHngaro, n%o há reformas do capitalismo que possam conduzi-lo ao socialismo e ao comunismo, concebidos, na esteira de @ar+, como superação do capital e constituição da Lli*re associação dos produtores associados(

Cm outras pala*ras, a teoria da subjeti*idade insere-se no conte+to das preocupaões mar+iano-lukacsianas no sentido de se buscar as concretas mediações pelas quais, concretamente, se poderá suprimir o abismo que foi posto e imposto, ou melhor, intensificado pelas relações sociais capitalistas, entre o indi*,duo e o g-nero humano(

>omo se e+pPs no limiar deste cap,tulo, o tema da subjeti*idade na perspecti*a ontológica dialético-materialista e histórica, conecta-se inerentemente I problemática do indi*,duo emancipado, I automediação do indi*,duo, como um ser uni*ersal e, que, portanto, articula I classe proletária como e enquanto classe para-si, como uma classe uni*ersal() indi*,duo uni*ersal, automediado, n%o significa outro componente a n%o ser o Hnico e *erdadeiro ,cone da sociabilidade humana emancipada() ser humano n%o nasce li*re& terá que se fazer li*re() sentido da *ida humana n%o se *incula a um conteHdo de caráter gnosiológico& antes, a uma densidade ontológica concreta! trata-se de uma construção humano-social cujo fundamento ontológico, objeti*o, consiste na forma histórico-concreta do trabalho! /trabalho associado6(

Considerações Finais

Dentre as possibilidades de estudo postas pela trajetória das idéias lukacsianas em terras brasileiras, este trabalho de pesquisa se preocupou e se estruturou mediante a abordagem de duas dimensões: a recepção e a utilização das idéias estéticas e literárias lukacsianas para a elaboração de um projeto de política cultural por jovens comunistas ávidos por fazer política como um momento orgânico no interior de um todo de uma política partidária e, a adoção das idéias ontológicas no Brasil enquanto preocupação central do último Lukács, idéias que se articulam, primeiro, ao esforço do filósofo na defesa intransigente da necessidade imperiosa de se renovar o marxismo após longos anos da desastrosa experiência do socialismo real, segundo, ao necessário combate constante e crítico ao capital pela mediação da tese segundo a qual o trabalho consiste no fundamento ontológico do mundo humano-social(

) emblemático que fortemente marca o caráter destas idéias de Lukács no Brasil, em distintas conjunturas sócio-históricas, consiste na mediação dialética que se determina pela mediação da unidade de continuidade-descontinuidade = isto é, de uma recepção e utilização em especial, das idéias estéticas e literárias como um momento orgânico de uma política partidária I predominante utilização das idéias ontológicas, não obstante a

recepção e uso destas últimas se desdobrem no âmbito da academia e de outras instituições de caráter científico, há inelutavelmente, um componente ideológico-político que as caracteriza

Antecipadamente, aqui, nestas considerações finais, cabe uma importante observação! A receptividade das idéias ontológicas lukacsianas (mais precisamente, da ontologia marxiano-lukacsiana) no âmbito da vida acadêmica e das demais instituições aludidas, enquanto um imprescindível fulcro teórico-metodológico (entre outras contribuições teóricas) indispensável e intransigente crítica ao capital com o objetivo último de assegurar a necessidade imperiosa de a humanidade emancipar-se dele, na medida em que isto se traduz como um fator substancial para se salvaguardar a própria existência da humanidade, não deve ser confundida com um simples academicismo, teoricismo, ou ainda, como uma falta de responsabilidade social = fundamentalmente com o proletariado na condição de ser a única contradição, concreta, real, ao capital

A atividade teórica, articulada aos interesses específicos da emancipação da humanidade, da construção da civilização comunista, é importante afirmar, não obstante os limites específicos das atividades acadêmicas, consiste em um momento imprescindível para o desdobramento da luta consequente e ininterrupta do proletariado e de seus necessários aliados, no interior de um determinado todo social, contra os ditames do capital no bojo da sociedade civil em sua particularidade burguesa

Em este preciso sentido, na condição de uma significativa contribuição intelectual para a tomada de posições alternativas (em nome do trabalho) no sentido da superação dos mais urgentes desafios postos pelos mais diversos complexos mediadores (com suas complexas determinações e reflexões) que determinam a tecitura do contexto sócio-histórico em questão

Portanto, em cada dimensão social-humana, (nos mais variados setores do trabalho, na política, arte, educação, produção científica, nos movimentos sociais-populares etc), é necessário (e) combater não só a perspectiva neoliberal, mas também o reformismo e imprimir a todas as lutas um caráter anticapitalista (Fonet, "885!" ; e) (C) atamente por isso, que é preciso ter

É claro que a mediação entre cada setor, cada espaço, cada atividade e a orientação geral anticapitalista, se já é difícil quando esta última está clara, se torna muito mais complicada quando esta inexistente (Lukács)

) momento de continuidade desta dialética unidade se expressa precisamente pelo fato de que tanto o uso das idéias estéticas quanto o das ontológicas, consistir em uma intransigente defesa do arsenal teórico-metodológico do materialismo-dialético e histórico (melhor dizendo! há um contundente componente, em ambos momentos, não obstante a heterogeneidade conjuntural, que os conecta num *continuum* no sentido de vincular as idéias do filósofo-húngaro Irenósteo do marxismo contra as deformações teóricas oriundas da vulgata terceiro-internacionalista stalinizada e de todos os elementos estranhos, alheios, ao pensar dialético-materialista! que se pense nos componentes positivistas, estruturalistas, mecanicistas, naturalistas, economicistas, politicistas, idealistas etc, que tanto impregnaram e desvirtuaram o caráter dialético-revolucionário da inovadora forma de se fazer ciência e filosofia instaurada pelos fundadores do socialismo científico = sobretudo por Marx e, secundariamente, por Engels. Ademais, este contundente componente, se expressa mediante a incisiva crítica das formas societárias estruturadas sob a lógica de reprodução e de acumulação do capital”

isto é extremamente emblemático, porque este momento de continuidade na unidade vincula-se de um modo imanente à própria batalha teórica do filósofo iniciada a partir dos anos 1830. Com princípios deste ano até o fim do ano seguinte, em Moscou, aprofunda seus estudos marxianos mediante a leitura dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* e dos *Cadernos Filosóficos* de Lenin (como diz Idrini 1933:15).

Ademais nos exprimir melhor dizendo que aqui acontece, em toda a precedente carreira de Lukács, uma unidade de continuidade e descontinuidade de desenvolvimento. A unidade está em que, *Estética* e *Ontologia*, continuando, mas também desenvolvendo a batalha teórica iniciada com a virada dos anos 1830, têm ambas como objetivo a elaboração de uma teoria da completa emancipação humana, da superação

” : o que tange peculiarmente à receptividade das idéias estéticas e literárias, para que a crítica às formas societárias subsumidas pelo capital se expresse, é suficiente que se pense em algumas das determinações estruturantes da estética lukacsiana apropriadas por Ivo Jaksic para a formulação de um projeto de política cultural! ” na determinação de Lukács acerca da função social da produção artística ” em sua concepção de realismo e ” na feliz expressão de ” onde segundo a qual, para Lukács, ” a permanência da arte tinha algo a ver com a condição do homem como produtor de valores de uso

da mera singularidade particular do individualismo burguês em direção àquilo que, para o homem, é a sua essência, o realmente humano(

Com síntese! esta batalha teórica do filósofo, no Brasil, incutiu-se tanto a receptividade das ideias filosófico-estéticas, quanto a das ontológicas(

O que vale a pena recordar que esta continuidade ideológica se objetivava, num primeiro momento, mediante o emprego das ideias de Lukács para a formulação de um projeto de política cultural, lá, em especial, das ideias estéticas e literárias, projeto que se inseriam no interior de um todo de uma determinada política do A > B = de uma renovação política-partidária, que, propugnava a tese de forte impregnação terceiro-internacionalista segundo a qual a revolução nacional e democrática constituiria num momento imprescindível para se implantar em solos brasileiros a sociedade socialista(

E esta renovação política-partidária, por um lado, procura entrar em sintonia com as vicissitudes do Brasil após os acontecimentos do Congresso do A > J 9, por outro, busca entrar em consonância com as exigências postas pelas significativas mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais que abalam os alicerces do dependente e periférico capitalismo brasileiro naqueles anos de descolonialismo nacional econômico, e, posteriormente, as exigências impingidas ao enfrentamento político no bojo de um contexto de uma ditadura militar instaurada a partir de 1964(

Posteriormente, este *continuum*, no contexto desta fase atual do estágio imperialista do A >, contexto que se determina, dentre outros aspectos, por meio de uma ofensiva do capital total em escala global e a totalidade da classe trabalhadora, pela mediação das ideias ontológicas do ser social lukacsianas, na esteira do espírito do filósofo de recuperar o verdadeiro pensamento de Marx e de renovar o marxismo em bases ontológicas como um momento fundamental da constante crítica radical ao capital(

Simultaneamente e dialeticamente, materializa-se no interior desta contextualização sócio-histórica, o momento de descontinuidade da unidade dialética e, portanto, sempre em movimento, da receptividade e utilização das ideias estéticas e ontológicas de Lukács no Brasil. Mais precisamente! a dimensão ideológica-política, no interior deste contexto da terceira fase do estágio imperialista do A >, se objetivava, em primeiro lugar, em virtude desta dimensão, diferentemente do que ocorrera com o emprego das ideias estéticas, concretizar-se no âmbito da academia e de outras instituições de caráter científico(

Em segundo lugar, evidentemente, por razões da conjuntura sócio-histórica, o emprego das idéias ontológicas conectar-se, prioritariamente, à imperiosa necessidade da defesa intransigente do trabalho enquanto o fundamento ontológico do ser social e, por consequência, na defesa igualmente contundente do proletariado na qualidade de ser a classe social que potencialmente pode rebelar-se contra os ditames do capital(

o que diz respeito à utilização das idéias filosófico-estéticas, é suficiente recordar que a elaboração de uma política cultural de extração lukacsiana, fora relevante, entre outros importantes aspectos, para a disputa pela hegemonia das idéias artístico-culturais entre os produtores artísticos num quadro histórico profundamente determinado por conflitos sociais e pela exigência de engajamento cultural-artístico que transpassaram a conjuntura nacional no decorrer dos anos 40 do século XX e, para uma crítica à cultura partidária do A>B#, que, no campo específico da arte, além de aspectos imanentes ao ser-precisamente-assim da produção estético-artística, quer dizer, por elementos político-ideológicos, era fortemente marcada por componentes estéticos de extração stalinista-zhadno*ista(

Uma política cultural de extração stalinista-zhadno*ista, em consequência de uma sobrevalorização de componentes político-ideológicos, desconsidera os momentos ontológicos da produção artística = as determinações categoriais peculiares, imanentes, constitutivas da produção estético-artística na qualidade de reflexo particular da objetividade(

Ossim, o A>B#, ao elaborar uma cultura de partido transpassada e forjada por elementos marcadamente de natureza político-ideológica, não só concretizou uma politização excessiva da cultura, como também, em seus momentos de maior submissão à hegemonia stalinista-zhadno*ista com o seu realismo-socialista, uma eliminação da arte como um peculiar complexo da ontologia do ser social = que se pense aqui na política cultural forjada no bojo de um contexto conjuntural determinado por momentos nacionais e internacionais#, em que o partido consolidara com o manifesto de 8 de agosto de 1923, uma política de descontinuidade em relação a uma linha política colaboracionista de classe e de união nacional(

As críticas ao sociologismo, que se configura por meio de uma identificação vulgar e mecânica entre literatura e propaganda política, as análises tendo como ponto de partida

metodológico a objetividade da objetividade de momentos inerentes ao ser-precisamente-
assim da produção literária brasileira. As análises de Coutinho acerca das obras de Lima
Barreto, das de Raulo Xosha, são expressivos momentos inteiramente interligados
entre si! Como expressões de momentos formadores da teoria estética lukacsiana e em
componentes que objetivam o rompimento e a superação de uma tradição cultural-
partidária com a concepção política cultural subordinada à hegemonia
stalinista-zhadrnovista cujo elemento determinante e distintivo se configurara pela mediação
caricatural de seu realismo-socialista(

) realismo para Lukács, como se expressa com Weller, a autora que terminou por
abandonar as ideias do filósofo, articula-se ao ponto de vista da causa da humanidade(

Frata-se da indissolúvel relação entre o indivíduo genérico e o gênero humano() u como
diz)ldrini, o realismo como método de criação artística e a teoria materialista marxiana
da objetividade(1'33'!25#, se ligam de um modo muito estreito() realismo com todas as
concepções da herança cultural, teoria dos gêneros#, se impôs ao filósofo, exatamente porque
ele, o melhor do que outra tendência artística, l(((# traz em si a consciência dialética da
totalidade(1kbidem#(Rube se pense, por exemplo, nas complexas determinações reflexivas
que se desdobram entre essência e fenômeno, entre a estrutura econômica e as demais
instâncias constituintes do todo social(

Disto decorre que

) escritor atinge um grau tanto maior de realismo quanto mais ele
consegue trazer à luz, para além dos fenômenos de superfície, as
verdadeiras forças motrizes do desenvolvimento social, isto é, a essência =
artisticamente configurada = de um determinado momento ou situação ou
concepção histórico-social relevante para a humanidade (kbidem#(

O determinação do autor, como se pode perceber, é explícita(Diferentemente do
naturalismo, que se determina por meio de um método cujo reflexo da realidade é
mecânico, fotográfico, Lukács, mediado por uma gnosiologia de caráter dialético-
materialista, rechaça imediatamente a descrição da realidade em sua imediatez()
autor húngaro, ao determinar a categoria de particularidade como a esfera *organizacional* do
universal e do singular, como a dimensão da configuração artística, a determina, como o
momento privilegiado sobre o qual se pode erguer a tipicidade(

Frata-se, portanto, de um realismo que se propõe a apreender e expressar latrões da configuração de imagens-sensíveis a unidade essencialmente com suas complexas contraditórias, com suas situações típicas no interior de um determinado todo sócio-histórico = que se pense aqui nas referências de Frederico Azevedo, que bem ao gosto de Lukács, expressara, contra os poetas concretistas que desejavam reprimir o universal eliminando o particular, a necessidade de enraizamento nacional para tornar a expressão artística, assim, particularizada, uma figura verdadeira dos destinos humanos. Frederico Azevedo, em seu livro "O outinho", que ao analisar, na esteira da tipicidade propugnada por Lukács, momentos da produção literária de Raul Xosha, sugere a presença de personagens típicos em circunstâncias típicas em seu *São Bernardo*.

Aois bem, sobre a política cultural de esquerda lukacsiana, qual seria a avaliação desses estudiosos nos dias de hoje que nos idos dos anos 1980 se alicerçaram das idéias estéticas e literárias do autor de Budapeste para a elaboração de um projeto de política cultural e para a disputa pela hegemonia das idéias filosófico-estéticas entre os produtores artísticos?

Para a esquerda concedida a Sérgio Lessa e a Mariana Rinaldi Azevedo, Carlos Nelson Azevedo e Leandro Konder, falam dos limites da política cultural proposta por Lukács:

"Vocês falaram em limites da política cultural lukacsiana. Quais seriam tais limites?"

"Vamos fazer grandes acertos na política cultural proposta por Lukács, sobretudo sua preocupação em valorizar o legado progressista do humanismo burguês, do realismo crítico na arte, do racionalismo dialético na filosofia etc. Cessa a valorização rompiendo enfaticamente com as formulações de Stalin e de Lênin, que, entre outras coisas, eram em Wegel por exemplo, um filósofo reacionário, um ideólogo do prussianismo em oposição à Revolução Francesa. Mas, malgrado isso, quando se referia ao presente, Lukács opera as perigosas dicotomias. Ele usa muito Lênin ou, lembremos, por exemplo, do infeliz capítulo do *Realismo crítico hoje* intitulado "Lênin ou Thomas Mann": a esteira de Lukács, em meu primeiro livro, *Literatura e humanismo*, concluiu um ensaio perguntando: "Lênin ou Sartre? Weidigger ou Lukács? Soja ou Thomas Mann?"

@) A! / O liás, são vários ensaios de Lukács que leiam o Lou ((ou! além do *Kafka ou Thomas Mann*, há também, por exemplo, *Narrar ou descrever* 6 Ibidem#

L \! / G uma dicotomia perigossima, essa \afka ou Fhomas @ann6 Ibidem#

> : >! / *Narrar ou descrever* me parece um belssimo ensaio(Frata-se de uma alternati*a de figura\$o literária, são dois métodos realmente alternati*os de figura\$o literária, mas que Lukács e+emplifica*a com uma op\$o entre Folstoi ou `ola(Lembro-me de que o saudoso : elson [ernech 9odré n%o se conforma*a com o fato de Lukács, que ele admira*a muito, ser contra `ola! L`ola = dizia : elson = é um escritor progressista, escre*eu o *Germinal* n%o entendo por que Lukács n%o gosta dele(9e ti*esse lido C\$a de Rueiroz, o que diriaUM : a *erdade, embora no geral acerte em suas obser*a\$ es sobre o naturalismo, Lukács era realmente muito duro com `ola(C também com 7lauber(C é muito pro*á*el que também o fosse com C\$a, se o ti*esse lido6 Ibidem#

Cste trabalho de pesquisa, n%o se pautou pela preocupa\$o de in*estigiar acerca da recepti*idade e da utiliza\$o das idéias filosófico-estéticas e literárias de Lukács nos dias de hoje = marcado por uma ambi-ncia ,deo-pol,tica e cultural dominante denominada de cultura /pós-moderna6, caracterizada por um irracionalismo, a*essa ao grande pensamento sistemático, antiontológica(Aor isso, cumpre t%o-somente dei+ar registrada uma importante obser*a\$o realizada por Fertulian acerca da grande *Estética* do filósofo!

O *Estética* de Lukács, trinta anos depois de sua publica\$o definiti*a 1(((#, por mais surpreendente que pare\$a, ainda n%o recebeu o tratamento cr,tico que merece(9eria falso dizer que n%o e+istem comentários 1(((#, mas ainda esperamos por uma análise e+austi*a de sua estrutura, das suas principais teses e de seu rico desdobramento categorial 1'33'!"<#(

Cm conson.ncia com esta importante obser*a\$o, que, como se pode perceber, adquiri um tom de denHncia, *ale a pena dei+ar e+postas algumas das indica\$ es realizadas por Sosé Aaulo : etto acerca desta monumental obra(Diz o autor que

1(((#, a leitura da *Estética* implica um razoá*el esfor\$o intelectual(De fato, ela coloca o leitor diante de uma das obras mais inclusi*as e comple+as produzidas no interior do pensamento comunista depois de @ar+(Foda*ia, este é um esfor\$o que *ale a pena! a argHcia das análises, a finura dos argumentos e a abund.ncia das informa\$ es culturais contidas na *Estética* constituem uma fonte inesgotá*el de sugest es para a compreens%o da arte 1"8;<158-;3#(

imediatamente após, sintetiza!

Assim sem ter o seu seguimento nas duas outras partes originalmente planejadas, a *Estética* sustenta-se como a culminação da obra lukacsiana. Não apenas porque nela se retomam os temas e os problemas que acompanham a reflexão de Lukács desde a sua juventude, mas porque os amplia e enriquece significativamente. De um lado, o filósofo ultrapassa as fronteiras da literatura, objeto principal dos seus interesses! na *Estética*, ele procura determinar também a especificidade da música, da escultura, da arquitetura e do cinema. De outro, Lukács, para fundamentar a peculiaridade do estético, desenvolve formulações que dão conta de diferentes instâncias e planos da vida social. Pode-se afirmar que a *Estética* contém teorias acerca da cotidianidade, da ciência e da religião. (ibidem)

Aois bem! qual seria a contribuição da grande *Estética* para a elaboração de uma política cultural como um momento orgânico de um projeto revolucionário que se pautou pelo resolutivo intento de emancipar a humanidade da opressão e da exploração do capitalismo: ote-se! do capital e não só do capitalismo!

Para finalizar este primeiro momento destas considerações finais, cumpre não somente re-enfatizar que em consonância com o conteúdo receptivo das idéias filosófico-estéticas de Lukács, estabeleceu-se uma crítica afirmativa de Frederico segundo a qual *As Teses Blum* guardam algumas semelhanças estratégicas com a linha política desenvolvida pelo A+B após "82;6(

Com efeito, demonstrou-se que as complexas relações e interações entre as revoluções burguesa e proletária são, dialeticamente, concebidas pelas *Teses* elaboradas por Lukács para o XX Congresso do Partido Comunista da Hungria e, que, portanto, radicalmente, se distanciam da aceitação sectária e esquemática ainda da K> que transpassara e determinara o conteúdo das *Teses* estratégico-políticas como formas intermediárias. Foi melhor, uma política de frente ampla, colaboracionista de classe, gradualista e etapista propugnadas pela linha política para o *que fazer* político e, primordialmente, materializar a revolução proletária em solo nacional!

O que se refere ao caráter ideológico-político, no momento de descontinuidade na dialética unidade, o alicerçar-se das idéias filosófico-ontológicas de Lukács, nos parâmetros da renovação do marxismo em bases ontológicas e nos da defesa intransigente da centralidade do trabalho no mundo humano-social, cumpre, no conteúdo destas

considera-se os finais, e expressá-lo pela mediação da seguinte questão: por que uma mudança na questão ontológica neste limiar do século XXI?

Aunque em primeiro lugar, o processo de reestruturação produtiva com suas incisivas consequências ao proletariado, quer seja em sua dimensão objetiva, quer seja em sua esfera subjetiva, como um dos momentos constitutivos de um conjunto de respostas elaborado pelo capital monopolista no bojo do capitalismo contemporâneo, como decisões alternativas, com o intento de restaurar os patamares de lucratividade alcançados nos anos dourados, não implicou na supressão da centralidade ontológica do trabalho do mundo humano-social, para sobreírem, os homens têm que, necessariamente, trabalhar = produzir valores de uso indispensáveis à sua existência.

Deve-se enfatizar a mundialização do capital no contexto da terceira fase do estágio imperialista, ao não implicar na descentralização do trabalho, ratifica o proletariado, já que por razões de seu ser-precisamente-assim existente consistir na classe social que se vincula ao trabalho, na qualidade de ser a única classe social contraditória de fato ao capital. Daí, que bem ao gosto de Fontanes, tratar-se de uma classe social que potencialmente pode rebelar-se, antagonizar-se ao capital.

Em segundo lugar, na medida em que, teórico-metodologicamente, a ontologia marxiano-lukacsiana explicita a primordial e ontológica distinção entre trabalho como a condição natural eterna da vida humana e trabalho abstrato. Em outros termos, a ontologia dialético-materialista explicita a essência última da sociedade civil em sua forma burguesa = relações de produção, que, em sua totalidade, forma a estrutura econômica da sociedade.

Em síntese: uma mudança na questão ontológica no interior do atual contexto sócio-histórico de ofensiva do capital monopolista ao trabalho, articula-se

quã

O ontologia de Lukács na esteira da teoria do ser social de @ar+#, não se funda na idéia da existência de uma ontologia como disciplina filosófica#, que por definição, postula que as categorias são universais, imutáveis e, portanto, aplicáveis de um modo direto e imediato tanto à sociedade quanto à natureza() anacronismo conceitual de ontologia no sentido de uma disciplina filosófica que não considera o caráter constitutivo peculiar das distintas e particulares categorias no interior do todo da esfera ontológica respectiva e em unidade com as demais dimensões ontológicas, consiste em um componente alheio à produção intelectual do autor de Budapeste(O especificidade estética, por exemplo, é uma determinação particular das determinações peculiares do ser social(

O preocupação predominante das questões ontológicas do autor húngaro reside em perscrutar sobre o modo próprio do dialético# processo enfatizando a preponderância da base material, mas com suas determinações refletidas com os demais momentos# autoconstitutivo do ser social(De acordo com o autor, na estrutura originária e orgânica do trabalho teleologia-causalidade#, ou seja, no trabalho sob a condição de produtor de valores de uso# que se objetiva mediante o intercâmbio orgânico entre ser humano e natureza, reside o modelo da práxis social = sua protoforma(

A isto, a concreticidade das críticas, porque dizem respeito diretamente aos específicos interesses de classe do proletariado e, em razão de seu vigor e contundência# teses sob suas várias nuances# que propugnam a descentralidade do trabalho na condição de fundamento ontológico do ser social, pelos autores marxistas brasileiros aqui focalizados Lessa, Netto, Fonet, Ghasin, Fontes#, assume um caráter na determinação lukacsiana# ,deopolítica(

) caráter ,deopolítico assumido por estas críticas, pode ser detectado pela mediação de três momentos inteiramente interligados entre si, os quais, unem-se, immanentemente, a uma questão de natureza metodológica = precisando! ao método ontológico-histórico(

) primeiro momento concerne-se à explicitação do caráter essencial das sociedades contemporâneas, cuja objetivação se dá mediante o trabalho abstrato produtor de mercadoria, assalariado e estranhado = forma histórico-concreta particular-universal das sociabilidades subsumidas pelos ditames do capital enquanto relação e controle societal(C, que, portanto, a supressão do trabalho abstrato não implica na abolição do trabalho como a /condição natural eterna da vida humana, produtor de valores de uso indispensáveis à

reprodução social em sua totalidade (Disto deriva a atualidade e a validade da teoria do valor-trabalho de Marx como uma imprescindível construção teórico-metodológica para o enfrentamento das candentes questões postas e impostas nesses tempos de ofensiva do capital total em escala mundial e a totalidade do trabalho)

) segundo insere-se no quadro da determinação ontológica segundo a qual em toda organicidade, em todo sistema, há sempre e implacavelmente, um momento predominante, uma prioridade ontológica (Sobre esta relevante determinação teórico-metodológica, Lukács, no capítulo acerca de Marx em sua *Ontologia do Ser Social*, assinala que

) mesmo vale, no plano ontológico, para a prioridade da produção e reprodução do ser humano em relação a outras funções (Quando Engels, no discurso pronunciado junto à tumba de Marx, fala do fato elementar de que os homens de primeiro de tudo comer, beber, ter um teto e vestir-se, antes de ocupar-se de política, de ciência, de arte, de religião, etc, está falando precisamente de uma relação de prioridade ontológica (Com o próprio Marx o afirma claramente, no prefácio à *Contribuição à Crítica da Economia Política*. Onde é sobretudo importante o fato de que ele considere o conjunto das relações de produção como a base real a partir da qual se explicita o conjunto das formas de consciência e como essas, por seu turno, são condicionadas pelo processo social, político e espiritual da vida humana)

) terceiro momento por meio da explicitação de que o marxismo ontológico pela mediação da unidade orgânica do trabalho (teleologia-causalidade) se determina na qualidade de um arsenal científico-filosófico absolutamente auto-suficiente e capaz de dar conta do complexo da subjetividade até às últimas consequências = a explicitação de que tanto a subjetividade quanto a sociabilidade, articulam-se, ontogeneticamente, à unidade orgânica do trabalho teleologia-causalidade, o que sustenta a tese segundo a qual a unitariedade última do ser social está em unidade com a unitariedade última do ser em geral

Com congruência e, em consequência, estes momentos relembram a validade das pesquisas filosófico-ontológicas na esteira dos delineamentos ontológicos delineados por Marx e conduzidas até às últimas consequências pelo filósofo húngaro

O que é suficiente recordar que as investigações filosófico-ontológicas lukacsianas, ao enfatizarem a concepção marxiana da centralidade ontológica do trabalho para o mundo social-humano, implicam, antes de tudo, numa reafirmação crítica ao trabalho abstrato, que como uma forma concreta histórica do trabalho, como a forma particular-universal do

modo de produção capitalista, é a não ser produtor de mais-valia, de mercadoria, do que deriva, a sua não imanência I ontologia do ser social = antes, um momento constitutivo da pré-história da humanidade(

) outro aspecto importante consiste no fato de que tais investigações, no bojo dos efervescentes debates que têm transpassado a contemporaneidade, reafirmam a atualidade da genial ideia marxiana segundo a qual os seres humanos fazem a sua própria história, ainda que a partir de situações estabelecidas (que se pense nas complexas determinações refleitas entre necessidade e liberdade, entre subjetividade e objetividade#(

Outrora, a atualidade da, igualmente, genial demonstração marxiana de que o proletariado, na qualidade de classe social que ocupa o pólo negativo da unidade contraditória e antagônica, (capital trabalho#, para se emancipar do jugo deste, terá que, necessária e imprescindivelmente, transformar-se de classe em-si em classe para-si() ou seja, o que expressa a mesma coisa#! abolir-se a si mesmo como e enquanto classe(: a feliz asserção aqui retomada# de Lessa 1'33'a!"3B#! as ideias ontológicas do autor de Budapeste, em razão de seu rigor e estruturação categorial, /constituem um patrimônio fundamental para um projeto revolucionário que aponte para além do capital6(

Bibliografia Consultada

OL@0D0, Kza,as, *Teatro de Arena: Uma Estética de Resistência*, "E(Cdi\$%o(9%o Aaulo, 9A(Boitempo Cditorial, '33B(

OL@CKD0, LHcio 7lá*io Xodrigues de, /Knsistente Desencontro! o A>B e a Xe*olu\$%o Burguesa no Aer,odo "8B2-"84B6, em! @azzeo, Ontonio >arlos e Lagoa, @aria Kzabel 1) rgs(# *Corações Vermelhos: Os Comunistas Brasileiros no Século XX*, 9%o Aaulo, 9A(>ortez Cditora, '33<(

0LVC9, ?io*anni, *O Novo (E precário) Mundo do Trabalho: Reestruturação Produtiva e Crise do Sindicalismo*, 9%o Aaulo, 9A(Boitempo Cditorial, '333(

hhhhhhh /9indicalismo e Jtopia no Brasil do 9éculo]]! Bre*es >onsidera\$ es sobre Onarquistas, >omunistas e : o*os 9indicalistas6, em! @azzeo, Ontonio >arlos e Lagoa, @aria Kzabel 1) rgs(# *Corações Vermelhos: Os Comunistas Brasileiros no Século XX*. 9%o Aaulo, 9A(>ortez Cditora, '33<(

O : FJ : C9, Xicardo, / : otas sobre consci-ncia de >lasse6, em! Ontunes, Xicardo e X-go
[alquiria Domingues Le%o Iorgs(# Lukács: *Um Galileu no Século XX*('E(Cdi\$o(9%o
Aaulo, 9A(Boitempo Cditorial, "884(

hhhhhhh *A Desertificação Neoliberal No Brasil (Collor, FHC e Lula)*('E(Cdi\$o(
>ampinas, 9A(0utores 0ssociados('332(

hhhhhhh *Adeus ao Trabalho?: Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo
do Trabalho.* <E(Cdi\$o(9%o Aaulo(>ortez Cditora = >ampinas, 9A! Cditora da
J ni*ersidade Cstadual de >ampinas, "882(

hhhhhhh *Os Novos Proletários do Mundo na Virada do Século ,em! Xe*ista Lutas 9ociais,*
nHmero 34(: CKL9 AJ >-9A(9%o Aaulo, "888(

hhhhhhh *Notas Sobre Redução da Jornada de Trabalho e Tempo Livre, em! Xe*ista Ará+is*
nHmero 35(Arojeto Soaquim de) li*eira Cditora& Distribuidora de Li*ros& Sornais e
Xe*istas& Li*raria(9%o Aaulo, Sun-) utubro, "884(

hhhhhhh *Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho.*
5E(Xeimpress%o(9%o Aaulo, 9A(Boitempo Cditorial, '332(

hhhhhhh *A Rebeldia do Trabalho: O Confronto no ABC Paulista: As Greves de 1978-
1980*(>ampinas 9%o Aaulo(Cditora Cnsaio(Cditora da J nicamp, "8; ;(

hhhhhhh *Classe Operária e Partido no Brasil: um estudo sobre a consciência de classe: da
Revolução de 30 até a Aliança Libertadora.* <E(Cdi\$o(9%o Aaulo, 9A(Cditora Cnsaio,
"8; '(

B) KF) SX, Ormando, *O Golpe de 1954: A burguesia contra o populismo*(9%o Aaulo, 9A(
Cditora Brasiliense 9(0(>ole\$o! Fudo é Wistória, "8; '(

>W09K : , Sosé, *A Sucessão na Crise e a Crise na Esquerda, em! Xe*ista Cnsaio, nHmero*
"5!" ;(Cditora Cnsaio(9%o Aaulo, 9A("8; 8(

hhhhhhh /@ar+-Cstatuto) ntológico e Xesolu\$o @etodológica6, em! Fei+eira, Sosé 9(
7rancisco, *Pensando com Marx: Uma leitura Comentada de O Capital*(Cditora Cnsaio(9%o
Aaulo, 9A("882(

hhhhhhh *Marx – Da Razão do Mundo ao Mundo sem Razão*, em! >hasin, Sosé Iorg(# *Marx Hoje* >hasin(9%o Aaulo, 9A(Cditora Cnsaio, "8;5(

hhhhhhh *A 'Politização' da Totalidade: Oposição e Discurso Econômico*, em! Xe*ista Femas de >i-ncias Wumanas(9%o Aaulo, 9A(: Hmero '(Cditora ?rijaldo("855(

hhhhhhh *Lukács: Vivência e Reflexão da Particularidade*, em Xe*ista Cnsaio, nHmero 8(9%o Aaulo, 9A(Cditora Cnsaio, "8; '(

>) JFK : W), >arlos : elson, /Lukács, a)ntologia e a Aol,tica6, em! Ontunes, Xicardo e X-go, [alqu,ria Domingues Le%o l)rgs(#, *Lukács: UM Galileu no Século XX*('E(Cdi\$o(9%o Aaulo, 9A(Boitempo Cditorial, "884(

hhhhhhh *Uma Análise Estrutural dos Romances de Graciliano Ramos*, em! Xe*ista >i*iliza\$o Brasileira, nHmero 2Y4(Xio de Saneiro, XS(Cditora >i*iliza\$o Brasileira(@ar\$o de "844(

hhhhhhh *Realismo e Anti-Realismo na Literatura Brasileira*(Xio de Saneiro, SX(Aaz e Ferra, "85B(

hhhhhhh *Literatura e Humanismo: ensaios de crítica marxista*(Xio de Saneiro, XS(Aaz e Ferra, "845(

>) JFK : W), >arlos : elson e \) : DCX, Leandro, />orrespond-ncia com ?eorg Lukács6, em! Ainassi, @aria)rlanda e Lessa, 9érgio l)rgs(# *Lukács e a Atualidade do Marxismo*("E(Cdi\$o(9%o Aaulo, 9A(Boitempo Cditorial, '33'(

C : ?CL9, 7(, *A Origem da Família da Propriedade Privada e do Estado*,(Fr(Leandro \ onder(5E(Cdi\$o(Cditora >i*iliza\$o Brasileira(9(0(Xio de Saneiro, XS("8;"(

hhhhhhh *Anti-Duhring*()rbe! Cditores Q Distribuidores de Aublicaciones(Wabana(

hhhhhhh *A Dialética da Natureza*, 'E(Cdi\$o(Cditora Aaz e Ferra, Xio de Saneiro,XS("854(7XCDCXK>), >elso, /Aresen\$a e Ous-ncia de Lukács6 em! Ontunes, Xicardo e X-go, [alqu,ria Domingues Le%o Iorgs# *Lukács: Um Galileu no Século XX*('E(Cdi\$o(9%o Aaulo, 9A(Boitempo Cditorial("884(

hhhhhhh / O Aresen\$ de Lukács na Aol,tica >ultural do A>B e na Jni*ersidade6 em!
@oraes, So%o Ruartim de 1) rg(# *História do marxismo no Brasil*(>ampinas, 9A! Cditora da
J nicamp(Volume ' !) s knflu+os Feóricos("882(

hhhhhhh / O Aol,tica >ultural dos >omunistas6, em! @oraes, So%o Ruartim de 1) rg(#
História do Marxismo no Brasil(>ampinas, 9A! Cditora da J nicamp(Volume <! Feorias(
Knterpreta\$ es("88;(

? 0 ? : CBK : , Seanne-@arie, /Lukács e a >r,tica da >ultura6, em! Ontunes, Xicardo e X-go,
[alquiria Domingues Le%o 1) rgs(# *Lukács: Um Galileu no Século*])('E(Cdi\$%o(9%o
Aaulo, 9A(Boitempo Cditorial, "884(

?) XC : DCX, Sacob, *O Combate nas Trevas: a Esquerda Brasileira: das Ilusões Perdidas
à Luta Armada*(9%o Aaulo, 9A(Cditora f tica, "8;5(

?X0@9>k, Ontonio, *Concepção Dialética da História*(Fr(>arlos : elson >outinho(
Cditora >i*iliza\$%o Brasileira(Xio de Saneiro, XS("844(

hhhhhhh *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*(Fradu\$%o! Luiz @ário ?azzaneo(4E(
Cdi\$%o(Cditora >i*iliza\$%o Brasileira(Xio de Saneiro, XS("8; ;(

WC?CL, 7([(?(*Lecciones sobre la Historia de la Filosofía*. Fr([enceslao Xoces(7ondo
de la >ultura Cconómica(@é+ico(

hhhhhhh *Fenomenologia do Espírito*(Fr(Aaulo @eneses(Vozes(Aetrópolis("88'(

WCLLCX, Ognés, *A Estética de Georg Lukács*, em! Xe*ista : o*os Xumos, ano ", nHmero
' , abril\junho, "8;4(1Aerguntar#

\) : DCX, Leandro, *Lukács*. Cditora LDA@(Aorto 0 legre("8;3(

hhhhhhh *A Rebeldia os Intelectuais e a Juventude*, em! Xe*ista >i*iliza\$%o Brasileira,
nHmero "2(Xio de Saneiro, XS(Cditora >i*iliza\$%o Brasileira(9etembro, "845(

hhhhhhh *Alguns Problemas do Realismo Socialista*, em! Xe*ista Cstudos 9ociais, nHmero
"5(9%o Aaulo(9A(Cditora Cnsaio, junho, "84<(

hhhhhhh *O Que É Dialética*(9%o Aaulo, 9A(Cditora Brasiliense(>ol(Arimeiros Aassos, "8; "(

hhhhhhh /Estética e Política >ultural em! Fontes, Ricardo e X-go, [Alquiria Domingues
Leão lorgs(# *Lukács: Um Galileu no Século XX*('E(Cdi\$o(9%o Aulo, 9A(Boitempo
Editorial, "884(

hhhhhhh *Marxismo e Alienação: contribuição para um estudo do conceito marxista de
alienação*. Xio de Saneiro, XS(Editora >i*iliza\$o Brasileira(9(0(, "842(

\) 9K \, \ arel(*Dialética do Concreto*, tr(, de >élia : e*es e Oiderico For,bio('E(Cdi\$o(
Xio de Saneiro, XS(Aaz e Ferra("854

hhhhhhh /O Dialética da @oral e a @oral da Dialética, tr(, : ice Xissone em! *Moral e
Sociedade*(Xio de Saneiro, XS(Aaz e Ferra, "848(

Lc : K : , V(K(*Materialismo y Empiriocriticismo* Editorial Arogreso(@osch(

hhhhhhh *Cuadernos Filosóficos*(Editorial Arogreso() bras >ompletas(Fomo '8(@osch(

hhhhhhh *Duas Táticas da Social-Democracia na Revolução Democrática*(Fradu\$o!
Equipe de tradutores da Editora e Li*ria Li*ramento(9%o Aulo, 9A, "852(

LC990, 9érgio *A Ontologia de Lukács*('E(Cdi\$o, Cdufal(@aceió("885(

hhhhhhh *Hegel, Engels, Lukács e a Categoria de Negação*(Xe*ista Cnsaio nHmero "5Y" ;(
Editorial Cnsaio(9%o Aulo, 9A("8;8(

hhhhhhh /Aara uma)ntologia do 9er 9ocial, em! Fontes, Ricardo e X-go, [Alquiria
Domingues Leão lorgs(# *Lukács: Um Galileu no Século XX*('E(Cdi\$o Boitempo Editorial(
9%o Aulo, 9A("884(

hhhhhhh *Trabalho imaterial! Negri, Lazzarato e Hardt*, em! Estudos de Sociologia =
Xe*ista 9emestral do Departamento de Sociologia e Aograma de Aós-?radua\$o e
Sociologia 7>L = J : C9A = Oraraquara - Ono 4 = ni "", 'i semestre de '33"(

hhhhhhh /Lukács! Direito e Política, em! Ainassi, @aria)rlanda e Lessa, 9érgio l) rgs(#
Lukács e a Atualidade do Marxismo("E(Cdi\$o Boitempo Editorial(9%o Aulo, 9A('33'a(

hhhhhhh *Mundo dos Homens – Trabalho e Ser Social*("E(Cdi\$o, Boitempo Editorial(9%o
Aulo, 9A('33'b(

hhhhhhh /Leandro Konder e Lukács”, em! Ainassi, @aria)rlanda 1)rg(# Leandro Konder: A Revanche da Dialética(Boitempo Cditorial(Cditora J nesp(9%o Aaulo('33'c(

hhhhhhh Crítica ao Praticismo ‘Revolucionário’, em! Xe*ista Ará+is, nHmero 3B(Belo Horizonte, @?(Cditora Arojeto Soaquim de)li*eira, "882(

hhhhhhh Para Além de Marx?: Crítica da Teoria do Trabalho Imaterial(9%o Aaulo,]am%, '332a(

hhhhhhh História e Ontologia: A Questão do Trabalho, em! Xe*ista >r,tica @ar+ista nHmero '3("E(Cdi\$%, Cditora Xe*an LFD0(Jnicamp, >ampinas, 9A('332b(

LC990, 9érgio e AK : 099K, @aria)rlanda, /?eorg Lukács! Jma Bre*e Biografia6, em! Ainassi, @aria)rlanda e Lessa, 9érgio 1)rgs(# Lukács e a Atualidade do Marxismo("E(Cdi\$%, 9%o Aaulo, 9A(Boitempo Cditorial, '33'a(

LK@0, Xicardo Xodrigues Ol*es de, Via Prussiana, Revolução Passiva e Revolução Pelo Alto: Estudo de uma hipótese marxista sobre a particularidade do caminho brasileiro ao capitalismo(Disserta\$o de @estrado = 7aculdade de 7ilosofia e >i-ncias(Jni*ersidade Cstadual Aaulista(@ar,lia, 9A('33<(

LJ \ f>9, ?eorg, Per l’Ontologia dell’Essere Sociale 1)bra em tr-s tomos#("E(Cdzione Cditori Xiuniti(Xoma, "854Y"8;"(

hhhhhhh Prolegomini all’Ontologia dell’Essere, @il%o, ?uerini e Ossociati, "883(

hhhhhhh Ontologia do Ser Social& /0 7alsa e a Verdadeira)ntologia de Wegel6(Fr(>arlos : elson >outinho(9%o Aaulo, 9A(Cditora >i-ncias Wumanas, "858a(

hhhhhhh Ontologia do Ser Social, /)s Arinc,pios)ntológicos 7undamentais de @ar+6(Fr(>arlos : elson >outinho(9%o Aaulo, 9A(Cditora >i-ncias Wumanas, "858b(

hhhhhhh Ontología del Ser Social! /CI @omento Kdeal de la Cconom,a6, en! Lukács, Fertulian()ntolog,a del 9er 9ocial(Fr(Sosé 7éli+ WoQo Orana(Jni*ersidad Outónoma >hapingo(@é+ico("8;5(

hhhhhhh História e Consciência de Classe(Aorto, Cditora Aublica\$ es Cscorpi%o, "85B(

hhhhhhh *Introdução a uma Estética Marxista: Sobre a Particularidade como Categoria da Estética*; tr(, >arlos : elson >outinho e Leandro \ onder('E(Cdi\$o(Xio de Saneiro, XS(Cditora >i*iliza\$o Brasileira, "853(

hhhhhhh *Estetica: La Peculiaridad de lo Estetico -1) Cuestiones Preliminares y de Principio*& tr(, @anuel 9acristán(Barcelona\@é+ico, D(7(Cdiciones ?rijalbo, 9(0(, "844(

hhhhhhh *Estetica: La Peculiaridad de lo Esttico -2) Problemas de la Mimesis*& tr(, @anuel 9acristán(Barcelona\@é+ico, D(7(Cdiciones ?rijalbo, 9(0("884(

hhhhhhh *Estetica: La Peculiaridad de lo Estetico -3) Categorías Psicológicas y Filosóficas Básicas de lo Estetico*& tr(, @anuel 9acristán(Barcelona\@é+ico, D(7(Cdiciones ?rijalbo, 9(0(, "884(

hhhhhhh *Conversando Com Lukács : Conversas com: Holz, Kofler e Abendroth*; tr(, ?iseh Vianna \ onder(Xio de Saneiro, XS(Aaz e Ferra, "848(

hhhhhhh *Existencialismo ou Marxismo?*& tr(, Sosé >arlos Bruni(9%o Aaulo, 9A(Li*raria Cditora >i-ncias Wumanas, "858c(

hhhhhhh *A Autocrítica do Marxismo. Cntre*ista com Leandro \ onder em: Ainassi, @aria)rlanda e Lessa, 9érgio 1) rgs(# Lukács: e a Atualidade do Marxismo. "E(Cdi\$o(9%o Aaulo, 9A(Boitempo Cditorial, '33'(*

hhhhhhh *Meu Caminho para Marx*, em! >adernos Cnsaio"! *Marx Hoje*, >hasin, Sosé 1) rg(# 9%o Aaulo, 9A("8;5(

hhhhhhh *Elogio do Século XIX*, em! Xe*ista : o*os Xumos, nHmero 32(9%o Aaulo,9A("8;4(

hhhhhhh *Carta Sobre o Stalinismo*, em! Xe*ista >i*iliza\$o Brasileira(>aderno Cspecial nHmero "(Xio de Saneiro, XS(Cditora >i*iliza\$o Brasileira(: o*embro de "845(

hhhhhhh *Arte Livre ou Arte Dirigida?*, em! Xe*ista >i*iliza\$o Brasileira, nHmero "<(Xio de Saneiro, XS(Cditora >i*iliza\$o Brasileira, @aio de "845(

hhhhhhh *Teses de Blum: /0 Ditadura Democrática*6, em! Xe*ista Femas de >i-ncias Wumanas, nHmero 35(9%o Aaulo, 9A(Cditora >i-ncias Wumanas LFD0, "858(

hhhhhhh *As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem*, em! Xe*ista Femas de >i-ncias Wumanas, nHmero 3B(9%o Aaulo, 9A(Cditora >i-ncias Wumanas LFD0("85;(

hhhhhhh *Ensaio Sobre Literatua*. Xio de Saneiro, XS(Cditora >i*iliza\$o Brasileira, 9(0("84;(

@0 : DCL, Crnest, /) Aapel do Kndi*,duo na Wistória! o caso da KK ?uerra @undial6, em! Xe*ista Cnsaio, nHmero "5Y" ;(9%o Aaulo(9A(Cditora Cnsaio, "8;8(

@0X0 : Wj), Xicardo, *O Governo Juscelino Kubitscheck*. 'E(Cdi\$o(9%o Aaulo, 9A(Cditora Brasiliense(>ole\$o! Fudo é Wistória, "8;"(

@0X], \arl, *Manuscritos Económicos y Filosóficos del 1844*(Cditorial Aueblo Q Cducación(La Wabana("852(

hhhhhhh *O Capital*, Li*ro "! /) Aprocesso de Arodu\$o do >apital6, Volume", tr(, Xeginaldo 9antM0na(5E(Cdi\$o(9%o Aaulo, 9A(Cditora Difel! Difus\$o Cditorial 9(0("8;'(

hhhhhhh *Introdução à Crítica da Economia Política*, tr(, Sosé Orthur ?iannotti e Cdgar @alagodi(9%o Aaulo, 9A(Obril >ultural(>ole\$o!)s Aensadores("85;(

hhhhhhh *Prefácio à Crítica da Economia Política*, tr(, Sosé Orthur ?iannotti e Cdgar @alagodi(9%o Aaulo, 9A(Obril >ultural(>ole\$o!)s Aensadores("85;(

hhhhhhh *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, tr(, Leandro \onder(9%o Aaulo, 9A(Obril >ultural(>ole\$o!)s Aensadores("85;(

hhhhhhh *A Questão Judáica*, tr(, Cditora @oraes(9%o Aaulo, 9A(Cditora @oraes, "88"(

hhhhhhh *Miseria de la Filosofía*(Fradución al espakol! Cditorial Arogreso(@osH(Cditorial Arogreso, "8;2(

hhhhhhh /Feses sobre 7euerbach6 em! *A Ideologia Alemã*, tr(, 9,l*io Donizete >hagas(9%o Aaulo, 9A(Cditora @oraes, "8;B(

@0X], \arl Q Cngels, 7riedrich, *A Ideologia Alemã*, tr(, 9,l*io Donizete >hagas(9%o Aaulo, 9A(Cditora @oraes, "8;B(

@ CsAi%o(

@ar+, \arl e Cngels, 7riedrich, *A Sagrada Familia*, tr(, 9érgio Sosé 9chirato(9%o Aaulo,
9A("8;5(

@0` `C), 0ntonio >arlos, *Sinfonia Inacabada: A Política dos Comunistas no Brasil*. "E(
Cdi\$%o(9%o Aaulo, 9A(Boitem

hhhhhh *Crise do Socialismo e Ofensiva Neoliberal* (Cdi\$%o(9%o Aaulo, 9A(>ortez Cditora, '33"

hhhhhhh *Capitalismo Monopolista e Serviço Social*. 2E(9%o Aaulo, 9A(>ortez Cditora, '334(

hhhhhhh *Marxismo Impenitente: Contribuição à História das Idéias Marxistas*. 9%o Aaulo, 9A(Cditora >ortez, '33B(

: etto, Sosé Aaulo e Braz, @arcelo, *Economia Política: Uma Introdução Crítica*. 9%o Aaulo, 9A(Cditora >ortez, '334(

: etto, Sosé Aaulo e >ar*alho, @(>(Brant, *Cotidiano: Conhecimento e Crítica*(4E(Cdi\$%o(9%o Aaulo, 9A(Cditora >ortez, '332(

) LDXX : K, ? uido, /Cm Busca das Xa,zes da) ntologia 1@ar+ista# de Lukács6, em! Ainassi, @aria) rlanda e Lessa, 9érgio, *Lukács e a Atualidade do Marxismo*("E(Cdi\$%o(9%o Aaulo, 9A(Boitempo Cditorial, '33' (

ACXCXX0, >arlos 0lberto @(, *O Que É Contracultura?* 9%o Aaulo(9A(:o*a >ultural! Brasiliense(>ole\$%o! Arimeiros Aassos! 48("8;4(

Ainassi, @aria) rlanda, /Lukács! da Cstética aos 7undamentos da) ntologia @ar+ista6, em! Ainassi, @aria) rlanda e Lessa, 9érgio lorgs(# *Lukács e a Atualidade do Marxismo*("E(Cdi\$%o(9%o Aaulo, 9A(Boitempo Cditorial, '33' (

Ainassi, @aria) rlanda e Lessa, 9érgio, /Aresen\$a de Lukács no Brasil! Cntre*ista com Leandro \ onder e >arlos : elson >outinho6, em! Ainassi, @aria) rlanda e Lessa, 9érgio lorgs(# *Lukács e a Atualidade do Marxismo*("E(Cdi\$%o(9%o Aaulo, 9A(Boitempo Cditorial, '33' (

X)K), @arcos Del, /Leandro \ onder! Jm >ap,tulo da Wistória dos Kntelectuais6, em! Ainassi, @aria) rlanda lorg(# *Leandro Konder: A Revanche da Dialética*(9%o Aaulo, 9A(Boitempo Cditorial, '33' (

hhhhhhh /De um 9éculo a) utro! Frajetória e Otualidade da Ruest%o >omunista no Brasil6, em! @azzeo, 0ntonio >arlos e Lagoa, @aria kzabel 1) rgs(# *Corações Vermelhas: Os Comunistas Brasileiros no Século XX*. 9%o Aaulo, 9A(Cditora >ortez, '33<(

hhhhhhh *A Classe Operária na Revolução Burguesa: A Política de Alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte, () ficina de Li*ros, "883(

hhhhhhh /) *Impacto da Xeuolu\$%o Xussa e da Knternacional >omunista no Brasil*, em! @oraes, So%o Ruartim de e 7ilho, Daniel 0ar%o Xeis 1) rgs(# *História do Marxismo no Brasil*. 'E(Cdi\$%o(>ampinas, 9A. Cditora Jnicamp(Volume K! *O Impacto das Revoluções*, '33<(

hhhhhhh *A Mundialização Imperialista*, em! Xeuista Lutas 9ociais(: Hmero ""Y" '(: CKL9, AJ > 9%o Aaulo, '33B(

XJBK@, Ontonio 0lbino >anelas, *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*(Fese de Doutoramento em 9ociologia(Jni*ersidade de 9%o Aaulo(9%o Aaulo, "8;4(1Fe+to @imeografado#(

hhhhhhh / @ar+ismo, >ultura e Kntelectuais no Brasil, em! @oraes, So%o Ruartim de 1) rg(# *História do Marxismo no Brasil*(>ampinas, 9A(Cditora Jnicamp(Volume KKK(Feorias(Knterpreta\$ es("88;(

90 : F)9, Xaimundo, *A Primeira Renovação do PCB – Reflexos do XX Congresso do PCUS no PCB (1956-1957)*. Belo Horizonte, @ ?() ficina de Li*ros("8; ;(

hhhhhhh / >ria\$%o e Aensamento @oderno no A>B dos 0nos 236, em! @oraes, So%o Ruartim de e 7ilho, Daniel 0ar%o Xeis 1) rgs(# *História do Marxismo no Brasil*. 'E(Cdi\$%o(>ampinas, 9A(Cditora Jnicamp(Volume K!) *Impacto das Xeuolu\$ es*, '33<(

hhhhhhh / Jm Onunciador da LRuest%o >omunista no Brasil, em! Ainassi, @aria)rlanda 1) rg(# *Leandro Konder: A Revanche da dialética*(9%o Aaulo, 9A(Boitempo Cditorial, '33'(9C?0FF), Sosé Ontonio, *Breve História do PCB*. 'E(Cdi\$%o(Belo Horizonte, @ ?() ficina de Li*ros, "8;8(

hhhhhhh /) A>B e a Xeuolu\$%o : acional-Democrática, em! @azeeo, Ontonio >arlos e Lagoa, @aria Kzabel 1) rgs(# *Corações Vermelhos: Os Comunistas Brasileiros no Século XX*. 9%o Aaulo, 9A(Cditora >ortez, '33<(

hhhhhhh *Reforma e Revolução: As Vicissitudes Políticas do PCB (1954-1964)*(Xio de Saneiro, XS(Cditora >i*iliza\$%o Brasileira, "882(

FCXFJLK0 : , : icolas, *Georg Lukács e o Stalinismo*, em! Xe*ista Ará+is, nHmero '3(Belo Worizonte, @?(Cditora Arojeto de Soaquim de) li*eira, "88B(

hhhhhhh /?(Lukács Q las Fragedias del 9iglo]]6, en! *Lukács, Tertulian: Ontología del Ser Social*(FX(Sosé 7éli+ WoQo Orana(J ni*ersidad Outnónoma >hapingo(@é+ico("8;5(

hhhhhhh /?(Lukács Q la Xeconstrucción de la) ntolog,a en la 7ilosofia >ontemporánea6(en: *Lukács, Tertulian: Ontología del Ser Social*(Fr(Sosé 7éli+ WoQo Orana(J ni*ersidad Outónoma >hapingo(@é+ico("8;5(

hhhhhhh /Cl Xenacimiento de la) ntolog,a& Wartimann, Weidegger Q Lukács6, en! *Lukács, Tertulian: Ontología del Ser Social*(Fr(Sosé 7éli+ WoQo Orana(J ni*ersidad Outónoma >hapingo(@é+ico("8;5(

hhhhhhh /Feleolog,a, >ausalidad en la) ntolog,a de Lukács6, en! *Lukács, Tertulian: Ontología del Ser Social*(Fr(Sosé 7éli+ WoQo Orana(J ni*ersidad Outónoma >hapingo(@é+ico("8;5(

hhhhhhh /O Cstética de Lukács Frinta Onos Depois6, em! Ainassi, @aria) rlanda e Lessa, 9érgio 1) rgs(# *Lukács e a Atualidade do Marxismo*("E(Cdi\$o(9%o Aaulo, 9A(Boitempo Cditorial, '33' (

hhhhhhh /Lukács Woje6, em! Ainassi, @aria) rlanda e Lessa, 9érgio 1) rgs(# *Lukács e a Atualidade do Marxismo*("E(Cdi\$o(9%o Aaulo, 9A(Boitempo Cditorial, '33' (

hhhhhhh *Metamorfoses da Filosofia Marxista: a Propósito de um Texto Inédito de Lukács*, em! Xe*ista >r,tica @ar+ista, nHmero "<(9%o Aaulo, 9A(Boitempo Cditorial, '33' (

F) :CF, K*o,/Lukács e as Csquerdas Brasileiras6, em! Ainassi, @aria) rlanda 1org(# *Leandro Konder: A Revanche da Dialética*(9%o Aaulo, 9A(Boitempo Cditorial, '33' (

hhhhhhh *Democracia ou Liberdade? @aceió! Cdufal*, "885(

hhhhhhh *Marx e a Política: Prefácio às Glosas Críticas*, em! Xe*ista Ará+is, nHmero 32(Belo Worizonte, @?(Arojeto Soaquim de) li*eira, Cditora, Distribuidora de Li*ros, Sornais e Xe*istas& Li*raria() utubro-Dezembro, "882(

hhhhhhh *Educação, Cidadania e Emancipação Humana* (Fese de Doutorado = Faculdade de Filosofia e Ciências = Universidade Estadual Paulista "Araraquã", 1993) (1 Feito @imeografado#)

VOLKOFF, Cster, *A Ideologia e sua Determinação Ontológica*, em: *Xe*ista Cnsaio*, número "51"; (9º Aulo, 9A(Cditora Cnsaio, "8;8(

VOLKOFF, Luciano, *O Trabalho Atípico e a Precariedade*, "E(Cdi\$(9º Aulo, 9A(Cditora C+pressº Aopular, '332(

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)